

ANNE MARCK

*Luz da
Manhã*





PERIGOSAS

Luz da Manhã

ANNE MARCK

1^a Edição

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

2 0 1 7

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2017 Anne Marck

Capa: Murilo Guerra

Revisão: Katia Regina Souza

Diagramação digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

LUZ DA MANHÃ

Anne Marck

1ª Edição — 2017

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo 01](#)

[Prólogo 02](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

PERIGOSAS

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Epílogo 01](#)

[Epílogo 02](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a próxima publicação](#)

[Recadinho da autora](#)

NACIONAIS - ACHERON

Sinopse

Todos passam por um momento na vida em que algo acontece e as coisas simplesmente... mudam. É quase sempre inesperado. Mas, às vezes, a importância deste fato só é percebida algum tempo depois...

Para Gabrielle, o divisor de águas aconteceu quando uma menininha de cerca de um metro de altura invadiu seu apartamento, apresentando-se como Luz do Sol, e, com uma lábia cativante, levou embora suas melhores maquiagens sem que a mulher sequer se desse conta de como. O que Gabrielle não sabia era que, naquele instante, a espertinha levava mais do que isso: ela também apanhou um pedaço de seu coração de maneira irreversível.

Maximiliano, o pai da garotinha, está de

mudança para o prédio. O novo vizinho de porta, um médico socorrista bonitão, estremecerá os alicerces da mulher que sempre foi muito segura com sua vida. A química entre eles é imediata, forte e impossível de ser evitada. E junto dela, vêm grandes decisões e responsabilidades.

Conheça a história de Gabrielle, Maximiliano e da pequena Matraquinha!

Venha rir, se emocionar e se apaixonar por este triângulo. Descubra, com eles, uma nova forma de amor: puro, corajoso, protetor.

Apresentação

Gabrielle é uma mulher forte, segura, generosa e muito protetora com aqueles a quem ama. Para ela, sua vida está exatamente onde deveria, *depois de tudo...* até conhecer um certo doutor bonitão.

Maximiliano é um médico socorrista, divorciado, pai de uma menininha pra lá de especial. Ele só quer seguir em frente, criar sua criança e proporcionar à menininha uma vida segura e normal.

Os destinos de Gabi e Max se cruzam quando eles se tornam vizinhos de porta. O envolvimento é inevitável, e com ele uma nova e esmagadora perspectiva. Acrescentando um importante fator a esta equação, a pequena Ana Carolina, ou “Matraquinha” como Gabrielle a chama, infiltrou-

se na casa e no coração desta mulher de um jeito irreversível, se transformando rapidamente numa parte vital de seus dias.

Esta é uma história de amor, sobre todas as formas de amor, de superação e lições que a vida nos oferece.



“Como eu vou viver sem eles? Sem os olhares aquecidos, as palavras doces, o toque dele? Sem as risadinhas, as deixas inteligentes, o encanto da Matraquinha, que me envolveu em seu papo furado no minuto em que coloquei meus olhos nela? Invadindo minha casa, este quarto, se apresentando como Luz do Sol, roubando minhas maquiagens, pensamentos e meu coração?

Ela é a minha luz da manhã, o motivo dos dias serem mais claros, mais vivos.

Ele é a razão para minhas noites serem aquecidas, intensas.

Eu pertenço a eles, e eles a mim.”

PERIGOSAS

Gabrielle

NACIONAIS - ACHERON

Dedicatória

*A JP por me amar nos momentos
mais necessários.*

Ele diz que é o meu Mr. Darcy...

Prólogo 01

MAXIMILIANO

Dois anos antes

Isso não pode estar acontecendo. Não pode.

O pequeno eixo do meu universo foi ferido, não pode ser real!

Meu peito parece inflamado, em chamas. O zunido nos ouvidos permanece desde que recebi aquele telefonema. Levou toda a força do meu corpo para manter a mente funcionando e conseguir vir até aqui. Minha menina precisa de mim, só consigo pensar nisso agora.

Empurro as portas, trombando contra as pessoas, apressado, cego, querendo que a situação

NACIONAIS - ACHERON

não passe de um mal-entendido. Já entrei neste hospital centenas de vezes antes e nunca reparei no quão desesperador o lugar é.

— Max! — a voz cortante de minha mãe me para no meio do caminho até o balcão da recepção.

Sua expressão de aparente calma não encobre o que vejo em seus olhos. Há algo de errado.

— Como ela está? Como a Ana está, mãe?

— Eles a levaram para a sala de cirurgia, filho, mas ela está bem, tudo ficará bem.

— Eu preciso vê-la.

Tento desviar de seu corpo, porém Eva, minha irmã, se coloca em minha frente.

— Eles não vão te deixar entrar, Max. Você, melhor do que ninguém, sabe como estas coisas funcionam. Deixe os médicos trabalharem.

— Eu quero ver ela, Eva! Eu tenho que saber como a minha filha está!

Ela toca meu peito.

— Eu a vi, irmão, fique calmo, Ana não corre nenhum risco.

Estreito meus olhos quando ela desvia os
NACIONAIS - ACHERON

dela.

— O que vocês não estão me contando? Onde está a Francine?

Assisto à ligeira troca de olhar entre elas.

— Sua mulher está bem, Max — as palavras de Eva saem em evidente desgosto — Aquela bêbada irresponsável está sob observação.

Temo perguntar, até porque já sei a resposta, mas necessito da confirmação.

— Ela provocou o acidente? Francine havia bebido?

Minha irmã deixa esvair um longo suspiro. Sua opinião sobre minha esposa não é nenhum segredo. No momento, a aversão parece ainda mais destacada.

— Você já deu todas as chances que podia, Max. Aquela mulher nunca valorizou sua família. E hoje... — meneia a cabeça, inconformada — Hoje ela foi longe demais, colocou a vida da Aninha em perigo — encarando-me com crueza, finaliza — Até quando, meu irmão, até quando você vai se sentir responsável por ela e permitir que esta

mulher continue levando a todos para o buraco?

Cerro meus punhos, frustrado, indignado comigo mesmo. A culpa é toda minha. Eu nunca deveria ter acreditado que minha mulher estava recuperada e poderia cuidar de nossa filha. Ela nunca o fez. Jesus, ela mal pode cuidar de si! A verdade é que este casamento já chegou ao fim há muito tempo, mas não tive coragem de admitir. Deixei-a permanecer em minha vida por nossa menina, pensando ser o melhor para a pequena. No entanto, hoje, Francine ultrapassou todos os limites e mostrou que cometi um grande erro.

— Eu tenho que ver a Ana. Preciso saber como a minha filha está.



Depois de uma espera agonizante, finalmente posso botar os olhos na luz do meu mundo, através da vidraça do setor pós-cirúrgico. A pequena completou dois anos há um mês, e desde seu nascimento minha vida se transformou por completo. Não foi uma concepção planejada. Quando Francine revelou que estava grávida, eu recebi a notícia meio em choque. Meu casamento

com ela já estava à deriva, se sustentando por muito pouco, e, confesso, a novidade me pegou de surpresa. Contudo, ainda na maternidade, no minuto em que vi Ana Carolina pela primeira vez, eu soube que aquele pequeno ser, de menos de três quilos, seria a minha nova razão de viver.

Bato suavemente no vidro, pedindo para a enfermeira me deixar entrar, depois de vê-la estabilizar minha menina no leito. Seu olhar profissional encontra o meu e não gosto muito da benevolência nele.

Mas o quê...?

Uma mão se apoia no meu ombro. Viro meu rosto para encontrar o Dr. Willian parado atrás de mim.

— Maximiliano.

Nós nos conhecemos há sete anos, pelo menos. Sou médico socorrista e, normalmente, a pessoa a lhe entregar pacientes necessitando de atendimento imediato. Hoje, no entanto, estou na posição de familiar de um deles. E é como estar no próprio inferno.

— Willian, qual é a situação da minha filha?

— Fora de perigo. Ela chegou com algumas escoriações pelo corpo...

— E por que você a operou? — vou direto ao assunto, não gostando nada da sensação acelerando meus batimentos, pois reconheço na expressão dele a má notícia.

— O impacto do acidente ocasionou um esmagamento de perônio e tíbia.

A pressão em meu peito aumenta.

— Você a engessou... certo?

O homem não hesita: mantém-se firme, me encarando.

— Não havia o que fazer, Max, eu sinto muito. Os ligamentos, músculos e ossos foram muito danificados entre as ferragens. Tivemos que remover acima da articulação do joelho direito.

Sinto o chão sob os meus pés desaparecer. Minhas pernas enfraquecem e lágrimas surgem, queimando meus olhos. Tenho de me apoiar na parede. Sem controle de meus sentidos, deixo as costas deslizarem pela superfície até chegar ao piso frio.

Pendo a cabeça e seguro o rosto entre as mãos.

Minha criança.

Minha menininha foi ferida e eu não pude estar lá para protegê-la. A realização dói como o inferno.

Limpo com o punho lágrima atrás de lágrima. O choro vem fácil; é algo que não me lembrava de fazer desde os meus seis ou sete anos de idade.

Eu não a protegi como deveria.

Falhei como pai.

Prólogo 02

GABRIELLE

Algumas semanas antes...

Dou o toque final à sua maquiagem: um batom vermelho-vinho, que certamente colocará aquele imbecil do Damien ainda mais de joelhos pela “raposinha”. Reviro os olhos mentalmente com o apelido.

— Prontinho, gata.

Jas se levanta, alisando o vestido que cai como uma luva em seu corpo cheio de curvas. A menina não faz ideia do quanto é bonita. Não obstante tudo o que lhe aconteceu, seu brilho nunca poderá ser apagado. Rezo para que ela se dê conta

disso de uma vez.

— Nossa... — o olhar surpreso vai para si no espelho — Essa nem se parece comigo, Gabi... — ela morde o lábio, de um jeito inseguro.

Argh! Tenho vontade de puxar seus cabelos quando Jasmine se coloca nesta posição.

— Ok, Jas, que você é humilde eu aceito — fico atrás dela no espelho — Cega, definitivamente não.

Ajudo a colocar sua nova gargantilha — um presente lindo, devo admitir.

Ela sorri, soltando um pequeno suspiro.

— Eu acho que já vou indo. Damien deve estar lá embaixo me esperando.

— Certo, e nós não queremos o imbecil tendo um AVC enquanto espera, não é mesmo? — penso por um segundo — Na verdade, se ele pisar na bola, este será o menor dos seus problemas.

Seus olhos sinceros me fitam daquele jeito puro através do espelho.

— Obrigada por tudo, Gabi...

Minha vontade é de guardá-la em um

potinho, protegida de tudo, no entanto – a despeito de minhas ressalvas quanto a ele –, sinto que Damien é a única pessoa no mundo capaz de curar as feridas que Jasmine guarda em seu coração. Por isso, tenho de incentivá-la.

— De nada, Jas. Tente relaxar e curtir um pouco o passeio. Não vou com a cara dele, mas sei que o homem gosta mesmo de você e está se esforçando.

Sorrindo timidamente, ela aperta o pingente de sua gargantilha entre os dedos. O objeto é uma peça delicada em formato de raposa, feita de pequenos brilhantes. E é um sinal. As coisas estão se ajeitando.

Beijo seu rosto, em despedida.

Antes dela sair, peço que deixe a porta da frente aberta. Katy está vindo para irmos juntas à exposição de sua cliente (sim, este é o tipo de passeio que minhas amigas têm me oferecido ultimamente). Meus bons momentos de nova solteira estão se tornando solitários. Talvez seja hora de dar uma pausa.

Estremeço com a ideia.

Não. Outro casamento é tudo o que menos preciso.

— Puxa, é um montão de batons que você tem aí, hein, moça — de repente, uma vozinha doce, infantil, me faz saltar no lugar.

De frente para o espelho, não vejo a origem do som. Então giro lentamente em direção à porta do meu quarto e, assim que meus olhos focalizam o serzinho, mal posso acreditar.

Olho por cima de sua cabeça, e de novo pra ela.

— Mas de onde foi que você surgiu?

Assisto às suas mãos irem para os quadris. Sem hesitar, caminhando de um jeito diferente, ela se aproxima com tranquilidade da cama onde estão as minhas melhores maquiagens.

Fico paralisada com a cena.

— Eu adoro batons — os olhinhos brilham para a coleção de inverno da Dior, esgotada!

Sacudo a cabeça, buscando uma reação.

— C-como você entrou aqui? — pergunto baixo, cuidadosa, como se eu estivesse fazendo o

primeiro contato com um extraterrestre.

Sua atenção permanece nos meus batons, e a mãozinha se prepara para pegar o alvo. Um Rouge 99. Único!

— A moça deixou a porta aberta — ela esclarece simplesmente, sem nunca perder o foco.

Ah, sim, isto explica muita coisa, penso, irônica.

— E seu nome é?

Um olhar rápido vem para mim, e, na mesma velocidade, retorna para o meu arsenal.

— Luz do Sol — a resposta é confiante.

— Seu nome é Luz do Sol? — repito, parecendo uma tola.

— Aham.

Inspiro superficialmente. Ok. Ok.

— Você mora... aqui? — me pego interrogando, desajeitada, a invasora.

Ela apanha o batom e o alisa entre as mãozinhas, para sentir a textura da embalagem. E, impressionantemente, fecha os olhinhos por dois ou três segundos, exultante com o objeto.

— Eu sempre quis um batom, mas meu pai disse que não temos dinheiro.

Enrugo o lábio de lado, analisando com mais curiosidade o seu, no máximo, um metro de altura.

— Certo — meneio a cabeça, tonta, olhando para a porta vazia e de volta para ela — E onde está seu pai?

— Fazendo nossa mudança — responde distraída, absorta na tarefa de abrir o batom.

Mudança?

Ela será minha vizinha?

Oh, que sorte a minha. Vejo meu Rouge indo direto para os lábios da garotinha de cabelos presos numa trança frouxa, dona de uma enorme franja caída de lado sobre os olhos, que são incrivelmente cinzas e brilham de emoção para o que está prestes a fazer.

Ciente de que acabei de perder o cosmético, adianto meus passos para a cama, junto dela, calculando o que ainda consigo salvar de suas garrinhas.

Mas que família de hippies é essa que batiza

PERIGOSAS

a filha com o nome Luz do Sol e permite que ela invada o apartamento dos outros desta maneira?

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 01

MAXIMILIANO

Seguro a porta para minha filha enquanto descemos do elevador. Nosso destino é a feira de verduras estabelecida semanalmente em frente ao nosso prédio, mais uma das coisas de que estou gostando neste bairro. Nos mudamos há pouco tempo. É uma região segura, familiar, a localização me agrada muito. Estamos bem perto da minha unidade de trabalho e da escola de Ana.

— Boa tarde, senhor porteiro — a pequena diz gentilmente ao passar pelo hall de entrada.

— Boa tarde, menina Elsa — ele responde de imediato.

Tenho de guardar o sorriso.

Porcaria, ela fez de novo.

Dou a ele um aceno de cabeça em cumprimento. A criança caminha alegremente pela portaria, como se Elsa fosse realmente seu nome. Eu deveria me preocupar, a psicóloga que a escola recomendou diz que não posso incentivar este comportamento, mas a verdade é que a pequena me tem enrolado entre os seus dedinhos, não consigo convencê-la a parar.

Ana Carolina, a espertinha, me domina. Relutantemente, devo admitir.

Minha vida se transformou em um mundo cor-de-rosa, literalmente. Bonecas e DVDs de princesas estão espalhados por todo o canto. Aliás, sua obsessão por princesas é assustadora. Marieta, a babá que cuida dela desde o acidente, me diz que é uma fase normal, que suas filhas – hoje criadas – já passaram por isto, mas, porra, decorei as musiquinhas de todos aqueles desenhos animados. Às vezes, me pego cantarolando no trabalho. Até mesmo os caras do batalhão estão contaminados.

Ana faz isso com as pessoas.

Dia desses, Eva disse ter lido em algum lugar
NACIONAIS - ACHERON

que “Ana Carolina” significa “graciosa mulher do povo”... Começo a acreditar que isto pode ter algum sentido. Minha pequena encanta por onde passa.

— Ana, espere — aviso, antes que ela suma de minhas vistas.

Ela me olha por cima do ombro.

— Tá bom, papai! — doce como açúcar, é uma pena que eu conheço a espertinha muito bem.

Tirei o dia de folga do trabalho para ficar com ela. Marieta foi para a casa da filha. Minha irmã tinha um compromisso de trabalho, e nossa mãe está passando a semana numa viagem com “colegas da terceira-idade”, como ela gosta de chamar. Pela animação da pequena, acho que ela gostou muito da ideia de um dia só nosso.

A verdade é que a menina raramente está de mau humor. Nunca reclama de nada. De manhã, Ana já coloca a prótese sozinha e escolhe a sua própria roupa – usualmente, vestidos floridos, que tem de combinar com os sapatos.

Sou um cara de muita sorte por ser pai dela.

GABRIELLE

Orgânicos, firmes e bem vermelhinhos. Selecciono a dedo cada fruta, uma a uma, e as coloco no saquinho, sob o olhar disfarçado de Jasmine.

— Você sabia que o tomate tem substâncias que estimulam o...

— Colágeno — ela complementa, rindo.

Sorrio, satisfeita.

— Exatamente — pego outro e verifico a qualidade antes de juntá-lo aos demais — Agora pode não ter importância para você, mas espere até chegar ao final dos vinte. Tudo muda.

Bem, talvez um pouco mais.

— Você está ótima, Gabi. Se, ao final dos vinte, eu estiver assim, vou procurar emprego numa agência de modelos.

Suspiro.

— Meus peitos estão caindo, Jas. O tomate vai mantê-los em pé.

— Oi, moça!

Essa vozinha familiar...

Interrompo o movimento de avaliar outro tomate, momentaneamente congelada. Não pode ser quem estou pensando que é.

Jasmine e eu nos viramos ao mesmo tempo, lentamente... para encontrar ela. De novo. A menininha de nome diferente, que invadiu meu apartamento há poucos dias.

— Oi — ela repete o cumprimento, balançando o pezinho para frente, na borda do vestido florido rodado.

Subo meu olhar de sua perninha e encontro o rosto expressivo fixado em mim. A menininha tem um par de olhos enormes, brilhantes, e me encara com um ar de expectativa muito desconcertante. Não consigo abrir a boca. Cheguei a acreditar que sua aparição em casa tivesse sido apenas imaginação minha, visto meu histórico com este assunto.

— Sou eu, princesa Aurora! — o tom vibrante é impressionantemente como o de uma antiga amiga se fazendo lembrar.

Sim, eu sei, é a Princesa Aur... Ei, mas esse nome...?

— Princesa Aurora? — confirmo, para ter certeza de que ouvi direito.

Na surpresa, acabo me atrapalhando com o caminho errado que a saliva tomou. Enquanto tusso, Jasmine olha da criança para mim, e de mim para ela, curiosa. Então corta os poucos passos de distância entre nós e se ajoelha diante da menina.

— Oi, Princesa Aurora. Eu sou a Jasmine — se apresenta em seu tom suave, amável, como ela é.

— Oi, Jasmine — a criança responde de modo simpático e volta sua atenção a mim — Você não se lembra de mim? Sou eu, a Princes... — de repente, seu olhar cai para o saco plástico cheio em minhas mãos — Isto aí é tomate?

Ela mentiu o nome para mim e me olha assim, com toda a candura?!

Não acredito!

Que malandrinha!

— Sim, são tomates. Seu pai também não pode comprar? — como os meus batons!

MAXIMILIANO

Pago a compra de verduras ao vendedor e, por uma fração de segundos, quando me dou conta, Ana já não está ao meu lado. Eu deveria ter desconfiado do silêncio repentino. Olho em volta e de longe a vejo tagarelar com duas moças, uma delas de cabelos escuros, magra, e a outra... uma loira de muito boa aparência.

Caminho até elas e vejo que a morena se ajoelha para ficar da altura de Ana, enquanto a loira olha para minha filha com o cenho franzido, desconfiada. Nenhuma delas nota eu me aproximar.

Algo que Ana diz faz com que a loira tussa alto, surpresa, o que só aguça minha curiosidade.

De repente estou mais interessado do que deveria.

Chego a tempo de escutá-las:

— Sim, são tomates. Seu pai também não pode comprar? — a loira diz num tom de acusação até engraçado.

Tenho a sensação de que Ana já conhece a mulher.

Paro atrás de minha filha.

— Na verdade, eu posso — interrompo-as com meu melhor olhar sério, mesmo com a vontade de rir de seu estranho questionamento.

A morena se surpreende com a minha chegada. Percebo-a subir seus olhos por mim, avaliando-me até encontrar meu rosto.

Tomo meu tempo para analisar a loira. De perto, ela é ainda mais bonita: lábios espessos de um vermelho natural; o cabelo em ondas suaves, bagunçado, espalhado pelos ombros; olhos de um azul profundo, afiado, audacioso. A visão completa é... muito boa.

E tenho sua atenção. Ciente disso, sinto uma necessidade esquisita de provocá-la. Deixo meu olhar vagar sobre seu corpo, em análise.

Percebendo, seus olhos se estreitam, desafiadores.

— Papai, podemos levar tomates? Minha amiga — Ana aponta para a loira — disse que os tomates deixam o peito em pé.

Como é?

A morena se levanta e a loira volta a tossir, embaraçada, afogando-se com a própria saliva. Por alguma razão desconhecida, seu constrangimento me agrada.

Sorrio preguiçosamente e pouso meus olhos em seu decote por alguns instantes.

— Sua amiga não precisa disso, filha — assisto, agraciado, ao rosto da mulher corar. Satisfeito, volto minha atenção à pequena arteira — O que eu disse sobre se distanciar de mim?

Ana dá um de seus suspiros profundos que facilmente consegue me dobrar.

— Desculpe, papai.

Não gosto da ideia de perder a minha filha de vista... A última vez que me descuidei resultou em uma de suas pernas arrancada fora num acidente estúpido. Dificilmente me perdoarei algum dia por

isso.

Com um último olhar para as mulheres — permanecendo dois ou três segundo mais na loira intrigante — e um leve aceno em sinal de despedida, aceito a mãozinha que Ana oferece e caminho de volta para o prédio.

O rosto desconcertante da loira bonita ainda brinca em minha cabeça.

— Quem são aquelas moças, filha? — merda, eu nem deveria querer saber.

— São minhas amigas, papai. Elas são nossas vizinhas e também gostam muito de batom.

Vizinha, hein...

Capítulo 02

GABRIELLE

Escuto o que meu assistente diz ao telefone enquanto caminho pelo estacionamento até os elevadores. Saí do trabalho mais cedo e vim para casa. Estou com uma dor de cabeça particularmente chata, e permanecer no estúdio só a pioraria.

A verdade é que ultimamente tenho estado por um fio de não enfiar uma agulha nos olhos do novo diretor de criação. Alteraram meus projetos sem me consultar, já está virando rotina. Sinto que o homem tem satisfação nisso.

— Tudo bem, Mau, agende para as nove. Vou redesenhar e amanhã faremos uma nova prova com estas modificações — paro em frente às portas e aperto o botão para chamar o elevador — Agora
NACIONAIS - ACHERON

eu tenho que desligar...

— Rainha! — ele grita em meu ouvido, me impedindo de finalizar a ligação.

— Sim, Mauro...

— Não fique assim, você é a melhor.

Sinto vontade de rir, apesar de tudo.

— Só porque eu tenho você ao meu lado...

— Eu sei.

Modesto em nada.

Desligo.

Mauro é um bom amigo. Um dos poucos nesse meio.

Entrar na LeCher foi como um sonho e veio num momento muito importante da minha vida. Depois do divórcio, determinada a retomar a carreira, participei do processo seletivo e quase não acreditei quando fui chamada para trabalhar com eles. Esta é uma das empresas mais influentes do setor de moda, suas coleções estão presentes no mundo inteiro. O lado ruim disso é que todos querem ocupar um lugar de destaque e não se importam em te atropelar com um rolo compressor.

Olho-me no espelho do elevador e me assusto com a situação desgrenhada do meu cabelo. É isso o que aquele diretor “prego” está fazendo comigo, me deixando uma bagunça. Pego na bolsa um grampo, junto os fios num coque alto e o atravesso entre eles.

Aciono o andar da recepção. Preciso parar lá, pegar um pacote com tecido que encomendei pela internet e foi deixado para mim na portaria.

Assim que as portas se abrem... eu a vejo. A pilantrinha que entrou em minha casa sem aviso, apresentando-se como minha nova vizinha, mentindo o seu nome e ainda furtando um dos meus melhores batons.

Observo seu bonito vestido florido em tons de rosa claro e amarelo. O cabelo preso em uma trança um tanto torta para um lado e, em suas costas, uma mochila tão pequena quanto ela. Analisando assim, de longe, a criança tem muito estilo... e bom gosto para batom também.

— Você está gostando da nova escola, menina Elsa? — escuto Serafim, o porteiro, conversando com ela.

Elsa... Então este é seu nome de verdade.

A pergunta faz a garota desviar os olhos para seu sapatinho.

— Estou sim, lá todos são muito legais comigo.

Caminho até eles, devagar. O movimento dela trocando o peso de uma perna para a outra dá um vislumbre da prótese embaixo do vestido. No entanto, minha atenção vai para algo acima de sua cabeça, do lado de fora do prédio.

O bonitão, pai da menina, gesticula algo para um casal. Por sua expressão, ele não parece nada feliz. A mulher à sua frente, bela (apesar da roupa extravagante), também não sustenta um bom semblante ao enfrentá-lo. Ao seu lado, um sujeito do tipo roqueiro de meia idade, apoiado num carro Maverick dá apoio a ela com um braço em sua cintura.

— Você não vai levá-la deste jeito! — escuto a voz grossa do pai da Luz do Sol.

— Já conversamos sobre isto Max, eu tenho direito, o juiz permitiu, você sabe disso.

Os sons, apesar de abafados, são possíveis de ouvir aqui de dentro. Olho para a menina, que se encolhe um pouco mais ao escutá-los também. E não sei exatamente o porquê, mas isto me incomoda.

— Oi, Serafim — contorno o corpo dela e paro em frente a eles, bloqueando a visão da criança para o lado de fora.

— Boa tarde, Dona Gabrielle.

— Gabrielle — corrijo-o.

A menina, assim que me vê, levanta seu rostinho.

A admiração com que seus olhos curiosos me avaliam quase me faz rir. Tenho a sensação de que ela vai trabalhar com moda no futuro.

— Oi, moça, você se lembra de mim?

Mordo um sorriso e a encaro com minha melhor expressão inocente.

— Eu me lembro sim, você é a...

— Princesa Merida! — ela me corta, vibrante, como se a cena lá fora já não estivesse acontecendo.

Serafim a olha um tanto confuso. Rá, ela o enganou também, bem-vindo ao clube, homem!

— Oh, claro, Princesa Merida.

Pergunto-me de onde saem todos esses nomes.

— Eu estou sóbria! — a mulher ao lado de fora grita mais alto.

Idiota, será que não se dão conta de que estamos ouvindo?

Não devo me meter, não devo me meter...

Droga, tarde demais.

— Bom te encontrar por aqui. Eu comprei novos batons, você gostaria de ver?

Seu rosto se ilumina como um dia de verão. Por um segundo, sou tomada por uma estranha satisfação em agradá-la.

— Sim, Gabrielle! — a danadinha me chama pelo nome.

— Serafim, você poderia dizer ao pai da Princesa Merida que ela estará em meu apartamento vendo minha nova coleção de batons?

Serafim logo entende o que estou tentando

NACIONAIS - ACHERON

fazer. Ele se apressa em acenar com a cabeça, confirmando.

— Aviso sim, Do... Gabrielle.

— Mais tarde eu pego a caixa — murmuro.

Não dou tempo para a menina olhar de novo o lado de fora. Sem jeito, estendo minha mão. Ela aceita e encaixa sua mãozinha na minha.



Abro a porta do apartamento e sinalizo para que ela entre. No centro de minha sala está o manequim de um vestido em que estou trabalhando. Eu amo isso, adoro desenhar roupas, costurá-las eu mesma. É assim desde que eu tinha o tamanho desta menina.

— Poxa, que vestido bonito... — ela fala timidamente em frente à peça.

Paro ao seu lado, olhando na mesma direção.

— Sim, estou fazendo para uma amiga.

O rostinho vem para mim de novo.

— Você faz vestidos? — o som é preenchido com surpresa.

Dou de ombros.

— De vez em quando...

Noto a hesitação, mas é muito rápida.

— Você faria um vestido pra mim, Gabrielle?

A criança não tem filtro, isto é um fato.

Avalio seu tamanho e estilo.

Por que não?

— Eu poderia fazer sim, um dia destes...

Você quer suco?

O sorrisinho satisfeito em seu rosto me faz... gostar da ideia.

— Aceito sim, por favor. Posso ver seus batons?

Direto ao ponto. Impressionante.

E acabo de perceber que me ferrei. A última vez que ela tocou em minha maquiagem, eu tive um pequeno prejuízo. Ao que parece, estou prestes a ter outro.

MAXIMILIANO

NACIONAIS - ACHERON

Não há um maldito juiz na face da terra que me fará deixar Francine levar minha filha para passar o dia com ela e aquele maconheiro que ela chama de namorado. Nem ferrando.

Eu até tentei, mas quando senti o cheiro da erva neles, tive vontade de enforcar seu pescoço. Será que, algum dia, aquela mulher vai crescer e deixar de ser tão egoísta?

E agora isso, uma estranha levou Ana para o seu apartamento. O porteiro disse que essa tal Gabrielle é uma boa pessoa e quis ajudar. É o que eu espero.

Toco sua campainha. Uma vez. Duas vezes.

E quando a dona do apartamento abre a porta, tenho que dar um passo atrás. É a mulher da feira... Ela é Gabrielle.

— Oi... — me vejo dizendo baixo, surpreso.

Ela me encara afiada, segurando o batente da porta para bloquear a entrada.

— Eu trouxe a sua filha — seu tom soa como uma repreensão.

Semicerro meus olhos e a observo melhor.

Espere aí, a loira está mesmo me repreendendo?

— Sim, eu sei — devolvo com tranquilidade.

A mulher olha rapidamente para trás e volta a me encarar.

— Escute, cara, da próxima vez tente poupar a menina de assistir, ok? — o tom diminui uma nota.

Ela me faz querer rir. Eu não deveria aceitar o comentário de uma estranha sobre como devo proteger minha filha, mas não deixo de enxergar o fato de que ela se importou com Ana Carolina ouvindo a discussão lá embaixo, tanto quanto está se importando agora, por seu sussurro irritado.

Quem é esta mulher?

— Gabrielle é seu nome, não é? — me encosto contra a parede ao lado de sua porta — Obrigado por sua preocupação. Será que agora posso ter minha filha de volta? — sim, eu a estou provocando.

— Idiota — ela enfrenta em um rosnado.

Elevo uma sobrancelha, surpreso. E não deixo de notar a maneira impressionante como sua

íris se expande quando me lança um olhar reprovador. No entanto, não dura muito: ela afasta o corpo e abre a porta amplamente.

— Entre — diz, num resmungo insatisfeito.

Minha visão vai direto para Ana, sentada confortável em seu sofá, pernas cruzadas, bem à vontade e... Jesus Cristo, que porcaria é essa? Porra, não!

— Que bagunça é essa no rosto dela? — encaro Gabrielle, cogitando seriamente esganá-la.

Volto a observar minha pequena se esbaldar com um batom cor-de-vinho que vai muito além dos contornos de sua boca. Até as bochechas estão lambuzadas!

Minha filha tem fixação por batom, e, se eu não a frear, o céu é o limite.

— Isto são cem paus que você me deve por ser um esquentadinho — ela sussurra, atrevida.

Recuo minha cabeça uma polegada, analisando mais atentamente seu belo rosto.

— Como é?

Ela cruza os braços em frente aos seios,

elevando-os.

— Sim, você me indenizará por aquele batom, pode acreditar.

Dou uma gargalhada impossível de segurar. Essa mulher!

— Papai! — ao perceber minha presença, Ana salta do sofá.

— Oi, filha...

Ela vem até nós, sem pressa, como se a casa fosse dela.

Sua tranquilidade me tranquiliza. Eu amo tanto esta menina. É a razão para eu acordar e lutar todos os dias. Jamais colocaria a vida dela em risco novamente com aqueles irresponsáveis do caralho. Jamais.

De soslaio, acompanho Gabrielle se girar e pegar algo dentro de uma bolsa largada em cima de um móvel.

— Aqui — a loira se abaixa para ficar na altura de Ana.

Em sua mão, um lenço de papel, provavelmente destes que as mulheres usam para

remover toda esta porcaria. A mulher elegante, ajoelhada diante de Ana, retira o produto de seu rosto com cuidado, concentrada na tarefa e parecendo realmente se importar. Ana fica imóvel, permitindo.

A cena leva uma incomum batida mais acelerada ao meu peito, por alguma razão.

— Prontinho — conclui, satisfeita.

Como assim prontinho?

— Mulher, você só tirou uma parte — reclamo.

Ganho outro olhar afiado.

— Sim, chamamos de excesso — se vangloria, vitoriosa, deixando o batom nos lábios da criança, desta vez em perfeita ordem.

Muito sagaz.

Abro a boca para argumentar, mas sou interrompido por uma voz masculina, vinda de trás de nós.

— Toc, toc.

Por cima do ombro, vejo um sujeito parado diante da porta de entrada.

— Entre, Peter! — Gabrielle se levanta do chão, finalizando seu trabalho com um afagar no alto da cabeça de Ana.

Eu não deveria pensar assim, mas é como se este babaca estivesse interrompendo o nosso momento aqui.

O cara dá dois passos para dentro. Gabrielle corta o caminho até ele e beija seu rosto. Deixo meu olhar recair sobre a minha filha: não quero assistir ao casal, e nem sei por que raios isto me incomoda, afinal de contas.

— Passei na LeCher e seu assistente disse que você tinha saído mais cedo, está tudo bem? — a porcaria de preocupação afetuosa do cara me faz revirar os olhos.

— Tô sim... Aham... — a loira limpa a garganta — Deixa eu te apresentar o...

Vejam só, ela lembrou que ainda estamos aqui.

Viro-me para o cara e estendo a mão.

— Max, e já estou de saída.

Ele aceita meu cumprimento, apertando

confiante.

— Sou Peter... — seu olhar encontra o da minha filha — E esta gatinha aqui, quem é?

Ana se aproxima dele oferecendo sua mãozinha, sem cerimônia.

— Eu sou a Princ...

— Ana Carolina — capto e corto sua tentativa — Vamos embora, filha?

O cara pega a mão dela e sacode, levando a sério.

— Que prazer conhecer uma princesa linda como você.

Pronto. E aí está. Ele acabou de fazer a alegria da pequena.

De canto, percebo o olhar de Gabrielle em mim, especulativo, talvez me avaliando sorrateiramente. Encaro-a e sustento a conexão por um rápido instante. A danada é bonita e atrevida além da medida, o que é uma combinação muito ruim.

— Vamos, Ana? — quebro o contato ao me lembrar do imbecil em sua sala.

— Vamos sim, papai — Ana se põe em frente à loira, fazendo aquela expressão adorável que vem antes de um pedido, se eu bem a conheço — Gabrielle, eu posso levar o batom?

Mudo minha atenção para o chão, evitando rir da pequena ardilosa que criei.

— Claro que pode, princesa — a mulher responde muito amável, mas não perco seu foco me fulminando.

E quando Ana caminha de volta para buscar no sofá, Gabrielle se movimenta mais próxima a mim, resmungando discretamente.

— Você me deve isso, esquentadinho.

Porra, além de linda, ela cheira muito bem também.

Capítulo 03

GABRIELLE

Quanto mais ouço o que meu acompanhante diz, mais eu elaboro, mentalmente, métodos de retaliação, para não dizer vingança, contra Peter. Seu nem sempre bom hábito de bancar o cupido desta vez superou as expectativas, no sentido negativo da coisa.

E a única culpada de cair nesta cilada sou eu, que me deixei vencer pela insistência de meu irmão em me apresentar a seu amigo, “O espetacular Lourenço” – sim, esta é praticamente a forma como o sujeito à minha frente se define.

Luto contra a necessidade de bocejar, quase insuportável a esta altura, e sorrio, “atenta” a mais uma história sobre as grandes conquistas de NACIONAIS - ACHERON

Lourenço em seus trinta e poucos anos. Estou diante de um incrível caso de superautoestima; me pergunto se falta muito para a noite terminar.

E outra questão acaba de invadir a minha mente: qual seria o tamanho do incrível Lourenço? Com tantas “qualidades”, seria este o seu “pequeno defeito”?

Rapidamente, pego a taça de água e sorvo uma boa quantidade, tudo para não rir. Katarina, uma de minhas amigas, certamente não filtraria esta pergunta.

Lourenço é um bom partido, é uma pena que eu já fui casada com um homem semelhante e estou vacinada. Outro ponto negativo para ele é a sua mania de tocar minha mão por cima da mesa toda vez que um homem desacompanhado passa por nós, uma forma detestável de marcar território. Estou quase perguntando se ele não prefere urinar no meu pé para assegurar a marcação do modo tradicional.

Eu sou uma pessoa legal, eu sou uma pessoa legal...

Ajeito-me na cadeira.

— Eu estou adorando estar aqui com você, Lourenço...

— Mas excedemos um pouco o horário, não é? — ele me interrompe, com seu melhor sorriso galanteador.

Bonito, não nego. Lamentável que seu assunto seja tão interessante quanto uma extração de dente siso.

Sorriso também, em reforço.

— Sim, amanhã tenho um compromisso logo cedo, e você sabe como é...

— Não se preocupe, Gabrielle, você tem toda a razão. Dizem que o tempo voa quando estamos fazendo o que gostamos — ele confere seu relógio — Em sua presença nem vi as horas passarem.

Isto é relativo, penso.

— Pois é... passou muito rápido — me sinto uma boa mentirosa.

Com um aceno, ele pede que fechem nossa conta. Seu olhar sustenta o meu de maneira segura. Aparentemente, Lourenço acredita que estamos na mesma sintonia.

Seria péssimo recusar sua carona de volta para casa?

Sim, seria.

Isto é bom para que eu aprenda a não deixar que encontros me apanhem em casa. Onde fica o plano de fuga no caso de saídas entediantes?

Estou perdendo o jeito. É isso o que uma vida de solteira solitária faz com a gente. Jasmine está vivendo com Damien. Alice, Júlia, Pini e Katy estão com seus pés mais para o time de casadas do que qualquer outro, e Luna segue a mesma linha. O que me resta? Aceitar as furadas em que meu irmão me coloca.

MAXIMILIANO

Bato a porta do armário, trancando-a. Finalmente meu turno acabou. Ser médico socorrista nesta cidade é como estar em uma montanha-russa: em determinados dias, não há nada acontecendo; em outros, o caos se estabelece e

todas as piores coisas parecem conspirar juntas.

Com o cabelo e peito ainda molhados, visto a camiseta. Sento-me no banco do vestiário e calço minhas botas.

— Uma cerveja para encerrar? — JP oferece.

JP e eu somos amigos desde a faculdade. Viemos transferidos juntos para este batalhão há alguns anos. Tenho o cara como um irmão e fiz dele padrinho de Ana Carolina.

— Hoje não, cara, Marieta vai pegar a noite de folga.

Ele veste sua jaqueta de couro, retira o capacete de cima do armário e se escora contra a porta de metal.

— Os caras estão indo ao Tony's, acho que vou dar uma passada lá — soa demasiadamente despreocupado.

Encaro o seu rosto, tão cansado quanto o meu. JP não disse, mas pelo que ouvi no rádio transmissor da ambulância, meu amigo pegou um daqueles casos ruins que todos nós desejamos que não caia em nossas mãos. Uma gestante atropelada

por um ônibus, com código de gravidade 5 – isto, por si só, já avisa que as chances da vítima são mínimas.

— Quer conversar? — ofereço.

Ele se afasta.

— Não, cara. Acho que estou precisando mesmo é de ir à reunião na casa da Manu, amanhã à noite. Você vai, não vai?

A ideia é tentadora. Emanuelle também é médica, trabalha como plantonista e professora no hospital universitário, e é uma boa amiga. Nos encontros que ela promove em sua casa, consigo colocar um pouco de toda a merda acumulada para fora. Sem sentimentos, somente sexo, livre de qualquer amarra. Não há espaço para nenhuma mulher na minha vida, Ana virá sempre em primeiro lugar.

— Sim, acho que vou — termino o trabalho em meus cadarços e me preparo para voltar para casa.



Aciono o controle remoto do portão que leva

direto à garagem do prédio. Aguardando pela abertura dele, me deparo com uma cena que, por alguma razão estúpida, causa um pequeno reboleio em meu intestino: minha vizinha num vestido justo preto, agarrado às suas curvas tonificadas, deixando os seios bem acomodados empinados para cima. Os cabelos cor-de-ouro estão penteados moderadamente sobre os ombros. Em seus pés, um sapato preto de salto fino altíssimo me faz imaginá-la nua em minha frente, usando somente eles.

A porcaria de pensamento inadequado me deixa duro. Para acalmar meu “ânimo”, assisto a um mané engomado ao seu lado, com a mão possessivamente pousada em suas costas, aguardando ela abrir o portão de pedestre com sua chave. O sujeito a encara como um predador. Não consigo ver o rosto de Gabrielle, mas estou bastante curioso sobre a rotatividade em seu apartamento. Linda desse jeito, seria um milagre que a mulher se mantivesse inativa. Pobre Peter. Evito encarar o casal por mais tempo, piso no pedal e entro com a caminhonete no subsolo.

Para minha filha, meu carro é a verdadeira

extensão de nossa casa. No banco de trás, algumas bonecas de princesa estão sentadas em ordem, parecendo curtir o passeio. No console, seus DVDs dominam o quesito música. A menina é uma pequena espaçosa.

Desligo o motor, retiro minha mochila do banco do passageiro, jogo-a por cima do meu ombro e desço. Mando uma mensagem de texto para Manu, confirmando seu convite de amanhã, e entro no elevador. Aperto meu andar e vejo o painel mostrando nossa próxima parada. Assim que as portas se abrem no térreo, eis que eu os tenho em primeira mão.

O casal de revista.

Miséria, nesta perspectiva, Gabrielle parece ainda mais linda.

Sua atenção está no cara.

— Eu tenho que ir. A gente se fala, Lourenço.

Ela o beija rapidamente no rosto em despedida e eu quase engasgo com a vontade de rir da expressão desorientada do tal Lourenço – um cãozinho que acabou de cair do caminhão de NACIONAIS - ACHERON

mudança.

Chego a ter um milésimo de segundo de pena dele, no entanto, o cara se dá conta da minha presença expectadora e assume uma expressão ameaçadora: um aviso de “não mexa com o que é meu”. Meu divertimento só ganha mais força.

E é neste momento que os olhos de gata selvagem encontram os meus. A loira me pega no minuto em que estou me esforçando para não gargalhar alto. Sua sobrancelha se eleva, afiada, do tipo “Há algo engraçado aqui?”.

Mordo a língua para me manter sério.

Ela dá um passo adentro, deixando o engomado fora de nosso espaço.

— Vizinha... — cumprimento baixo, com um aceno de cabeça.

As portas se fecham. Adeus, Lourenço. Eu me compadeço por você, cara.

— Esquentadinho... — ela devolve o cumprimento provocativo e se ajeita ao meu lado.

Ficamos ambos de frente para as portas. A proximidade me permite absorver seu cheiro

delicioso mais profundamente. E eu até que gosto desta coisa que ela estabeleceu de me provocar.

Encaro o marcador de andares acima de nossas cabeças.

— Seu namorado não ficou muito contente com a despedida.

Noto, pela visão periférica, seu rosto lentamente se girando para me encarar. Finjo desconhecimento.

— Pois isto não é da sua conta, vizinho — enfatiza a palavra “vizinho” ironicamente e volta a observar o mesmo ponto onde estão meus olhos — E ele não é nada meu — esta última parte é um resmungo.

Suas palavras me agradam. Muito. Porcaria, o que há de errado comigo?

Limpo a garganta, falsamente desinteressado.

— Acho que Lourenço não ficará feliz com esta definição. Pela maneira como a mão dele parecia grudada às suas costas, nosso amigo pensa que você é dele, vizinha.

Cruzando os braços sobre os seios, ela se gira

para mim. Desta vez, faço questão de encará-la nos olhos.

— Aprenda algo, esquentadinho: eu sou de quem eu quero, e não de quem me quer.

Seus lábios se projetam ao pronunciar as palavras, cheios, convidativos. Os olhos afiados me enfrentam com tanta audácia. Pego-me desejando pressioná-la contra a parede e descobrir qual é o gosto deste seu atrevimento.

— Devidamente anotado, vizinha — espero que ela não perceba o esforço para manter a graça, presente na súbita rouquidão de minha voz.

E a danada apenas sorri, de lado, desafiadora.

O elevador nos coloca em nosso andar. E somente aí é que nosso contato visual é quebrado.

Gabrielle é uma mulher ciente de si mesma. Eu aprecio isso.

Faço um gesto com a mão, oferecendo passagem para fora da caixa de aço. Rebolando em seus quadris, assisto-a caminhar muito bem equilibrada em seu salto fino até a porta em frente à minha.

Seu cheiro gostoso comanda o ar.

Diante da minha porta, por cima do ombro, dou uma última olhada para sua bunda, gostando muito do que vejo. Coloco minha chave na fechadura e sem que eu termine o trabalho, a porta já está abrindo.

— Papai! — a voz de Ana Carolina chega antes da imagem dela.

A pequena escancara a porta, batendo palminhas excitantes. Em sua cabeça, uma peruca ruiva maluca, de uma destas princesas que ela adora.

Abaixo-me para beijá-la, porém, num piscar de olhos, a espertinha já está me contornando.

— Oi, Gabrielle!

Rápida como uma bala. Sorrio para mim mesmo e me endireito de volta ao lugar.

— Oi, princesa...? — percebo a loira hesitante sobre como chamar minha filha.

Por seu tom reticente, fica óbvio que ela não é exatamente familiarizada com crianças.

— Ariel!

— Ana... — giro-me para olhá-las, corrigindo minha menina.

— Quando meu vestido ficará pronto, Gabrielle?

Hein...?

A mulher estreita os olhos, desconfiada e pasma ao mesmo tempo, provavelmente se perguntando se esta menina é mesmo uma criança. Acredite, às vezes, eu também me pego pensando se Ana Carolina não é uma anã disfarçada nesta carapuça adorável.

— Deixe nossa vizinha em paz, filha, ela provavelmente está... — avalio seu belo corpo com calma — ... cansada.

Gabrielle me ignora com um enrugar discreto de lábios e se concentra na criança.

— Venha à minha casa amanhã e eu tirarei suas medidas...

Ana joga a peruca enorme de um lado para o outro, como se este fosse mesmo seu cabelo, e comemora com mais palminhas.

Mal sabe a loira no que está se metendo.

Pela segunda vez na noite, ela me lança o olhar atrevido antes de entrar.

— Esquentadinho...

— Vizinha...

Capítulo 04

GABRIELLE

Apoio meu queixo com a mão, o corpo debruçado sobre o balcão da cozinha enquanto escuto Jas falar de sua nova vida... Seu brilho bonito faz meu coração aumentar de tamanho. Eu amo esta menina como uma irmã. Foi assim desde o primeiro minuto em que Luna trouxe ela para morar aqui. Jas chegou aqui despedaçada e sem nenhum amor-próprio. Tão quebrada que eu mesma tinha dúvidas se algum dia ela conseguiria superar. Foi muito difícil entrar na concha fechada que a cercava e conquistar a sua confiança. Seus pesadelos acabavam comigo, no entanto, graças a eles, eu a conhecia um pouquinho mais a cada dia.

Disléxica, com uma mãe que nem merece ser
NACIONAIS - ACHERON

chamada desta forma, a vida não foi fácil para a minha amiga... até o imbecil Damien aparecer. Ok, ok, tenho que parar de chamá-lo assim. Ele faz Jasmine feliz e, por consequência, me faz também. Ou isto, ou eu estava muito perto de pedir ajuda aos amigos de Pini para sumir com um corpo.

E por falar nele, o barulho do celular e um sorriso pouco contido no rosto de Jas dão conta de que o homem está à sua espera lá embaixo.

— Damien já chegou... Eu disse que iria de metrô — seu sorrisinho se estende e as bochechas coram com a mensagem escrita por ele.

Reviro meus olhos, sem esconder o sorriso.

— Até parece que ele deixaria a “raposinha” dando mole de metrô por aí — brinco.

— Eu o amo tanto, Gabi... — ela suspira, sonhadora.

— Como se isto fosse uma novidade, garota.

Os dois são malucos um pelo outro — ele no sentido real da palavra, esta é a verdade.

Levo Jas até o elevador e a seguro num abraço bem apertado em despedida. Eu sinto falta

dela, mas me recuso a dizer. Jasmine está bem em sua nova vida e isto é o que importa.

Ela entra no elevador e eu ando de volta para meu apartamento. Ao passar em frente à porta que leva às escadarias do prédio, risadinhas e conversas me chamam a atenção. Parecem de crianças... Inevitavelmente, a imagem da pequena trapaceirinha me vem à mente.

Sem poder explicar o porquê, me pego abrindo a porta silenciosamente, curiosa sobre os sons.

— Tem que ser sem isso aí... — pela fresta, vejo uma garotinha loira de cabelos escorridos, com uma mão apoiada no quadril e a outra apontando para algo à sua frente, desdenhosa.

A maneira desafiadora como ela eleva a sobrancelha soa um tanto impertinente para alguém de seu tamanho.

— Mas sem eu não consigo... — esta voz eu reconheço, é da Luz do Sol.

Com cuidado, abro um pouco mais a porta.

E não gosto do que vejo. A loirinha e outra

menina estão praticamente cercando minha pequena vizinha. O alvo é a prótese da criança.

A busca por aceitação no rosto de Luz do Sol leva um calor familiar às minhas bochechas.

— O desafio é este. Se você não consegue, então não podemos te deixar ir.

Não se meta, Gabrielle, não se meta.

— Ir aonde? — digo, sem conseguir controlar minha língua intrometida.

As três crianças se assustam com a minha presença, isto é óbvio (e até engraçado). E se calam.

Encaro a megerinha loira.

— E então? — sorrio com falsa doçura, esperando a explicação.

— Gabrielle!

Apesar da repentina alegria da Luz do Sol, mantenho meus olhos na outra criança. E não deixo de perceber que minha vizinha tem um jeito estranho de mudar repentinamente de humor, como se a cena anterior não tivesse acontecido, tal qual ela fez no saguão há alguns dias, quando seu pai

discutia com aquele casal.

— Para onde vocês não podem deixá-la ir?

A loirinha se ajeita e leva a outra mão ao quadril, confiante.

— É um assunto só nosso...

Bruxinha!

— E por que ela tem que tirar a... — hesito
— perna para ir a esse lugar?

— É um desafio — a outra menina, que até então estava calada, abre a boca.

Oh, claro que é.

Concentro minha atenção na mais nova vizinha, que até este minuto estava acuada pelas duas pestinhas.

— Princesa, você gostaria de ir à minha casa para tirarmos as medidas de seu vestido?

Ana Carolina se levanta rapidamente do degrau onde estava sentada (sim, agora eu sei o seu nome verdadeiro, o esquentadinho do Max apresentou a garota ao meu irmão).

— Você vai fazer meu vestido agora, Gabrielle?

Dou a ela um sorriso. Droga, qual é o motivo desta minha urgência em querer ajudar a menina?

— Vamos começá-lo hoje, sim — respondo, mantendo passagem para que ela venha até mim — Vá avisar seu pai e me encontre em minha casa, a porta estará aberta.

Não preciso dizer duas vezes: ela sai sem olhar para trás, parecendo mais do que feliz com a notícia, e me deixa a sós com as duas pestinhas.

Fecho a porta e fico com elas na escadaria.

— Então vocês gostam de desafios, não é? — mantenho-me muito amigável.

A garota de cabelos escuros inocentemente sorri em expectativa, já a megerinha loira estreita seu olhar, desconfiada.

Esperta, gosto disto.

— Pois o desafio que vou propor é o seguinte: cheguem perto daquela menina de novo com esta brincadeira estúpida de envergonhá-la, e eu arranco os olhos de vocês duas pra fazer um colar bem bonito.

Sim, sou tão má quanto elas. Com a diferença

de alguns bons vinte e cinco anos nos separando.

— Você não pode falar assim com gente...
— a megerinha me desafia.

Sorrio com mais vontade.

— Pague para ver e arrancarei os olhos de seus pais também, para que aprendam a educar melhor a filha feia deles.

Abaixo-me à altura das duas e as encaro, ameaçadora, sem nenhum constrangimento.

— Ouçam bem, suas pestinhas malvadas: só se aproximem daquela menina se for para serem amigas de verdade dela. Do contrário, se eu sequer imaginar que vocês estão fazendo algum tipo de brincadeira, cumprirei a minha promessa, ouviram bem?

Elas não respondem. Acho que o medo não permite. Eu deveria me sentir mal por ameaçá-las, porém, estou leve como uma pluma. Tsc, tsc... Isto não é nada bom...

MAXIMILIANO

NACIONAIS - ACHERON

Marieta dormirá em minha casa. Nosso arranjo funciona desta forma, alguns dias na semana ela passa a noite. Confio plenamente na mulher cuidando de Ana. É só por isto que estou agora na casa de Emanuelle.

Já fazia algum tempo desde a última vez.

Bebo no gargalo um bocado da cerveja enquanto observo Cinthia provocando JP, com os seios balançando livremente. Meu amigo tem o olhar escurecido cravado na mulher, em seu próprio modo mortalmente paciente. Ela está fazendo seu show para nós. Cinthia curte isso, ela gosta da exibição, gosta de nos instigar e eu aprecio sua falta de pudor. Entre JP e eu, Manu também degusta uma cerveja, atenta à cena.

Cint monta sobre as pernas de JP, rebolando, oferecendo-se ao homem. Ele enfia a mão por baixo da minúscula saia que cobre parcialmente sua bunda e lhe acaricia a carne nua, livre de pelos.

— Eu gosto dela lisinha assim, querida...

Ela exprime um gemido baixo, satisfeita, e se inclina para Manu.

Assisto às bocas das mulheres se unirem ávidas. Emanuelle agarra a nuca dela e a come com seus lábios.

Mas não é exatamente isso que me faz duro. É a imagem de uma determinada loira desafiadora que sorrateiramente vem se fixar em minha mente. Gabrielle. O mau pensamento com aqueles lábios vermelhos me deixa até doloroso.

Merda, eu não deveria estar pensando nela.

Bebo mais da cerveja e me concentro em contemplar JP intensificando as carícias até ter Cint se elevando ao contato e abandonando a boca de Manu. Ela chega ao seu ápice, choramingando baixinho, pedindo por mais.

JP limpa a mão na saia dela e desfere um tapa de leve contra a sua bunda.

Este é só o começo.

Manhosamente, Cint se arrasta para mim, pousando suas mãos em meus ombros. Seus olhos gananciosos estão nos meus.

— O que você quer, Max? — a mão delicada desliza por meu peito sob a camisa, pairando muito

perto de minha virilha.

Um gemido de apreciação sai de seu peito quando encontra meu volume firme... Provocado por uma mulher que nem sequer está aqui

— Eu poderia cuidar do seu problema, bem gostoso.

Não tiro meus olhos dos seus.

— Sim, você poderia.

Sorrindo com malícia, ela tateia meu jeans e encontra o zíper. Sinto o olhar de Emanuelle em nós. Meu pau, que pede por alívio, está prestes a sair da calça, quando um som familiar quebra completamente o clima.

Só há uma pessoa com este toque gravado em meu celular.

O horário me diz que há algo fora do lugar.

Afasto a mão de Cinthia de mim e puxo do bolso de traz do meu jeans o aparelho. O nome de Marieta agita meu peito de maneira desconfortável. Corro meu dedo pela tela e o levo diretamente à orelha.

— Diga, Mari.

— Max... Hã... É a Ana...

Todos os meus alarmes soam alto.

— O que tem ela?

A hesitação da mulher me faz saltar da banquetta.

— O que tem a Ana, Mari? — insisto.

JP também se coloca em pé ao meu lado.

— Eu não estou encontrando ela... Já procurei em todos os lugares.

As palavras me impossibilitam de enxergar nada além de total escuridão.

— Como é isso? Quando foi que você a viu? Onde você está?

Sem pensar duas vezes, já estou andando apressado para fora da casa, diretamente para a garagem. Meus ouvidos praticamente zunem.

— Ela estava brincando por aqui, e de repente eu não a encontro...

— Eu tô indo praí, continue procurando.

Desligo e entro no carro, cego.

— Cara, eu vou com você — JP entra no

veículo também, e tudo o que eu faço é acelerar, pensando em milhares de possibilidades para este sumiço.

Minha filha deve estar pregando uma peça na Marieta, só pode ser isso. Não seria a primeira vez.

Deus, por favor, permita que seja apenas uma brincadeira dela, por favor, por favor...



Deixo o carro na rua de qualquer jeito e subo de dois em dois os degraus que levam ao saguão do prédio. Na portaria estão Marieta e o porteiro, ambos com olhares arregalados. Mari tem as mãos envolvidas contra seu corpo.

— Cadê ela, Mari?

A mulher está pálida como uma folha em branco.

— Max, e-eu não sei... Ela estava por aqui, eu fui fazer um bolo e ela já não estava...

— Você não a viu? — JP indaga a Serafim.

Ele balança a cabeça em negativo, agitado.

— Ela não passou por aqui, doutor, isso eu garanto...

Esfrego minha nuca, começando a suar frio.

— Você ligou para a Eva? Ela não passou pra pegar Ana?

Pelo olhar de Mari, ambos sabemos que minha irmã jamais apanharia Ana Carolina sem nos avisar.

— Onde está essa menina? — me questiono, tentando fazer minha mente trabalhar. Olho para Serafim — Cara, você tem certeza que minha ex-mulher não esteve aqui?

O porteiro nega com veemência, de novo.

— Não, doutor, ela não veio, praticamente ninguém de fora do prédio entrou aqui hoje...

Concentro-me no que ele disse.

— Praticamente...? Então quer dizer que alguém estranho esteve aqui? Quem?

O sujeito levanta as mãos em frente ao peito, como um gesto de calma.

— A dona Jasmine, mas ela não é estranha, ela morou aqui neste prédio por muito tempo com a dona Gabrielle...

Venha à minha casa amanhã e eu tirarei suas

medidas.

As palavras da loira atrevida ditas ontem à Ana me fazem ver um clarão de luz verde. Viro-me para Marieta.

— Você a procurou lá?

Ela me olha, confusa.

— Lá onde, Max?

Respiro mais pesado, agarrando-me a um fio de esperança.

— No apartamento da nossa vizinha da frente.

Mari estreita a vista, obviamente sem ideia de quem estou falando.

Sem esperar por mais tempo, ando a passos largos para o elevador e aperto algumas vezes o botão para chamá-lo. Parece que, quanto mais pressa, mais a porcaria demora.

Mari, JP e Serafim estão na minha cola e entram todos na caixa de aço quando ela finalmente chega. Estou transpirando. Assim que tenho os pés no meu andar, corro para a porta em frente à minha.

Bato o punho na madeira, ao mesmo tempo

em que aperto demoradamente a campainha, sem polidez. Minhas esperanças estão todas aqui...

Em menos de dois minutos, uma imagem esclarecedora surge diante de mim. O batom rebocado fora dos contornos da boca de Gabrielle me oferece a resposta que eu precisava.

Sinto o primeiro sopro de ar entrar em meus pulmões.

Alívio e adrenalina se misturam, e me vejo bufando de vontade de esganá-la.

— Cadê a Ana? — meu tom acusador não faz nada para poupá-la.

O semblante da loira vai rapidamente de surpresa a confrontação. Com um passo para fora do apartamento, ela encosta a porta atrás dela.

— Qual é o seu problema...? — o sussurro é interrompido quando seu olhar encontra as outras três pessoas atrás de mim — O que está acontecendo aqui?

Droga de mulher irresponsável.

Não me contenho.

— Como você se atreve a trazer minha filha

pra sua casa sem falar com ninguém? Qual é a porra do seu problema?

Vejo chamadas crescendo em seus olhos, indo dos meus acompanhantes para pousar em mim.

— Escute aqui, seu...

Marieta limpa a garganta e se coloca entre nós.

— Moça, será que a Aninha está na sua casa? Eu não a encontrei em lugar nenhum.

Gabrielle tira seus olhos irritados de mim e olha para a mulher, mais suave.

— Sim, Ana veio para tirar as medidas do vestido que farei a ela... — estreita os olhos — A menina não te disse?

Somente então é que vejo em seu pulso um tipo estanho de pulseira de pano com um pedaço de espuma ao centro, repleta de agulhas e alfinetes coloridos.

Esfrego meu rosto, sem saber por quanto tempo mais consigo manter meu temperamento. Eu poderia ter morrido com a porcaria de um ataque do coração.

— Mari, pegue a Ana e leve para casa, por favor.

Um segundo de silêncio e ninguém se move.

A loira volta seus olhos em mim, lançando-me fagulhas, que correspondo à altura.

Com um balançar de cabeça reprovador, ela se afasta para o lado, dando passagem à Marieta.

— Você pode entrar — concede, branda, dirigindo-se à Mari.

A abertura da porta permite ver minha filha.

O mesmo tom de batom rabiscado no rosto da loira está exageradamente distribuído pela boca de minha filha, agora em pé ao centro da sala, brincando com tecidos coloridos em volta de seu corpo. A atenção da pequena se mantém focada ali; ela nem se dá conta de que estamos para morrer de preocupação do lado de fora.

Marieta hesita, olhando de mim para a loira, em nosso confronto.

Escuto um limpar de garganta às minhas costas.

— Eu-eu preciso voltar para a portaria, com

licença, gente.

Serafim não pensa duas vezes: envereda-se no elevador tão rápido quanto pode.

— E-eu, eu vou... pegar a Ana — Marieta, desajeitada, passa entre nós e entra no apartamento.

Escuto a voz animada de Ana, querendo mostrar tudo para sua babá. Entretanto, meu foco permanece nela, a diaba loira cheia de coragem. Sentimentos confusos e destoantes se enraízam em cada mínima partícula do meu corpo. Sou tomado pelo intenso desejo de querer romper esse seu ar afrontoso de uma maneira nada apropriada para o local.

— Papai! — Ana se aproxima de nós — Veja o que Gabrielle me deu! — os tecidos quase a impossibilitam de andar sozinha. Ana está agarrada a eles como se ninguém pudesse tirá-los dela.

— O que nós conversamos sobre sair sem avisar a Mari, Ana?

A seriedade em minha voz faz com que a pequena levante o olhar daquele jeito, juntando as sobrancelhas em uma expressão piedosa.

— Desculpe, papai... eEu... — ela dá um ligeiro olhar à Gabrielle — Eu esqueci de avisar.

Encaro a loira a tempo de ver o discreto franzir de testa, o que me dá a ampla sensação de que a pequena andou enganando alguém aqui.

— Leve-a para um banho, Mari, por favor.

Antes de minha filha seguir para dentro de casa, Gabrielle afaga seu cabelo e resmunga qualquer coisa sobre avisar quando o vestido estiver pronto. Aparentemente, a mulher (apesar de não querer demonstrar) tem certo afeto por minha nada obediente criança.

Mari e Ana atravessam o corredor e entram em casa, assistidas pelo olhar pacífico de Gabrielle que, tão logo a porta de meu apartamento encosta, se transforma num fulminar direcionado a mim.

— A próxima vez que você bater à minha porta desta maneira grosseira, eu corto a sua mão, seu... seu...

— A próxima vez que você pegar minha filha sem avisar, eu...

— Olá — a voz descaradamente bem-

humorada de JP corta nosso duelo, e só neste momento é que me dou conta de sua presença.

Viro-me vagamente para ele e... porra, não gosto nada de seu sorriso comedor de merda destinado à vizinha.

Sem cerimônia, ele se atravessa e estende a mão para ela.

— Eu sou o JP — a voz do cara é daquele jeito galã em modo ataque.

Era o que me faltava.

Não perco o brilho malicioso nos enormes olhos azuis da mulher: afiados, dançam de mim para ele.

— Eu sou Gabrielle, prazer — que porcaria de tom meloso é este?

Ela está descaradamente flertando com meu amigo para me provocar?

O pior é que parece surtir efeito.

— Você não tinha um compromisso? — pergunto, sem humor, para o cara.

O espertalhão nem sem dá ao trabalho de disfarçar o interesse.

— Não, eu acho que vou ficar para jantar em sua casa, Max... A vizinhança aqui é muito... — ele a avalia de cima a baixo — agradável.

Sorrindo e me ignorando deliberadamente, ela se gira para entrar em sua casa, piscando sob os cílios para o meu “amigo”.

— Foi um prazer, JP... — doce como mel, fecha a porta na nossa cara.

“Foi um prazer, JP”?

Que mulher mais descarada!

Em frente à sua porta fechada, me viro para o Don Juan.

— Limpe esta porra de baba em sua cara, espertalhão.

Ele apenas ri,, e eu já prevejo sua presença constante a partir de agora.

Capítulo 05

GABRIELLE

Tenho de olhar duas vezes para ter certeza de que não estou vendo coisas. Aquele odioso não pode ter feito isso... Ele não teria coragem...

Mas aqui está.

Claro como a luz do dia.

Ele teve.

Este diretor de meia pataca assinou como sendo dele o projeto da nova coleção de inverno da Átomos, criada por mim! Uma linha inteira de peças cuidadosamente desenhada e projetada pensando no perfil dos consumidores da marca, depois de toda pesquisa, milhares de esboços até chegar ao produto final, todo este trabalho para o

cara simplesmente assinar como criador e nem sequer mencionar meu nome.

Empurro a cadeira para trás e me levanto.

Hoje ele se superou.

— O que foi, Gabi? — Mau questiona quando passo apressada por sua mesa.

Não respondo.

Mas o sinto me seguindo em direção à sala do grande desonesto.

Nem me dou ao trabalho de bater. Abro a porta de uma vez, para encontrá-lo com os pés cruzados em cima da mesa ostentosa, o corpo relaxadamente deitado na opulenta cadeira de couro branco, com o telefone celular grudado à orelha.

Paro em sua frente e jogo sobre a mesa o material de marketing que circulará pela rede de lojas dentro de alguns dias.

Cruzo meus braços e o encaro.

— Você pode me explicar por que seu nome está assinado como criador da coleção?

Os olhos do babaca se arregalam. Ele me faz um sinal com o dedo, como se pedindo para eu

esperar um minuto. Balanço a cabeça lhe negando este direito.

Nos últimos meses, vi todos os meus projetos serem boicotados por ele, inclusive este, que foi tratado de forma completamente desdenhosa. E, agora, descubro que ele não só usou o meu material, mas também o apresentou como sendo seu.

Mauro para ao meu lado, assumindo a mesma posição quando entende o que está acontecendo.

Arrogante (uma versão masculina de Miranda Priestly, do filme “O Diabo Veste Prada”), sem tirar os olhos de mim, o sujeito se despede de quem quer que o esteja fazendo rir ao telefone e desliga.

— Gabrielle, eu acredito que temos regras a serem mantidas aqui. Bater à porta antes de entrar é uma delas.

Sorrio, irônica.

— Assinar como sendo criador de algo que você não fez me parece que também é quebrar uma regra, não?

Sem constrangimento, ele abre o material.

Encontra as imagens das modelos vestidas com minhas roupas e, ao final, seu nome lindamente embasando a ideia, contexto e criação.

Eu nem fui mencionada em nada... Na verdade, isto não tem tanta importância, entretanto, a forma como ele trata meu trabalho, isto sim é muito relevante.

Ele sobe uma sobancelha.

— Eu sou o diretor de criação da LeCher, meu nome deve assinar a coleção — o desdém está bem aqui, presente em seu timbre odioso.

— E o de Gabrielle também, afinal, todo o trabalho é dela — Mau se atravessa, batendo seu pé impaciente no chão.

O diretor enfadonho lança sobre nós um olhar aguçado.

— Eu não vou discutir isto com vocês — aponta para o briefing — O mercado funciona desta forma. Enquanto eu for o responsável aqui, não tenho que explicar nada.

Respiro fundo e olho em volta: todas estas roupas nos cabides, expostas como numa vitrine,

foram desenhadas por mim, e o cretino mal me inclui nas reuniões com os clientes.

Volto a fitá-lo.

— Qual é o seu medo, Ernesto? — inquiri, honestamente.

As bochechas do homem coram no mesmo instante em que sua expressão se fecha. E então percebo que minha pergunta o atingiu. Algo que vejo nele me faz começar a compreender a questão central.

O problema não sou eu, é ele. O cara é um inseguro, escondido por trás de toda esta banca. Por um instante, eu até me compadeço.

Ernesto tem seus quase cinquenta anos, apesar de insistir em dizer a todos que ainda está nos trinta e nove. Seu relacionamento com Nilo, o gerente da A&C – a loja de departamentos para quem também criamos coleções regularmente –, não é segredo para ninguém, mas, ainda assim, ele tenta esconder, negando convictamente sua homossexualidade. O problema deste cara é com ele mesmo.

É isso.

— Olhe — expiro pesadamente — Só, por favor, pare de tentar me boicotar o tempo todo, sim? Já está ficando desgastante.

Sem mais, viro-me e ando para fora da sala. De repente, toda a disposição para discutir se foi e somente consigo me sentir cansada deste ciclo.

— Ele é um imbecil, Gabi — Mauro diz às minhas costas, enquanto me segue de volta pelo corredor.

— Sim ele é — fito meu amigo e assistente — Mas, infelizmente, ainda é nosso chefe, Mau, e eu não gostaria de te ver comprando minhas dores e correndo o risco de ser demitido. Não faça aquilo de novo, entendido?

Seus ombros caem.

— Eu estou de saco cheio do que ele te faz, rainha. Se me mandar embora, ótimo! Trabalharei com você.

Acabo rindo.

— Seremos dois desempregados.

Ele nega, veemente.

— Não, este será o incentivo para você abrir

sua própria marca.

Reviro os olhos. Bem lá no fundo, não nego que já pensei nisso algumas vezes. Talvez, um dia, quem sabe...

Ouçó o som agitado do celular em cima de minha mesa. Chego a tempo de ver o nome de minha cunhada na tela.

— Oi, Ali — atendo e me sento.

— Oi, Gabi — ouço-a pedir para que Sabrine assumo o balcão — Sua voz não parece muito boa, o que houve?

Alice é a esposa de meu irmão, Benjamin, e a tenho como uma irmã também.

— Coisas do trabalho, mas me diga, como vocês estão? — não os vejo há duas semanas.

— Muito bem. Na semana que vem é o aniversário do Peter, e Ben e eu estamos pensando em fazer um jantar pra ele aqui, o que acha?

Descanso minhas costas no encosto.

— Acho perfeito.

— Legal... Ah! Você recebeu os lírios? Viu como eles vieram lindos nesta remessa?

Mordo minha bochecha, tentando pensar rapidamente em algo a dizer. Não sei como revelar a Alice que já não tenho mais espaço no apartamento ou tempo para cuidar de tantas plantas. Ela é dona de uma floricultura e, semanalmente, me envia novas mudas que chegam à sua loja. Tenho mais plantas em casa do que espaço, e a culpa é toda minha.

Quando Alice e meu irmão estavam se conhecendo, queria muito que as coisas dessem certo entre eles, para que Benjamin saísse daquele ridículo luto por quem não merecia. Então disse a ela que adorava flores. Foi uma boa desculpa para criar um elo. Na época, juntei o útil ao agradável: ganhei uma amiga (recém-chegada à cidade e solitária, eu estava precisando) e uma razão para mantê-la por perto até que meu irmão imbecil se tocasse de que Alice era a mulher da vida dele.

Desde lá, recebo estas plantas constantemente. Como, depois de tanto tempo, posso revelar a verdade?

Eu partiria seu coração. Jamais, fora de cogitação. É preferível alugar outro apartamento e

deixar aquele para as flores.

Aperto a base de meu nariz, perto dos olhos.

— Recebi sim, são lindos, Ali. Eu adorei — e sou uma mentirosa deslavada!

— Que bom, Gabi! Na próxima semana, receberei orquídeas japonesas lindas e te enviarei algumas mudas... — escuto o ranger da velha porta de seu escritório, que fica nos fundos da loja — Katy nos convidou para ir a um bar esta noite. É de um novo cliente dela...

Oh, céus, isto não poderia ter vindo em hora melhor!

— Eu vou amar sair um pouco, cunhada. Estou realmente precisando de um pouco de álcool circulando por meu corpo.

— Podemos ir juntas. Eu passo pra te pegar, o que acha?

— Fechado.

— Te vejo às oito... Agora, vou te deixar trabalhar. Aqui na loja está uma loucura.

— Tá bom, Ali. Até a noite.

— Até. Te amo, Gabrielle.

— Eu também te amo, Alice.

Desligo e vejo na tela o ícone do aplicativo de mensagens. Toco nele para ler o convite de Katarina. Respondo com caretinhas felizes, confirmando.



Pego a avenida principal para retornar à minha casa, depois de um dia exaustivo, e me deparo com o trânsito parado. Os motoristas estão desligando seus carros e descendo dos veículos. Curiosa, me pergunto o que toda esta gente está indo ver. Não me contenho: desligo o meu motor e desço. Sigo a pé o fluxo pelo corredor de veículos e paro atrás de um grande círculo de pessoas.

De onde estou, não consigo ver absolutamente nada. No entanto, escuto os burburinhos.

— Ela estava atravessando fora da faixa, não havia como o motorista desviar — um homem explica em tom de reprovação.

— E a criança? — o outro pergunta.

Não espero para ouvir a resposta, me enfio

um pouco mais na pequena multidão até avistar duas ambulâncias atravessadas na avenida. No espaço entre elas, alguns socorristas formam dois pequenos grupos.

A mulher, vítima do acidente, tem sua perna imobilizada. É impossível não estremecer com a visão da fratura exposta fresca. Contudo, o desespero dela perguntando por seu filho, que também está sendo atendido, é o que de fato impressiona.

Mudo meu olhar para a criança no chão...

E paraliso momentaneamente.

Caramba.

Espere.

Aquele ali é...?

Meu vizinho gostoso é socorrista?

Por esta eu não esperava.

Sim, é ele mesmo, compenetrado, cuidando do socorro de um menino de não mais do que sete ou oito anos que está pálido, chorando baixinho, muito assustado.

Max mantém sua atenção completamente

absorta no que está fazendo. Por sua expressão, nada é mais importante neste momento do que cuidar daquela criança.

E eu me pego admirando o cara.

Os olhos claros intensos e concentrados, a mandíbula bem desenhada rigidamente contraída. Droga. Até o uniforme colabora com a visão, agarrando-se aos seus braços de maneira proporcional.

Isto não parece certo. Além de gostoso e aparentemente bom pai... ele tem mesmo que ter um emprego destes?

Oh, sim... E agora a agitação no estômago, que não deveria estar aqui. Que beleza.



Katarina puxa as três canecas de chopp que o proprietário coloca à sua frente.

— Esta é por conta da casa, para a pessoa que está cuidando do meu dinheiro — o cara lhe oferece.

— Tony, seu dinheiro nunca esteve mais seguro — ela envia uma piscadela — Você vai ver:

te darei tanto rendimento que, em breve, estarei até mesmo recebendo passe livre neste bar. E você se perguntará por que não aceitou minha proposta de aplicação antes.

Ele abre um sorriso atraente, meio de lado, por baixo da barba parcialmente grisalha.

Hum... Observando com mais atenção, Tony é bastante interessante. Sua camiseta cinza de manga comprida, puxada até a altura dos cotovelos, revela tatuagens que cobrem os braços, fornecendo uma amostra do lado selvagem do homem na casa dos quarenta. Gosto disso.

Ajeito-me na banquetta no balcão do bar, e jogo meu cabelo meio de lado. Sim, esta é uma maneira um tanto descarada de flertar... Mas é como dizem, use as cartas que tem.

O olhar sério dele vem para mim e Alice, e volta para Katarina.

— Certo. Seu passe começa esta noite. Você e suas amigas estão por minha conta.

— Amém a isto, homem! — Katy vibra, pega uma das canecas e eleva ao ar.

Alice e eu pegamos as nossas e acompanhamos o movimento de saudação.

Sorrindo para ele por baixo da caneca, bebo um pouco do chopp geladinho. Oh, Deus, eu estava precisando de uma noite assim.

— Sintam-se à vontade. Qualquer coisa, podem me chamar — o bonitão se despede com um sorriso discreto, logo depois de ter seu nome solicitado do outro lado do balcão.

— É um lugar legal que ele tem aqui — comento com as meninas.

Um bar, por fora tranquilo, mas por dentro movimentado, ambientado com temática de motoqueiros. Gosto da personalidade do lugar.

— E ele é um gato, não é? — Katy cochicha, sua expressão ligeiramente divertida.

— Sim, é bonito... — Alice afirma sem muita ênfase.

Katarina bate seus ombros nos dela.

— Ah, vamos lá, Ali, você está casada, mas não capada. Sua cunhada não vai contar a Benjamin que você admirou um cara bonito numa noite das

garotas, até é saudável.

— Nadinha. Não contarei nadinha — cruzo dois dedos juntos e os beijo em sinal de promessa.

Alice ri.

— Até porque Gabrielle está mais interessada em descobrir até onde vão aquelas tatuagens no bom corpo de Tony — Katy provoca — Quase pude ouvir o estalo do pescoço nesta sua jogada de cabelo matadora, amiga.

Tenho que gargalhar alto da garota.

— Muito tempo fora de atividade dá nisso — ainda sorrindo, bebo mais do chopp — Estou ficando enferrujada.

— Você ainda vai encontrar um cara bom, Gabi — Alice afirma, confiante.

Assumo minha melhor expressão inocente.

— Ali, é aí que está o problema. Eu acho que sou do tipo que curte mais os caras maus — brinco com o trocadilho, observando Tony e suas tatuagens à distância.

Antes que eu consiga levar novamente o copo à boca, algo me faz parar.

— Estou aprendendo muitas coisas sobre você, vizinha.

Oh, merda.

A voz baixa e provocadora é inconfundível.

Quase pulo da banqueta quando me dou conta de quem está ao meu lado.

— Você...? — digo, sem esconder a surpresa.

E aqui está ele, meu vizinho gostosão, que ainda por cima salva vidas.

Sinto meu rosto corar quando me lembro do que fiz há menos de duas horas atrás, no chuveiro, com a imagem dele naquele uniforme cravada em minha mente.

Sem convite, ele se escora ao meu lado no balcão e faz um sinal com a mão, chamando o tatuado Tony.

O sorriso contido nos seus lábios me mata.

— Já sei que você não é de quem te quer, mas de quem você quer. E agora sei também que você gosta de caras maus — ele entorta o lábio meio de lado, deliberando algo — É interessante.

Por um rápido instante, fico sem o que dizer.

Droga. O homem tem mesmo que ter um rosto tão bonito?

— Não vai nos apresentar seu amigo, Gabi?
— Katy entra na conversa. Se bem a conheço, ela sacou meu embaraço e está se divertindo.

Viro meu olhar para elas, e de volta para ele, e para elas, e encaro a prateleira de bebidas do outro lado do balcão.

— Ele não é meu amigo — afirmo, e pego a caneca para engolir mais da bebida, tentando amenizar a repentina secura na garganta.

Definitivamente não é um amigo.

Este é o cara que quase derrubou minha porta e me chamou de irresponsável por levar sua filha para minha casa (aquela armadorazinha!)... E que entrou na minha lista de fantasias eróticas, com seu uniforme agarrado ao corpo.

O filho da mãe ri. Ignorando minha tentativa de afastá-lo, ele estende a mão para elas, passando o braço em minha frente.

— Sou Max, o vizinho de Gabrielle.

A primeira a pegar na mão dele é Alice, e eu bem sei da chama de esperança se acendendo em sua cabeça romântica, pensando “Este pode ser o homem para Gabi”. Bah!

— Alice — ela se apresenta, educada.

De soslaio, reconheço o brilho em seu rosto e reviro os olhos mentalmente.

— É um prazer, Alice.

Max então estende a mão para Katarina.

— Pode me chamar de Katy — a bandida mal esconde que está adorando a situação.

— É a primeira vez que vocês vêm ao Tony?

— Sim, e estamos adorando o lugar. E você, vem sempre aqui?

Oh, legal. Ele decidiu bater papo e elas vão dar conversa?

O proprietário se aproxima com uma cerveja long neck para Max. Quando posso quase respirar novamente, ciente de que ele já tem o que veio buscar, ele se senta na banquetta ao meu lado.

— Trabalho perto e normalmente encontro alguns colegas aqui depois do turno.

De canto de olho, assisto-o levar a garrafa à boca.

— E o que você faz, Max? — Katy continua no jogo.

Ante a pergunta, não me contenho e olho diretamente para ele, para pegar seus olhos em mim, de uma maneira nada apostólica.

Jogo meu cabelo de lado.

Droga.

Eu acabei de fazer isto mesmo?

Como se captando meu pensamento, ele sorri... imprudente... tão sacanamente atraente.

E então volta a olhar para Katarina, mais sério.

— Sou médico socorrista — gosto da maneira despretensiosa como isto soa saindo da boca dele, sem vaidade ou glória.

Semicerro meus olhos numa análise cuidadosa, à procura dos defeitos de Max, porque as qualidades me parecem bastante evidentes. Alice e Katy se calam por um momento. Provavelmente, minhas amigas estão admirando a figura do homem

PERIGOSAS

tanto quanto eu.

— Katy, esta não é aquela música? — Alice fala de repente.

Só então me dou conta de um cover de "I Can't Get No", dos Rolling Stones, tocando ao fundo.

— O que tem ela? — Katarina olha para Alice, em branco.

— A que você ama dançar — Alice enrubesce com a mentira deslavada.

Quase cuspo a bebida em minha boca, mal acreditando no que ela está tentando fazer.

E as ardilosas se conectam na intenção. Sem maiores explicações, simplesmente pulam de seus lugares e vão em direção a um tipo de pista de dança pequena ao centro do bar.

Sim, as metidas a cupido estão mesmo acreditando que fazem um bom trabalho.

— Então você gosta de caras maus... — Max baixa seu tom de voz para um ruído rouco e tão quente que automaticamente me faz umedecer.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 06

GABRIELLE

“Então você gosta de caras maus”. Esta frase em sua boca não deveria parecer tão boa. Aperto minhas pernas juntas, sentada muito próxima a ele. Se Max soubesse o quanto eu gosto mesmo é da imagem dele naquele uniforme, o seu sorrisinho provocador se alargaria.

Limpo minha garganta.

— Garotas irresponsáveis normalmente gostam, não? — aproveito para alfinetar a maneira como ele me chamou, depois que a filha trapaceirinha dele mentiu para mim dizendo que tinha avisado seu pai sobre estar em minha casa.

Ele se gira em seu banco, ficando de frente para mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Me desculpe por aquilo. Eu estava preocupado. Aquela menina é meu ponto fraco — vejo a honestidade em sua fala.

Aprecio isso nele.

Brinco com a borda da caneca.

— A mulher, no outro dia, é a mãe de Ana?
— entro no assunto.

Noto seu olhar vacilar. Ele pega novamente sua cerveja e sorve uma pequena quantidade, tranquilo.

— Sim, é ela. Mas nós não estávamos falando disso, não é? — o som em sua voz soa como uma música lenta — Diga-me, Gabrielle, então você gosta de caras maus?

Oh, droga.

Eu realmente adoro isso.

— Apenas dos que sabem ser maus, Senhor Médico Socorrista... — provoco.

Ele ri mais abertamente. Noto uma fenda muito estreita, quase imperceptível, de espaçamento entre seus alinhados e belos dentes da frente. Nunca reparei em como isso pode ser sexy.

— Bom, isso não é um problema... — ainda sorrindo, seu olhar passeia vagamente pelo espaço e retorna para mim, intensamente, como se um ímã me conectasse a ele — Eu posso ser mau de vez em quando...

Sufoco uma respiração e pego meu chopp, finalizando a bebida de uma vez. Sinto seu olhar queimando o meu rosto.

Coloco a caneca de volta em cima do balcão (forte demais) e limpo a boca com as costas da mão. Diante deste homem, de repente pareço uma virgem nervosa e sem coordenação nenhuma.

Max acena para Tony com um sinal de “mais um”. O dono do bar logo vem até nós. Ajeito-me na banquetta e jogo meu cabelo de lado, novamente.

Meu vizinho está me deixando muito ligada numa velocidade extraordinária. Isso é um dos efeitos de estar tanto tempo sem sexo. Não que eu não esteja resolvendo meu problema “manualmente”, por assim dizer.

Enquanto assisto a Tony acionar a máquina para encher outra caneca com uma habilidade impressionante, cortando a espuma no ponto exato,
NACIONAIS - ACHERON

o homem ao meu lado mantém seus olhos claros astutamente em mim.

Tony deixa o chopp em minha frente, sustentando um sorriso discreto, e se afasta.

Evitando encarar Max, acompanho o caminho que o proprietário bonito do bar faz até o outro lado, onde um grupo de rapazes lhe espera.

— Se você fizer de novo, talvez ele note...

— Hã...? — viro-me para Max.

Apesar do sorriso, não perco seu leve enrugamento de sobrelanceiras.

— Isto — seu queixo se eleva, apontando para mim — que você faz com o cabelo. Tony é um pouco lento, às vezes...

Reviro meus olhos.

Sua observação quase me faz rir. O cara está me lendo... interessante, hein.

— Bem, obrigada pelo toque, esquentadinho — debocho.

Ele me saúda com sua cerveja e sorve mais um pouco do líquido, olhando-me fixamente por alguns instantes. Em sua expressão, há um misto de

divertimento e intensidade.

— E quanto ao cara almofadinha do outro dia?

Por uma fração de segundo me vejo em branco, sem saber direito do que ele está falando. Rapidamente, o entendimento me clareia.

Guardo um sorriso.

— Lourenço vai gostar do apelido — caiu muito bem.

Percebo um traço de descontentamento passar brevemente em seu rosto.

— Vocês... estão juntos? — o olhar de Max corre outra vez o bar, como se sua pergunta não tivesse nenhuma importância.

Algo fazendo cócegas aqui dentro me faz querer entrar neste jogo.

Bebo um pouco do meu chopp, sem nenhuma pressa, lambo a borda do copo para não deixar a espuma correr livre, e chupo a pontinha do meu dedo, sugando o líquido que o umedeceu.

Sei que sua atenção está completamente em mim, de novo.

Uma excitação que há muito eu não sentia agita meu organismo. Estou adorando o que quer que estejamos fazendo aqui.

Por fim, resolvo responder.

— Ele é um bom cara, mas acho que sou mais o tipo selvagem, se é que me entende — lanço um novo olhar a Tony que, a esta altura, já não me interessa.

Sinto Max diminuindo a distância entre nossas cabeças. Sua boca vem muito perto do meu ouvido, quase o toca, o que rapidamente lança formigamentos indiscretos em lugares muito específicos.

— Você é uma provocadora, não é, Gabrielle? — oh, droga, somente sua respiração quente e a entonação rouca poderiam facilmente me levar muito perto de um orgasmo.

Giro meu rosto alguns poucos graus em direção ao seu. O ar que sai de suas narinas agora toca o canto da minha boca. Inclino um pouco mais perto de seu ouvido e sussurro:

— Você não faz ideia do quanto, Max.

Caramba, este homem tem um bom cheiro!

Choques se alastram por minha pele quando sua mão suave e morna toca o meu joelho.

Enfrento seus olhos, de um tom acinzentado com salpicos negros, e encontro nele a mesma emoção que corre em mim. Estamos nos provocando e excitando na mesma intensidade. Palavras não necessitam serem ditas.

Não consigo me lembrar da última vez que me senti assim.

O ruído de uma garganta sendo limpa corta nosso elo. Viramos os dois para encontrar minhas amigas paradas atrás de nós, observando-nos.

Katarina sustenta um meio sorriso zombeteiro do tipo “Esta é a minha garota” e Alice tem as bochechas vermelhas, provavelmente de dançar, e sorri com encanto em seu modo natural, deixando óbvia sua apreciação pelo que ela acha que está vendo.

Alice limpa a garganta novamente.

— Gabrielle, eu... Eu — ela quer mentir e não sabe como, já conheço a mulher há algum

tempo para ter certeza disto.

Katarina, malandramente, vem em socorro de sua quase irmã.

— Nós temos que ir, Gabi. E Alice não pode te levar de volta porque Benjamin a quer com urgência na casa deles.

Arqueio uma sobrancelha, como que dizendo a elas “Vocês estão me jogando nesta?”.

— Eu a levo — Max oferece, sorrindo sem restrições.

Ele entendeu o que elas estão fazendo e parece se divertir com a situação. Que beleza.

Avalio minhas opções... e até que curto a ideia. Voltar para casa com o bonitão não me fará nada mal.

Fulmino-as com um olhar.

— Ok. Vou pegar uma carona com meu vizinho.

Alice só falta bater palminhas. Droga, alguém deveria ensinar à minha cunhada algo sobre não ser tão evidente.

Com uma pressa que eu não sabia que elas

tinham, as ardilosas se despedem e, num piscar de olhos, somem entre as pessoas.

Olhando-as, penso que Daniel e Benjamin não tinham a menor chance. Imagino que até hoje eles ainda se perguntam sobre o trem que os atingiu com estas duas aí.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Max já tem um sinal para Tony e uma nota sendo colocada sobre o balcão. E quando me dou conta, sua mão está na minha, me ajudando a levantar da banquetta.

— Vamos lá. Hoje vou te levar para casa, Gabrielle — murmura atrevidamente, com explícita segunda intenção.

Bonito, gostoso, médico socorrista, bom pai, cheiroso... e tem senso de humor. Não vou mentir. Eu adoro.

Deixo Max nos guiar para fora do bar, levando-me pela mão. Eu poderia entender isto como uma atitude de marcar território — o que é algo que me repele taxativamente —, mas neste caso aqui, acredito que é mais a pressa para estarmos fora deste lugar de uma vez. Compartilho

NACIONAIS - ACHERON

dela também.

Estou com a libido em seu mais alto estado.

Basta atravessarmos a porta de saída para ter seu corpo me pressionando contra a parede fria, cercando-me. O encaixe é exatamente como gosto. Meu vizinho é cerca de uma cabeça mais alto do que eu.

Sim. Além de tudo, alto.

— Você faz ideia do que quero fazer neste momento, Gabrielle?

Fixo meus olhos nos seus.

— Não tenho um bom poder de adivinhação quando estou nesta posição, esquentadinho — faço referência a nossos corpos unidos.

Ele sorri, como um lobo.

— Você está exatamente onde desejo que esteja. Venho querendo isso há alguns dias, vizinha. Pretendo provar sua boca e saber se seu sabor é tão atrevido quando sua atitude.

Oh, merda. Esta é a coisa mais... mais... quente que já ouvi.

— Alguns dias, hein? — provoco.

Sua cabeça vem se aproximando, vagarosa, sem nunca quebrar nosso contato.

— Sim, desde que eu botei meus olhos em você.

Rá. Este homem sabe o que faz.

Não quero pensar no amanhã e avaliar as consequências dele ser meu vizinho de porta, de que vou encontrá-lo por aí com frequência... e que, provavelmente, vou me arrepender disto.

Estou energizada demais para recuar agora.

Não é como dizem? Arrepender-se do que fez é muito mais proveitoso do que se lamentar por não ter feito.

Pegando o meu rosto entre as mãos, sem hesitar, mas levando seu tempo para fazer o que ambos queremos, Max sela nossas bocas. No começo, num explorar sutil, conhecendo, me excitando. E então sua língua me invade, ao passo que o braço apanha a minha cintura, colando-me contra si, e a outra mão me sustenta pela nuca.

Porra, ele tem pegada.

Max, Max, onde estão os seus defeitos,

moço...

Agarro-me às suas costas largas e firmes e vou em busca de tomar tudo o que ele está me dando.

Quanto mais o sinto, mais quero dele. Sua textura é áspera de um jeito delicioso. A língua experiente se movimenta para me levar a querer mais.

Estou sem fôlego.

Meu vizinho recua, deixando-nos respirar, mas não sem antes provocar a pele do meu pescoço.

— Gostosa como eu imaginei — murmura, olhos conectados aos meus, de um modo quente, muito quente.

Lambo meus lábios.

— Você também não é nada mau, vizinho...

Seu sorriso matreiro de contentamento me faz sorrir também.

E então ele me encara mais sério, com um olhar que me diz o quanto Max é intenso.

— Eu vou te levar pra casa.

Mordo o canto do meu lábio e concordo.

Tomando-me a mão, ele nos leva até sua caminhonete. Como um cavalheiro, tenho a porta sendo aberta para mim. Faço uma reverência com a cabeça para este seu gesto, numa provocação. E outro sorriso malicioso de canto de lábios brota em seu rosto.

— Também posso ser bonzinho de vez em quando, Gabrielle.

— Sim, você pode... — passo por ele, aproveitando para esfregar meu corpo contra o seu no caminho.

Sento-me e o assisto contornar o carro e logo assumir o banco da direção.

No silêncio do interior do veículo, seus olhos estão em mim, profundamente, como um predador. Assusta-me um pouco, talvez por saber da força que há nele e o quanto isso me atrai.

Minha boca se torna mais seca, salivante de necessidade.

Sem palavras, quando me dou conta, já estou montada em seu colo, com as pernas cercando-o de

cada lado no banco.

Minha saia sobe com o movimento, expondo-me. Max agarra minha bunda com vontade, cravando suas mãos. Sinto meu salto alto enroscar no volante, me deixando imobilizada, e a ideia me excita ainda mais.

Nossos beijos são famintos.

Estou muito molhada, posso sentir a renda da calcinha grudando em mim. E me vejo gemendo em sua boca.

Em seu tempo, sem afobação – ou melhor, num tipo de tortura bem arquitetada –, meu vizinho deixa a mão correr livre por minha coxa, caminho acima, espalmado, sentindo a textura da minha pele.

Os dedos sorrateiros encontram e esfregam o tecido fino que nos separa, testando-me.

Um grunhido rouco é sua resposta para o que ele encontra.

— Você é gostosa pra caralho, Gabrielle.

Oh, droga.

Sem interromper o beijo, Max invade minha

calcinha. Maliciosamente entendedor dos caminhos de um corpo feminino, o tenho esfregando o ponto central do meu prazer.

Respiro com dificuldade. O conhecimento do que fazer, com tamanha exatidão, é mais uma qualidade deste homem. Sinto que todo o meu sangue está ali, embaixo de seu dedo. O formigamento familiar já consome minhas panturrilhas, subindo muito rápido, junto com o calorão.

Oh, sim... isso é extraordinário.

Arqueio minhas costas para trás e derramo-me nele, atingida pelo ápice da libertação. Seu toque não para nunca, parecendo querer obter tudo e cada gota.

Retorço-me em sua mão, provavelmente dizendo seu nome, não posso confirmar. E quando não suporto mais meu próprio corpo, derrubo minha cabeça em seu ombro.

Não sei exatamente quanto tempo, se é rápido ou demorado, mas fico ali, enfiada nele, sentindo o cheiro maravilhoso de seu pescoço quente, amparada por seus braços me envolvendo.

Assim que tenho condições de abrir meus olhos...

Meu Deus!

Mas o quê...?

Dou um pulo no lugar com a impressão de que uma criança está sentada no banco de trás, no escuro, nos observando.

Que diabo é isso...?

Estreito meus olhos para identificar uma... uma boneca? Que provavelmente tem o tamanho da filha de Max, numa versão noturna assustadora de olhos arregalados e um tipo de sorriso cheio de dentes muito macabros. Caramba, a boneca se assemelha à Annabelle, daquele filme de terror.

— Quem compra isso pra uma criança? — chio, surpresa até o último cabelo da nuca.

Max segura minha cintura e acende a luz central de dentro do carro, confuso com minha súbita elevação de voz. E então, na claridade, eu posso ver a “Annabelle” numa versão mais adorável. O sorriso fofo e olhar todo meigo.

Eu, hein... que boneca mais maluca.

— Gabrielle, eu te apresento às passageiras de Ana Carolina — ele ri baixo, suave ao dizer o nome da filha.

Só então percebo uma família de bonecas sentadas, enfileiradas como se fossem mesmo passageiras prontas para a viagem.

Aliás, por todo o carro há sinais de que uma menininha o frequenta. Sua cadeirinha cor-de-rosa está acomodada no banco de trás e, no chão, vejo mais bonecas de princesa.

A malandrinha gosta de espaço, não há como negar. Me dou conta de que estou sentada no colo do pai dela, recebendo um belo orgasmo. Isso deveria ser pecado, quero dizer... isso é pecado, não é?

Desajeitadamente, desenrosco meu sapato preso ao volante. Com uma mão apoiada em seu ombro, volto para o meu lugar.

O olhar tranquilo de Max me acompanha.

Ajeito meu cabelo em um coque alto, alinho minha saia e respiro fundo.

— Vamos?

A reação dele é sorrir, ao contrário do que eu esperava, baseada nos babacas com quem já saí, que pensam ser obrigação da mulher retribuir o favor. Max apenas acha graça.

— Sim, senhora...

Até nisto ele fez um bom ponto.



A viagem até nosso prédio é tranquila. E por mais incrível que pareça, conseguimos manter uma boa conversa. Ele me contou superficialmente algumas coisas sobre a rotina de seu trabalho, somente o essencial, nada que o faça parecer pretensioso. Eu disse que trabalho com moda. Nenhum de nós falou nada sobre o passado.

Na garagem, ele desliga o motor e me olha.

— Aqui estamos, vizinha.

— Aham — mordo meu lábio, me coçando para não pular sobre ele novamente — Acho melhor... descermos.

Como se soubesse exatamente o mau pensamento que tenho me mente, seus olhos ganham uma fome pouco mascarada.

A atmosfera densa torna difícil até de respirar.

Assisto-o balançar de leve a cabeça, como se negando algo a si mesmo.

— Sim, eu também acho.

Não espero. Abro minha porta e desço.

Ao entrarmos no elevador, a temperatura se torna ainda mais alta, meu corpo mais quente, minhas mãos mais incontrolláveis.

— Oh, droga... você tem um cheiro tão bom...

Sem mais controle, sou eu a única a pressioná-lo contra a parede de metal e devorar sua boca.

Nem o tilintar do elevador avisando que chegamos ao nosso andar consegue me fazer querer parar. Contudo, chegamos.

Pego minhas chaves na bolsa e caminho lado a lado com ele até a minha porta.

Coloco a chave na fechadura e giro.

— Boa noite, Max — olho-o por cima do ombro.

Sem aviso, ele me coloca de frente a si. Recebo outro beijo, este de tirar o fôlego. O filho da mãe deixa sua boca percorrer meu maxilar e pescoço e despeja mais beijos ali, arranhando-me com seus dentes. Por fim, lambe o local.

Mole em seus braços, abro os olhos para encontrar o divertimento em seu olhar.

— Boa noite, vizinha — fala, como quem diz “Agora sim, boa noite, mulher!”.

Abro a porta, sem tirar os olhos dele, e entro em meu apartamento, mordendo o sorriso, dando-lhe uma última piscadela antes de fechar a porta.

Já dentro, escoro as costas contra a madeira.

Cacete... o que é este sorriso enorme que mal consigo controlar?

Capítulo 07

GABRIELLE

Sim, estou atrasada! Isto realmente é uma droga. Morar sozinha de novo tem me deixado com os eixos confusos. Quando Jasmine vivia aqui, tínhamos uma rotina de tomar café da manhã juntas, depois eu normalmente a deixava no instituto e de lá ia para o trabalho, agora mal sei o que fazer ao acordar.

Já vestida para o trabalho (mas descalça), me apresso em abrir a varanda e regar toda a selva que mantenho aqui. Este é o melhor horário para molhá-las (diz Alice), de acordo com a posição do meu apartamento em relação ao sol da manhã. Sim, há isto também, elas têm essa coisa de hora certa. Que beleza.

NACIONAIS - ACHERON

Abasteço o recipiente e faço o trabalho em cada um dos vasos. Algumas das flores estão abertas, outras em botões. No geral, a visão é até muito bonita.

— O problema é o espaço que vocês tomam, entendem?

Ah, certo.

Você percebe que as coisas estão realmente estranhas quando começa a se justificar com plantas...

Guardo o regador, seco minhas mãos e fecho a varanda.

Na sala, confiro meu cabelo no espelho uma última vez. Subo nos saltos, pego minha bolsa e a pasta com os croquis, um tomate e me mando para fora do apartamento. Isto mesmo, um tomate. Tomate faz muito bem à saúde. Se as pessoas soubessem dos benefícios do licopeno contra o envelhecimento...

Tranco minha porta e, do corredor, vejo a pequena princesa acompanhada da mulher que estava com Max há alguns dias, já dentro do elevador.

— Segure! — peço com um grito baixo.

A senhora coloca a mão na porta, impedindo o fechamento. Apresso meus passos numa corridinha e logo estou dentro.

— Bom dia, obrigada...

Ela devolve um sorriso com simpatia.

Baixo meus olhos para a criança e imediatamente me lembro de seu pai. Mal consegui dormir com a imagem daqueles olhos zombeteiros e intensos brincando em minha mente.

Droga!

Sou uma péssima pessoa cheia de maus pensamentos quando a criança inocente de Max está aqui, diante de mim.

— Bom dia, princesa...? — na dúvida, espero para saber qual é o nome do dia.

— Oi, Gabrielle... — percebo-a mais murcha do que o normal, segurando apertado as alças da mochila em seus ombros.

Como assim nada de “princesa” hoje?

Analiso melhor seu pequeno corpo vestido com um uniforme escolar, num conjunto de

shorts/saia e camisetinha em tons de cinza e amarelo, e volto a encarar seu rosto.

— Você está bem? — me pego perguntando com desconfiança.

Noto sua expressão mudar. Ana me envia um olhar perceptivelmente esperançoso e leva as mãozinhas à barriga.

— Eu tô com dor de barriga, Gabrielle... — seus olhos ligeiros vão para a mulher ao meu lado — Mas tenho que ir para a escola mesmo assim... — e então ela volta a fitar os tênis, de uma maneira que inspiraria piedade.

Altero minha atenção da criança para a mulher. Ela não deixaria a menina ir doente para a escola, deixaria?

A acompanhante de Ana parece entender meus pensamentos e assume uma expressão tranquilizadora, com um discreto chacoalhar de cabeça.

Bem, não duvido que a garotinha esteja mentindo para não ir à escola. Crianças fazem isto, eu acho. E esta aqui parece especialmente mais espertinha.

O que não quer dizer que ela não é convincente.

Toco o alto de seu cabelo e dou um rápido afago.

— Isto vai passar, princesa, eu também tenho dor de barriga às vezes.

Principalmente quando o assunto é ir para LeCher e passar o dia ao lado daquele diretor bastardo.

Mantendo sua cabeça baixa, ouço somente o resmungo da menina.

— É, vai...

Eu e a mulher nos olhamos. Ela sorri sem graça, mas vejo o amor por Ana em seus olhos.

Estendo a mão para ela.

— Meu nome é Gabrielle, a gente nem se falou naquele dia.

Ela aperta minha mão de uma maneira delicada. Seu toque é macio, como o de uma mãe...

— Eu sou Marieta, cuido da Ana desde que ela... era menor.

O hesitar dela me diz claramente que é mais
NACIONAIS - ACHERON

do que quando a Ana era menor.

— Me desculpe por preocupá-la, eu... — desvio brevemente meu olhar para a espertinha — deveria ter te avisado que Ana estava na minha casa.

— Está tudo bem. Ana me contou que você vai costurar um vestido para ela.

A menina começa a levantar a cabeça, prestando atenção em nossa conversa. Hum.

— Ah, sim, eu vou. Hoje mesmo sairei para comprar o tecido e os botões. Eu estava pensando em fazer amarelo. O que você acha, Marieta?

— Amarelo é uma cor muito...

— Eu gosto de vestidos cor-de-rosa, Gabrielle! — a danadinha corta a babá.

Sim, seu ânimo parece estar retornando.

Guardo a vontade de rir.

— Então será cor-de-rosa.

O elevador para na recepção e Marieta pega na mão da menina para desembarcarem.

— Até mais, Gabrielle — a mulher se despede por cima do ombro.

Aceno em despedida.

Quando as portas começam a se fechar, ainda escuto o porteiro do turno da manhã cumprimentando-as.

— Bom dia, menina Branca... — o som abafado logo fica para trás.

Mas nem precisaria ser muito conhecedora de princesas para saber de que Branca estamos falando.

MAXIMILIANO

Assino os formulários de entrada na emergência, enquanto levam o paciente para ser operado. Um AVC nível três. A esposa veio com ele na ambulância e agora está aqui andando de um lado para outro.

— Por todas as rezas dela, acho que o marido não tem com o que se preocupar — Diana sussurra divertida, afastando-se do meu lado.

Diana é quem dirige a ambulância, ela é
NACIONAIS - ACHERON

treinada para auxiliar nos primeiros socorros.

Balanço a cabeça, sorrindo discretamente.

A esposa do cara recitou mesmo todas as orações existentes durante a viagem até aqui. Se isto não contar alguma coisa...

— Max — a voz familiar vem às minhas costas.

Viro-me para encontrar Manu, com as roupas azuis do hospital e o jaleco branco.

— Doutora Emanuelle... — cumprimento.

Ela se aproxima e beija meu rosto.

— O paciente do AVC...?

— Sim, nós o trouxemos.

Manu acena sutilmente para Diana à distância.

— A Ana, como está?

— Mais terrível do que nunca — brinco.

— Ela recebeu o presente?

— A peruca e a roupa? Ah, sim, a pequena recebeu e está dormindo com aquilo.

A obsessão de minha filha por princesas é

preocupante, mas vê-la feliz me impede de dizer qualquer coisa.

— Eu estou com saudade dela, estive pensando em dar uma passada em seu apartamento.

— Você é bem-vinda para o jantar, Manu. A Ana vai gostar.

GABRIELLE

O estômago de Peter não tem fundo. Sempre foi assim. Vê-lo fuçando minha geladeira chega a dar desgosto. Tudo o que posso fazer é sentar e assistir a devastação.

— Fique à vontade — resmungo.

Sua cabeça abandona o interior da geladeira e se inclina para me ver.

— Você precisa fazer compras — mal entendo as palavras em sua boca cheia.

— Sim, eu sei. Amanhã irei ao supermercado. E já que estamos falando disso, você não tem comida em sua casa, querido irmão? —
NACIONAIS - ACHERON

provoco.

Como sempre, Peter ri.

Quando ele finalmente se senta, vejo algo que me faz saltar na cadeira.

— Isto aí é... — seguro o riso e aponto para seu cabelo — Um... um fio de cabelo branco?!

Sim, prateado, em meio ao loiro escuro, um fio completamente branco.

Ele desliza os dedos pelos cabelos, orgulhoso.

— Você não tem ideia de como isso atrai as mulheres...

— Aham, eu imagino — já não contenho a risada.

— É melhor eu ir. Só passei para ver como você está, mas não há nada de comer nesta casa — faz um falso ar de reprovação.

Eu sei que meu irmão veio me conferir, é assim desde que voltei a morar na cidade. Ele e Benjamin são extremamente protetores comigo, e Deus sabe o quanto eu os amo. Não temos mais nossos pais, tudo o que nos restou foi uns aos

outros. Nós nos cuidamos, mesmo que não pareça que estamos fazendo.

— Seu aniversário está se aproximando, você já pensou no que quer ganhar? — ando com ele até a porta.

— Bem, maninha, eu já pensei no que não quero ganhar.

Reviro os olhos, deduzindo o que está por vir.

— Aquelas camisas coloridas que você insiste em dizer que estão em alta. Por favor, me poupe neste ano, ok?

Semicerro meus olhos e o avalio.

— Esta que você está usando, Senhor Galã, se não me falha a memória, fui eu quem comprou. Aceite que meu gosto é melhor do que o seu e siga minhas dicas... — pisco — Vá por mim, eu sei do que as mulheres gostam.

Ele ri alto.

— Não, Gabi, eu sei do que elas gostam, e acredite, não é uma camisa.

Bato em seu ombro.

— Eca. Eu realmente não quero essa imagem

na minha cabeça.

Peter abre a porta, ainda rindo, e me abraça.

— Eu tenho que ir. Te amo.

Devolvo o abraço apertado.

— Eu também te amo, Peter.

Nos afastamos, ele se vira para sair.

Neste momento, vejo algo que não deveria me incomodar, mas faz meu rosto queimar...

Meu vizinho bonitão está chegando, trazendo ao seu lado uma mulher de aspecto razoavelmente bom. A infeliz mantém algum nível de intimidade com ele, pela maneira como ambos estão rindo e a mão dela apoia-se em seu ombro.

No entanto, a alegria dele não dura muito.

Quando nosso olhar se encontra, observo o sorriso morrer em seus lábios e os olhos viajarem de mim para meu irmão.

Legal. Não ficou feliz em me ver, o que provavelmente quer dizer que a mulher ao seu lado é mais do que uma amiga e ele não quer correr o risco de que eu estrague a harmonia do casal.

Eu deveria me apresentar.

“Oi, prazer, eu sou Gabrielle, a mulher em que seu homem deu uns amassos ontem, mas este safado não me disse que tinha alguém, desculpe”.

Seria muito cômico.

Indiferente ao olhar afiado do vizinho, meu irmão passa por eles.

— Senhores... — Peter cumprimenta e segue andando.

Observo as costas dele caminhando para o elevador e volto meus olhos ao casal, para encontrar Max me fitando fixamente.

Lanço um olhar venenoso. Entro, fechando a porta na cara deles.

Cretino.

Tem uma namorada.

É aquele tipo de situação que aflora seu espírito de solidariedade feminina e faz você se sensibilizar pela outra mulher. Eu deveria ir até lá e desmascarar o safado!

Avisei Marieta que Manu estava vindo para o jantar. Assim que a vê, Ana dispara para a mulher tagarelando sem parar, quase não dando espaço para Emanuelle entrar.

O cheiro vindo da cozinha parece muito bom, mas não consigo me concentrar em porra nenhuma. Ainda tenho a cena de alguns segundos atrás atravessada na garganta.

Aquela provocadora está mesmo com o cara, disse que o amava e tudo. Engraçado como não vi este amor todo por ele quando Gabrielle estava montada em meu colo.

Merda.

— Eu... — não deveria fazer isso — Vocês me dão licença? Já volto.

Sem pensar, deixo as mulheres sozinhas, me viro e saio do apartamento.

Não tenho nenhum direito, repito para mim mesmo pelo menos três vezes, mas já é tarde. Estou apertando a campainha dela.

Gabrielle merece saber o que penso dela

fodendo minha mão enquanto mantém um pobre coitado enrolado em seus dedos.

“Eu te amo”, que merda foi aquilo?

Aperto mais uma vez, longamente.

E esfrego meu cabelo.

Vá para casa, Max, esqueça isto.

Tarde demais.

Aqui está ela abrindo a porta.

As bochechas da mulher estão vermelhas e, por sua expressão, ela parece irritada. Nem o sorriso debochado em seu rosto é capaz de esconder isso.

— O que você quer aqui?

Por mais incomodado que eu esteja, mal consigo suportar a vontade de empurrá-la contra a parede e sugar a sua boca.

— Eu... Eu... — não consigo formular uma porra de frase coerente, irritado e atraído.

Os enormes olhos azuis se fixam em mim, me desafiando a falar.

— Volte para sua namorada, Max, e agradeça por eu não ir contar a ela o safado que a coitada

NACIONAIS - ACHERON

tem.

Com esta frase ilógica, ela tenta bater a porta na minha cara.

Eu não permito.

Dominado por uma necessidade que não me lembro de ter sentido antes, me vejo cortando a distância entre nós.

— Mas o que você pensa q...?

— Eu é que deveria te denunciar ao pobre babaca, Gabrielle.

— Não se atreva... — ela murmura, ciente do que vou fazer.

Seu hálito quente e fresco me chama.

Olhando para os lábios vermelhos de batom, não consigo evitar.

Apanho a nuca dela, puxo a mulher para mim e cravo minha boca na sua.

Apesar da falsa resistência, nenhum de nós consegue impedir que nossas línguas entrem em êxtase quando se conectam. Gabrielle se agarra aos meus braços, murmurando gemidos enquanto nos consumimos.

Meu pau se torna rapidamente duro.

Pressiono-a mais forte contra a parede ao lado de sua porta e ela finca suas unhas em minha pele.

E então... para minha completa surpresa, o que vem em seguida é a última coisa que eu imaginava.

— Porra! — silvo com a dor excruciante.

A maluca me deu uma porcaria de joelhada onde mais dói.

— Volte para sua namorada, imbecil. E me toque de novo para ver o que eu faço.

Jesus Cristo! Uma lágrima de dor brota em meus olhos.

— Você é maluca! — chio — E ela não é minha namorada!

— Ah, não é? — o tom irônico é inconfundível.

— Não. Ela é uma... uma amiga.

Sim, hesitei. Não tem maneira de descrever o que Manu e eu fazemos de vez em quando.

— Uhum... — ela resmunga.

Não sei se quero esganá-la ou rir de sua expressão desconfiada.

— Não fui eu que estava declarando meu amor há poucos minutos — lembro-a.

E sua confusão é impagável. O pior é que Gabrielle não me parece ser o tipo de mulher que faz joguinhos. Ou eu me enganei com ela, ou com o que vi.

Espero que seja com o que eu vi.

Pela expressão diabólica a surgir em seu rosto bonito, ela agora entendeu minha dúvida sobre o sujeito... e vou morrer sem resposta.

— Volte para sua “amiga”, esquentadinho. A gente se vê por aí.

Não gosto nada do sorriso que agora assumiu seus lábios.

— Gabrielle... — antes dela fechar a porta de novo, eu a paro — Venha jantar em minha casa com a gente.

Porcaria.

De onde saiu isso?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 08

GABRIELLE

“Venha jantar em minha casa”. É sério? Com a amiga dele? Pois sim, o cara realmente me surpreendeu.

Reconheço uma mulher interessada em um homem a quilômetros de distância. E, pelo pouco que vi da intimidade como estavam de sorrisinhos, o interesse dela não parece ser nenhum segredo para Max.

Não que eu me importe, longe disso.

Fato é que empatar o caminho de outra pessoa nunca foi meu objetivo de vida, e obviamente não será agora. Mas me espanta muito saber que o cara não se incomoda em colocar duas mulheres neste tipo de situação.

NACIONAIS - ACHERON

— Olhe, Max, honestamente, eu poderia te aconselhar a pegar este convite e... — não consigo terminar a frase diante do movimento de sua sobrancelha direita se elevando, em clara advertência.

Mordo a língua e emito um ruído de desgosto.

Que beleza, Gabrielle. O cara beija muito bem, é bonitão e tem uma mistura de seriedade com descontração que tanto me atrai num homem.

Percebendo que acatei o aviso, um sorriso satisfeito começa a surgir no canto de seus lábios. Cruzo meus braços em frente ao peito, odiando ter lhe dado este ponto. No instante seguinte, seus olhos se estreitam, me avaliando como se estivesse me enxergando pela primeira vez.

Não gosto nada do que quer que esteja passando em sua cabeça.

— Bem, vizinha, se nos conhecêssemos melhor, eu poderia pensar que você está com ciúmes...

Quase engasgo com a saliva. Minha reação é rir. Alto.

— Essa foi engraçada. Então você acha mesmo que uns beijinhos dados dentro de um carro me fariam tão caidinha a ponto de sentir ciúmes? — deixo meus olhos medirem seu corpo a partir dos pés até os espessos cabelos desgrenhados (por mim). A visão é muito boa, por sinal, mas ele não precisa saber que aprecio — Max, Max, por favor, nos poupe deste constrangimento, sim? Boa noite.

Calmamente, começo a fechar a porta. Sou impedida por sua mão apoiada contra a madeira. Outra vez.

— Estou falando sério, Gabrielle. Venha para o jantar. Você é minha convidada.

O som profundo de sua fala e a intensidade na maneira como ele me encara parece criar reboliços no estômago. Eu devo estar mesmo em uma carência das brabas.

Quer saber? Não gosto da velocidade com que isto me afeta.

Suspiro, longamente, e o encaro de frente.

— Veja... não tem jeito fácil de dizer isto, Max. Nós demos uns amassos, foi até bom, mas aquilo foi tudo o que teremos. Eu não costumo

NACIONAIS - ACHERON

repetir, muito menos com alguém que mora na porta em frente à minha.

Pelo brilho selvagem em seus olhos, cutuquei o tigre com vara curta.

— Uns amassos, hein... — curvando-se para mais perto, sua voz assume um ritmo lentamente baixo, sedutor, como uma música gostosa.

Droga. Minha pele chega a se arrepiar com a proximidade.

— Se eu bem me lembro, ter você montada em mim, dizendo meu nome enquanto minha mão te dava um... você sabe... — ele não conclui, e nem é necessário — Me parece mais do que “uns amassos”, não acha, Gabrielle?

Discretamente, cruzo minhas pernas, controlando a sensação latente que se manifesta num lugar muito específico.

Agora é Max que deixa os olhos vagarem por meu corpo, conhecedor da reação que está causando.

— Convencido... — bufo, despistando a energia.

— Provocadora... — em seus lábios, até isso parece mau de um jeito muito bom.

Reviro meus olhos.

— Vá jantar com sua amiga, esquentadinho. Eu tenho trabalho a fazer — e não estou mentindo, em tudo.

Enruga os lábios de lado.

— Tudo bem, Gabrielle... O que me resta é te dar boa noite do jeito certo.

E antes que eu consiga tomar novo fôlego, aqui está sua boca macia me consumindo.

O pior é que é tão bom...

Nem perco tempo tentando fingir que não quero. Este, com certeza, será o último beijo.

Exatamente, nada de mais beijos no vizinho.

E quer saber? Eu posso aproveitar um pouquinho a saideira, por que não? Relaxo em seus braços e mando ver.

Sinto suas mãos descerem, apalpando meu corpo, estabelecendo-se em minha bunda, sobre o jeans, pressionando-me contra o volume espetacular em sua virilha.

Chega a faltar ar.

Reconhecendo o efeito que causa, Max separa nossos lábios e me enlaça com um braço em minha cintura. Apoio-me num tipo de abraço em seus ombros largos, amando o cheiro fresco de sua pele. Ele se inclina para meu pescoço, sorvendo, beijando, mordiscando a pele, provocante.

Fecho os olhos.

Seu braço me apoiando é a única coisa que me mantém firme no chão.

Debruço meu pescoço para o lado, dando-lhe livre acesso. Quando estou prestes a acreditar que mais disto virá, ele enfim nos separa — plantando uma última mordida na curva do meu pescoço — e se afasta parcialmente, embora ainda nos toquemos.

Abro os olhos, enevoada, e o encaro.

Espera aí!

Isto em sua mão é o meu...?

— Você pegou meu celular?! — acuso, vendo meu aparelho, que até então estava no meu bolso traseiro, lindamente em sua mão.

— Disquei para o meu número e agora temos

o contato um do outro.

— Seu... seu... aproveitador!

— Eu teria pedido de qualquer modo, mas achei melhor não atrapalhar o clima.

Grande método de distração.

Sorrindo, ele me estende o aparelho. Pego de volta num jeito um tanto rude. Sem mais, Max lança uma última piscadela e sai andando de volta ao seu apartamento, muito satisfeito consigo mesmo.

Nem sei o que pensar.

Fecho minha porta e me escoro contra ela, suspirando feito uma adolescente ridícula.

O cara é muito bom, no sentido físico, tem um ótimo beijo, mas certamente é uma encrenca sem tamanho. Eu deveria seriamente evitá-lo. Em meu interior, sinto que Max tem grandes possibilidades de se infiltrar em meu coração e não estou procurando por isto...

Não mais.

Eu já estive lá e sei o quanto você pode simplesmente parar a sua vida para viver a de um

PERIGOSAS

outro alguém.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 09

MAXIMILIANO

Estou na sala de descanso do batalhão, num rápido intervalo em meio ao plantão que começou no início da madrugada, quando ouço o som inconfundível da chamada no aparelho celular.

♪ “*Você quer brincar na neve? Um boneco quer fazer...*” ♪

Obviamente, este é o toque personalizado que Ana Carolina escolheu.

Diana, minha colega — que também está em uma pausa depois de atendermos a duas ocorrências — sufoca uma risada. Dou a ela um olhar do tipo “É o que um pai faz pela felicidade de sua filha”.

Caminho para próximo da pequena janela de

persianas. O dia lá fora já clareou e a cidade começa a se agitar. Pelo que vimos até agora, teremos um longo turno.

Deslizo o dedo na tela.

— Oi, filha...

— Oi, papai... — o tom é um tanto desanimado para um início de manhã.

Atinge diretamente meu peito.

— Dormiu bem?

— Aham... Hum, papai... — quando a pequena titubeia assim, logo me preparo para o que virá — Será que eu posso ficar em casa hoje?

Eu já imaginava isso, o pedido está se tornando corriqueiro. Minha filha não se adaptou à nova escola, e, honestamente, eu não vejo a hora desta fase passar. A psicóloga dela disse que não devo ceder, que crianças precisam de tempo para se habituar. No final, é para o bem da Ana. Tudo para o bem dela.

A merda é que me dói ter de negar algo à pequena.

Inspiro pausadamente.

— Por que, Ana?

— Hum... é que... é... — quase posso visualizar sua expressão pensativa — Eu estou com muita dor no meu dente — a última parte é a desculpa rápida que sua cabecinha acabou de processar.

No dente de leite, não é?

Rir nestes casos não é aconselhado, eu sei. Então me mantenho muito compenetrado e, infelizmente, tenho de apelar.

— Tudo bem, filha... Vou pedir à Mari para te levar ao dentista.

O silêncio repentino me deixa ciente de que ela acabou de se lembrar de como é estar em uma cadeira de dentista. E não é exatamente o passeio favorito de Ana.

Espero paciente por sua deliberação.

Escuto a voz de Mari atrás dela dizendo que estão atrasadas, e logo um suspiro derrotado vem da menina.

— Tudo bem, eu vou para a escola, papai.

Com a chamada finalizada, fico observando

sua foto na tela do aparelho. É só uma fase, vai passar, mentalizo. Os músculos da minha face estão tensos pelo tom na voz da pequena.

Ela deveria ter uma figura feminina ao seu lado, mas Francine não foi feita para ser mãe. A mulher repetiu isso tantas vezes... Hoje, finalmente, aceitei que não há verdade maior. Eu sofri muito querendo mudá-la, querendo extrair da pessoa com quem me casei um pouco de maturidade por trás de todo o egoísmo. Inferno, eu estava cego e demorei muito para desistir. Precisou minha filha ser atingida.

Estou me esforçando para ser tudo o que a criança precisa...deseja... O problema é que nem sempre consigo.

— Ela está bem?

Sento-me no banco e encaro minha colega.

— Eu não sei...

GABRIELLE

NACIONAIS - ACHERON

— Você vai me deixar ir ver? — Mau para de jogar indiretas e parte para o pedido, sem rodeios desta vez, depois de permanecer pela última hora à minha volta como uma abelha no doce.

Enquanto embalo as peças em folhas de seda e as coloco dentro das caixas, ele apoia as mãos sobre a bancada de costura, o tronco inclinado para frente, atento.

Recolho meus materiais e vou guardando um a um na bolsa.

— Isso é só uma desculpa para eu te levar à minha casa, não é?

— Também! — ele vibra, exagerado, batendo palminhas.

— E tem jeito de negar algo, com você aí me cercando?

O que Mauro não tem de cabelo em sua cabeça tem de persuasão... Acho que estou gostando um pouquinho mais dele a cada dia. Seu jeito honesto, no final das contas, me agrada. Gosto de saber que posso confiar nele. Este mercado é tão maluco que você tem muita sorte se encontrar alguém verdadeiro.

Estive trabalhando, nos momentos de folga, nas duas peças que estou criando para a pestinha, e hoje as trouxe ao estúdio para fazer os acabamentos em algumas das máquinas daqui. Evidente, não consegui driblar a curiosidade de meu assistente. “Vestidos de criança? Isto é uma novidade”, ele disse, e tem razão: eu nunca tinha feito nada como isto, precisei de algumas pesquisas.

Espero que ela goste.

E que o bom Deus me afaste dos pecados. Passei as últimas duas noites cobiçando seu pai em pensamentos, desde que o vi pela última vez, naquele tipo de ataque/amasso que recebi na porta de casa.

A ideia de ter o número dele em meu celular não ajudou em nada...



— Espere aqui, eu vou lá chamar a menina
— instalo Mau no meu apartamento, depois de mostrar um pouco do lugar e assistir à sua reação ao ver minha coleção de flores espalhadas pela casa
— E não mexa em nada, sim?

— Prometo, minha rainha! Vá buscar nossa modelo.

Mal sabe ele que esta parte me faz suar frio.



Diante da porta do apartamento dele, ensaio uma batida, mas fico na dúvida entre bater e apertar a campainha. O cheiro que vem lá de dentro é espetacular... e vagamente familiar. Em vez de fazer uma coisa ou outra, inspiro todo o aroma, tentando me lembrar de onde eu o conheço... Parece tão gostoso, como um tipo bom de doce; não sei bem o que é, mas me faz salivar.

Foco, Gabrielle.

Aperto a campainha.

Avalio minha roupa, aliso uma ruga quase invisível da saia, ajeito alguns fios soltos de cabelo de volta no coque e aguardo. Que beleza. Tenho mesmo de estar tão ansiosa? É sério?

Não demora e percebo a maçaneta se movimentando.

E voilà.

A menina de meio metro de altura atende à

porta como gente grande. Em seu corpo, um vestido rodado lilás com detalhes brancos, cobrindo até a altura da canela. Seu estilo é de uma miniprincesa, não há dúvidas.

— Gabrielle! — a forma como meu nome soa entusiasmado em seus lábios me toca de uma maneira diferente do que estou acostumada.

É um tipo novo de satisfação.

— Oi... — deixo aberta a possibilidade dela me dizer como devo chamá-la hoje.

Sendo sincera, eu estou começando a achar isso de “nome do dia” algo meio fofo. Um leigo em princesas e coisas deste universo nem se dá conta de que está sendo enganado. Eu me pergunto se a espertinha ri disso depois.

Ao perceber que estou aguardando seu pronunciamento, um lampejo de cogitação atravessa seu rosto. O mais engraçado é a sua rápida olhada para trás... talvez buscando inspiração no som que parece vir da televisão, uma melodiazinha infantil, num volume não tão baixo:

♪ *“Você tem aqui no fundo conforto até demais. É tão belo o nosso mundo, o que é que*
NACIONAIS - ACHERON

você quer mais” ♪

Mas sei que ela desiste de mentir no momento em que seus olhinhos se voltam para mim.

— Você fez meu vestido, Gabrielle?

Sua objetividade é impressionante.

Disfarço a vontade de rir.

— Sim, Ana. Eu fiz e é por isto que estou aqui. Vim te convidar para ir à minha casa. Preciso que você prove.

Os olhos brilhantes aumentam de tamanho numa velocidade extraordinária. Sem pestanejar, ela dá um passo à frente, preparando-se para sair e me acompanhar.

Aham.

Totalmente independente.

Eu gosto disso, sou assim também. Se ela fosse adulta, seríamos iguaizinhas... O problema é justamente este.

Inclino-me à sua altura para olhar o rosto de frente.

— Mocinha, primeiro vá lá e avise Marieta,
NACIONAIS - ACHERON

sim?

Os lábios se enrugam de lado, à imagem e semelhança do pai dela há duas noites. O suspiro teatral quase me comove. Será que alguém cai nessa?

— Tá bom... — se alonga nas palavras, contrariada de um jeito fofo.

Toco a pontinha de seu nariz, satisfeita.

Não demora, ela volta com Marieta às suas costas, secando as mãos em um pano. O cheiro de baunilha é ainda mais presente. Quando me vê, a mulher sorri, parecendo aliviada por eu estar mesmo aqui.

— Oi, Marieta... Vim perguntar se posso levar a Ana lá em casa por uns minutinhos, para provar os vestidos que fiz.

Ao ouvir a palavra no plural, a menina praticamente salta no lugar.

— Você fez um monte de vestidos, Gabrielle?

Tiro brevemente meus olhos da babá e encaro a criança.

— Na verdade, eu fiz dois, princesa.

— Puxa vida! — vibra.

Marieta ri.

— Pode sim, Gabrielle, ela falou sobre isso a semana inteira.

Sorrio para Marieta. A esta altura, Ana passou por mim e já está no corredor.

— Não vamos demorar, Mari, obrigada... Posso te chamar assim, né?

— Claro — seu olhar me parece coberto com algo semelhante à gratidão.

Antes de me virar completamente e voltar com a menina para o meu apartamento, vacilo e me volto para Mari.

— Isto aí que você está fazendo é creme de baunilha?

A mulher se abre mais, feliz por meu interesse.

— Estou fazendo profiteroles e vou recheá-los com o creme, você gosta?

Desta vez, sou eu quem quer emitir um “puxa vida!”.

— Se eu gosto? Eu amo.

Em se tratando de comida, não há orgulho em reconhecer.

— Pois eu vou separar alguns para você, Gabrielle.

Por muito pouco não a puxo para um beijo.



Minha sala se parece com um QG depois da guerra. Por um lado está Mau palpitando em tudo, e crente que o nome de Ana é Ariel. Ela se apresentou a ele como Princesa Ariel. Ele achou que já tem intimidade suficiente e cortou a parte do “princesa”.

Tenho a criança diante de mim, provando empolgadíssima a segunda peça.

— Não se mexa, princesa, este é o último — resmungo, com alguns alfinetes presos entre os dentes.

— Ai! — ela geme de dor no momento em que atravesso um deles pela lateral de sua cintura.

Congelo, deixando cair todos os alfinetes de minha boca, e subo rapidamente meus olhos para

seu rosto.

— Eu te machuquei, Ana?

Passa um instante (que parece eterno) sem que ela diga nada.

— Peguei você! — o gritinho é seguido de uma gargalhada alta e tão viva que ecoa pela sala.

Afasto meu tronco alguns centímetros para trás, para observá-la melhor, hipnotizada.

O som é uma das coisas mais gostosas que já ouvi. Algo místico. Não sei se rio junto ou se admiro. A escolha vem involuntariamente de algum lugar profundo dentro de mim, e me pego rindo alto junto com ela. Rindo de verdade.

Como uma boba.

Deus do céu. Que poder esta menina tem que consegue me fazer feliz só por ouvi-la rir?

— Minha nossa, Gabrielle, você nunca me disse que tinha um vizinho tão... — a voz admirada de Mauro corta nosso momento.

Com lágrimas nos olhos, viro-me para ele e me deparo com Max, apoiado contra a parede de entrada. Uma das mãos descansada no bolso da

calça, a outra segurando um prato coberto com folhas de guardanapo. Subindo um pouquinho mais a visão, encontro seu rosto... sustentando uma expressão impossível de ser desvendada.

Sinto seus olhos como labaredas, queimando vagorosamente sobre mim.

Meu sorriso morre e outra coisa muito mais forte toma seu lugar.

Capítulo 10

MAXIMILIANO

Cerro a mandíbula diante da cena. Honestamente, mal consigo me lembrar de como respirar, atingido por uma violenta sensação em vê-las assim. Tudo o que faço é permanecer imóvel, observando, fascinado.

"Minha nossa, você nunca me disse que tinha um vizinho tão..." o sujeito em sua casa interrompe o momento, dando ênfase exagerada à minha presença, e me pego detestando a interferência. Eu poderia apenas assistir às duas rindo deste jeito por horas... Oh, merda, o que estou dizendo?

Ao me notar, o sorriso de Gabrielle morre lentamente. E me vejo rígido enquanto ela limpa o canto dos olhos (lágrimas provavelmente
NACIONAIS - ACHERON

provocadas pelo riso).

— Max — meu nome é sibilado em seus lábios, desprevenida.

Inferno, quando você pensa que a mulher não pode ser mais atraente, ela te surpreende.

Limpo a garganta e aceno com a cabeça, sutil.

Lembro-me então do prato pesando em minha mão. Cheguei em casa a tempo de pegar Marieta embalando os doces como cortesia à vizinha. Não consegui perder a boa desculpa para vê-la novamente. Se eu for sincero, este par de olhos azuis e boca carnuda estão perturbando meus pensamentos nos últimos dias. Há muito tempo eu não me via pensando tanto em alguém...

— Eu trouxe... doces — digo, com a voz abafada, rouca, traindo minha vontade de parecer imune.

Noto, pela maneira como ela limpa as mãos na saia, que Gabrielle foi pega de surpresa por minha presença. Mais do que isto, é como se a guarda confiante que sempre exhibe quando estou por perto estivesse baixada e este aqui fosse seu

NACIONAIS - ACHERON

lado real. Porra, ainda mais linda sem toda aquela pose de mulher segura disposta a esmagar seu peito sob o salto fino do sapato.

— Papai! — Ana grita, pronta para vir até mim.

A mulher se gira para a criança na velocidade da luz.

— Não, não, senhorita — ela intercepta a intenção de minha filha — Espere um pouquinho. Deixe-me tirar isto de você, primeiro. Não queremos que a peça que você me pregou seja pra valer, não é?

O tom é um tipo afetuoso de autoridade. Falando deste jeito, até eu a obedeceria. Inapropriadamente, me pego imaginando se ela tem este perfil mandão enquanto fode. Maldição, uma ereção agora é tudo o que eu menos preciso.

— Você vai colocar botões brilhantes, Gabrielle? — a pequena acompanha com total atenção os movimentos da mulher tirando seu vestido.

Não escuto a resposta que Gabrielle dá ao seu pedido, mas, seja lá o que for, faz minha filha rir,
NACIONAIS - ACHERON

animada.

Um estalo de língua vindo do sujeito em pé na sala me lembra de sua presença. O jeito espertamente conhecedor como ele olha de mim para as meninas, inferno, me ruboriza. Com um elevar de sobrancelha e um sorrisinho, sua expressão sustenta algo como: “Eu sei o que você está pensando”.

— Afinal, quem é você? — rosno baixo, para que elas não me ouçam.

Ele cruza os braços, elevando o queixo orgulhosamente.

— Sou Mau... Mauro. O assistente da Gabrielle.

— Hum — resmungo, sem nenhuma vontade de bater papo com ele, principalmente com esta sua expressão sacana de quem me pegou no pulo.

E o tal Mau me olha como se eu devesse a mesma cortesia.

— Sou Max... o vizinho — mastigo a apresentação.

— Uhum... — seu olhar cai por mim

descaradamente — Prazer, Max, “O vizinho”.

Bufo.

GABRIELLE

Um repentino comichão se instaurou em Mauro para ir embora. Antes mesmo que eu pudesse terminar de retirar o vestido com as marcações da menina, ele já estava no meu ouvido, sem nenhuma vergonha, mentindo que se lembrou de um compromisso de última hora. Como se eu fosse alguma tola e não percebesse suas intenções.

Antes de sair, ele estende a mão para a criança num comprimento de “toca aqui”.

— Te vejo por aí, Ariel.

— Tchau, Mau... — a inocente menina não se desmente nem na despedida.

Levo-o até a porta, me segurando para não enfiar uma agulha nas suas costelas.

— Aproveite as companhias, rainha... — ele murmura com uma risadinha cúmplice.

NACIONAIS - ACHERON

Reviro meus olhos. É bom saber que Mau me deixa na mão quando mais preciso.

— Da próxima vez, lembre-me que você é deste tipo de pessoa... — ironizo, baixinho.

Mauro solta um beijo no ar e vai embora, me deixando sozinha com minhas visitas... Respiro fundo e me viro de volta para a sala. Max está na mesma posição. Pelo sorriso de canto de lábios fica claro que ele ouviu o que acabei de dizer.

— Medo de ficar sozinha comigo, vizinha? — o tom provocativamente rouco faz minha pele vibrar.

Olho de relance para Ana, que está perdida no meio de todo o tecido que ela mesma bagunçou assim que chegou aqui, e me aproximo um pouco mais dele.

— Meu único medo, bonitão, é de você ter trazido somente um pouco disto — pego o prato de sua mão, sorrindo sem me abalar, apesar da estranha agitação em meu estômago.

Estamos no meu território, Max.

Seus olhos me prendem com uma intensidade

excitante pra caramba.

Por alguns segundos, permanecemos apenas nos encarando. Seu cheiro limpo, acrescido do aroma de alguma colônia amadeirada, quase me faz gemer de tão bom.

— Você cheira bem — penso em voz alta.

E não me envergonho: me sinto estranhamente confortável quando ele está por perto, nem sei ao certo se isto é bom.

Talvez seja melhor não saber, afinal.

Quebro nosso contato visual, pronta para levar o prato à cozinha. Antes que eu possa sequer inclinar o corpo para longe, o homem tem meu pulso preso em sua mão, me mantendo no lugar.

— Tenho pensado muito em você — leio as palavras sussurradas em seus lábios, como labaredas me abrasando. Seu dedo polegar alisa meu pulso, no exato ponto em cima da pulsação, numa carícia boa, íntima.

Engulo a pouca saliva.

— Eu também... — confesso.

Oh, mas que droga!

Mordo a língua tão rápido quanto posso, entretanto, já é tarde. A satisfação que vejo refletida em sua íris me impede de ter qualquer arrependimento. Com um puxão mais determinado em meu pulso, ele me obriga a dar um passo à frente, encostando meu corpo contra o dele. Meus seios praticamente tocam seu peito. Sinto o calor de sua respiração acariciando meu rosto, e não consigo evitar uma ofegada mais fraca.

Nenhum de nós diz nada por um longo momento, no entanto, baseada na densa atmosfera, palavras são desnecessárias. Estamos mutuamente atraídos. Não afetivamente! Não isso. É mais como um tipo de energia sexual avassaladora, que eriça minha pele, criando calor e umidade na mesma proporção.

— É tão macio, eu adoro... — a fala distante de Ana nos lembra de que não estamos sós.

Ao mesmo tempo, nos viramos para a menina que está no centro da sala com uma peça de cetim maior do que ela. Ana alisa o tecido contra seu rosto, completamente absorta em seu próprio mundo.

Suspiro pela fofura da cena, e também pela tensão entre nós.

— É... eu acho que ela gosta... — brinco, conseguindo enfim um pretexto racional para recuar.

Ele solta meu pulso devagar, prolongando o momento. A falta de seu toque é rapidamente sentida, não nego.

Limpo minha garganta.

— Você viu o que a Mari mandou pra gente, Ana?

Saindo de seu transe com piscadinhas, ela volta a nos notar. Sinto que a danadinha capta alguma coisa no ar. Seus olhos espertos correm de seu pai para mim, de repente aumentando de tamanho, como se algo estalasse em sua mente.

O ar foge de meus pulmões.

Não sei bem o que pensar ou como interpretar sua reação. Será que ela percebeu que estou seriamente cobiçando seu pai? Que tipo de pessoa eu sou? A criança inocente confiou em mim e aqui estou eu, cheia de pensamentos libidinosos.

Petrificada, penso em abrir a boca e me explicar para o que quer que ela esteja pensando, porém, para meu completo alívio, timidamente, Luz sorri.

— Nós vamos comer aqui, Gabrielle? — ela solta o tecido no chão, prontinha.

O fato de saber que a menina quer estender seu tempo em minha casa me permite sugar uma longa respiração.

— Só se você quiser... — dou de ombros, indo para a cozinha.

No caminho, de costas para eles, fecho os olhos, tentando recobrar um pouco do juízo.

Senhores pensamentos incoerentes, fiquem aí quietinhos que mais tarde a gente se reúne.



Sentada na cadeira, com seus pés flutuando no ar, Ana me ajuda a devorar os deliciosos profiteroles. O doce me lembra muito a minha mãe. Acho que Benjamin e Peter têm a mesma lembrança... Deus, eu sinto tanta falta dos meus pais.

Afasto qualquer pensamento e tento me concentrar em Ana.

Max observa meus movimentos atentamente, e quanto mais ele faz isto, mais me pego interagindo com as tagarelices da menina, em busca de distração. O homem me mantém ligada demais, não é bom. Preciso manter a cabeça em ordem.

— Sim, a que vem com um carro cor-de-rosa parece legal — concordo com a opinião da menina sobre alguma nova boneca em lançamento.

— Eu queria muito... mas meu papai acha melhor não... — sinto que a pequena armadora está me usando para jogar indiretas ao pai, com esse ar piedoso.

Lanço um olhar malicioso para Max.

— Bem, talvez se você pedir com jeitinho, seu pai poderia...

Recebo uma expressão de retaliação. Não resisto: pisco pra ele, rindo.

E o desgraçado me encara com um maldito olhar quente dos diabos, do tipo cheio de ameaças quentes e molhadas. Oh, maldição. Enfio um doce

inteiro na boca para não pensar no quanto eu quero cada uma delas.

— Você gosta de bebezinhos, Gabrielle? —
alheia a seu pai, Ana solta esta, sem nenhuma
restrição, tampouco conexão com o assunto
anterior.

O quê?!

Se eu gos...?

Engasgo com a massa do profiterole presa no
meio do caminho. Preciso tossir. Alto. Acho que
vou morrer com a coisa parada na garganta.

De onde foi que veio isso?!

Max se levanta e vem ao meu socorro,
batendo de leve nas minhas costas.

— Deixe a Gabrielle comer, Ana — o tom de
diversão em sua voz é irritante — Depois a gente
pergunta sua opinião sobre bebês.

Miserável.

MAXIMILIANO

NACIONAIS - ACHERON

Ana ficou o quanto pôde no apartamento de Gabrielle, vi sua luta para resistir ao sono. Acho que no fundo compartilhamos da mesma vontade: a de ficar mais um pouco. Com minha filha dormindo em meus braços, paro diante da mulher, segurando a porta aberta.

Passamos a última hora conversando tão levemente que nem me dei conta do horário. Aos poucos, estou conhecendo um pouco mais dela, gostando muito do que descubro.

— Bem, eu tenho que colocar esta matraca na cama — brinco, baixinho, encarando seu rosto lindo pra caralho.

Com os dentes cravados nos lábios e um sorriso controlado, ela assente. Não consigo deixar de olhar pra sua boca nem por um instante. É muito mau querer beijar a mulher desta maneira?

Respiro, sufocado.

— Acho que vou indo...

— É... acho que sim...

Com a mão livre, não resisto, deixo meu

polegar deslizar por seus lábios vagorosamente. A temperatura e textura me fazem engolir em seco.

— Tchau, vizinha... — murmuro.

Encaro-a por mais um segundo. Contra minha vontade, me afasto. Seu suspiro profundo denuncia que estamos na mesma vibração.

Ando para fora.

— Max... — ela chama quando já estou de costas.

Olho-a por cima do ombro.

— Volte mais tarde, se quiser... — em sua fala, sinto hesitação e, sem dúvidas, a mesma necessidade correndo em minhas veias.

Mantenho-a presa pelo olhar até ter certeza de que é uma decisão consciente. Não haverá volta.

Capítulo 11

GABRIELLE

Onde eu estava com a cabeça? Chamei mesmo meu vizinho para vir à minha casa? Oh, sim, com toda certeza eu fiz... Para piorar, não consigo me sentir penalizada. Estou mais para muito ansiosa. Também, como poderia ser diferente? Passei a última hora praticamente babando por seus sorrisos e olhares quentes. Max provocou isso em mim, a culpa é toda dele.

Sou uma mulher adulta, livre e bem resolvida. Se eu quero e não há nada que me impeça, por que não?

E ainda assim, me sinto como uma garota de quinze anos, pronta para um encontro, as mãos suando, o coração acelerado, cheia de expectativa e

NACIONAIS - ACHERON

medo – há a possibilidade dele mudar de ideia e não vir.

Olho-me no espelho da sala e ajeito meu cabelo. Solto o coque e penteio com os dedos mesmo, jogando os fios de lado. Aliso minha roupa. Tiro ou não os saltos? Não. Confiro minha casa, tudo parcialmente em ordem – depois da passagem do furacão Ana Carolina. Lembro-me do vinho na geladeira e corro até a cozinha. Só tenho tempo de colocá-lo sobre o balcão antes de a campainha tocar.

Ele veio...

Tomando pelo menos cinco respirações profundas, me preparo para abrir a porta. De repente, me sinto tímida para enfrentá-lo, mas faço. Abro, e antes mesmo da imagem dele, seu cheiro fresco já se embrenha por minhas narinas.

Subo meus olhos vagorosamente por sua camiseta branca (criando coragem, a bem da verdade), e finalmente olho em seu rosto.

Deus do céu.

— Max...

— Gabrielle — o som de sua voz é baixo, profundo, e levemente como um aviso.

Engulo com dificuldade e aperto a porta em minha mão.

Não consigo fazer outra coisa senão encará-lo por um longo momento, absorvendo toda a intensidade da atmosfera densa que nos envolve. Max está sério, sua mandíbula perfeitamente desenhada parece contraída, e os olhos me queimam com uma chama preguiçosa.

— Você vai me convidar para entrar?

Expiro, como uma tola.

— Eu já te fiz este convite há alguns minutos — lembro, mostrando que minhas intenções são exatamente o que parecem.

Eu o quero.

Sem quebrar o elo que nos liga, me afasto um pouco para o lado, dando acesso à minha casa. Ele se move somente o bastante para entrar, e, ainda da porta, para à minha frente, praticamente me encobrendo com sua altura e formato.

— Eu espero que você saiba o que está

fazendo... — a advertência inconfundível eriça todos os pelinhos da minha nuca.

— Eu sei, Max. Somos adultos e teremos uma noite casual — apesar da maneira calma, meu corpo inteiro reverbera em antecipação.

Sua narina se dilata e os olhos escurecem.

— Uma noite casual... — ele repete, parecendo testar o som da frase.

Umedeço meus lábios secos. Seu olhar acompanha.

— Acho que podemos ter isso — dá a sentença, rouco, com um rasgado de lábios, quase um sorriso.

Balanço a cabeça, em acordo. Novamente, aqui está a sensação de inquietação no estômago.

Sem tirar seus olhos de mim, Max espalma a mão na porta e a fecha. Respirando pesadamente, ele dá um passo à frente.

— Gabrielle, Gabrielle...

Instintivamente, dou um passo atrás. E encontro a parede às minhas costas, no estreito hall de entrada de meu apartamento. Não há para onde

correr... e eu nem quero.

Encobrimo-me com seu corpo, meu vizinho apoia as duas mãos na parede atrás de mim, sem me tocar. Sou eu a fazer isto, descansando as mãos um tanto trêmulas em seu peito.

— Está com medo de ficar sozinho comigo, vizinho? — repito atrevidamente sua pergunta de algumas horas antes.

Seu riso baixo envia uma corrente elétrica através da minha pele, bem gostosa de sentir, por sinal.

— Estou sentindo muitas coisas agora, vizinha, e nenhuma delas tem a ver com medo.

— Coisas como o quê? — sussurro, aproximando meu corpo, atraída por seu calor.

As narinas se abrem.

— Como uma vontade fodida de te beijar.

— Então beija...

Escuto um tipo de grunhido baixo vindo diretamente de seu peito. Pressionando meu corpo contra a parede, Max aproxima sua cabeça da minha, numa lentidão tortuosa. Os olhos vivos e

escurecidos nos meus finalmente se fecham quando sua boca quente toma a minha. No começo, um roçar suave, provocativo, a língua lambe meu lábio inferior e seus dentes o prendem, numa mordidinha fraca, com um pico leve de dor.

Gemo baixo, adorando o que isso faz comigo.

É o estímulo para Max apanhar minha nuca em sua mão, puxando-me com mais vontade quando a boca me invade pra valer. O sabor de menta e a maciez do contato são inegavelmente perfeitos. Nossos corpos estão completamente juntos. Desvencilho minhas mãos de seu peito e agarro seus braços, subindo para abraçar seu pescoço.

Como isso é bom, por Deus. Sua altura, cheiro, sabor... Uma tentação.

Vou ao limite da falta de fôlego e só deixo sua boca quando a necessidade de ar se torna insuportável.

Max se aproveita disso para devorar meu pescoço. O que sua língua faz na minha pele é excitante. Pego-me jogando a cabeça para trás, a dor de batê-la fracamente contra a parede é

NACIONAIS - ACHERON

amortizada por seus dentes se cravando em minha carne. Meu peito queima e sorvo uma respiração profunda, estufando meu peito ao encontro dele.

Afastando-se uma polegada, os olhos afiados encontram os meus, numa clara armadilha.

— Não haverá volta... — ele avisa.

Lambo meu lábio inferior onde ele mordeu há pouco.

— Eu não quero que haja.

Recebo outra mordida. Seus dedos trabalham nos botões de minha camisa. A peça logo é escancarada, expondo meu sutiã negro.

Uma expiração ruidosa é sua reação ao que encontra.

— Grandes, como eu gosto...

Eu deveria odiar a frase primitiva, mas em sua boca soa tão sensual que me deixa ainda mais excitada por agradá-lo.

Fecho os olhos, sentindo seus lábios deslizarem por meu colo. As mãos pegam meus seios por cima do tecido, apalpando com muita vontade. Não demora a seus dedos se afundarem

dentro da peça e captarem um mamilo, torcendo-o, tornando-o mais rijo.

Tão bom.

Cerro meus olhos.

A próxima coisa que sinto é sua boca sugando o pico. Oh, droga do cacete! Estou em gotas, escaldando por ele.

— Max... — gemo baixinho.

O ponto alto de toda a tortura é sentir sua mão percorrendo minha barriga até encontrar o cócs alto da saia, e então descer por cima do tecido diretamente à minha coxa. A boca febril continua em meu seio, lambendo o cume, provocando tremores por toda a pele.

Apalpando-me, ele encontra rapidamente a borda rendada da minha meia calça três quartos. Percebo a vibração de seu sorriso, como se estivesse contente por saber que estou de meias. Tenho a sensação de que sua mente acabou de elaborar algo muito perverso, no entanto, não há tempo de refletir sobre isso. O encontro de sua mão com o tecido fino de minha calcinha quase me faz saltar no lugar. A dolorosa urgência que se cria

NACIONAIS - ACHERON

naquela região é digna de um choramingo, e por muito pouco não o faço.

— Jesus Cristo! — ele ruge baixo, afastando a boca para me encarar quando se dá conta do quão excitada estou.

Não sei se me envergonho ou me empurro contra sua mão. Na dúvida, estrangulo um grunhido.

— Você é tão sensível... — seu tom de satisfação é descaradamente estimulante.

— Culpa sua. Você me provocou por um longo tempo, doutor — murmuro.

— Então eu acho que preciso resolver isso. Não gosto de deixar um trabalho pela metade — seu sorriso malicioso deixa claro: estou ferrada.

Oh, Deus!

Engulo em seco com o beliscão inesperado diretamente em meu clitóris. O contato provoca uma onda de choques suaves e fomenta um formigamento muito doloroso.

— Você gosta assim, Gabrielle? — o filho da mãe provoca e começa a pressão em movimentos

circulares no pequeno ponto — Tão quente, tão molhada...

— Por favor, Max... Eu... Eu... — sou calada com um beijo ganancioso, que eleva tudo a outro nível.

Com toda a expectativa que meu cérebro criou, estou muito, muito perto de um orgasmo. Fantasiei com o homem pelas últimas noites, me dei prazer sozinha e agora é como se estivesse em um dos meus sonhos molhados com o vizinho. A forma enlouquecedora como sua língua persegue a minha é a prova de que Max sabe disso.

Dando-me o que necessito, dois dedos me invadem, esfregando-se em curva contra a parede na parte áspera, aquela que mais me estimula. O desgraçado sabe exatamente o que está fazendo e demonstra conhecimento sobre a anatomia de um corpo feminino. Afasto os pensamentos a respeito disso, não me interessa sua experiência agora. Está vindo, me concentro mentalmente apenas nas sensações.

— Oh... E-e-eu estou...

— Seu aperto me fode, Gabi...

Diabos... ele me chamando de “Gabi” nesta voz profunda é a faísca que precisava sobre o combustível.

Explodo, com espasmos violentos que me fazem tremer inteira. Bom demais, indizivelmente bom demais.

MAXIMILIANO

Acho que nunca vou esquecer a expressão de seu rosto recebendo um orgasmo enquanto eu a fodia com meus dedos, contra a parede de sua casa. Uma das coisas que eu lamentei, no carro, foi não ter podido assistir à Gabrielle sentindo prazer. Eu me peguei pensando em como seria sua expressão se contraindo, o lábio preso entre seus dentes oprimindo o grito da libertação de seu corpo. E tal como eu imaginava, ela é ainda mais linda neste momento tão íntimo.

Seguro seu corpo, esperando o instante em que seus olhos vão se abrir para mim. Estou duro

pra caralho, mas não vou levar as coisas tão rápido. Se é uma noite que ela está disposta a me dar, eu farei disso memorável.

“Uma noite casual”. Nem quero avaliar o que a proposta significa. Acho até que estamos na mesma sintonia. Não espero encontrar uma mulher pra minha vida. Minha filha já consome um grande espaço... Não que Gabrielle não esteja mexendo comigo, principalmente quando eu a vejo com Ana e a maneira como as duas se dão bem.

Afasto o pensamento e concentro-me apenas no agora, na mulher de bochechas coradas à minha frente.

— Isso foi... — observo seu suspiro bonito
— Bom...

Bom?

Vamos ver o que a atrevida vai dizer do que tenho preparado para ela. Meu pau chora com a ideia.

— Onde é o seu quarto?

Ela morde os lábios, segurando um sorriso.

— Humm... um homem de “quartos”, hein.

Sorrio de lado (sem exatamente sorrir), demonstrando meu estado de espírito.

— Pode-se dizer que isso também.

Algo no tom de minha voz a faz arregalar os olhos.

Sim, querida. Você criou um jogo muito bom de jogar.

Ainda pressionando seu corpo contra a parede, apanho seu lábio entre meus dentes. É tão macio. O vermelho da carne me atrai como um ímã. Mordo com um tanto de pressão, e lambo para aplacar sua dor. Recebo em troca um gemidinho de agrado. Arrasto meus lábios pela linha de sua mandíbula até encontrar o ponto quente atrás da orelha; sopro suavemente, acaricio com meus lábios, e vou para o lóbulo, prendendo numa mordida leve.

— Isso é.... — ela murmura, sem completar a frase.

Sob minhas mãos, sinto sua pele arrepiada.

Sem pressa, desço meus lábios para a curva de seu pescoço. Gabrielle tem a pele muito suave,

bronzeada, cheirosa. É um tipo de droga viciante.

Respirando densamente, me afasto para observá-la.

Seus seios estão parcialmente para fora do sutiã, os bicos intumescidos esperando por mim. Despretensiosamente, brinco novamente com um deles, permitindo que meus dedos apanhem o mamilo e retorçam.

— E então...? — inclino a sobrancelha, esperando.

Ela expira em falhas, afetada. Então pega minha mão livre, pronta para nos levar ao seu quarto. Um passo adiante, tenho uma visão aberta de sua casa. Sobre o balcão há uma garrafa solitária de vinho. Agrada-me saber que a mulher teve o cuidado de pensar nisso.

— Seu plano é me embriagar, querida?

Ela para e me olha de um jeito que não consigo interpretar.

— Gabi... — diz.

Questiono-a com o olhar.

— Me chame de Gabi. Gosto de como soa

em seus lábios, bonitão.

Atrevida e sincera. Porra, eu definitivamente aprecio isso nela.

— Ah, e sim. Este é o plano — a declaração vem com uma piscadela — Se eu puder te embriagar, vou me aproveitar muito de você, vizinho

Meu riso rasga o peito muito fácil. No fundo, sei o quanto é perigoso gostar tanto disso. Ignoro o pensamento e pego seu rosto em minhas mãos para mais um beijo.

— Ok. Vamos seguir seu plano, Gabi... —
afasto-me um milímetro, deixando-a sem fôlego.



No quarto – organizado e elegante, assim como a mulher –, a coloco diante do grande espelho e me posiciono atrás dela, tomando meu tempo para admirá-la. Seus cabelos loiros, tão platinados que se parecem com o tom da lua, estão bagunçados, meio de lado. Os lábios projetados, inchados e vermelhos com o sangue circulando na região. As bochechas coradas. A pele parcialmente banhada pela luz baixa brilha saudável. Os seios

NACIONAIS - ACHERON

mal acomodados na lingerie preta. Mais abaixo, o estômago plano (salpicado por algumas pintas) logo encontra a linha de uma saia alta, na mesma cor do sutiã. A peça está um tanto amarrotada e embolada onde suspendi para ter acesso à sua carne úmida. E o que mais me agrada é ver, no alto de suas coxas, o início da extensa meia-calça fina, negra, que desce agarrada por suas pernas longas até despontarem no salto alto fino.

Isso deve ser algum tipo de fetiche que eu desconhecia ter. Estou mais duro do que nunca.

Encarando-a pelo espelho, abro o zíper de sua saia e deslizo até o fim. A mulher ofega. A peça cai aos seus pés.

Prendo a respiração com a visão de Gabrielle vestida apenas de calcinha, sutiã, meias e salto alto, tudo na mesma cor. Olho-a de cima abaixo, lentamente, apreciando cada pequeno contorno, para que ela saiba o que faz comigo.

— Gabrielle... — exprimo, tenso.

Sua garganta se movimenta, engolindo a saliva, mas não diz nada.

Viro-a para mim, afundo minhas mãos em

NACIONAIS - ACHERON

seu emaranhado de cabelos e a devoro em um beijo. Doce, suave, macia. Tão bom que estou quase gozando em minhas calças.

Afasto-me para recobrar um pouco do autocontrole, e arranco a camisa por cima da cabeça. Ouço um som abafado vindo dela, diante de meu peito nu. Ela gosta do que vê, isto é certo. Porra, por que a constatação me satisfaz tanto?

Como um predador, lambo meu lábio e dou a ela um olhar que diz quais são minhas intenções.

Ela vacila.

E eu me ajoelho em sua frente.

Prendendo seu olhar em mim, retiro com premeditada falta de pressa a calcinha pequena por suas pernas. Levanto uma de suas coxas e a descanso sobre meu ombro. Afasto seus lábios e sopro o ar quente de meus pulmões na região delicada. Gabrielle arfa. E então, lambo e sugo com total dedicação o ponto latente, inchando sob meu toque. Salgada, cheirosa, viciante. Quanto mais provo, mais quero. Faço até tê-la mole em meus braços, gemendo e chamando por mim. Miséria! Ouvir meu nome em sua boca me atinge com um

NACIONAIS - ACHERON

sentimento de orgulho e possessão inimaginável.

Nesta noite, ela é minha. Não sou possessivo ou quis reivindicar uma mulher antes, mas com Gabrielle é diferente. Tenho uma necessidade visceral de marcá-la para que nunca se esqueça de como se sentiu comigo.

As meias são o próximo passo. Tiro-as, deslizando uma carícia por suas pernas. Deito a mulher na cama, utilizo as peças para amarrar seus pulsos juntos no alto de sua cabeça contra a cabeceira, e vendo seus olhos.

Os protestos (uma mistura de incrédulos e excitados) são lindos.

— Confie em mim — é tudo o que eu determino.

E ela acata.

Aproveito a improvável rendição para desnudar e explorar seu corpo, cada pequeno pedaço de pele, terminando em abocanhá-la novamente. Eu acho que nunca será o suficiente. Seu gosto está na ponta da minha língua.

— Caaacete! — ela silva. O peito sobe e

desce, nu.

Extraio tudo de Gabrielle, para só então deixá-la livre, gritando meu nome sem controle. A melhor visão de todas.

Assim que retiro a venda, a bela mulher pisca algumas vezes, se adaptando ao ambiente.

Espero que ela retome a consciência de onde estamos para abrir o zíper do meu jeans, apanhar do bolso de trás o preservativo, rasgá-lo com os dentes e deslizar sobre minha ereção. Aliso meu pau por algumas vezes, quase que pedindo para que ele se acalme e sobreviva a mais do que algumas poucas estocadas.

— Eu acho que agora você está pronta para mim, Gabi — provoco.

— V-você é... — ela gagueja, olhos claros ávidos no que mantenho em minha mão — Grande... q-quero dizer, cacete, Max!

Gargalho e me inclino para ficar sobre ela, pairando sem de fato soltar meu peso. Gabrielle abre-se para mim e automaticamente me envolve pela cintura com suas pernas.

Perdição de mulher!

Afundar-me nela é o próprio paraíso – apertada, escorregadia, quente pra caralho. Eu gostaria de prolongar o momento, porra, como eu gostaria. Mas suas unhas cravadas em minhas costas são uma ruína.

GABRIELLE

Depois do banho mais ativo que me lembro de ter tomado, embrulho-me no robe de cetim enquanto assisto a Max recolocar sua calça e camiseta. A impressionante tatuagem de um anjo com as asas abertas em suas costas é algo que eu gostaria de comentar, mas calo, não sabendo se devo. Atento-me a um detalhe importante: eu não o vi de cueca. Ele não usa? Fica com esta coisa enorme balançando por aí o dia todo? Por que a ideia me faz querer presenteá-lo com uma coleção inteira de boxers imediatamente?

Na porta, prestes a nos despedirmos, recebo

um beijo maravilhosamente lento, como se sua língua estivesse fazendo amor com a minha. Apesar de estar toda dolorida, eu adoraria arrastá-lo de volta ao meu quarto. Para ser sincera, gostaria mesmo é que ele ficasse um pouco mais. Não me sinto assim em relação a um cara há muito, muito tempo.

— Espero que nossa noite casual tenha sido boa, vizinha — murmura, soltando devagar meus lábios.

Engulo em seco e encaro seu rosto.

O sorriso brincalhão contrasta com o fogo aparentemente descontente em seus olhos ao referir-se às minhas próprias palavras.

Limpo a garganta.

— Sim, foi... muito... boa — não gosto da sensação de que ele me fará “pagar a língua”.

Cravando seus dentes na curva do meu pescoço, ele se afasta.

— Durma bem, Gabi.

Suspiro.

— Desejo o mesmo, Max.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 12

MAXIMILIANO

Assino o local determinado e entrego o formulário para Diana, depois de darmos entrada com o paciente na unidade de emergência. É a segunda vez aqui esta manhã. Noto o cenho franzido da pequena mulher ao correr seus olhos pela folha.

— Algum problema? — indago.

Seu olhar vem para mim, levemente confuso.

— Max, eu acho que... hum, o VVAA foi endotraqueal e não combitubo...

Levanto a sobrancelha, obviamente concordando. Claro que foi endotraqueal. Este é o método de ventilação que utilizamos para

estabelecer uma via aérea permeável durante a RCP. Combitubo é uma segunda opção em caso de difícil acesso as vias. Diana sabe disso, só não entendo o questionamento.

Ela sorri, de um jeito discreto, parecendo até conspiratório.

— Bem, doutor Max, acho que um de nós acordou um tanto desatento... — diz zombeteira.

A mulher me estende a prancheta de volta, não fazendo nenhuma questão de esconder o sorriso de divertimento. Pego e avalio o que coloquei no relatório. Foda. Eu realmente preenchi a porcaria errado? O que está havendo comigo?

— Pensando bem, Max, eu não me lembro de algo assim já ter acontecido. Você é sempre tão atento aos detalhes... Estou curiosa para a conhecer a razão de sua distração — não precisa ser muito inteligente para concluir que Diana pensa haver alguma mulher em minha mente. Astutamente, reconheço.

Gabrielle. Este é o nome que tem minado minha concentração. A visão dela nua, vendada e amarrada com as malditas meias está me deixando

NACIONAIS - ACHERON

dolorosamente duro nos momentos mais inoportunos no decorrer do dia.

Ignorando os motivos, eu odiei a maldita proposta de “uma noite casual”, mas afinal, não é exatamente deste modo que eu tenho levado a vida desde o divórcio? Fodendo sem nenhum interesse em nada além disso? Então por que estou tão ansioso por quebrar este acordo ridículo?

Uma coisa é certa: eu a quero novamente. E quero muito.

GABRIELLE

— Gabi, você está ouvindo? — a voz cuidadosa de Alice me chama.

Piscando para voltar ao presente, olho entre ela e Katarina. As duas me observam com expectativa, parecendo esperar algo de mim. Não faço a menor ideia do que estão falando.

— Me desculpem, gente, eu me distraí... — sou obrigada a confessar. Aliás, tenho feito isso

com muita frequência.

Evito encarar a tela do meu celular por mais tempo e foco nelas.

— Alice perguntou se você vai levar alguém para o jantar de seu irmão — Katy explica tranquilamente, enquanto seus olhos espertos me sondam, sagazes, do tipo “hum, aí tem”.

Sinto vontade de rir, mas evito, para o meu bem.

— Eu não pretendo levar ninguém... Vou confirmar com a Jas, em todo o caso.

— Jasmine pode levar o Damien, ele é bem-vindo — Alice oferece, sem fazer ideia de que o namorado de Jas e meu irmão se pegaram na porrada há alguns meses.

Apenas concordo com a cabeça e enfio uma boa garfada de salada na boca.

Descansando seu copo sobre a mesa despretensiosamente, Katarina se ajeita na cadeira.

— E então, Gabi, como acabou a noite com o gostosão do bar?

O rosto de Alice se ilumina em evidente

interesse. Katy mantém o sorrisinho de que sabe exatamente como terminou.

Rá.

— Depois que vocês duas me empurraram para o cara, vocês querem dizer — lembro-as. Vendo, a partir de suas expressões, que não há escapatória, opto por contar parcialmente — A gente até deu uns amassos, mas não foi nada de mais, sabem como é — encolho os ombros, sem muita ênfase.

Meus olhos caem de volta para a tela do celular, na mensagem recebida alguns minutos antes, e eu me sinto uma baita mentirosa. Dizer que o que fizemos “não foi nada de mais” é um eufemismo sem tamanho.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Você e suas meias estão me desconcentrando no trabalho, vizinha. Achei que deveria saber.

Droga! Quase posso visualizar o sorriso

indolente rasgando o canto de seus lábios ao escrever a mensagem, reavivando a memória da nova utilização que ele deu às peças.

Difícil lidar com o calor e umidade que se apossam de mim, imaginando sua voz profunda me dizendo isto pessoalmente. Sinto meu rosto queimar... e os olhos atentos das garotas me analisarem com muito interesse.

Alice limpa a garganta, afundando o canudo em sua bebida. Seus cabelos castanhos presos num rabo de cavalo se movimentam com a lufada de ar que entra pelas janelas do restaurante.

— Ele parece ser um cara legal... — diz, aparentemente sem pretensão, mas eu bem a conheço.

— Sim, ele é... — tenho de concordar.

Legal, cheiroso, bom pai... Pode ir parando por aí, Gabrielle! A lista está começando a ficar grande demais.

— Vocês sabem o quê? Com um vizinho daqueles eu estaria seriamente tentada a iniciar um incêndio lá em casa — Katy sorri, maliciosa — Que Dan não me escute, claro.

NACIONAIS - ACHERON

— Sinto desapontá-la, garota. Max não apaga fogo, ele é médico, não bombeiro — informo, com humor.

— Não apaga fogo, hein? — ela debocha.

O riso vem fácil... Aquele filho de uma mãe está mais para um incendiário.



De volta ao carro depois do almoço, seguro o celular entre meus dedos, avaliando as implicações de levar isso uma ou duas vezes mais. Somos adultos, afinal, não? O que poderia dar errado? Evito pensar na resposta para a pergunta e digito um texto:

°F PARA: MAX

MENSAGEM: Isto é uma provocação, vizinho? Achei que fosse eu a provocadora aqui.

P.S.: Minhas meias não deveriam ser sua distração. Vidas dependem disso ù

Envio e encaro meu reflexo no retrovisor. Pareço ridícula mordendo um sorriso enquanto

NACIONAIS - ACHERON

imagino sua reação. E ela não demora a chegar.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Eu quero te ver.

Deus! Como uma simples frase pode eriçar meu corpo inteirinho? Não deixo de perceber que, pelo jeito, objetividade é o mal desta família.

Bato com o aparelho na palma da minha mão, pensando no que dizer. Não quero ninguém na minha vida neste momento, menos ainda com ele morando na porta em frente à minha, mas gosto de como meu corpo reage quando penso em Max. Gosto muito, na verdade.

A sensação de cócegas na barriga é só mais um agravante.

Com os dedos trêmulos correndo através das teclas, digito outra vez.

°F PARA: MAX

MENSAGEM: Direto ao ponto, hein...

Hesito por um segundo, antes de enviar. Mas envio.

Espero a resposta bastante ansiosa, confesso. Tamborilo as pontas dos dedos na tela, no mesmo ritmo apressado de meus batimentos.

Tamanha é minha surpresa quando o telefone toca em vez de indicar uma nova mensagem que, assustada, deixo o aparelho cair. Ele quica em minha perna e vai direto ao chão do carro.

Tateio guiada pelo som e encontro.

Respiro muito fundo ao ler o nome de Max me chamando.

Limpo a garganta.

— Oi... — minha voz é um ruído desengonçado.

— Oi, Gabi... — oh, merda! Ele tem mesmo que murmurar deste jeito arrastado tão bom?

Fecho os olhos, imaginando-o aqui ao meu lado, me chamando de “Gabi” ao pé do ouvido. O ofego entrecortado sai de minha boca sem que eu possa evitar.

Por alguns segundos, tudo o que se pode

ouvir é o som de nossas respirações.

— Como você está? — pergunta, rouco, num cochicho muito íntimo.

Suspiro, amando como sua voz me arrepia inteira.

— Bem... e você? — pareço uma adolescente.

— Pensando em você.

Mal consigo tomar outra respiração. Minha vontade é dizer que estou na mesma situação, mas nem isto eu consigo. Na falta de uma resposta boa, me calo.

Ele expira pesadamente.

— Gabrielle...

— Sim, Max...?

— Eu estou duro só de ouvir a sua voz.

Filho da mãe!

O efeito é imediato. Retorço-me no banco.

— Você não joga limpo, não é, vizinho? — sussurro com a voz pastosa.

A risada curta, baixa, gostosa, vibra através

do telefone, parecendo tocar minha pele.

Inspiro profundamente, em silêncio.

— Gabi.

— Sim...

— Faça-me um favor.

— Qual...? — mordo o lábio, amando a suavidade intensa de sua voz.

— Toque-se para mim e me diga se seu corpo está sentindo o mesmo.

O ar queima por onde passa. Ele está mesmo me dizendo isso? E-eu... É sério?

Aperto minhas pernas juntas, presa pela nova emoção.

— Toque-se para mim, Gabi... — a rouquidão me obriga a fechar os olhos.

— Max... — digo seu nome num apelo fraco.

— Sua umidade e aperto são o inferno de melhor coisa que eu já provei...

Droga, droga! Eu vou mesmo fazer isso?

Me pego subindo a mão pela borda da saia,

no sentido da calcinha. Isso é tão... tão... insano.

Pereço com pesar.

— Você está sentindo o calor dela, Gabi? Está sentindo o quanto ela está quente e molhada?

Formigamentos e um latejar são as reações para o som no meu ouvido. Encosto suavemente meus dedos sobre o clitóris. Cacete!

— Como ela está? Diz pra mim como ela está?

— M-molhada.

— Afunde seus dedos e sinta o aperto, Gabrielle. Meu pau está duro só de lembrar o quão apertada você é.

Obedeço a seus comandos. Permito que dois dedos entrem e só o que consigo imaginar é o prazer que senti quando Max estava dentro de mim.

— Acaricie-se. Afaste seus lábios e acaricie-se para mim, vizinha.

Quanto mais eu faço, motivada por sua voz, mais me sinto perto de desmanchar.

— Eu estou sentindo seu gosto na minha boca, Gabi. É a minha língua te provando agora.

Você consegue se lembrar de como eu gostei de seu sabor, amor? — o som é uma perdição.

— S-sim, Max — nem sei ao certo se ele pôde ouvir.

Derrubo minha cabeça contra o encosto, os olhos cerrados, e aumento o ritmo dos movimentos. Deus, isto é tão bom, tão bom.

— Eu gostaria de estar me enterrando em você agora, lentamente, vizinha, enquanto devoro seu mamilo rosado, sensível por mim.

— Oh, por... — não consigo falar.

Meu rosto queima, o ventre se agita, a garganta seca, tão perto...

— Me sinta em você, Gabi — ele exige, abafado, com a familiar crueza e seriedade que me enlouquecem.

Simplesmente me despedaço em espasmos curtos, prolongados, e curtos. Arqueio o quadril e me deleito com toda a intensidade do orgasmo que faz minhas pernas tremerem de fraqueza.

— Max... — gemo em meio ao êxtase.

Sua voz profunda diz mais algumas coisas,

porém, me perco completamente com a imagem de seu olhar intenso e profundo arrebatando minha mente.

Após um período confortável de silêncio, como se me dando tempo de me recompor, sua respiração pesada volta aos meus ouvidos.

— Você está bem?

— Aham... — mordo meu lábio.

Ouçó seu riso calmo, satisfeito. Quase posso enxergar o sorriso zombeteiro no canto daquela boca.

— Te vejo à noite, Gabi.

— Max...! — saio da hipnose imediatamente.

— Me desculpe, vizinha, eu tenho que ir, o dever me chama.

E a próxima coisa é o som da ligação finalizada.

Ele realmente me impediu de negar outro encontro? Oh, sim... Foi isso que ele fez.



Deixei Max vir à minha casa esta noite. Sou
NACIONAIS - ACHERON

uma fraca. Mas o que eu poderia fazer contra a energia que me dominou o restante da tarde, sem conseguir me concentrar em mais nada a não ser naquela nossa façanha por telefone?

Mal posso respirar com o que ele está fazendo, ajoelhado à minha frente. Seus olhos selvagens camuflados atrás da expressão indolente calmamente sondam meus limites.

— Não feche — ele ordena, exigindo mais força de vontade do que penso possuir.

Reclamo, mas obedeco. Mantenho os olhos fixos ao assistir Max mergulhar dois dedos na taça cheia sobre a mesa de centro, umedecendo-os, para em seguida salpicar gotas de vinho gelado sobre meu clitóris febril. Separando os lábios, ele recomeça sua carícia com a língua, provando a bebida em mim.

Nunca mais enxergarei vinho da mesma maneira. Estou suando frio, sedenta.

— Tão gostosa, Gabrielle, tão fodidamente gostosa.

— Assim... — incentivo, arqueando-me ao encontro dele.

O sacana interrompe seu contato outra vez, soprando sua expiração quente contra o ponto já sensível. Uma tortura.

Oh, mer...

— N-não pare... — peço.

A risada baixa e contente vibra, irritante.

Meu corpo está muito perto do colapso, recebendo porções fracionadas de prazer para logo tê-lo recuando, torturando sem necessidade. Fica difícil de engolir a saliva diante da queimação na garganta por não ter isso completo até o fim.

Estou prestes a amaldiçoá-lo – e dar um encerramento eu mesma – quando subitamente recebo uma surpreendente carga de dor e prazer. Max fiska meu centro entre os dentes, causando um pico eletrizante que ateia os primeiros choques pela base do meu ventre. Não há volta para as sensações. Seus dedos se afundam no mesmo ritmo que sua língua me chicoteia, ávida. Os arrepios e a sensação de estar sendo queimada me atingem de maneira poderosa. Sinto a libertação vir como uma bola de energia ganhando tamanho e força, atingindo tudo pela frente.

Não posso evitar a lágrima que escorre pela lateral do meu rosto.

— Max... — agarro-me ao tecido de couro do sofá, cravando minhas unhas e suspendendo meu quadril.

Deus do céu, como ainda pode ser tão surpreendente? Max me guiou estrategicamente por um caminho desconhecido. Ele armou meu corpo para receber a descarga mais potente de todas, como uma bomba-relógio.

Impossível manter os olhos abertos.

É quando sinto a respiração quente que indica sua boca se aproximando da minha. O corpo dele paira sobre o meu, sem me tocar.

— Nós vamos combinar uma coisa, Gabrielle — desliza os lábios até a minha orelha, suave como uma pluma — Esqueça essa besteira de casual. Repetiremos isto quantas vezes quisermos, você entende?

Mais espasmos agitam meu ventre.

— Diga-me que entende — a fala é profunda, crua, incontestável.

— S-sim...

Como um novo hábito, seus dentes prendem meu lóbulo numa rápida compressão. A língua desliza, sugando a pele de meu pescoço, e então se afasta.

— Abra os olhos.

Ainda sob os efeitos de espasmos, faço o que ele pede: enfrento meu vizinho em cima de mim, montando em meus quadris, de joelhos entre minhas pernas, abrindo-me para ele. Encaro seu rosto tenso, a mandíbula cerrada, os olhos claros perigosamente fixos aos meus.

— Você é lindo... — murmuro, antes de meu cérebro filtrar.

O que imagino ser um sorriso contrai o canto de seus lábios. Lindo pra cacete.

Ele desliza o zíper da calça para baixo. Minha boca seca quando sua glória salta livre, exuberante para mim. Sem romper o contato visual, faz aquilo de novo, puxa o preservativo do bolso de trás do jeans e rasga a embalagem entre os dentes.

No entanto, desta vez, ele não coloca em si.

— Faça — diz, estendendo a camisinha; o tom de voz baixo provoca cócegas em meu estômago.

Minha mão instável se aproxima da sua para apanhar o látex e ajeitá-lo. Com um estalo de língua, Max me impede.

— Coloque com a sua boca, Gabi. Eu quero a sua boca bonita cobrindo meu pau.

Porcaria! Tem como ficar mais excitante? “Gabi”..... Se ele soubesse como isto acaba comigo...

Capítulo 13

GABRIELLE

Estou na sala de reuniões com nossa equipe e alguns membros do setor de compras da A&C, a rede de lojas de departamentos. O projeto de coleção primavera/verão feito para eles está finalizado e acabamos de receber a aprovação para enviar à produção. Agora vem a parte que mais gosto: acompanhar a confecção, ver os esboços se tornando reais, indo para as vitrines, e finalmente ter pessoas incorporando as peças aos seus próprios estilos pelas ruas.

Eu amo essa miscigenação, tenho comigo que a moda, apesar de coletiva, é algo absolutamente individual, da personalidade de cada um, então o grande desafio do meu trabalho é, ao mesmo

NACIONAIS - ACHERON

tempo, o que torna tudo fascinante: criar peças adaptáveis a todos os grupos, sem limitá-los ou segregá-los. É por isto que escolhi esta carreira, mesmo que, às vezes, ela não tenha lá seu lado tão belo.

Por falar nisso, notei que o vaidoso Ernesto, meu diretor, se manifestou menos do que o normal hoje (aliás, desde o episódio dos briefings, ele vem cultivando uma distância segura de mim, o que eu acho ótimo). A contar pelos olhares condescendentes que Nilo, gerente de compras da A&C, lança sobre o bastardo, não é difícil entender a razão. Ernesto tem vergonha do relacionamento deles, e provavelmente pisou na bola.

Nilo é simpático, inteligente, tem estilo, é cheiroso... O que ele vê nesse escroto? Por que sustenta essa expressão de cachorrinho que caiu do caminhão de mudança por um sujeito que, claramente, não o merece? Inferno, vamos lá, homem, demonstre um pouco de amor próprio!

Quando a conversa ao redor da mesa se torna mais informal, limpo a garganta, desejando obter a atenção de Nilo.

— Enfim o martelo foi batido — brinco.

Ele pisca, parecendo, por um instante, finalmente me enxergar, saindo da bolha autodepreciativa de “por favor, me ame” direcionada a Ernesto.

Limpa a garganta também.

— Ah, sim... — recebo um meio sorriso amarelado — Você fez um belo trabalho, Gabrielle.

Gesticulo, desconsiderando a ideia.

— Aqui trabalhamos todos em equipe, Nilo.

Pelo canto dos olhos, pego meu chefe atento a nós... E uma ideia um tanto maligna corre rapidamente por meu cérebro. Rá! Eu não sou uma boa pessoa, a verdade é esta.

Inclino meu corpo para frente, aproximando-me mais de Nilo.

— O que você acha de esticarmos para uns drinks, depois daqui? — pisco com a dica — Comemorar e relaxar um pouco, hein?

Meu tom é discreto, mas a julgar pelo olhar venenoso de Ernesto, funciona. Nilo, percebendo que o amante não curtiu a ideia, em vez de usar isto

a seu favor, amua ainda mais ante a possibilidade. Ah, qual é?

Sua reação faz com que o diretor polha, satisfeito, gire a cadeira para conversar com uma das associadas da A&C, ignorando-nos por completo.

Respiro profundamente. Minha vontade é de arremessar o celular contra a cabeça de Nilo para ver se surge algum efeito. É uma pena que não posso. Encaro-o de um jeito que o faz saber exatamente o que penso.

Em resposta, ele enrubesce.

— Tudo bem, vamos lá — por fim, decreta, parecendo ter acabado de aceitar ir para forca, de tão “animado”.

Pelo menos aceitou, já é um começo.

— Assim é que se fala! — sussurro — Vou convidar o Mau também.

Bem, eu deveria estar indo para casa, repousar, tentar recuperar o sono que aquele... aquele vizinho me roubou. Já se passava das quatro da manhã quando Max deixou meu apartamento. E

o pior é que, considerando o beijo de despedida, não foi um adeus.

Aqueço com a lembrança e tenho de me lembrar de onde estou.

Que tipo de presente/castigo é esse, ter um homem assim na porta em frente?



— Três anos! Três anos sendo o segredo dele! — Nilo grita exageradamente por sobre a música do lugar, engolindo outra dose de tequila — Eu o odeio! Eewk! Ic! — tapa a boca, querendo inibir o soluço desengonçado — Eu o odeio!

— Homens... — bufo, engolindo mais um shot de tequila também.

— Os que se fingem de héteros são os piores — Mauro reforça, girando sua bebida no balcão antes de tomar num único lance.

— Ernesto se finge de hétero? — Nilo questiona, agudo, como se a hipótese nunca de fato tivesse passado por sua cabeça.

Oh, merda, isto só está ficando melhor. Se eu continuar neste ritmo, estarei sendo cúmplice de

um plano de assassinato de meu chefe.

— Rapazes, me esperem aqui. Eu preciso de um banheiro.

E recuperar a sobriedade antes que seja tarde demais.

Dentro da cabine do banheiro concorrido, pego meu celular na bolsa para checar o horário. Passa da meia-noite. Até não é ruim... se eu não tivesse que acordar cedo amanhã para ir às compras com Luna e Jas.

Na tela, ao lado do relógio, o balãozinho do aplicativo avisa que recebi uma mensagem. Cócegas brincam na boca do meu estômago com a ideia... deve ser efeito da tequila.

Ansiosa, deslizo o dedo pelo ícone.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Planos para a noite?

Verifico o horário de recebimento. Max mandou a mensagem há pelos menos quatro horas. Hum. Ele não esperou os dois dias, como da última

NACIONAIS - ACHERON

vez. Onde isso nos deixa? O suspiro afetado sai automaticamente do meu peito.

Escoro a cabeça contra a porta fechada.

Uou! Isso foi uma vertigem?

Observo o teto preto do banheiro, ponderando se devo responder.

Pontos a serem considerados: Max tem responsabilidades com uma criança; mora ao lado; é bonito demais para o meu próprio bem; tem um tipo de amizade suspeita com aquela mulher.

Pontos impossíveis de ser esquecidos: o cara beija como o céu; cheira bem pra cacete; tem um sorriso filho da mãe e uma disposição sexual indiscutível; é sério de um jeito descontraído (e aqui está o meu ponto fraco); e quando aquele par de olhos exigentes está em mim, eu me esqueço até de como formular frases lógicas.

Eu tô bêbada, só pode!

°F PARA: MAX

MENSAGEM: Já com saudade, bonitão?

PERIGOSAS

Mordo o sorriso.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Ana recebeu seu presente, ela estava ansiosa para agradecer, pediu que a convidasse para o jantar.

Paro de respirar por um instante com a sensação estranha que toca meu peito ao ler suas palavras. Sua filha me querendo com eles, sei lá...

Ora, mas o que estou dizendo?

°F PARA: MAX

MENSAGEM: Não precisa agradecer. Sua pequena praticamente me coagiu.

Não contendo um sorrisinho tolo, envio.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Não tire este prazer da criança.

NACIONAIS - ACHERON

Seguro o celular contra meu peito e expiro ruidosamente. Odeio gostar tanto de como isso soa. Max e sua filha são meus vizinhos de porta, não é inteligente deixar ir além disto. Mas vai explicar para essa sensação maluca rondando minha boca do estômago...

E só piora quando sinto o aparelho vibrar em minha pele. Ele está me ligando!

Sugo respirações curtas uma porção de vezes, antes de atender.

— Oi...

— Gabrielle... — de novo não, por favor.

A voz macia tem a capacidade de me arrepiar inteira.

— Por favor, não faça isso... — sussurro, fechando meus olhos, absorvendo suas respirações.

A risada baixa dá conta de que ele sabe exatamente o que está fazendo.

— O que, Gabi?

Ele poderia ser um pouquinho menos... quente, bom Deus? É pedir demais?

— Pare, Max... E-essa coisa que você faz, pare... E-eu n-em... deveria estar querendo tanto isso de novo.

— O que exatamente você quer, Gabi?

Ofego.

— Você...

O silêncio do outro lado me faz cerrar os olhos.

— Onde você está?

Engulo com dificuldade. É como se, repentinamente, o álcool houvesse evaporado do meu sistema.

— Num barzinho com uns amigos... gays — oh, sim, isso pareceu como uma justificativa. Desnecessário, Gabrielle, desnecessário.

— Venha para casa — é um pedido, não uma exigência, e parece tão natural, tão familiar.

Venha para casa. Que casa? A minha ou a dele? Meus pulmões queimam, as mãos tremem, o coração acelera.

— Ok.

Por que, porcaria, eu disse isso?

Desligo, sem saber direito o que eu acabei de fazer.

Volto para o bar onde Mau e Nilo estão... nãoooo! Se beijando? Deus do céu, o que tequilas têm, afinal? Caminho até eles. Quanto mais me aproximo, mais línguas eu vejo. Estão bêbados, isto é certo, pois o amasso é do tipo poderoso, sem timidez ou restrições quanto ao público.

Não me contenho. Pego um dos copinhos de tequila de um deles, sorvo uma respiração, e viro de uma vez. O líquido queima tudo pela frente. A cena de mãos se apalpando em todos os lugares me obriga a tomar o segundo copo. E depois aquele destinado a mim. No final, estou ajudando. Eles não precisam de mais álcool agora.

— Gente... — tento, entretanto, nada de pararem — Estou indo, vocês vão... ficar bem?

Inebriados, tenho um milésimo de instante de suas atenções. Em seus olhos, eu quase leio: “Não estrague o momento, Gabrielle!” Bem, não podem dizer que eu não tentei.

Do lado de fora, vejo meu carro e o ponto de táxi. Acho que não tenho condições de dirigir.

NACIONAIS - ACHERON



A chave não é esta. Ou minha fechadura foi trocada. Meu Deus! Invadiram minha casa e trocaram a fechadura? Q-quem faria isso?

O som da porta em frente à minha se abrindo – a do vizinho – responde por mim.

Max aparece sem camisa, vestindo apenas uma tentadora calça cinza de moletom, que cai em seu quadril estreito, delimitando a área dos músculos em formato de um enorme “V”. Difícil não gostar da visão.

— Você trocou minha fechadura, Max? — questiono calma, aliás, uma leve tontura me deixa calma demais.

Sorrindo genuinamente, ele vem até mim, cheiroso como um maldito oásis.

— Acho que alguém bebeu um pouco demais nesta noite, vizinha.



Minha cabeça dói – caramba, pesa e dói. E esta claridade agora? Eu deixei a cortina blackout aberta? Lentamente, na medida em que posso,

começo a esticar meu corpo, testando os sentidos para saber se ainda estou inteira. A imagem dos copos de tequila me lembra da razão do mal estar. Levanto o braço sobre os olhos para me proteger da luz; no caminho, encosto num outro corpo. Não! Espio com um olho aberto e outro fechado e... Max dormiu na minha casa?! Oh, bons céus!

Viro-me lentamente para o lado oposto, no sentindo da beirada da cama. Eu preciso me levantar e descobrir como meu vizinho veio parar no meu quarto. Um acordo de sexo não inclui dormir juntos. Eu não durmo com ninguém desde o divór... sim, nem é bom incluir este tema na minha já existente dor de cabeça.

Pisco vagorosamente, me ajustando ao ambiente.

Espere. Estas paredes não são do meu quar...!

— Bom dia, Gabrielle!

Nãaaao.

Eu só posso estar sonhando.

A Ana não está na minha... E-eu não estou

PERIGOSAS

na casa d...?

O que eu fiz?!

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 14

GABRIELLE

Paralisada, não movo um único músculo do corpo além do necessário para piscar, a fim de garantir que não é um sonho. Olhos grandes e tão cinzentos quanto os do pai fitam-me intensos, parecendo admirados e... esperançosos? Seu rosto descansa sobre as mãozinhas apoiadas na beirada da cama, como se nesta posição ela estivesse mais confortável para observar por um longo tempo. E-eu... O que foi que eu fiz? Dormi com o pai de uma criança inocente, sob seu teto, e nem consigo me lembrar?

Abro a boca para responder ao seu “bom dia” encantando, depois de alguns segundos de letargia.

— Bom dia, Luz da Manhã... — sibilo,
NACIONAIS - ACHERON

baixinho, sem saber ao certo por que a chamei deste jeito.

Uma mecha de seu cabelo castanho com traços dourados cai sobre a testa. Afasto-o para detrás da orelha.

— Você dormiu na minha casa? — ela murmura no mesmo tom que usei, como se compartilhássemos um segredo.

— E-eu... — umedeço os lábios, buscando tempo para preparar uma desculpa — Eu... vim cedo pra sua casa porque queria te convidar para um passeio — deixo de encarar seus olhos para que ela não veja a mentira descarada em mim — Você topa?

— Sim, Gabrielle! — ainda sussurrando, ela vibra, cheia de entusiasmo.

Deus, de onde vem esta sensação tão inexplicavelmente incomum quando a vejo assim, feliz? Eu estou gostando da menina, e, tendo em vista meu passado, isto me assusta muito.

Sugo uma respiração mais profunda ao sentir o corpo de Max se remexer. Tenho a séria impressão de que ele está acordado. E por que,
NACIONAIS - ACHERON

raios, não interfere e me ajuda aqui?

Puxo a ponta do edredom para cobrir meu colo e me inclino, apoiada no cotovelo, para visualizar melhor o pequeno corpo coberto com um pijama fofo de ursinhos cor-de-rosa. Estilosa até para dormir. Embaixo de seu braço, pela primeira vez, eu vejo uma muleta, ao invés da prótese.

— Quer ir colocar uma roupa bem bonita para passearmos, Ana? — e dar tempo de eu me vestir, para que não me veja seminua ao lado de seu pai?

Ela emite uma risadinha gostosa de ouvir. Dando um passo atrás, pronta para sair, a menina então para, sendo tomada por algum pensamento em sua cabecinha esperta.

— Você pode me ajudar a escolher um vestido, Gabrielle?

Mordo meu lábio, guardando um sorriso que não deveria estar aqui, tendo em conta a situação embaraçosa em que me encontro.

— Vá escovar seus dentes que eu vou logo em seguida, pode ser?

Ela não responde, apenas alarga o sorriso, mais do que animada. Perco-a de vista no minuto seguinte. Enfio uma cotovelada na costela de seu pai, que descaradamente finge estar dormindo, enquanto ri do meu constrangimento.

Tombo para o travesseiro, escondendo meu rosto entre as mãos.

— Você poderia ter me ajudado...

Como um felino, sem pressa e letal, Max se gira para ficar de frente comigo.

— E estragar seu desempenho enganando uma criancinha?

Pelo vão dos dedos, eu o encaro. Droga! Analisando meu vizinho assim, de rosto levemente inchado e cabelo desgrenhado, o cara parece ainda mais atraente. Eu gostaria de, no mínimo, poder me lembrar do que fizemos e como foi que acordei em sua cama desta forma, usando somente lingerie.

— Max... — murmuro, martirizada pela vergonha do esquecimento.

— Gabi... — a rouquidão lenta e cheia de malícia me arrepia inteira, não nego.

— Por que eu estou na sua casa? Q-quero dizer, por que nós dois fizemos... você sabe... aqui?

Assisto aos seus lábios se curvando num sorriso.

— O que você acha que fizemos, Gabrielle?
— seu bom humor é quase uma distração.

— Nós t-transamos...? — sim, a afirmação soa como uma pergunta constrangedora.

O que era uma faísca de sorriso agora se torna um por inteiro, exibindo a fenda quase imperceptível entre os dentes da frente. O gesto traga todo o oxigênio à minha volta.

Deslizando seus dedos pelo meu cabelo e ajeitando os fios (que imagino estarem uma bagunça), Max apenas me observa por um longo momento. Torna-se mais sério à medida que seus olhos me filmam como se quisessem gravar minha imagem em sua mente.

Sinto-me esquentar diante da análise. Seu dedo acaricia meu ombro.

— Você tentou abrir a porta de sua casa com

a chave do carro, vizinha. Eu só te dei abrigo.

Nãooo, eu não fari... Tequilas. Sim, eu acho que faria.

Cubro meu rosto com o edredom e gemo baixinho de desgosto.

— Você vem, Gabrielle? — o gritinho de Ana chega distante, parecendo vir de um lugar longe na casa.

— E-eu... Deixei as chaves de casa dentro do meu carro — assumo, lembrando-me da decisão de não dirigir que tomei na noite anterior.

Max puxa o cobertor de mim, impedindo-me de me esconder.

— Eu buscarei seu carro pra você — quando me dou conta, ele já se rolou para cima de mim, os olhos cinzentos focados na minha boca — Mas antes farei nosso café da manhã, moça.

Gemo de novo, desta vez mais profundamente, amando e me envergonhando das coisas que estão acontecendo no meu corpo assim tão próxima a ele.

— Me desculpe, Max...

— Não por isto, eu tive uma boa noite de sono, apesar de suas investidas implacáveis.

Estreito meu olhar sobre seu rosto.

— Investidas...? — sussurro.

A porcaria do sorriso está de volta, tentador.

— Foi muito difícil te impedir de abusar de mim enquanto eu tentava dormir, Gabi. Você faz ideia de quanto trabalho me deu? — por sua voz quente feito uma fogueira e a rigidez longa tocando meu estômago, acho que não foi tão ruim assim.

Definitivamente, eu não posso ter este tipo de pensamento aqui. Pisco algumas vezes para sair do transe, e Max se aproveita desta luta para roçar seus lábios preguiçosamente nos meus.

— Bom dia, Gabrielle.

Expiro, trêmula, enfeitiçada.

— Agora consigo ver de quem Ana herdou a persuasão...



Passei alguns minutos procurando minhas roupas pelo quarto. A calça jeans ao pé da cama, os sapatos um de cada lado, e minha camisa arruinada

de tão amassada. Mas que porcaria eu fiz ontem à noite? Um strip tease?

Paro em frente à porta aberta do quarto da menina. E preciso tomar um instante para absorver todos os detalhes. É... impressionante. Este é o quarto mais de princesa do que qualquer outro que eu já tenha visto. Tons de rosa bebê se misturam com rosa pink e branco num efeito muito bem coordenado. Cortinas descem por uma parede completa, terminando num carpete clarinho. Pelos cantos, uma infinidade de bonecas estão ordenadamente desalinhadas. O guarda-roupa pequeno, branco, tem detalhes ricamente entalhados. Há uma mesinha com quatro cadeiras e um jogo de pires e xícaras posicionados como se, de fato, alguém viesse para um chá. No canto direito, uma miniatura de penteadeira com espelho e banqueta embutidos mostra o quanto a menina é vaidosa... E pelo que vejo em cima do móvel, posso ter a certeza de que a danadinha mentiu para mim na primeira vez que nos vimos, quando alegou que seu pai não lhe comprava batons. Há mais ali do que eu mesma jamais tive!

O que realmente fascina é o fato de Ana literalmente dormir dentro de uma carruagem. Eu nunca tinha visto nada como isto. Armações de ferro dourado em volta da cama moldam o exato formato da carruagem da Cinderela, arrematado por um fino dossel rosa claro que cai sobre a estrutura encantadoramente.

Palavras me faltam. É inexplicável. Eu posso sentir o profundo amor neste quarto, impregnado em cada minúcia. O cuidado, a vontade de fazer com que a menina se sinta em seu próprio mundo mágico. O sentimento de Max por sua filha é tão forte e grande que baqueia.

Segurando a porta do guarda-roupa aberta, o olhar de Ana vai dos meus pés à cabeça.

— Você está com a camisa do meu papai, Gabrielle?

A frase me devolve à realidade.

Filha da mãezinha esperta!

Meu rosto cora com vontade. Eu deveria ter recolocado a minha própria, por mais amassada que estivesse, no entanto, a ideia de sentir o cheiro de Max em mim foi mais tentadora.

Desvio o olhar para meus pés, buscando uma boa mentira.

— A minha não combinava com os meus... sapatos.

— E tem que combinar, não é mesmo, Gabrielle? — a maneira como ela me chama pelo nome, parecendo falar de igual, torna a garota ainda mais engraçadinha.

— Sim, sim — limpo a garganta — Esta é a regra número um. Os sapatos precisam combinar com a roupa.

Com outra de suas risadinhas gostosas, a menina começa a me apresentar suas opções. Surpresa nenhuma, ela escolhe justamente o vestido que fiz. Eu estaria mentindo se dissesse que não ficou perfeito para ela.



Entro com o carro de Max em uma das vagas da loja de itens para bebês. Eu não queria aceitar pegar seu veículo, mas algo que ele me falou trouxe rapidamente razão ao fato. A caminhonete dele é segura para Ana, ele pesquisou muito antes de adquirir este modelo, e no banco de trás está a

NACIONAIS - ACHERON

cadeirinha onde sua filha deve se sentar. Eu não sei exatamente como ele pretende buscar meu carro, mas não questionei sua decisão. A verdade é que, pela primeira vez na vida, eu me pego dirigindo com cem por cento de minha atenção, como se o bem mais valioso do mundo estivesse sob minha responsabilidade.

A menina, por outro lado, não para de tagarelar. Sua energia alcançou o nível máximo depois do café da manhã delicioso que seu pai nos preparou. Agora que eu disse para onde estamos indo, a animação é quase um surto de risadinhas e frases sobre ela amar bebezinhos.

Nem quero pensar muito no que estou sentindo; adoro tudo o que tenho conhecido sobre ela. Pensando nisto, reflito sobre algo que vi nesta manhã, e que me tocou de um jeito impossível de entender. Após colocar seu vestido, sentar na cama baixa e pegar a prótese, o semblante de Ana mudou. Não consigo explicar, mas é como se aquela fosse a única parte infeliz de seu dia. A menina mais enérgica e brilhante que já conheci tem um momento ruim todas as manhãs.

Minha garganta arde com o pensamento. Respirações curtas ajudam a aliviar.

Uma última conferida pelo retrovisor e ela permanece falando sem parar. De longe, vejo o carro de Luna estacionado também. Ela e Jasmine já estão me esperando do lado de fora.

— Olha lá, Gabrielle! Aquela é a sua amiga!
— Ana aponta o dedinho, tocando no vidro.

A danadinha se lembrou de Jas. Percebe o que eu disse sobre ela ser desmedidamente inteligente?

Desafivelo meu cinto, desço, vou para a porta de trás e retiro minha acompanhante de sua cadeirinha. Enquanto a pego no colo para transferi-la ao chão, os olhinhos cinzentos se fixam em mim, intensos. Eu me pergunto se ela aprendeu isto com o pai.

Pegando sua mão, caminho com Ana até Luna e Jas.

Cacete, as mulheres estão impressionantes. Casamento faz isso com as pessoas hoje em dia?

Tanto Luna quanto Jasmine pouco me olham quando percebem o que eu trouxe comigo. As atenções vão imediatamente para a menininha, com sorrisos derretidos.

— Gabi, quem é esta princesinha? — Lu se abaixa para ficar à altura de Ana. Ao se curvar, a barriguinha de minha amiga fica mais evidente.

— Eu me chamo... — recebo uma rápida olhadela de Ana — Luz da Manhã.

Rá! Eu jamais esperaria por essa.

E então me surge uma dúvida: a espertinha escolhe seus nomes aleatoriamente ou baseada em algo que ouviu durante o dia?

Jasmine, que já a conhece, esconde o sorriso e se abaixa para Ana também.

— Oi, Luz da Manhã — o modo doce de Jas me faz pensar em como eu sinto falta dela — Estou muito feliz em te ver de novo.

Ana encolhe os ombros, satisfeita com a atenção.

— Gabrielle foi na minha casa bem cedinho para me convidar — a menina olha para o pezinho,

balançando pelo calcanhar. Respiro fundo, prevendo o que está por vir. Não, por favor, não fale, por favor, por favor — Mas eu não tinha acordado ainda, aí ela me esperou na cama do meu pai, porque é maior.

Oh, sim, ela disse!

— E a camisa do meu pai combina mais com seu sapato — revela, prestativa.

Vermelha. Pega no flagrante. É como me sinto.

Teremos uma longa manhã.

Capítulo 15

GABRIELLE

— É tão quentinho... — Ana acaricia, sonhadora, uma manta para bebês, deslizando seus dedinhos pelo tecido.

E tudo o que Luna e Jasmine fazem é suspirar, encantadas. Não tem como negar que a fascinação de Ana Carolina por bebezinhos é algo até engraçadinho, se não levarmos em consideração o que ela acabou de fazer no andar de cima, no departamento de itens para banho da grande loja.

Eu tive de tirá-la de lá carregada, e, acredite, acho que salvei a vida de Ana. Seu pai certamente me deve essa.

Uma mulher robusta olhava, desinteressada, algumas banheiras de recém-nascido quando a

NACIONAIS - ACHERON

menina parou do seu lado, olhinhos brilhantes de emoção, e soltou aquilo de “Puxa, moça, é um montão de bebezinhos que você tem aí, hein”. A frase inocente fez com o que o rosto da mulher enrubescesse em pura irritação. O motivo: ela não estava grávida, apenas acompanhando alguém. Max, com toda a certeza, me deve a vida da princesa Matraquinha.

— Gabi... hum... você e o pai dela...? — Jas sonda, parando ao meu lado e observando os itens no balaio.

Penso em contar o que está havendo. Jasmine é minha confidente, moramos juntas por um tempo e conversamos muito uma com a outra, mas a verdade é que nem sei definir o que estou fazendo com Max.

— Não é nada de mais, você sabe... — dou de ombros, mantendo minha atenção na menininha — Ontem eu bebi umas tequilas a mais com o pessoal do trabalho e acabei esquecendo as chaves de casa. O gostosão me deu abrigo e a espertinha me pegou no flagra.

Pelo canto do olho, pego Jas rindo.

— A menina é linda, não?

Ambas encaramos Ana Carolina testando todas as texturas de mantas, de olhinhos fechados, deliciada.

— Sim, Jas, ela é... — estou curtindo muito a menininha, tanto quanto tenho gostado da companhia do pai dela.



— Garota, eu acho que se você pedir um desconto, a loja te venderá as prateleiras também — provoco Luna, que tem seu carrinho cheio de itens. Ao que parece, ela está esperando um batalhão de crianças dentro deste corpo magro.

Lu sorri, brilhante, as sardas ainda mais acentuadas pela gestação.

— Estou levando algumas coisas para a neta de Simone. A bebê está para nascer...

Evito revirar meus olhos. Simone é a mulher que auxilia Dominic no Centro Comunitário. Segundo a senhora, a filha dela é uma folgada de marca maior. Pelos meus cálculos, esse será o sexto neto de que Simone cuidará sozinha, enquanto a

filha folgada não está nem aí.

— Dom me colocaria para fora se pensasse que comprei tudo isto só para o nosso bebê — a ruiva brinca.

— Até parece...

Luna continua a falar, porém, deixo de escutar quando meus olhos se voltam para onde Ana está, a menos de cinco metros de mim. Uma loira lânguida interceptou seu caminho e se curvou para falar com a menina. Aparentemente, não há nada de mais nisso... Mas algo que a mulher está dizendo altera visivelmente o semblante da criança. Seus ombros caem para frente, os olhos fitam o sapatinho e as mãozinhas se entrelaçam em frente ao corpo. Ana parece desconfortável. E o calor emanando da minha face não permite pensar duas vezes antes de ir até elas e descobrir o assunto.

Pego apenas uma parte da conversa.

— ... perna, coitadinha de você — o som complacente na voz de garça engasgada soa como piedade, ou uma forçada benevolência.

Desnecessária! A imbecil acha que está sendo legal e nem se dá conta de que só constrange a
NACIONAIS - ACHERON

menina.

Controle-se, Gabrielle, controle-se.

Respiro fundo e me coloco ao lado da menina. Ambas sobem seus olhares para mim, a criança olhando pra cima e a mulher voltando para sua postura ereta novamente.

Sorrio para Matraquinha e recebo seu sorrisinho sincero em retorno, como se nada que ela ouviu há menos de um minuto atrás tivesse acontecido. Este é seu mecanismo de defesa, agora eu percebo.

— Nós vamos fazer mais compras, Gabrielle?

— É sua filha? — ouço a garça.

Ignoro e mantenho minha atenção na Ana.

— O que você acha de perguntar à Luna e Jas se elas querem fazer um lanche, Ana? Eu estou com muita fome, e você? — afasto seu cabelo dos olhos.

— Eu também! — a garota emite uma risadinha, circulando a mão pela barriga.

Espero ela sair para enfim encarar a

desavisada.

— O que você estava dizendo a ela?

Os lábios finos da mulher se abrem, surpresa pelo meu tom.

— E-eu só disse... — ela me olha com mais atenção e estufa o peito, corajosa — Eu só estava dizendo à sua filha o quanto lamento por ela não ter, você sabe... — com um gesto de mão, ela aponta para a menina, mais longe de nós agora — Sinto muito por ela, eu nem imagino minha filha sem a perna... T-tenho uma da mesma idade.

— Ah, tem? — indago, calma.

Ela sorri parecendo mais relaxada por achar que estamos na mesma condição de mães.

— Sim, e a minha é muito espoleta, por isso eu disse que nem me imagino como seria para ela nascer assim.

Deus, fazia tanto tempo que meu sangue não esquentava deste jeito. Nem me lembro quanto. Talvez tenha sido quando encontrei a mãe de Jasmine em nossa casa, a velha cretina. Eu queria matar aquela mulher... Estou muito perto deste

sentimento agora.

— E ficar sem a língua, você já imaginou?

— Hã?

Dou um passo à frente.

— Isso o que você ouviu, sua desavisada imbecil — abaixo minha voz, para que somente ela me escute — Você não tem noção do que diz a uma criança, não? Eu deveria te fazer engolir esta merda de língua venenosa...

A mulher empalidece.

— Você é louca... — leio o sibilado de seus lábios.

— Você não viu nada. E agradeça por aquela menininha estar logo atrás de mim, do contrário, eu enfiaria a mão na sua cara de sonsa.

— E-eu não disse nada de mais, só falei à sua filha o quanto lamento.

Argh!

— Ô idiota, qual parte do “não fale merda para uma criança” você não entendeu?

Posso até ver a dilatação de suas pupilas. Fecho meus punhos, cravando as unhas nas palmas

das mãos para não acertar um tabefe estalado neste rosto sem graça.

— Maluca... — ela bufa, numa mistura corajosa e amedrontada, já me dando as costas.

— Imbecil desavisada — xingo baixo, mas sei que ela escutou antes de andar apressada para longe.

Respiro bem fundo.

MAXIMILIANO

Tomo um tempo para observá-las de longe, através da vidraça, sentadas em uma das mesas da rede de lanchonetes fast-food. Desconfio que minha filha tem grande influência na escolha do lugar. Avaliando bem, nunca imaginei Gabrielle se alimentando de porcarias, a cozinha dela é tudo sobre tomates e plantas. Vê-la devorando um hambúrguer gorduroso deve ser uma cena muito... interessante. O que nela não é, afinal?

Havia algumas mulheres com elas, mas
NACIONAIS - ACHERON

acabaram de sair. Lá dentro, as duas parecem se divertir muito compartilhando um tipo de sundae extragrande. Encosto-me contra o carro de Gabrielle (o qual busquei no bar onde ela deixou), permitindo que elas tenham um pouco mais de tempo a sós. Mesmo de longe, é óbvio constatar que Ana gosta da companhia da vizinha... e seu eu for inteligente o suficiente, devo começar a manter cautela no que estou fazendo.

Inferno, eu estaria mentindo se negasse apreciar a maneira como elas parecem muito bem assim, juntas.

Limpe sua mente, cara.

Enfio as mãos nos bolsos do jeans e ando pra dentro da lanchonete, para avisar que estou aqui e fazer a troca de veículos. JP me pediu para cobrir seu plantão pelas próximas seis horas e já estou em cima do horário. Vou devolver o carro dela e levar minha pequena para a casa de Eva. Minha irmã se ofereceu para cuidar da menina na semana de folga da Mari.

Ana é a primeira a me avistar.

— Papai!

— Filha — deslizo no banco ao lado dela e beijo o topo de sua cabeça.

— Você quer, papai? — oferece a colher.

A boca da criança está um desastre, há chocolate por todo o lado.

— Não, obrigada, pequena.

Encaro a mulher à minha frente, obtendo tudo o que posso de seu belo rosto, sem pressa.

— Bonita camisa, Gabi...

Assisti-la morder o sorriso e enrubescer me faz desejar correr os dedos por sua pele. Estou me sentindo assim desde que acordei antes do dia clarear e pude observá-la durante o sono, desarmada, relaxada, agarrada a mim. A mulher é bonita pra caralho. Está sempre com o desafio em seus olhos, mas tive, nesta noite, um vislumbre de outro lado dela que me agradou de uma maneira inesperada. Sob os efeitos do álcool, a provocadora dá lugar a uma versão mais doce, mais falante, mais amorosa.

— Obrigada, Max... Eu também gostei dela — reparo na sua voz abafada, como se nossos

pensamentos estivessem numa mesma vibração.

— Combina com os sapatos — minha filha acrescenta, dividida entre interagir e devorar o sundae — Humm, isto é tão gostoso!

A decisão não demora a ser tomada. Ana se afunda em todo o creme.

O olhar azul profundo de Gabrielle me fita, e eu o sustento.

— Você está bem? — diminuo meu tom.

— Aham... e você?

— Fazia tempo que eu não dormia tão bem — levanto os braços acima da cabeça, alongando-os preguiçosamente.

Seus olhos gananciosos caem para a fenda de pele que aparece acima do cós do meu jeans. Inferno, minha mente se esforça para que o corpo não reaja como ele quer.

Levanto uma sobrancelha, do tipo “gosta do que vê?”.

Sorrindo, a abusada dá de ombros, e não nega.

Caralho. Tudo nesta mulher foi feito para me

tirar o juízo. Não é sua aparência, é algo intrínseco a ela — o olhar destemido, a audácia, a força e também a suavidade quando pensa não haver ninguém olhando. Isso tem me pego pelo pé.

Meu aparelho vibra no bolso e, só por esta razão, quebro nosso elo. Uma mensagem de JP avisa que ele deixará o batalhão em alguns minutos.

Porra, pela primeira vez, estou lamentando ter de cobrir o cara.

— Eu odeio estragar a diversão de vocês, meninas, mas precisamos ir. Vou pegar um plantão agora e ainda tenho que te deixar na casa da tia Eva, Ana.

Minha filha adora ir para casa de sua tia. Se há algo que ela gosta é de receber atenção e minha irmã faz isto como ninguém. Espero para ver a animação dela e tudo o que a menina faz é parar a colher cheia no caminho para a boca.

— Papai, eu posso ficar com a Gabrielle?

A questão me surpreende.

— Gabrielle tem coisas para fazer, filha — nem espero a loira responder, não quero deixá-la

sem jeito de recusar o pedido invasivo da minha nada tímida criança.

— Se o seu pai não se importar, podemos passar o resto da tarde juntas — naturalmente, a loira se inclina para o lado, pegando sua bolsa apoiada na cadeira — Eu adoraria.

— Ebaaa!

Minha língua não se move enquanto busco em sua expressão algo que me diga que sua vontade não é esta. E nada. A mulher parece curtir a ideia. Inferno. Por que isso mexe tanto comigo?

Mordo a parte interna da boca, prendendo o sorriso estúpido que tenta brotar com um nova ideia surgindo em minha mente.

— Ok, mas com uma condição — a calma de minha fala faz com os olhos afiados venham imediatamente para mim, desconfiada.

Ingenuamente, é Ana a questionar, empolgada com o desafio.

— Qual, papai?

— Gabrielle deve jantar em nossa casa hoje.

Eu sei o que a vizinha está pensando, e ela

PERIGOSAS

tem razão. Sou um trapaceiro querendo ter mais tempo com ela, confesso.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 16

GABRIELLE

Aliso os cabelos da menininha adormecida com a cabeça em minhas pernas. Estou na casa de Max, sentada no sofá de frente para a televisão, a qual transmite os créditos finais de uma animação da Disney sobre uma garota corajosa que sai pelo oceano à procura de sua história. O desenho animado é bom – Ana não pode dizer o mesmo, uma vez que não se manteve acordada por tempo suficiente. Seu corpo mole está entre nós dois, os pés no colo de seu pai, e tudo o que se pode obter dela agora é um ruído baixo, um tipo de ronco agradável de ouvir.

Seu cansaço é justificado: passamos a tarde juntas, fazendo “coisas de garotas” num salão. Isso

NACIONAIS - ACHERON

elevou sua potência ao nível máximo; nunca imaginei que algo tão simples pudesse deixá-la naquele estado de euforia, falando pelos cotovelos com todo mundo. Ainda estou tentando entender como um serzinho deste tamanho pode ter tanta energia. Se eu não estivesse aqui nesta manhã, diria que a menina consumiu uma dose excessiva de cafeína.

Eu poderia ter ido pra casa no minuto em que o sono a pegou, mas a mão de Max, apoiada no encosto do sofá e massageando minha nuca de maneira tão distraída, me impediu de levantar a bunda do lugar. Seu toque lento tanto me acalma quanto excita, tornando difícil manter a mente concentrada. Oh, bom Deus, eu acho que preciso de um pouquinho mais de força de vontade aqui, sim? Não ajuda em nada saber que, além de tudo, ele cozinha divinamente bem...

— Eu... Ah — limpo a garganta — Eu acho que é hora de ir... — digo baixo, para não despertá-la.

Ele interrompe o movimento, mas não retira sua mão.

— Fique.

Viro-me para encará-lo e encontro sua atenção fixa em mim. A televisão é a única a iluminar a sala e, mesmo na pouca luz, a intensidade em seus olhos me faz respirar com dificuldade.

— Eu vou colocar Ana na cama. Fique para uma taça de vinho, Gabrielle — sua voz baixa, séria, alastra arrepios por minha cintura.

Tudo o que consigo fazer é concordar, num aceno de cabeça.

Meu vizinho sustenta o olhar em mim por um longo momento. Nas íris escurecidas, leio uma mensagem clara: já não adianta tentar fugir. Estou entrando nisso sem nem saber, de fato, o que estamos fazendo. Minha única certeza é a de que não me sentia desta maneira há muito tempo

Covardemente, desvio de seus olhos e passo a focar no rosto de sua filha. Espero ele se levantar.

Enquanto Max se prepara para pegar a criança, tomo meu tempo percorrendo o bom corpo do médico — aparentemente, consegue algum espaço em sua agenda para treinar. A calça jeans

NACIONAIS - ACHERON

surrada se agarra à sua bunda redondinha e cai no quadril espetacularmente, como se a peça fosse feita sob medida pra ele. Do mesmo modo, a camiseta cinza de gola “V” ajusta-se aos seus braços e peito. Em seu pulso, um bracelete artesanal de tiras finas em couro trançado concede despojamento à aparência. Atraente, principalmente agora, de pés descalços tocando o chão.

Aqueço quando pego seu sorriso de maus modos me mirando.

— É melhor você não me olhar assim.

— A-assim como?

— Como se quisesse o mesmo que eu, Gabrielle.

Nossos sussurros densificam a atmosfera da sala, de maneira forte o suficiente para me fazer perder a capacidade de desenvolver uma resposta boa. Jogo meu cabelo de lado e me levanto também, limpando as mãos nas laterais do meu corpo.

Com uma habilidade tocante, o homem pega a criança em seus braços. A cabeça de Ana cai, descansando no ombro de Max, demonstrando que

NACIONAIS - ACHERON

ali é seu lugar de sempre. Impossível ficar indiferente à imagem de pai e filha.

— Você quer ajuda?

Sem esperar a resposta dele, começo a tirar os sapatinhos da Matraquinha em “modo off”. A prótese dentro do sapato tem o formato do pé da criança, liso e menos rígido do que eu esperava. Desfaço os laços dos calçados e os retiro, assistida pela expressão indecifrável de Max.

Sigo atrás deles para o quarto de Ana. Inibida por me sentir uma intrusa no momento deles, não entro. Da porta, fico apenas observando meu vizinho segurar sua menina em um braço, sem esforço, enquanto afasta a colcha. Com cuidado, ele a põe para dormir, desencaixando a perna artificial e pousando-a ao lado da cama. Após cobri-la, encerra o trabalho com um beijo no alto da cabeça de Ana, adormecida como uma princesa em sua carruagem.

Max caminha para onde estou e aperta o interruptor, transformando o ambiente rosa num tom escuro confortável. Recuo um passo para o corredor quando ele encosta a porta atrás de si,

deixando uma fresta aberta.

Caminhamos em silêncio pelo piso de madeira, de volta à sala,, minha mente num turbilhão de emoções vindas de todas as direções. O que começou com um acordo comigo mesma, de apenas uma noite, está, de certa forma, fugindo do controle. Ana foi envolvida. Eu não posso levar isto sem cuidado e...

Antes que eu consiga tomar nova respiração, distraída, sou pressionada contra a parede. Os olhos cinzas se batem nos meus, inteligentes, profundos, drenando todos os pensamentos. Seu olhar cai para a minha boca, e volta para me enfrentar.

— Esperei por este momento desde que você bateu à minha porta na última noite.

— Que momento, Max? — murmuro.

— Você sóbria para eu poder fazer isto... — o toque roçado de sua boca sobre a minha esvai qualquer outro pensamento.

Quando nossas línguas se encontram, permito-me ser tragada para o mundo coordenado por Max.



Na cozinha, o homem enche minha taça. Vagueio o olhar pelo espaço numa análise que não fiz esta manhã, quando acordei em sua casa. A planta do apartamento é um espelho da minha, mas a decoração é muito diferente, mais quente, mais familiar. Há cores em alguns detalhes, vida. Ana deve ter grande participação nisso.

Max me oferece a taça, pega a garrafa e me convida para voltar à sala com ele. Sento-me ao seu lado no sofá, sobre meus pés. A televisão, agora desligada, é substituída pela lareira elétrica abaixo dela, a qual ilumina e aquece.

Sorvo uma quantidade do vinho e me questiono se devo fazer a pergunta que me deixou intrigada desde a situação com aquela desavisada na loja. De frente para Max, arrisco.

— Eu posso te perguntar uma coisa?

Com a habitual seriedade, recebo uma inclinação sutil de seu queixo – um sinal verde.

Hesito por um instante, sem saber ao certo se eu deveria.

Ele percebe.

— Pergunte, Gabrielle.

Ok. Aliso a borda da taça, brincando com o som no cristal, e formo o questionamento em minha língua.

— Ana. Ela nasceu assim?

As íris escuras se desviam de mim. Noto o enrijecer de sua mandíbula e o movimento discreto do músculo, demonstrando um aumento da pressão no aperto. Tenho a sensação de estar tocando num assunto delicado, que não me diz respeito. E a verdade é que não diz mesmo. Estou agindo igualzinho à imbecil da loja.

Chego a pensar que ele não vai responder e me adianto em mudar de assunto.

— Desculpe, Max, eu não deveria...

Ele me corta.

— Ana não nasceu assim — o som sai grave, distante.

Penso ver um flash de culpa em seu semblante. Altero a direção de meu olhar para as chamas artificiais, desejando ter somente engolido

a curiosidade quando tive a oportunidade.

— Nem é da minha conta, você não...

— Foi um acidente. A mãe dela dirigia o carro.

Oh, merda...

— Eu sinto muito...

Max deixa de encarar sua taça e sobe os olhos pra mim. A dor está ali, visível, uma ferida aberta.

— Minha ex-mulher é alcoólatra... ou era — ele ri com amargor — Eu deixei Ana sob os cuidados dela num momento em que, teoricamente, estava limpa. Ou eu pensava estar... Jesus, nunca deveria ter deixado Ana sozinha com ela.

Claro como a luz do dia, Max se culpa pelo ocorrido. O protetor de Ana carrega o peso de algo que a marcará para sempre.

Limpo a garganta, tentando pensar no que dizer; nada me vem à mente. Só consigo sentir o meu próprio pesar.

— Ana era só uma menininha presa nas ferragens, tudo porque confiei na mãe dela. Achei

que Francine nunca assumiria um volante bêbada com sua criança pequena no banco de trás.

Deixo minha taça sobre a mesa de centro, tomada pela necessidade de estar mais perto dele.

— Você não tinha como prever isso, Max...
— deslizo, me aproximando — Coisas ruins também acontecem com pessoas boas. Infelizmente, a vida é assim.

— Eu deveria ter percebido que Francine não aguentaria muito tempo sóbria. Fiquei cego querendo manter aquele casamento, não fui capaz de enxergar o óbvio. Ela nunca quis ser uma mãe ou esposa.

Por sua entonação, tenho a leve sensação de que Max ainda sente algo pela mulher. A nova informação é absorvida de maneira um tanto indigesta por meu estômago.

— Ela também deve ter sofrido muito com isso — medito em voz alta.

Minhas palavras causam nele um tipo de espanto, desgosto, não sei bem.

— Se sentiu, nunca demonstrou — assisto-o

virar a bebida de uma só vez, sem humor — E sabe o que mais de dói? Eu trabalho salvando vidas e não pude ajudar minha filha quando ela mais precisou.

Sua dor é algo que eu consigo entender. Minha boca seca, o coração bate descompassado e já sinto os tremores das lembranças tentando reaparecer.

Imitando seu gesto, pego minha taça da mesa e tomo meu vinho sem saboreá-lo, apenas viro para que o álcool venha acalmar o sistema querendo entrar em ebulição.

— Nem tudo é como queremos, Max... às vezes não podemos proteger nossos filhos como gostaríamos.

Céus, essa merda dói.

Pouso novamente meu copo no lugar, respirando fundo e expirando em fragmentos. Quando minhas costas voltam para o encosto do sofá, pego Max com seus olhos afiados em mim, curiosos, vívidos.

— Por que você diz isto?

Engulo o vestígio do vinho ainda na boca, domando a tempestade inapropriada.

— Nada específico... — dou de ombros — Só não acho certo você se culpar por algo que não estava sob seu controle.

Toco sua mão livre, desenhando círculos na palma. Apesar de tudo, o calor e a eletricidade de nosso contato são um tipo de calmante surpreendente. Sem pensar muito, me vejo diminuindo o espaço entre nós para subir em seu colo.

Max é um bom cara. Estar perto dele me faz muito bem.

— Podemos não falar sobre coisas tristes e apenas nos curtir? — peço.

Com nossos rostos a uma polegada de distância, movo meus dedos pelos traços de desconfiança em sua testa.

— Tudo bem. Seu pedido é uma ordem, Gabrielle...

Montada nele, deixo o momento nos levar. Movimento-me vagorosamente em seu colo,

esfregando jeans contra jeans, sentindo sua dureza despertar meu sexo.

— Max...

— Gabi...

— Devemos fazer isto em sua casa? — resmungo; nossos lábios colados se roçam preguiçosamente.

— Se você gemer baixinho, acho que não teremos problemas — seu bom humor ressurgiu.

Max se levanta do sofá, me suspendendo. As mãos carregando-me pela bunda, sem desprender nosso beijo. Envolver minhas pernas em sua cintura e o sinto nos levar. Em seu quarto, sou despejada no centro da cama, e meus cabelos caem espalhados pelos lençóis.

O homem paira sobre mim como uma águia namorando sua presa — lento, demorado. A crueza faminta em sua expressão reflete o meu próprio estado de urgência.

— Venha, Max, transe comigo... — imploro, acesa e pronta.

Ele sorri, miseravelmente atraente.

— Hoje nós não transaremos, Gabrielle...

Um chorinho ameaça grunhir da base de minha garganta, em protesto.

— Hoje nós faremos amor.

Bom Deus!

Perco o ar.

Há muito tempo eu não faço amor, nem consigo saber a diferença mais... no entanto, a partir da maneira obstinada como minha roupa começa lentamente a ser retirada e o caminho que sua boca explora minha pele, uma nova emoção renasce de um lugar desconhecido, dormente por anos.

E tal qual o seu pedido, gemo baixinho para cada investida de seu corpo contra o meu. No escuro, sinto lágrimas escorrerem pela lateral do meu rosto, e agradeço silenciosamente por apenas eu ter ciência delas.



Desperto, alarmada. Através das frestas da cortina, vejo as cores do crepúsculo. Eu não deveria ter adormecido, me políciei tanto... droga! Desço

da cama e, passo por passo, tateio o chão atrás da minha roupa.

Tropeço primeiro em minha camisa. Abaixo-me para apanhá-la e avisto a pontinha da renda vermelha da calcinha embaixo da borda do edredom, em contato com o chão.

Ora, porcaria, onde está o restante?

Engatinho pelo espaço e nada de encontrar as peças. Não importa. Evitando fazer qualquer barulho, visto a calcinha e a camiseta, a qual cobre parcialmente as pernas, e caminho na ponta dos pés até a porta. Próxima a ela, enxergo o sutiã vermelho. Não seria nada bom se Ana encontrasse isto, penso, ao me inclinar para pegá-lo.

Ainda de bunda pra cima, curvada, já com a alça do sutiã presa entre os dedos, eu o ouço.

— Bom dia, fujona...

Viro-me num pulo.

— Oh, merda, você me assustou — sussurro, segurando o peito.

Max está com as mãos embaixo da cabeça, observando-me atento, como se estivesse nessa

posição desde que eu descí da cama, assistindo à minha busca ridiculamente silenciosa. Apesar do sorriso de canto, vejo em seus olhos o nítido desagrado.

— Já vai indo, vizinha?

Mordo a minha boca, não sabendo direito identificar o que há em seu tom.

— Eu não quero que Ana me encontre aqui de novo Max, acho que estaríamos confundindo ela.

Uma de suas sobrancelhas se arqueia, sem alterar a expressão.

— Em que sentido?

Ele quer mesmo discutir isto agora?

— Ela não entenderia o que estamos fazendo...

— E o que estamos fazendo?

Dou um passo à frente.

— Nos divertindo, como adultos. Sua filha pode ter uma ideia errada...

A menção do sorriso nele morre gradativamente.

— Não estou procurando uma mãe para minha filha, tampouco ela está, se é isso que te preocupa, Gabrielle.

Sinto meu rosto queimar. Nnem sei o que dizer. Que merda de afirmação é esta?

— Não foi o que eu quis dizer... — retruco, ainda mantendo meu tom baixo.

Ele se ajeita na cama, sentado contra a cabeceira, o peito nu e o lençol cobrindo o restante.

— Então você não precisa sair fugida como uma criminosa. Eu nunca trouxe nenhuma mulher a esta casa antes. E pelo que vi você tem sua cabeça muito bem feita a respeito de como quer isto entre nós — posso estar enganada, mas a irritação está muito perto de se tornar explícita.

Respiro fundo e aperto a base do nariz.

— Alguém acordou de mau humor — resmungo.

Sua risada me surpreende.

— Não, vizinha. Eu só não quero ser o segredo sujo de ninguém.

Colocando desta forma...

— Tem razão, Max, nesse sentido, mas... —
não encontro as palavras certas.

Olhando-me daquela maneira afiada, sério sem deixar de esboçar o sorriso, ele estende a mão.

— Então fique mais um pouco.

Ancoro-me contra o batente, ainda segurando meu sutiã vermelho enroscado ao dedo, e avalio minhas opções, entre este homem e a porta de saída...

Capítulo 17

GABRIELLE

Mordo o sorriso enquanto espero meu irmão abrir a caixa onde coloquei seu presente de aniversário. Encomendei isto há alguns dias, desde que eu soube de sua atitude maluca de comprar uma moto e praticar rali. Benjamin, nosso irmão mais velho, odiou a ideia. Confesso que eu também não curti muito saber que este é o novo brinquedo de Peter, mas ele sabe o que faz, e quando põe uma coisa na cabeça, dificilmente muda de opinião.

— Sua expressão está me assustando — o imbecil arqueia a sobrancelha, olhando com desconfiança de mim para a caixa.

— Abra de uma vez, Peter!

Conforme ele vai tirando a tampa, um sorriso

NACIONAIS - ACHERON

brincalhão bonito se forma em seu rosto. Peter tem isto de ser descontraído na superfície. A maior parte do tempo você o verá de bom humor, ao contrário de Ben, mas não pense que seu gênio é algo a ser subestimado. Peter é do tipo que guarda uma tempestade dentro de si, apesar da aparente serenidade.

— Legal... — ele continua observando o conteúdo.

Bufo.

— Ah, vamos lá, esta porcaria me custou uma nota, pegue e veja o que acha!

Estamos ambos sorrindo como bobos.

Meu irmão retira da caixa o macacão de motocross preto com detalhes em vermelho, confeccionado em material especial resistente ao atrito e adequado à temperatura corporal.

— Foi feito sob medida.

— Por um momento, achei que você me daria mais daquelas camisas sem graça — ele provoca, avaliando o presente com olhos brilhantes.

Enfio um soco em sua costela.

— Bastardo ingrato.

Satisfeito, ele me puxa para um abraço.

— Obrigada, irmãzinha. As garotas vão apreciar me assistir correndo com isto.

Apoio a mão sobre seu peito.

— É uma pena que a decepção virá assim que você tirar o capacete e elas descobrirem sua cara — finjo uma tosse, como se a frase tivesse saído por acidente.

Sou afastada ao comprimento de um braço para receber aquele familiar olhar ridiculamente maquiavélico.

— Você não me disse isso...

— Ah, nem vem... — reviro os olhos, captando a intenção de seus dedos longos se aproximando de mim — Sério, Peter, pare, já estamos atrasados para o seu jantar!

— Peça desculpas...

— Nunca! Você viu a etiqueta desta coisa? Meu salário está todo aí. Vamos, qual é? Você deveria limpar minha casa por uma semana em vez de me ameaçar.

Recuo alguns passos, rindo à medida que ele avança.

O filho da mãe vai mesmo me fazer correr? É sério?

Pego minha bolsa de cima da mesa, reconhecendo sua determinação, e praticamente viajo para a porta. Giro a maçaneta com meu irmão logo no meu pé. Emito um grito baixo de clemência, vergonhosamente... e travo no caminho da saída quando encontro a Mari e a Matraquinha paradas diante da porta aberta. Elas olham de mim para meu irmão, sincronizadas.

Paro de rir imediatamente, me recompondo.

— Mari, Ana... — sibilo um cumprimento.

A garotinha volta seu olhar para Peter.

— Você está bem, Gabrielle? — tenho a impressão de que seus olhinhos contêm algum tipo de proteção.

Peter se abaixa à altura dela.

— Sabe o que eu estava prestes a fazer nela? — ele pergunta.

Ela sacode a cabeça negativamente.

— Cócegas! — Peter corre seus dedos de leve pela costela da criança, extraindo gritinhos que ecoam pelo corredor vazio.

Mari e eu apenas observamos, involuntariamente rindo também. Meus pensamentos se voltam para as palavras de Max sobre não estar procurando uma mãe para a menina. Obviamente ele disse aquilo por impulso, em reação à minha atitude de sair escondida. Oh merda, mas a maneira como ele soou pareceu tão ofendido... e fez com que eu me sentisse uma idiota fria.

Se eu for franca, tenho de assumir que gosto de como me sinto perto dele. Não é só sexo, é a companhia. Voltar para sua cama e me deitar eu seu peito foi uma das melhores sensações que me lembro de sentir em um longo tempo. Seus dedos acarinhando minha pele, os braços me envolvendo para si sem pretensão, apenas gozando da companhia um do outro...

— Desculpe por tentar sair assim — me vi sussurrando.

— Você é bem-vinda para ficar, Gabrielle —

foi o que ele respondeu; Deus, eu senti tanta coisa com esta pequena frase...

Para acrescentar confusão ao turbilhão de emoções sem sentido me rondando, presenciei a alegria de Ana ao me ver em sua cozinha logo cedo. Aquilo foi contagiante. É como se meu coração pudesse bater acelerado e lento, simultaneamente, somente por ouvi-la. E isso me preocupa... Max pode não estar procurando uma mãe para ela, mas a menina anseia por alguém assim em sua vida. Os sinais estão todos ali... No meu íntimo, sei que não deveria me envolver tanto. Eu nunca poderei ocupar tal papel.

— Tudo bem, Gabrielle? — Marieta me traz de volta, amistosa.

— Hã... Sim, sim, estou bem. E você, Mari?

— Ah, eu também. Aproveitei os dias de folga e viajei para a casa da minha filha, pra matar um pouquinho da saudade.

— Fez boa viagem?

Os gritinhos de Ana começam a se acalmar ao passo que ela recupera o fôlego. Peter finalmente se levanta do chão.

NACIONAIS - ACHERON

— Fiz sim, obrigada — Mari alisa os cabelos de Ana — Você vai falar pra ela, Ana Carolina?

A curiosidade causa comichões em todo o meu corpo. Falar o quê?

Ana desliza os dedos pelo vestido, lançando um último olhar sorridente ao meu irmão.

— Você vai guardar segredo, Gabrielle? Porque isso é segredo.

Mudo meus olhos para Mari, que mantém uma expressão de paisagem.

— Bem... Eu acho que sim... — dou de ombros.

Ela bate palminhas.

— É o aniversário do meu papai, mas ele não pode saber.

Oh.

— Faremos um bolinho surpresa para ele amanhã à noite e gostaríamos que você viesse — Mari explica.

— Você vem, né, Gabrielle? — o entusiasmo e a expectativa da Matraquinha estão a todo vapor.

Limpo a garganta.

— Hã... — o rostinho esperançoso fixado em mim não me ajuda a criar nenhuma desculpa boa para negar... droga — Eu... eu vou sim, obrigada pelo convite.

Ana só falta saltar no lugar, empolgada. Marieta pega sua mão de volta.

— Agora vamos lá, mocinha, nossa vizinha estava de saída e nós não queremos atrasá-la.

A garotinha concorda com a cabeça, lançando um “tchau” cheio de risadinhas para Peter... Antes de sair, ela se gira para mim novamente.

Prendo a respiração. Não, ela não...

— Você vai dormir na minha casa hoje de novo, Gabrielle?

Rá... ela fez. Outra vez.

Sinto os olhos de Mari e Peter em mim, enquanto Ana está à espera de uma resposta. A sensação é de brasas tocando meu rosto até avermelhar. Sinceridade infantil, quem acha isso bonito é porque nunca foi delatado desta maneira.

— Hum... Eu acho que não, Ana — digo em

voz baixa, sem jeito.

Sua expressão murcha, desapontada.

A mulher ao seu lado salva o momento, perguntando alguma coisa aleatória à criança, mudando os rumos da conversa e levando-a de volta. Viro-me para trancar o apartamento, murmurando uma despedida.

Meu irmão sacana observa tudo em silêncio.

— Não fale nada... — resmungo.

Ele levanta as duas mãos em sinal de rendição. Enfio outra cotovelada perto de seu estômago diante do sorriso provocador.



— Quer dizer que minha irmãzinha anda dormindo na casa do vizinho...

Libero a respiração presa e mantenho meus olhos na paisagem correndo do lado de fora do veículo.

— Aconteceu uma ou duas vezes...

Percebo seu olhar de canto em mim.

— Bem, isto é bom. Então por que parece que há algo de errado?

Desvio o olhar do exterior para o meu colo, com a imagem de nós três tomando o café da manhã juntos, parecendo uma família, vindo em flashes.

— A menina, você sabe, eu não deveria, acho que isso vai confundir a cabeça dela...

— Por quê? — sonda, tranquilo.

— Porque não vai durar, Peter. É só um lance sem importância...

— O cara sabe que pra você é “só um lance”? — sua falsa sutileza é evidente.

Olho de volta pela janela, desencorajada.

— Acho que sim, nenhum de nós quer qualquer compromisso, estamos na mesma página.

— Foi o que ele te disse?

— Não...

Um silêncio desconfortável se forma e me faz ciente do que está se passando na cabeça dele.

— Ok, lá vamos nós... — Peter assovia baixo, tamborilando os dedos no volante — Até quando você pretende levar tudo desta forma?

Arranho as unhas na palma da mão.

— Não vamos entrar nisso agora...

Meu irmão — dois anos mais velho, e que me apoiou quando tomei uma decisão importante no passado — conduz o carro da avenida para o acostamento.

— Gabi, olhe pra mim — exige. Mesmo impaciente com o assunto, eu o encaro — Você percebe o que está fazendo?

— Não tem nenhuma relação.

Ele sorri sem vontade, conhecedor.

— Estar casada com um merda não significa que todos os homens são assim.

Bufo, revirando os olhos. É o último assunto de que eu gostaria de estar tratando nesta noite.

— Você acha que eu tenho medo disso? — questiono retoricamente.

Paciente, ele mantém os olhos em mim.

— Acho que você ainda se pune pelo ocorrido. Você não poderia ter feito nada para impedir, sabe disto. Não é sobre encontrar alguém, é sobre seu medo de passar por aquilo de novo.

Oh, merda!

— Eu adoraria ficar aqui debatendo o passado com você, mas há pessoas nos esperando para o seu jantar de aniversário, lembra?

— Essa menina, a filha do seu vizinho, ela te faz lembrar o bebê, não é?

A menção acelera meus batimentos. Seguro o rosto entre as mãos, sem oxigênio, hiperventilando.

Ana me faz lembrar do bebê, sim. Merda, que criança da idade dela não me levaria a recordar que eu não fui capaz de cuidar de um filho? Que eu fui irresponsável e não me atentei àquele serzinho como deveria? Deus, eu deveria ter feito tanta coisa diferente, eu era tão nova, tão burra... A culpa é como ácido percorrendo as minhas veias.

Meu irmão segura meu ombro, puxando-me para junto dele.

— Aconteceu porque tinha de acontecer, Gabrielle. Pare de se culpar. Você pode ter mais filhos quando quiser e cuidará muito bem deles, eu sei disso. Seu instinto maternal, inferno, é a coisa mais forte que tem dentro de si. Olhe para a maneira como você colocou Jasmine sob sua asa. Porra, da forma como empurrou Alice para Ben,

NACIONAIS - ACHERON

para que o fodido saísse da própria bunda. Até comigo, veja como me trata, comprando equipamentos de segurança, morrendo de medo de eu me acidentiar num esporte qualquer — sua fala é calma, cálida.

Minha garganta ameaça se fechar com a sensação de ardência. Detesto me sentir assim. Eu jurei que seria forte. Eu me prometi isso.

— Você precisa deixar isso ir de uma vez, irmãzinha...

Meu irmão beija minha testa e me acalenta contra seu peito até eu conseguir, lentamente, recuperar o domínio sobre mim.

MAXIMILIANO

Seco parcialmente meu peito e visto a camiseta, que se agarra à umidade. Bato a porta do armário, com o pensamento em uma só direção: a da vizinha. Mandeí uma mensagem pra ela ontem à noite e outra hoje; em nenhuma delas obtive

resposta, por muito pouco não liguei. A mulher está sob minha pele além do que deveria, e já deu muitos sinais de que, para ela, não temos nada a nos unir além do maldito e infundável desejo.

Ontem ainda tive de lidar com a inocente notícia de que um amigo da loira fez cócegas em minha filha. O mesmo que já encontrei saindo de seu apartamento em outras ocasiões. Gabrielle não estaria me levando enroscada em seu dedo, tendo um namorado em causa, estaria?

Já nem posso afirmar com convicção.

Pela maneira como ela se esgueirou da minha cama, na madrugada anterior, eu não deveria insistir nisso. Tudo o que vejo em seus olhos é uma barreira sutil. A mulher não quer nenhum envolvimento. Eu deveria respeitar isso e manter distância.

Jogo minha mochila por cima do ombro e só então me dou conta de outra presença no vestiário.

— Chefe — cumprimento em voz baixa, acenando com a cabeça para o homem parado na porta.

Caminho até a saída e paro diante dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Longo dia, não, filho?

Raled Saleh é um senhor na casa dos sessenta, estrangeiro, médico socorrista durante muitos anos, e agora chefe deste batalhão. Minha contratação veio por suas mãos.

— Nada a que não estejamos acostumados, senhor.

Ele sorri por baixo do bigode amarelado de tabaco.

— Feliz aniversário, Max. Estou muito orgulhoso de seu trabalho — recebo uma batida em minhas costas.

Eu havia até me esquecido desta porcaria. Aniversários nunca foram o meu forte, exceto os de Ana.

— Obrigado, senhor.



Paro diante da porta fechada e aguardo alguns instantes. Eu deveria bater, empurrá-la contra a maldita parede e fazer Gabrielle se lembrar de como funcionamos bem juntos. Será que a provocadora não se sente desta mesma maneira de

merda? Balanço a cabeça, negando a ideia. Provavelmente não. A mulher seria muito capaz de oferecer tudo o que você puder obter dela para em seguida amassar seu coração e comer no jantar.

É melhor não insistir nisso, a voz da razão sopra fraca, lembrando sobre como Ana também está se envolvendo demais com ela.

Dou alguns passos até a minha própria porta, enfio a chave e abro, estranhando a escuridão não habitual na sala.

Ao acender a luz, escuto um coro de vozes.

— Surpresa!

Mas que porra é...

Pisco algumas vezes para o grupo de pessoas me encarando, sorridentes. Da esquerda para a direita, Mari, Diana (colega que acabou de deixar o turno junto comigo), Eva e nossa mãe, Celina – segurando os ombros da minha filha –, Cinthia, Manu, JP e... ela. Gabrielle.

Meus olhos param na mulher por um longo tempo, como se sua presença me atraísse para si. Miséria. Ela quebra nosso contato com alguma

coisa que JP diz em seu ouvido e que a faz rir.

— É seu aniversário, papai! — Ana Carolina se adianta, vibrante.

Pego-a no colo e suspendo no ar.

— Você organizou uma festa para mim, pequena?

Ela emite risadinhas que tocam diretamente em meu peito e me fazem lembrar a razão de querer voltar para casa todas as noites.

— Sim! Era uma surpresa!

Aperto a pontinha de seu nariz.

— Pois eu estou surpreso, filha.

Coloco Ana no chão para cumprimentar os convidados. Minha mãe é a primeira.

— Você parece mais magro, filho.

— Impressão sua, mãe — beijo o alto de sua cabeça. Ela alisa meu peito.

Eva faz alguma piada sobre meus cabelos estarem embranquecendo. Nossa diferença de idade é de cinco anos, sou mais velho e fiz papel de seu pai quando precisou. Perdemos o nosso muito cedo.

Diana conta como conseguiu chegar antes de
NACIONAIS - ACHERON

mim. Ela e Mari engatam uma conversa que me permite ir para onde estão Emanuelle, Cinthia, JP e Gabrielle. Algo neles juntos retorce a borda de meu intestino, principalmente pela maneira gananciosa como meu amigo ronda minha mulher... porra, de onde saiu isso de “minha mulher”?

Beijo os rostos de Cint e Manu, recebendo suas congratulações, e cumprimento JP. Deixo a loira por último, propositalmente. Na nossa hora, abraço-a aproveitando a distração do grupo. É necessário um grande esforço para não levá-la longe de vista e ter meu tempo a sós com a mulher.

— Pensei que você viria na noite anterior — sussurro, os lábios tocando sua orelha.

— Mal acostumado, vizinho? — responde, discreta.

Dou uma risada baixa, curtindo o arrepio bonito no topo de seu ombro em reflexo à minha carícia em seu braço.

Algo que JP diz me obriga a me afastar dela. Emanuelle se aproxima, apoiando-se contra mim para ouvi-lo.

—... Gabrielle é bem-vinda para ir — pego

NACIONAIS - ACHERON

esta parte da maldita coisa.

A loira põe sua atenção no grupo.

— Onde? — me apresso em perguntar sem parecer tão malditamente incomodado.

— Estamos planejando uma reuniãozinha lá em casa amanhã, Max — Manu explica.

A informação, indigesta, é um soco no meu estômago.

Sorrio superficialmente, na esperança de que Gabrielle recuse com elegância. Mas veja se os olhos dela em mim, curiosos, não são exatamente o oposto do que eu espero...

— Reunião? — ela pergunta tão pacificamente que me causa desconfiança.

— O tipo de reunião para desopilar depois de um turno, se é que você me entende — JP, o fodido, vai mais longe.

As garotas riem, maliciosas, não fazendo muito para inibir a interpretação da coisa.

— Eu não acho que Gabrielle queira... — intento cortar logo o assunto.

— Eu adoraria — a loira me interrompe, num

timbre adorável.

Diabos.

Encaro-a e percebo sua intenção. Espertamente, ela sacou no ar o espírito do negócio e esta me desafiando a dissuadi-la. Estreito meus olhos; ela dá um sorriso contido, de canto dos lábios sem de fato sorrir.

Não me mostro afetado, no entanto.

Sustento seu olhar.

Minha vizinha deixou transparente como a água o tipo de lance que estamos tendo. Sexo, e nada mais. Quem sabe algo compartilhado seja exatamente o que ela está procurando, no final das contas, reflito com amargor.

Caralho, a ideia é além de perturbadora.

Desço meu olhar para sua boca espessa. Ela umedece o lábio inferior, criando uma urgência em mim por tocá-la.

— Vocês nos dão licença? Há algo que eu preciso conversar com Gabrielle — entoo tão natural quanto posso.

Sem me importar com a opinião de qualquer

um desta sala, aponto à mulher a direção do corredor para os quartos. Com um arqueio em sua bonita sobrancelha, desafiadora, ela não mostra intenção de se mover. Não cedo, no entanto.

— Gabrielle?

Emitindo um bufo quase imperceptível, a loira move seu corpo gostoso no jeans e camiseta.

Espero o tempo de sair da vista para fazer o que desejei por um longo dia. Pressiono-a contra a parede, descansando minhas mãos de cada lado de sua cabeça, e ajeito meu joelho para ficar entre suas pernas. Sinto-a quente como sempre, uma fogueira. O seio se move para cima e para baixo, em respirações curtas.

— Por que você não respondeu às minhas mensagens? — murmuro, a um milímetro de sua boca.

Ela engole a saliva. O ato movimenta sua garganta de modo tentador.

Seu olhar se mantém preso ao meu.

— Eu não pude, Maximiliano — solta um murmúrio provocador de quem descobriu meu

nome inteiro somente hoje, provavelmente conversando com minha mãe.

Eu me pergunto o assunto.

— Gosto de como isso soa em sua boca, Gabi — encosto nossos lábios juntos — Mas há algo que gosto mais nela.

Lambo a carne vermelha e cravo meus dentes na maciez, antes de deslizar minha língua para tomar a sua com uma avidez faminta. Meu corpo sentiu falta deste contato.

As mãos dela se agarram aos cabelos em minha nuca, me trazendo para junto, tão necessitada quanto eu. Que diabos estamos fazendo, negando esse tipo de química tão forte que há entre nós?

Espremo-a contra a superfície, moendo meu pau duro sob a calça em seu estômago, deixando-a ciente do que faz comigo.

— Passe a noite comigo, Gabrielle — exijo num rosnado.

Capítulo 18

GABRIELLE

Fecho os olhos e me deleito com a sensação da boca de Max na minha, esquecendo por um momento da sala de estar repleta de pessoas tirando conclusões nada precipitadas a respeito de nossa fuga ao corredor. Tudo o que faço é trazê-lo ainda mais para mim, amando o gosto mentolado e o cheiro de banho fresco. Seus dedos estão cravados na minha cintura, por baixo da camiseta, tocando diretamente minha pele, mantendo-me firme no lugar.

Tão bom... e tão mau, a contar pela adrenalina pura a correr fácil por minha corrente sanguínea desde que seu corpo duro domou o meu contra a parede, atendendo a um pedido intrínseco

NACIONAIS - ACHERON

por seu toque.

É isso que me perturba. O fato de desconhecer este tipo de energia que se acumula quando estamos próximos. É algo visceral, ansioso. Ninguém nunca mexeu comigo desta maneira, nem mesmo o egoísta com quem me casei.

Isso só pode significar uma coisa...

Deus, eu estou apaixonada por Max.

Apaixonada!

E ferrada!

Se eu tinha alguma dúvida, ela se dissipou no instante em que o vi entrando. Sua presença inflamou meu peito com batidas descompassadas, descabidas para alguém com a minha experiência de vida. Para piorar, o anseio que vi nele quando nossos olhares se conectaram é exatamente como me senti. A necessidade de estar perto, de conversar, de saber em que pé estamos nisso tudo (depois de ignorar suas mensagens e dormir terrivelmente mal na última noite).

E, agora, o pedido de “passe a noite comigo”, arrepiando até o menor dos pelos do meu corpo.

— Max — abandono sua boca por um instante, enroscando meus dedos em um punhado de seus cabelos para não perder o contato — E-eu... — sugo um fôlego fraco, desistindo no último minuto de dizer a ele exatamente como estou me sentindo — Precisamos voltar para a sala...

Seu olhar acinzentado me contempla por um tempo, parecendo realmente enxergar a bagunça em minha cabeça.

Expirando pesadamente, ele descansa a testa contra a minha.

— O que você está fazendo comigo, Gabrielle?

Inspiro entrecortado. O questionamento poderia, facilmente, ser feito por mim. De certa forma, é reconfortante saber que não sou a única a me sentir assim.

Volto a fechar os olhos por alguns instantes, querendo acalmar o meu corpo e a minha mente... e então me lembro do que seus amigos disseram há pouco. Bem, na verdade, estou realmente lembrando é da reação de Max ao convite feito por eles. O primeiro pensamento que me ocorre é muito

NACIONAIS - ACHERON

intrigante... Não, imagine só. Besteira. Max não faz o tipo que participaria de... Ele não...

Exceto pela parte de “reunião para desopilar depois de um turno”.

Mas que porcaria isso significa?!

Eles, por acaso...?

Afasto-me algumas polegadas para encará-lo.

— Por que você não queria que eu aceitasse o convite de seus amigos? — mordo a língua ao final da última palavra, plenamente ciente de que não tenho direito de cobrar nada dele, menos ainda neste tom ciumento e estúpido!

Seu semblante ganha seriedade. Os olhos vívidos estacam nos meus. Não perco o movimento de sua traqueia subindo e descendo, digerindo um assunto que não lhe agrada, pelo visto.

— Será que podemos falar sobre isso mais tarde? — ele afasta uma mecha de meu cabelo para o lado, nunca rompendo nosso contato visual.

O pedido franco aumenta a impressão de que não vou curtir o teor da conversa. Instinto feminino é uma merda, não?

Decido aceitar o que ele pede, porque (apesar da vontade de rebater e exigir saber agora) enxergo através das íris escuras, diante da pouca luz, que saberei do que se trata pela boca dele, e isto de algum jeito me tranquiliza... Mesmo que a ideia de qualquer uma delas com este homem me cause uma estranha inquietação.

MAXIMILIANO

Retiro uma cerveja da geladeira, abro e me apoio contra o balcão da cozinha, observando, à distância, Gabrielle conversar com minha mãe e irmã, ambas animadas pela “nova amiga de Maximiliano”. Não perdi os olhares curiosos de todos quando eu trouxe minha vizinha de volta para a sala com nossas mãos atreladas. Eu não tenho nada a esconder de ninguém, e certamente já deixei claro à mulher que não serei seu segredo. A presença dela aqui quer dizer alguma coisa. E, foda-se, pretendo descobrir o que se passa em sua

cabeça a respeito de nós.

Analisando a situação, eu não estava esperando ou procurando por alguém a esta altura do campeonato. Miséria, nem mesmo sei se quero isso de volta na minha vida, mas gosto de como me sinto com ela, de como a mulher e a minha pequena ficam bem juntas. Hoje, penso sim em classificar as coisas entre nós.

— Você está ficando velho, cara — JP para ao meu lado, segurando sua bebida.

— Não mais do que você, irmão — levanto minha garrafa para tocar na dele, sem desviar a atenção da mulher mais atraente que eu já me lembro de ter visto.

— Você tem bom gosto... — o cara resmunga.

— E você é um fodido do caralho — viro meu olhar pra ele — Chamá-la para a casa da Manu, é sério?

O desgraçado ri, achando graça.

Enxergo escuro. Imaginar qualquer outra pessoa tocando Gabrielle me impede de raciocinar

com coerência. O lance com Manu e Cint é coisa nossa, diversão para todos, e nada mais. Fazemos esse tipo de coisa desde que Francine ainda estava em minha vida e...

Travo por um instante, refletindo que eu dividia minha esposa com eles e isto nunca foi motivo para me tirar do sério, pelo contrário. Então por que com essa mulher é diferente?

Olho de volta para a loira, desta vez pego o olhar dela e Eva em mim. Não precisa ser muito esperto para saber que minha irmã está metralhando a mulher com perguntas. A ideia não me desagrada em tudo. Se a vizinha permanece sentada escutando é porque não está tão disposta a fugir como eu penso que está... Não mais do que nos primeiros dias.

Aceno discretamente com a garrafa para ela, e recebo seu sorriso provocante em resposta.

Jesus, que mulher.

Manu se junta a nós, trazendo uma long neck na mão. Emanuelle é uma boa amiga. Seu toque jamais me incomodou antes, mas hoje, a maneira como ela se apoia em meu ombro faz com que eu

NACIONAIS - ACHERON

me retraia alguns centímetros. Não quero dar nenhuma ideia errada à Gabrielle. Já basta ter de contar a ela sobre o lance... Mentir está fora de cogitação — uma das coisas que me separou de Francine foi sua incapacidade de dizer a verdade.

— Tivemos um dia de cão na emergência hoje — ela reflete, bebericando sua cerveja — Dois plantonistas afastados e vocês, caras maus, trazendo mais casos a cada meia hora.

— O Hospital Central deveria contratar mais médicos — JP aponta — De nada adianta todo o trabalho na rua se o sujeito terá de aguardar atendimento, de qualquer maneira.

— Isso é uma reivindicação do sindicato, Jota. Era uma das promessas de campanha do novo diretor, mas eles estão com dificuldade de encontrar os profissionais — então sorri, lentamente — Vocês dois deveriam se candidatar.

Engulo metade da bebida gelada num longo gole. JP faz o mesmo. Trabalhar fora das ruas nunca foi minha aspiração, tampouco é de meu amigo.

— Vocês precisam ver as suas expressões —
NACIONAIS - ACHERON

ela bufa, bem-humorada, gesticulando com a mão livre — Tsc, tsc.

Cinthia se aproxima de onde estamos. Meu amigo apanha uma cerveja e entrega a ela, descansando o braço em seu ombro.

— Teremos uma convidada nesta semana? — o olhar ganancioso de Cint encontra Gabrielle. A predileção dela por mulheres nunca foi um segredo.

Involuntariamente, meus punhos se cerram.

— Lamento. Acho que não vai acontecer — tranquilo, encarando a bela loira, corto a possibilidade... e sou assolado pela incerteza de se Gabrielle não apreciaria a ideia de ter mais de uma pessoa lhe dando prazer.

Não. Nem fodendo.

Engulo o restante da cerveja, que desce amarga.

O desapontamento de JP e Cinthia é notável.

GRABRIELLE

Depois de comer uma grande fatia do delicioso bolo de chocolate com morangos feito por Mari, me despeço da mãe e da irmã de Max – duas boas pessoas, percebe-se logo de cara, mas indiscretamente em busca de alguém para Max, impossível não notar.

Família é igual em todos os lugares, reflito, pensando em Alice e Peter me empurrando candidatos em toda oportunidade.

— Desculpe mesmo, eu bem que gostaria, mas tenho de acordar cedo amanhã — minto quando a irmã pede que eu fique um pouco mais, e a abraço — Foi muito bom te conhecer, Eva, espero vê-la novamente — digo mais baixo esta última parte.

— Claro que sim! Precisamos marcar um café, ir às compras juntas. Você deve ter notado minha noção de moda praticamente nula — ela indica seu suéter rosa cálido e jeans largos demais para o seu tamanho — Uma ajudinha cairia muito bem.

Sua expressão consternada me faz rir.

— Vou adorar.

— Minha filha precisa de um up para desencalhar, Gabrielle. Eva já passou da idade de se firmar com alguém — a senhora agradável brinca, lançando uma piscadela — Você não pode mesmo ficar mais um pouco?

A verdade é que se eu continuar aqui, assistindo à intimidade daquelas duas com Max por mais tempo, muito provavelmente, tomarei atitudes das quais me arrependerei depois. Sempre me orgulhei de nunca ter feito ceninhas de ciúmes na vida, e, particularmente, achava isso ridículo nas pessoas à minha volta... Hoje, no entanto, o sentimento foi atualizado, o que é perturbador.

Afinal, que merda há entre todos eles?

Controle-se, Gabrielle.

Inclino-me e dou um beijo na Matraquinha, rezando para que ela não diga nada que vá me fazer querer enfiar a cabeça debaixo deste tapete macio. Quando aviso que estou saindo, a garota emite um “Ahh” exasperado.

Saber que a menina gosta de me ter por perto aquece e agita as batidas aqui dentro.

— Eu pensei que você fosse passar a noite —
NACIONAIS - ACHERON

Max me surpreende em voz baixa, com sua presença logo atrás de mim, assim que me levanto do sofá.

Não preciso me virar para constatar sua proximidade.

— Acho melhor eu ir... — giro meu rosto por cima do ombro para que somente ele me ouça.

Sutilmente, para ninguém ver, sinto sua mão pegar a minha, acariciando meus dedos.

— Você disse que ficaria — o som grave abafado, enfraquece minha determinação.

Subo meu olhar para encontrar o seu — um erro.

Engulo em seco ao visualizar a fogueira em suas íris, apesar do aparente sorriso tranquilo. Umedeço meus lábios, tentando manter o domínio sobre minhas emoções. Ele faz isto comigo. É como se eu dependesse de sua presença para acalmar algo cheio de energia revirando partes do meu corpo. Fazia muitos anos que eu não vivia nada parecido. Já nem lembrava mais como é sentir este tipo de ansiedade, necessidade, medo... Enfim, que bela furada, e a apenas a alguns passos de

NACIONAIS - ACHERON

minha porta.

— Estarei em casa, se você quiser aparecer...
— murmuro, enfiando a última pá de terra na minha cova.

— Deixe a porta aberta, Gabrielle — o calor de sua respiração toca minha orelha.

Céus.



Entro no meu apartamento escuro e me recosto contra a porta fechada. Quer saber? Eu preciso de uma bebida forte. Hoje, descobri estar irremediavelmente atraída pelo cara, e, para piorar, há esse lance estranho na amizade entre ele e aquelas pessoas.

Não. Beber não. Eu fico felizinha demais com álcool, e amanhã tenho mesmo trabalho a fazer.

Plantas.

É melhor eu regar todas as plantas desta casa. Isto, de certa forma, me relaxa.

MAXIMILIANO

Concentrada na atividade de molhar a selva mantida em sua varanda, ela não nota a minha presença. Continua com a mesma roupa, mas descalça – linda pra caralho. Assim, desarmada, pode-se ter um vislumbre de seu outro lado: jovem, cuidadosa, amorosa. Eu jamais seria tolo de ignorar a personalidade forte da mulher, mas são os detalhes que se enraízam sob minha pele.

Não me lembro de já ter conhecido alguém tão bonito antes, pelo menos não pessoalmente, contudo o que fascina é que Gabrielle não faz disto um grande evento, não se prevalece pela aparência deliciosa que tem.

Corajosa, sem superficialidades... Maldição, o que nela não é impressionante, afinal?

Pigarreio.

— Eu poderia dizer algo absolutamente clichê sobre você e essas flores...

Girando-se nos pés num pequeno salto, minha abordagem a pega desprevenida.

— Merda, homem... você me assustou.

Rio, satisfeito com a leveza da pequena intimidade que estamos cultivando.

— Minha intenção não era essa, vizinha — apoio-me no batente — Você está tão linda aí, não consegui te interromper.

Em vez de emitir algum comentário espirituoso, como o esperado, seu corpo, antes relaxado, agora parece mais rígido, tenso em minha presença. O que me faz semicerrar os olhos e observá-la com mais atenção.

O que raios a fez mudar?

— Está tudo bem? — sondo.

Ela respira fundo, sem se mover de onde está.

— Max, eu gostaria de te fazer uma pergunta.

Cruzo meus braços, exigindo de mim mesmo tranquilidade para não vacilar, embora pressinta o caminho que estamos tomando.

— Faça, Gabrielle.

Ela eleva o queixo, corajosa.

— O que há entre você, aquelas duas e seu amigo?

Direta. Vindo desta mulher, eu não esperava outra coisa.

Balanço a cabeça em acordo. Honestidade é algo que carrego comigo, não há motivo para ser diferente agora.

— Você quer mesmo saber? — mantenho-me sereno.

— Se eu não quisesse, não teria perguntado — inclina a sobrancelha, levemente irritada. Ainda mais atraente.

Pela visão periférica, sem desviar meu olhar do seu, percebo sua mão segurar e apertar um pequeno vaso contendo uma única flor, branca. A maneira como os dedos envolvem o objeto não é um bom presságio.

Capítulo 19

MAXIMILIANO

“O que há entre você, aquelas duas e seu amigo?”

Coço a barba de três dias por fazer, pensando na maneira certa de responder. Eu nunca precisei me justificar sobre nada com nenhuma mulher. Depois de Francine, não me envolvi tão a sério com ninguém para necessitar dar explicações quanto ao meu estilo de vida. Foi minha mulher quem propôs isso ao nosso casamento, em primeiro lugar. Eu adotei, sem pressão, sem implicação emocional, e funcionou bem por um tempo. Eu não me interessava em outro tipo de relação... até Gabrielle aparecer.

Agora, tenho uma mulher fodidamente linda,
NACIONAIS - ACHERON

que mexe muito comigo, me encarando à espera de uma resposta. Não quero dizer nada para afastá-la de mim, não quando estamos prestes a dar um passo adiante... o problema é que não faço ideia do que se passa em sua cabeça em relação a nós.

Sua expressão não me dá nenhum sinal de como lidar com isso. Minha intuição também não aponta um ambiente favorável.

— Podemos ir para a sala? — indago, tendo o cuidado de me manter leve.

Seus lábios abrem, fecham e se firmam numa linha apertada, indecisa. A mão responsável por segurar o regador deixa o objeto sobre uma prateleira de canto. A que agarra firmemente o vaso, no entanto, se mantém inalterável em torno da peça.

— É tão ruim que você precisa me enrolar, Max? — touché.

Inalo uma lufada de ar fresco, vindo diretamente da noite fria na varanda aberta.

— Não, não é. Eu trouxe uma garrafa de vinho e gostaria de me sentar com você, aproveitar um pouco sua companhia.

NACIONAIS - ACHERON

Ela sorri, mas não seu tipo de sorriso sensual e comum; é mais para um desconfiado, pronto para atacar.

Vê-la assim cria em mim uma necessidade latente de tocá-la. E, seguindo meus instintos, passo a passo, vou cortando a distância entre nós até estar perto o suficiente para sentir seu cheiro gostoso, uma mistura de shampoo e algum perfume suave, doce. Roço meus dedos em sua bochecha quente, traçando um caminho até seus lábios.

— Você é muito linda... — contemplo, distraído a tensão.

Seus olhos grandes, claros e astutos fixam-se nos meus, como se pudessem ver através de mim. É o momento de sermos honestos sobre o que estamos fazendo, eu sinto isso.

Miro seu belo rosto.

— Eu quero mais com você — revelo em voz baixa, mantendo a aura sóbria — Quero ter acesso a tudo. Sua boca — acaricio, sem pressa, o lábio inferior macio — Seu corpo — olho diretamente para os azuis vivos, notando sua respiração se tornar mais ofegante — Sua mente. Eu quero tudo.

Ela lambe o lábio onde meu dedo fez passagem e prende a carne entre seus dentes, ocultando-a de mim.

— Eu preciso que você me diga se quer isso também, Gabrielle. Me diga que não estou sozinho nessa — seguro-a pelas laterais de seus quadris, trazendo-a para mais perto, sem deixar espaço entre nós — Você se sente assim?

Ela expira, fraca, tão afetada pela conexão quanto eu.

— E-eu não sei, Max — as piscadas mais agitadas dão conta de que sua cabeça está na mesma desordem — Eu... você... — o olhar se desvia por um instante, talvez buscando as palavras certas em algum lugar.

Quando Gabrielle volta a me enfrentar, sinto sua racionalidade levando a melhor.

— Só o que consigo pensar agora é no tipo de coisa acontecendo entre vocês. Você está numa relação aberta com a tal Emanuelle, é isso?

Inferno. De frente para ela, a poucos milímetros de sua boca, cogito beijá-la, simplesmente para evitar o que prevejo se
NACIONAIS - ACHERON

formando.

Mas respondo.

— Não.

Seu peito sobe e desce alguns milímetros, aliviado.

No entanto...

— Não da maneira como você pensa — acrescento com seriedade.

Vejo-a comprimir os lábios.

— E, que diabos isto significa? — o sibilo controlado é desmentido pelo ardor ruborizando sua face.

— Que transamos algumas vezes.

Em uma olhada de relance para sua mão, assisto o pequeno vaso se agitar.

— Vocês ficam, mas não namoram, é isso?

“Pisar em ovos”, nunca antes a expressão fez tanto sentido.

— Não exatamente.

Ela exaspera, revirando os olhos.

— Porra, eu acho que vou precisar desse tal

vinho!

Abrupta, Gabrielle se desvia de mim, contornando meu corpo, levando junto consigo o maldito vaso rumo ao interior do apartamento. Entro alguns passos para dentro de sua sala e observo a mulher caminhar até a cozinha, descansar o objeto sobre a bancada, abrir o armário, retirar duas taças, fechar a porta com um pouco mais de força do que eu penso que ela gostaria de ter feito, abrir uma gaveta e fechar com a mesma “delicadeza”, e voltar à mesa de vidro onde deixei o vinho, trazendo em uma das mãos as duas taças enroscadas no dedo e um saca-rolhas. O vaso acompanha tudo na outra mão. Para piorar, em cima da mesa há mais dessas plantas, enfeitando o centro.

Ela abre a garrafa, despeja o conteúdo em meia taça e leva à boca de uma vez, como uma pessoa sedenta faria diante de um copo de água.

Quero rir, apesar do alerta. Desconhecia este seu lado agitado, se é que a palavra define.

Devolvendo sua atenção a mim, apoiada contra a mesa, ela me olha.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos lá, Max, fale de uma vez.

Calmo e de braços cruzados, aponto seu sofá, acenando com a cabeça.

— Posso?

Tenho a impressão de ouvir um tipo de rosnado engraçado sair do fundo de sua garganta.

Ela olha de mim para o sofá.

— Eu prefiro que você fique onde está e vá direito ao assunto. Que tipo de relacionamento é esse que vocês têm? E por que não me disse que estava saindo com alguém?

— Não é um relacionamento, Gabrielle. Nós não temos nenhuma ligação, exceto por...

— Exceto por você dormir com ela de vez em quando, não levando em consideração os sentimentos da mulher por você. É isso o que quer dizer?

Jesus Cristo. Por que tudo parece mais complicado do que realmente é?

— Entenda, não há nenhum tipo de sentimento da parte de Emanuelle ou qualquer um ali... — tento explicar, paciente, mas ela me corta.

— Peraí! Quando você diz qualq...? — gesticula com a mão, formando um círculo no ar — Vocês...? Meu Deus, mas que merda isso significa?

Lá vamos nós.

De todas as pessoas, eu pensava que seria Gabrielle a interpretar exatamente como é. Ledo engano.

— Pessoas adultas se encontrando de vez em quando. Isso é tudo — acrescento ao meu tom a seriedade necessária para que não haja superestimação do que de fato é.

Seus olhos se estreitam, e então se arregalam quando, claramente, a compreensão a atinge. Não leva mais do que três segundos. A nova maneira como ela me olha aperta minhas entranhas, sem que eu saiba ao certo o que esperar. Não soa bom, de qualquer forma.

Gabrielle ri, sem brilho ou humor.

— Sexo grupal? Rá, isto é surpreendente. Quem diria, Max, você é um p...

— Cuidado... — alerta, interrompendo-a.

— Cuidado com o que, senhor “Tenho cara de bom moço, mas sou um puto”?— a voz não se altera; o deboche é algo difícil de ignorar.

— Com seu julgamento, Gabrielle... — dou um passo firme em direção a ela e... miséria! Só tenho tempo de me abaixar, num reflexo rápido, para escapar do objeto a voar em minha direção.

O maldito vaso explode na parede atrás de mim, transformando-se em mil pedaços, numa bagunça de terra e cacos.

Inacreditável.

— Porra, mulher!

— Vá embora! — ela aponta para a porta.

— Você é maluca...

O outro objeto, que antes enfeitava a mesa, é o próximo a passar muito perto de minha cabeça.

— Saia da minha casa antes que eu...

Não senhora.

— Antes que você o que, Gabrielle? — vou até ela, obstinado, prevendo a intenção de seus olhos frenéticos a buscar mais destas coisas para arremessar contra mim — Qual é o problema? —

colado a ela, apanho seu quadril e a trago para junto, imobilizando-a — O que a deixou tão irritada? Saber que eu fodo?

— Ora, seu, seu...! — os punhos acertam meu peito, tentando libertar-se.

— Olhe para mim — exijo.

— Me solta, Max.

— Olhe para mim, Gabrielle.

Relutante, lançando chamadas através dos olhos, ela o faz. Quase posso tocar seu sangue quente.

— Você se lembra do que me propôs quando nos conhecemos? — ela hesita e o lábio inferior vibra numa estremecida nervosa, irritada, linda pra caralho. Não resisto e aproximo nossas bocas, tocando-a. Meus olhos apanham os seus — Sexo casual. Foi isso que você sugeriu.

Lembro-a.

— O que faz disto diferente? A quantidade de pessoas? — amanso minha fala, mas não amoleço, muito menos afasto nossos lábios — Seja sincera, o que realmente te incomoda?

Sinto que toquei no ponto certo. Seu corpo dá uma relaxada mínima, não cedendo ao todo.

— Acho melhor você ir, Max... Isso nunca daria certo — ela é a primeira a quebrar o contato visual.

As palavras incendeiam meus nervos. É sério? Ela está me dando um fora por um motivo assim?

Sondo seu rosto, atrás de algo que sinto estar sendo escondido de mim.

— Você não está sendo honesta, Gabrielle — acuso, ciente de que isso não é tudo — Não querer continuar comigo por algo feito antes de ficarmos juntos não é um motivo legítimo. Olhe pra mim e diga que a maneira como eu vivi até aqui, antes de você, é a razão para recuar agora.

Seu silêncio me faz querer sacudi-la.

— Responda.

— O que você espera que eu diga, Max? Que eu não me importo com essa coisa entre... essa sua... — ela revira os olhos — Merda, eu nem deveria me importar mesmo, nós não temos nada

um com outro.

A última colocação é mais como uma reflexão para si própria, contendo uma emoção que não consigo distinguir, e, porra, me incomoda muito. Respiro fundo, sem permitir que ela se desvencilhe, dando-me também algum tempo para recuperar a calma.

Então eu a encaro. Encaro de verdade. Deixo que ela veja que o que estou prestes a dizer tem muito significado pra mim.

— Eu quero ter, Gabrielle. Pela primeira vez em muito tempo, eu quero dar um passo à frente com alguém. Pensei muito sobre isso, sobre a maneira como me sinto com você.

A mudança em sua expressão causa um maldito bolo em minha garganta. Apreensão bate forte, temendo que, ao invés de evoluirmos, regressemos.

— Você não entende, Max... Eu não posso, não estou procurando por isso agora...

— Tampouco eu estava — corto-a, administrando a intensidade de minha fala — Tampouco eu estava atrás de uma mulher pra
NACIONAIS - ACHERON

minha vida, mas você está aqui, nós estamos. Eu quero passar mais tempo com você, sem que isso seja um evento ou eu tenha de inventar desculpas para estarmos juntos.

Aliso seu rosto, ganhando caminho para tocar seu pescoço, perdendo meus dedos no emaranhado de fios loiros. Seguro-a de frente a mim, e, lentamente, tanto para não afugentá-la quanto para não perder o controle, vou me aproximando de seus lábios. Suas pupilas dilatam, deixando apenas a borda azul fina rodeando a estrutura negra.

Porcaria, o rugido do meu peito chega a ser audível.

Nossos lábios se encontram, suaves, reexperimentando a sensação de como somos bons juntos.

Ela ofega. E fecha os olhos. Mantenho os meus abertos por mais tempo, vendo seu globo ocular agitado por baixo da pálpebra.

Entre os dentes, prendo e sugo seu lábio, extraindo o sabor do vinho. Acho que nunca antes desejei ninguém com tanta força. O toque de nossas línguas é uma maldição. Aperto meu controle em

NACIONAIS - ACHERON

sua nuca e a trago mais junto. O beijo se torna exigente, clamado. Dou tudo de mim para mostrar a ela a maneira como me sinto, faço amor com sua boca e ela retribui cada fragmento disso. Seu corpo exuberante relaxa contra o meu, os braços me envolvem. Enlaço sua cintura para que veja o que faz comigo. Estou duro por ela, só por ela.

— Não me afaste de você — rosno, sufocado, sobre uma linha fina entre a fúria e o desejo, numa agitação de meu corpo que eu nem sequer posso dominar — Me deixa entrar.

Separando-se de mim para tomar uma respiração, Gabrielle abre seus olhos. Neles, vejo a mesma luxúria viva correndo por meu sistema. Espero atentamente por algo que sinalize o que se passa em sua mente. Fios do cabelo dourado caem sobre seu rosto e eu os afasto, sem tirar meu olhar do seu.

— Fique comigo — sopro.

— Isso nunca vai dar certo... — pela maneira como ela morde um sorriso resignado, finalmente consigo relaxar. Pouco, mas relaxo.

Salpico beijos curtos por seus lábios tão
NACIONAIS - ACHERON

fodidamente lindos, vermelhos, inchados.

— Vamos deixar o tempo dizer, sim?

Ela emite um suspiro longo, dramático. Seu aperto firme se estabelece em minha nuca.

Roço meu nariz no seu suavemente.

— Mulher, você é maluca. Aquele vaso poderia ter me acertado — diminuo meu tom para algo mais íntimo, divertido.

A mulher sorri, ainda que sem realmente querer.

— Você não faz ideia do perigo que corre, Maximiliano.

— Sim, eu acho que faço — rebato, sorrindo para seu sorriso, acolhendo o clima mais leve de volta.

— Eu não compartilho, espero que saiba.

Respiro mais forte, fitando-a de frente.

— Nem eu, Gabrielle. Fico satisfeito que estejamos alinhados quanto a isso.

Um menear de cabeça é sua aceitação.

Não foi um sim em tudo, mas sei que é o mais próximo. Esta mulher tem me tirado o sono,
NACIONAIS - ACHERON

então se vamos fazer isto que seja pra valer.

Hoje, recebi mais um pequeno pedaço de conhecimento sobre ela: o temperamento da loira é algo a se ter cuidado. Devidamente registrado.

O ponto positivo? Goste ela ou não, sua demonstração de ciúmes ficou evidente. Gabrielle se importa.

Capítulo 20

GABRIELLE

O olhar penetrante de Max está atento a mim, como um reforço de suas palavras. Ótimo, pelo menos estamos em acordo sobre nossas preferências pela monogamia... Claro, depois de minha ridícula exibição juvenil de “como agir feito uma maluca em cinco passos”. Deus, eu quero enfiar minha cabeça num buraco!. Não há nenhum por perto, logo, controlo o desejo de afundar meu rosto em seu peito firme. Eu não tenho nenhum direito a reagir dessa maneira.

Oh, não mesmo.

A lógica mundial da coisa é: com quem as pessoas se relacionaram antes de se conhecer é passado, não deve ser considerado quando estão

NACIONAIS - ACHERON

juntas. Talvez esta seja a regra suprema das relações. Mas ouvir de sua boca o tipo de coisa acontecendo entre eles foi um pedido para parar de raciocinar de modo coeso. A maneira íntima como elas estavam sobre o homem durante todo o tempo em que permaneci em sua casa testou minha capacidade de autocontrole ao limite. Argh!

Estou me segurando, na verdade. Meu corpo ainda não se livrou completamente do desejo de acertar a cabeça de Max. O homem se entranhou em mim muito mais do que eu pensava.

E agora ele está aqui, me dizendo que quer mais... e o que quer que isto signifique, eu simplesmente não consigo evitar de querer também. O problema é que não sou a pessoa certa para dar isso a Max, e, cedo ou tarde, ele descobrirá. Não é uma questão de se, é uma questão de quando. Eu deveria dizer a ele, principalmente tendo Ana envolvida, e talvez este seja o momento certo (enquanto ainda podemos recuar sem que ninguém se machuque, a voz da consciência alarda).

Frente a frente com ele e sob seu domínio,

encaro o elemento protuberante em sua garganta e crio coragem.

— Max, eu acho que nós precis...

— Shh... Nós vamos conversar sobre tudo, Gabrielle, mas não hoje — a voz grossa fluindo baixo me impede de continuar. É sua indicação de que ele também entende que há implicações, no entanto Max quer curtir o sabor do pequeno primeiro passo dado hoje.

Expiro longamente, deixando meu rosto cair contra seu peito... É como dizem: se você fez a cama, deite-se nela.

Meu vizinho acolhe-me num abraço bom, macio. Envolver sua cintura, administrando as batidas exigentes do meu coração. A maneira como ele mexe comigo eu nunca experimentei com mais ninguém.

— Ah, homem, por que você tem de cheirar tão bem? — resmungo um martírio em meio à camiseta limpa.

Sua risada baixa agita o lugar em seu peito onde descanso minha bochecha.

— Fico feliz por você gostar. Tudo para o seu agrado, senhora.

Suspiro, amando a forma como meu corpo parece se encaixar no seu, protegido da brisa fria vinda de fora.

— Me desculpe pelos vasos... Deus, eu nem sei o que deu em mim...

Max toca meu queixo, me obrigando a subir os olhos para ele.

— Ciúmes? — ele arqueia a sobrancelha, não escondendo seu bom humor.

Enrosco os dedos na borda de sua camiseta, torcendo o tecido. Meu próprio sorriso é difícil de conter.

— Não seja um convencido... — e então aciro meu olhar, avaliando-o sobre algo que me ocorreu neste instante — Max?

— Sim, Gabrielle?

— Quando foi a última vez que vocês...?

Droga, eu quero mesmo saber a resposta para isso?

Os contornos de seu belo rosto se acomodam

pacificamente. Uma coisa boa sobre este homem, eu sinto que posso confiar em receber a verdade dele... mesmo que ela não me agrade.

— Na noite em que Mari perdeu Ana de vista...

— ... e ela estava aqui — completo, lembrando de alguns detalhes daquela noite. Max irritado batendo à minha porta e a presença de JP, o flertador.

Mordo minha língua a fim de segurar o novo questionamento a surgir em minha mente. Merda, impossível não perguntar:

— Seus amigos me convidaram para participar... Você teria me deixado ir? Aliás, você teria me contado se eu não tivesse perguntado?

Um fugaz desagrado enruga discretamente o canto de seu lábio.

— Se eu teria te contado? Não. Assim como não quero saber dos caras com quem você já esteve no passado — o olhar franco não oscila, tampouco a fala controlada — Não gosto de pensar em alguém além de mim te tocando, Gabrielle. Acho que isso responde à sua segunda pergunta.

NACIONAIS - ACHERON

Sincero.

Contudo, tão rápido, muitas outras questões começam a fervilhar na minha imaginação fértil. Algumas delas jorram mais combustível à fogueira quase apagada. Céus, como esse... esse negócio funciona? Eles fazem abertamente, num rodízio? É um tipo de troca de casais? Max e JP também entre si...? Oh, merda!

Percebendo minha inquietação, o abraço aquecido me envolve mais forte.

— Por que tenho a impressão de não estar seguro nesta casa? — brinca.

É tão evidente?

Rio de minha própria desgraça.

— Esqueça... Ainda estou sob os efeitos de tanta informação — mordo o lábio — E, bem, talvez minha reação seja porque nunca me passou pela cabeça essa coisa de sexo em grupo — faço um beicinho maligno — Tá aí! Quem sabe um dia...

MAXIMILIANO

O inferno congelará antes disso, minha querida.

Eu disse exatamente o que penso a respeito de como me sinto em relação a qualquer outra pessoa a tocando. A mulher despertou um sentimento de posse inédito para mim; não me agrada, mas a verdade é esta. Dividi-la está fora de cogitação.

Impedindo que a mente de Gabrielle trabalhe a ideia, inclino minha cabeça para a sua e tomo os lábios carnudos, saboreando a sensação de sua rendição. O toque de suas mãos no meu peito e a maneira como ela me puxa pela camiseta contra si evidenciam que estamos ambos sem opção aqui – a atração a nos unir é potente demais. Ouvi-la dizer que não daria certo mexeu com meu lado irracional. Quero provar que ela está errada, Quebrar qualquer limite que tente estabelecer entre nós.

— Você sente isso, Gabrielle? — rosno —
Sente como somos bons juntos?

Aperto sua bunda com vontade, aproximando-a de mim, tirando-a do chão.

Como uma mulher decidida que obtém o que deseja, seu corpo corresponde, encaixando-se de bom grado, me envolvendo com suas pernas esguias.

A energia sexual flui, esmagadora. Dois famintos que não conseguem se manter longe. Conectados, levo ela no caminho para seu quarto. Hoje é tudo sobre nós. Estou embriagado pela necessidade de desfrutar de seu corpo, extrair seu prazer, cravar mais fundo este sentimento, estacando ele dentro dela também. Quero me infiltrar em todos os espaços de seu corpo e mente, assim como ela está fazendo comigo.

Pressiono suas costas contra a parede próxima à porta. Moo minha excitação dura nela, por cima de nossas roupas, provocando, curtindo o calor emanado dela.

— Sinta, Gabrielle... Sinta.

A provocadora se empurra ainda mais contra o que ofereço, comprimindo-me com suas pernas a minha volta. Foda. Eu poderia gozar agora mesmo,
NACIONAIS - ACHERON

apenas ouvindo os ruídos saindo de sua garganta bonita, alongada. Perfeita.

— Deus, Max, eu preciso... — o sussurro ansioso, exasperado, nem se parece com a mulher furiosa de poucos minutos.

Afundo meu rosto em seu pescoço e rio de satisfação. É assim que eu quero você, mulher. Minha, implorando por mim. Meu corpo vibra, chorando em antecipação. Retiro uma mão de sua bunda, sustentando-a somente com a outra, e fricciono sua fenda, na costura do jeans, onde está a concentração do calor e, miséria, eu posso sentir sua umidade. Ela está assim por mim, encharcada, somente por mim, porra!

Não me contenho e cravo meus dentes em sua pele cheirosa, macia, saborosa. Meu lado primitivo quer marcá-la fisicamente, para que todos saibam a quem ela pertence. Inferno! Quando foi que me tornei este estúpido territorialista?

A pressão de minha mordida arranca um gemido alto — não sei bem se meu, dela ou dos dois. Deslizo a língua no local para aplacar a dor, e subo, ganhando sua orelha.

— Eu quero você, Gabrielle. Quero muito — murmuro toda a sujeira de meus pensamentos — Estou duro por você. Pegue ele, sintá.

Sustentando os olhos entreabertos, inebriada, ela aceita o convite. Corre sua mão do meu ombro ao abdômen, e agarra minha dureza. Agarra com vontade. A pressão poderia facilmente me fazer desmanchar tudo nela. Luto para distrair minha mente. Dois dias, dois malditos dias sem falar com a mulher, e olha como estou em sua mão...

Beijo-a com ardor, nossos dentes se chocam na ânsia. Prendo seu lábio, marcando-o também.

E assim, chocando-se contra as paredes, finalmente estou dentro de seu quarto. Derrubo seu corpo na cama e me debruço sobre ela, sem soltar meu peso, permitindo que minha mão percorra sua pele. Por baixo da camiseta, curso a carne quente e bem disposta até encontrar a renda de seu sutiã. Afasto a peça para o lado, expondo seu mamilo ao meu toque e brinco com ele, fazendo com que a mulher se contorça embaixo de mim, enquanto assalto sua boca, rosto, pescoço.

Nenhuma barreira nos separa quando estamos

NACIONAIS - ACHERON

nesse ponto. Ela se dá livremente para mim, inteira. Gabrielle não tem pudores em se tratando de prazer.

A fim de me livrar de minhas próprias roupas, afasto-me um momento, ficando em pé diante dela, sem mover meus olhos dos seus. Retiro a camiseta, jogo-a no chão. Desabotoo a calça... e sou surpreendido com a mulher engatinhando na cama como uma felina, vindo para mim. As más intenções que vejo em sua face estremecem até o último músculo do meu corpo, em antecipação.

— Deixa eu te dar um presente de aniversário... — sussurrando de uma maldita maneira atraente do caralho, Gabrielle lambe os lábios, maliciosa. O brilho perverso em suas íris sorri para mim.

Sinto que estou prestes a explodir quando ela retira meu pau de dentro da calça e suga como se ele fosse seu sabor preferido de um grande sorvete. Estremeço em suas mãos até meus joelhos mal segurarem a bomba. E ela vem com tudo, em ritmos que revezam entre comê-lo e saboreá-lo.

À beira do desfiladeiro, sustentado por muito

NACIONAIS - ACHERON

pouco, tento sair de seu domínio. A maldita me segura, retirando a boca momentaneamente, substituindo pela mão que desfila carícias, subindo e descendo pela extensão.

— Goze em minha boca, Max, eu quero te provar — a fala é um canto da perdição.

Oh, caralho!

Sua expressão atrevida e o toque quente abocanhando de volta são meu fim.

Arrebento.

Inferno. Não me lembro de já ter gozado tanto assim. Rujo baixo, sou um animal fodido se libertando.

— Porraaaa!

A menina obediente cumpre seu propósito, segurando a pressão, extraindo até a última gota e lambendo-o, entregando um trabalho limpo.

Vitoriosa, de bochechas coradas e um amplo sorriso, ela limpa o resíduo em seus lábios. Foda. Já recebi muito disso antes, e nunca foi tão bom.

— Feliz aniversário, bonito.



Tendo cuidado para me manter silencioso, confiro o horário no meu celular, deixado no móvel ao lado da cama de Gabrielle. Passa um pouco das seis da manhã. Costumo acordar mais cedo do que isto, mas o corpo nu da mulher colado ao meu, depois de termos testado os extremos de nossa paixão à exaustão, fez da missão muito difícil. Apesar dos movimentos controlados para não despertá-la, sei que ela se torna consciente no minuto em que descanso o aparelho de volta ao lugar. A bunda bem construída se roça contra mim, mansa, carne contra carne, num provocar gostoso.

Deslizo meu toque por sua barriga lisa, puxando-a para mais junto. Estou completamente duro. A resposta é um sutil empinar, me oferecendo passagem. Corro a mão por seu ventre e para baixo, até encontrar os lábios pequenos, macios, unidos... e porra, muito molhados.

Abro passagem para seu monte sem nenhuma dificuldade.

Massageio o ponto fraco do corpo com suavidade e vou obtendo cada uma de suas respostas. O arfar leve, a estremecida, o empurrar-

se mais para mim, as coxas separando-se brevemente para meu acesso. A entrega de Gabrielle é algo que ainda me surpreende. Ela não cria rodeios para o que deseja. Sua sexualidade é muito explícita, muito aberta, e, porra, eu amo isso.

Minha vontade é deslizar para dentro, e basta um respirar mais forte para isso acontecer... Mas todo o estoque de preservativos que eu trouxe comigo foi insuficiente. Aplico pressão, cerrando meu maxilar contra o desejo cortante, e não me impeço de brincar na borda da pequena fenda enquanto dou a ela o que deseja.

Beijo suas costas nuas quando os gemidinhos começam a aquecer e quebrar o silêncio. Gabrielle tem a pele dourada – não tipo a de quem toma sol, é mais para um tom em seu estado natural. Pintas marrons estão distribuídas por todas as partes, como pitadas de imperfeição em meio à beleza extraordinária. Os cabelos platinados espalham-se pelo travesseiro, derramando seu cheiro.

Crio um ritmo para as fricções até escutar meu nome choramingado em seus lábios.

O grande fenômeno que esta mulher é, de
NACIONAIS - ACHERON

repente, está assim, vulnerável a mim, desmanchando-se em minha mão.

Antes dela conseguir prever o que a atinge, não resisto. Coloco-me ajoelhado entre suas pernas, escancarando-a para mim. Encaro sua fenda rosada de frente. O brilho de sua lubrificação me faz salivar, ansiando por abocanhá-la.

Se você quer, pegue.

Aproximo-me da pequena e sensível parte, inspiro seu cheiro profundamente. Perfeita. E então deixo minha língua correr livremente. Seu grito baixo é um afrodisíaco para levá-la fora de sua mente.

GABRIELLE

Envolvo-me no robe enquanto Max se veste. Essa foi uma das melhores noites dos últimos tempos, suspiro com o pensamento. Verdade seja dita, contabilizando as melhores noites dos últimos tempos, acho que o homem está em todas.

Bom Deus. Estou arruinada aqui, sim?

Guardo o sorriso que não quer abandonar meu rosto e o observo. A tatuagem em suas costas, de um anjo de asas abertas, é extraordinária demais para ter sido escolhida ao acaso.

Preparo-me para perguntar sobre ela, mas a expressão mais séria de Max, enlaçando-me pela cintura, me impede. Em seus olhos, sinto que, seja lá o que ele tenha a dizer, requer minha atenção.

— Eu estou indo tomar o café da manhã com a Ana, Gabrielle. É algo que nunca deixo de fazer — encara-me profundamente — E gostaria que você também viesse.

O peso. Eu sinto o peso do que ele está pedindo.

Capítulo 21

GABRIELLE

Pedir para me unir a eles no café da manhã, num momento dele com sua filha, é importante para Max. Ana é importante. É uma das razões pelas quais estou me encantando por este homem. Ele é um bom pai, acima de tudo. Seu pedido só reforça as palavras ditas um ao outro sobre dar um passo à frente no que estamos fazendo. No entanto, aqui está a sensação de que não mereço fazer parte disso.

Deus, eu adoro aquela menina, tudo nela, mas a realidade é que sou incapaz de proteger uma criança.

Você tem que contar a ele, Gabrielle!, a voz chata da consciência se faz presente.

NACIONAIS - ACHERON

Encaro os olhos claros sondando-me, atentos, parecendo desvendar minha mente na espera da resposta para seu pedido.

Sim, eu tenho que contar... Porém, não precisa ser hoje. Quando isso acontecer, não terei de me preocupar em sair da vida deles... Max me chutará para fora por sua própria vontade.

Sinto um nó seco desconfortável comprimir minha traqueia com o pensamento. Limpo a garganta para afastá-lo, e aperto mais forte o robe ao entorno do meu corpo.

— Sim, eu vou, Max.

Recebo o toque de seus dedos roçando carinhosamente meu rosto, investindo caminho para meus cabelos. Fecho os olhos por um conciso instante, consumindo a boa sensação.

— Ótimo. Eu espero você se vestir — o som profundo de sua voz grave revela satisfação.

No entanto...

— Max... — mordo o canto interno da boca, pensando na maneira de dizer sem que ele interprete errado — Eu também gostaria de fazer

um pedido — meu timbre transmite segurança, apesar de tudo.

Sua expressão serena é traída pelo pulsar discreto em seu maxilar.

— Faça.

— Será que podemos não contar nada a Ana, quero dizer, não neste primeiro momento, enquanto decidimos como isto — gesticulo com a mão entre nós — vai funcionar?

Sem desviar, avaliando-me, ele move sutilmente a cabeça num meneio.

— Sim, é justo — a fala profunda quase me permite respirar... — Por enquanto. Não quero esconder nada dela, Gabrielle.

Quase.

— Por enquanto — repito, firmando o acordo.

Parecendo querer me fazer lembrar de como me sinto em suas mãos, preguiçosamente, Max toma minha boca e inicia uma dança lenta, sedutora e, droga, boa demais.

Esfrego seu peito por cima da camiseta e

agradeço mentalmente por não carecer ter a conversa agora.

Já sem fôlego e úmida novamente, ele se afasta, e esfrega meu lábio com seu polegar, num gesto íntimo, cheio de si.

— Acho que você prefere que eu saia primeiro — deduz, com visível bom humor.

Mole, apaixonada, aceno um “sim” feito uma tola.

— Certo — ele descansa o lábio macio sobre o meu uma última vez — Não é tão ruim quanto pensa, vizinha. Você não precisa ter medo — cochicha, num tom de segredo.

(Espero em Deus que este homem mantenha isto em mente quando chegar a hora).

Separando-se de mim com um sorriso misterioso, Max se prepara para sair. E então me lembro de algo importante.

— Max... — chamo.

Ele para, próximo à porta, e se gira.

— Sim?

Movo-me até a gaveta no móvel ao lado da

cama, pego o embrulho e estendo para ele. Sua expressão de surpresa é impagável.

— Um presente — mordo meu lábio para não rir.

Eu deveria ter entregue ontem, mas no calor de tantas emoções, acabei me esquecendo.

Com um sorriso de canto, desconfiado, ele volta alguns passos, olhando para o que tenho na mão.

— Pensei que eu já tivesserecebido meu presente ontem, Gabi.

— Tsc, tsc — estalo a língua — Aquilo foi um presente para mim mesma, doutor.

O sorriso se expande. (Perdição, isso não deveria mexer tanto com meu coração). Esteando os olhos em mim, ele aceita o embrulho. Balança a caixa de leve no ar e escuta o som, brincalhão, como se ali dentro houvesse uma bomba.

— Devo temer um vaso voador saindo daqui de dentro, vizinha?

Merda, e ele ainda faz piada. Veja se isto não é para arruinar qualquer uma!

Reviro os olhos.

Sorrindo, desfaz o laço.

Satisfeito, muito satisfeito, abre a caixa. Dentro, encontra um relógio de aço escovado, esportivo e despojado, como seu visual. De edição limitada, o objeto é um favor, em cima da hora, conseguido com um grande amigo importador, com quem já realizei alguns trabalhos. Max avalia a peça, o sorriso vacilando, os olhos escurecendo gradativamente.

— Você não deveria gastar seu dinheiro comigo, Gabrielle — há tanta intensidade na maneira como ele me encara... de imediato, o ar se torna denso no quarto — Mas não vou mentir, estou feliz que tenha pensado em mim.

Engulo a pouca saliva, junto com a resposta na ponta língua. Se eu penso em você? O maldito tempo todo, homem! Que merda você fez comigo?

— Olhe atrás — sugiro.

E ele o faz, girando a peça em sua mão.

No verso do relógio está gravado “G”, em uma letra bonita. Minha inicial!

— Estou te marcando, Maximiliano.

Dando um passo adiante para encurtar a distância entre nós, ele me olha de frente. Meu peito sobe e desce profundamente, incapaz de segurar uma respiração.

— É, eu acho que você está, Gabrielle.



Visto-me para o trabalho, pego a bolsa e vou até o apartamento de Max. Na porta, me pergunto se devo tocar a campainha ou bater. Opto por bater três vezes, de leve.

Não demora, o pedacinho de gente mais tagarela que existe a abre. Os olhos crescem contemplativos, subindo dos meus pés até chegar ao meu rosto.

— Gabrielle!

Impossível não gostar da recepção.

— Bom dia, Ana. Será que eu posso tomar o café da manhã na sua casa? — encolho os ombros
— Estou sem nada lá na min...

Antes de terminar a frase, ela já está me oferecendo passagem. Noto seu uniforme escolar

bem alinhado ao corpinho, os cabelos presos em um rabo ondulado escorrido e a extensa franja caindo na lateral do rosto.

— Papai! Olha quem veio tomar café aqui!
— a riqueza de seu gritinho emite ondas pelo ambiente.

Meu desejo é ajoelhar e abraçá-la. E não resisto. Pegando Ana desprevenida, me abaixo diante dela, seguro sua mão, e planto um beijo.

— Tudo bem, princesa?

O olharzinho percorre sua roupa e me fita em seguida.

— Eu tenho que ir pra escola, Gabrielle.

E ao que parece, ela não curte muito esta parte de sua vida.

Dou uma batidinha com o dedo na minha têmpora, simulando ter me lembrado de algo. Remexo minha bolsa e retiro o pequeno objeto.

— Eu trouxe isto para você.

— Pra mim? — impressionante como, de uma hora para outra, suas emoções podem mudar. O encantamento admirado da criança é excitante.

Rapidinho, ela abre o embrulho e encontra a pequena pulseira dourada, repleta de pingentes em formato de vestidinhos, sapatos, bolsas, castelos, coroas e em tons cor-de-rosa. Quando botei meus olhos na peça, não tive como evitar. Parecia feito pra ela.

Ajudo-a a colocar, e quando termino de conectar o fecho, ela nem espera para sacudir o bracinho e ver os objetos dançarem, reluzentes.

— É tão lindo!

Toco a pontinha de seu nariz pequeno.

— Sim, exatamente como você — cochicho para que somente ela escute.

Levanto-me do chão, dou um passo para dentro e encontro Max apoiado ao balcão, segurando uma xícara de café. Em seu pulso, o presente que lhe dei. A expressão traz aquele olhar vivo, repleto de energia, a percorrer todos os fragmentos do meu corpo.

— Bom dia, vizinho. Posso? — pergunto antes de entrar completamente.

— Você é bem-vinda, vizinha — a resposta

preguiçosa, até divertida, eu diria, me faz espremer os lábios.

Avisto Marieta na cozinha.

— Bom dia, Gabrielle! Como você está?

Ela não parece surpresa com a minha presença.

— Estou bem, e você, Mari?

A mulher carrega a garrafa térmica para o balcão da cozinha.

— Ah, eu estou bem também. Venha, sente-se aqui.

Desconfortável pela atenção dela, ainda tenho de lidar com os olhos dele em mim. Evito retribuir e sigo para o local indicado por Mari.

— Oh, sim, obrigada.

A Matraquinha já está ao meu lado, me pedindo para sentar perto dela, balançando o braço, brincando com os pingentes e nos metralhando com conversinhas sem fim. Ela é o centro das atenções. Estamos todos em volta da menina, servindo, ouvindo, zelando. Exatamente como uma família funciona.

Logo Max pede que Ana vá escovar os dentes, para levá-la à escola. A palavra parece ter um efeito reverso no ânimo da menina. Curioso, na verdade. Toda a alegria em um minuto se esvai.

Desanimada e de cabeça baixa, carregando um grande peso sobre os ombros, ela faz o que o pai pediu. Mari a acompanha, me deixando sozinha com Max.

— Ela não gosta muito de ir à escola, não é?

O assunto também não o agrada, percebo em seu semblante cansado.

— Ela ainda não se adaptou. A psicóloga disse que é uma fase — remexe seu café enquanto fala.

Observo o corredor vazio, por um instante, e volto minha atenção pra ele.

— Ana frequenta uma psicóloga?

— A escola recomendou.

— Hum.

Minha língua salpica com perguntas inapropriadas. A maneira como isso sai dele, o fato de que alguém tão pequeno frequente um

profissional assim, o acidente, a mãe...

Brinco com a borda da xícara e acabo não me contendo. Toco a mão dele por cima da mesa, dizendo:

— Logo as coisas se encaixam, Max.

Ele sorri, simples, sem ênfase, e então, quando seus olhos batem nos meus, algo novo estala entre nós. Não sei bem o que; apenas sinto a força, a intensidade... a perspectiva de um futuro, eu acho. Covardemente, mudo e direção para fitar qualquer outra coisa que não ele.

— Obrigado pelos presentes, Gabrielle.

— De nada — limpo a sujeira invisível na minha calça de alfaiataria.

Um profundo silêncio se cria entre nós por alguns instantes, até que, quebrando o estranho clima, as duas estão de volta.

A Matraquinha retorna surpreendentemente quieta, olhos baixos, mochila pendurada nas costas. Incomoda-me vê-la assim. Eu não me lembro de como era ir à escola na sua idade, acho que não gostar deve ser inerente às crianças, mas por que

algo parece destoante em relação a ela?

Sei lá... Neste momento, só consigo sentir a desconfortável sensação de querer animá-la.

— Você gostaria de uma carona para a escola, Ana? — oh droga! Eu realmente disse isso em voz alta?

Tudo acontece ao mesmo tempo. A menina me olha, Mari olha pra ela, eu olho pra Max e ele... bem, ele me investiga com olhos semicerrados.

— Quero dizer, eu estou indo na mesma direção — acrescento rapidamente, encolhendo os ombros.

— Gabrielle, você sabe onde Ana estuda? — o tom do pai da criança é tranquilo (até demais), mas o arqueio de sobrancelha, ah, este me desafia a mentir.

Argh!

— Não, mas você pode me dizer — cochicho somente para ele, sem graça.

— Você pode me levar, Gabrielle? Você deixa, papai? — a criança metralha, cheia de expectativa.

Max provavelmente entendeu o que estou tentando fazer. Não nego: quero ver a menina alegre. Então por que ele me enfrenta, como se estivesse esperando eu reconhecer isto?

Sem tirar os olhos de mim, responde:

— Gabrielle terá de ir com meu carro.

Posso afirmar que Ana gosta muito da boa nova e Mari suspira aliviada. Quanto a Max... sabe-se lá Deus o que tem por trás deste seu olhar.



Noto o espírito de Ana se modificar à medida que nos aproximamos da fila de carros em frente ao portão da escola. Um prédio de dois andares, excessivamente colorido, gradeado, muitas crianças uniformizadas e pequeninas, funcionários na porta as recebendo, uma rotina normal.

Pelo retrovisor, observo seus dedinhos entrelaçados se retorcendo, ansiosos – apreensivos, eu poderia dizer.

Definitivamente, há algo de errado.

— Pronta? — pergunto com calma, colocando uma expressão otimista no rosto.

Olhos tristes vão do movimento de crianças fora do veículo a mim, me encarando pelo espelho. O peito se expande num tipo de coragem sendo sugada. É notável: a escola aterroriza Ana. E de um jeito que me aperta o peito.

— Sim, Gabrielle... — sibila com pouca energia.

Paro o carro no lugar correto. Destravo, repetindo os movimentos executados pelas pessoas do veículo à nossa frente. Uma funcionária da escola abre a porta traseira.

— Bom dia, senhor Max... — mecanicamente, ela desafivela o cinto da cadeira de Ana, como deve ter feito com dezenas de crianças esta manhã.

— Bom dia — respondo.

A moça me olha por cima do encosto do banco.

— Oh! Hoje sua mãe é quem veio, Ana Carolina? — põe a Matraquinha no chão — Oi, senhora, como vai? Eu sou a Rita, inspetora.

— Eu n... — não concluo. Tampouco Ana

desfaz o mal entendido.

— Tchau, Gabrielle — a garotinha despede-se sem ânimo.

— Boa aula, princesa — meu tom de voz complacente também não ajuda.

Assisto à inspetora fechar a porta e a conduzir para dentro do pátio. Coloco o carro em primeira marcha, tamborilo meus dedos no volante, dou uma última olhada no prédio antes de pisar no acelerador, e...

Droga.

Eu não deveria, sei que não deveria.

Mas nem ferrando que esta é uma reação normal de uma criança. Algo a perturba aí dentro e eu preciso descobrir o que é.

Capítulo 22

MAXIMILIANO

— Cara, escute o barulho deste motor — JP pisa no acelerador do Maserati lustroso vermelho-sangue — Olhe isto! 190 em um minuto!

O motor ruge, ganhando vida, ecoando no galpão onde estão estacionadas as ambulâncias. A alegria do cara é quase juvenil.

— Garotos e seus brinquedos — Diana revira os olhos, entrando de volta no batalhão e nos deixando sozinhos.

— Irmão, é um bom carro — observo — Mas o valor que estão querendo é fora de mercado.

Ele desliga a máquina.

— Até tentei fazer uma oferta, os sacanas

recusaram.

Balanço a cabeça, rindo. Eu conheço a expressão em seu rosto. O carro já é dele, por mais que JP ainda não tenha efetivamente fechado o negócio. Quando o cara gosta de alguma coisa, ela é sua. É assim com carros e com mulheres.

— Você sabe, esperei quase dois meses por essa belezinha — ele alisa o volante — Um v8 de 600, cara. Isso me lembra aquele velho Jaguar, recorda?

Ah, se lembro... Ainda na universidade, dividindo um quarto de república em que mal cabia nós dois, unimos nossas economias para comprar um Jaguar 77, malditamente mal conservado. O carro bebia toda a nossa grana. Comíamos em espeluncas para manter o combustível. E, ainda assim, o propósito serviu: as garotas mais quentes da universidade já andaram nele.

— Lembro, cara, aquilo foi o primeiro investimento ruim que você me incentivou a fazer.

Ele ri.

Estou prestes a lembrá-lo de algumas das vezes em que lhe dei ouvidos e me ferrei, quando

NACIONAIS - ACHERON

sinto o telefone vibrar no meu bolso traseiro, num dos compartimentos do uniforme. Puxo o aparelho, verifico o visor e reconheço o número: é da escola da Ana. Eles raramente ligam. Na última vez, minha filha tinha machucado o joelho e precisava de pontos. Somando isso ao fato de que não fui eu a levá-la à escola hoje, pensamentos nada bons atravessam minha mente no milésimo de segundo que tenho para deslizar o botão verde e aceitar a ligação.

— Senhor Maximiliano?

— Sim — respondo calmo, apesar de tudo.

— Aqui é...

— Da escola da minha filha — corto-a — Ana está bem?

— Oh... sim, sim, ela está — o vacilo em sua voz garante que ela não esperava minha objetividade — É... hum... nós estamos ligando porque aconteceu uma situação aqui na escola...

— Que situação?

— Hã... o senhor conhece alguém chamada Gabrielle?

Algo definitivamente está errado.

— O que tem Gabrielle? Onde elas estão?

Mentalmente, faço o cálculo de que Gabrielle deveria ter deixado Ana lá há, pelo menos, quarenta minutos.

— Sua filha está em sala, mas essa mulher...
— noto o timbre da funcionária ganhar mais confiança, irritação até — Seria bom o senhor vir imediatamente à escola.

— O que há com a Gabrielle? — pressiono.

— Venha e conversaremos aqui. Eu tenho de desligar agora. Aguardo sua presença, senhor, até mais.

A infeliz não me deixa tomar um segundo a mais e desliga. Imagino que minha cara de confusão é evidente, visto que JP já está fora do carro, atento, esperando para saber.

— O que houve, cara?

Inspiro com meia capacidade, tentando criar alguma conexão.

— Eu não sei, cara... segure meu plantão, preciso sair por alguns minutos.

Não espero sua resposta. Sei que JP fará isso por mim.

De uniforme mesmo, caminho até minha moto. No percurso, disco o número da loira. Caixa postal. Inferno. Penso sobre deixar uma mensagem, mas decido por não fazer. Desligo a chamada e tento de novo. Sem chances.

Minha filha está bem. Isso é um fato. Seja lá o que tenha acontecido, eles teriam me dito se fosse sobre Ana estar em risco.

Mas então o que está havendo?

“Gabrielle”. Quando este nome está envolvido, não consigo pensar em nada que faça sentido.



Paro a moto em uma rara vaga disponível no portão da escola. Neste horário ainda é possível, ao contrário da regra de não estacionar ou formar fila para embarque e desembarque quando as crianças estão entrando e saindo. Desligo o motor, retiro o capacete e só então avisto minha caminhonete estacionada dois veículos à frente. Gabrielle também está aqui. Isso realmente não faz nenhum

NACIONAIS - ACHERON

sentido.

Prendo o capacete ao guidão, retiro a chave do contato e atravesso a rua a passos acelerados. O senhor que cuida da portaria já me conhece e permite minha entrada sem perguntas. Não deixo de perceber a maneira estranha como ele me olha, o que só ferra minha curiosidade.

Caminho para a secretaria, mais curioso do que efetivamente nervoso. Uma assistente se levanta da mesa – foi ela quem me ligou, revela – e aponta para a sala da diretora ao fundo. Seus olhos arregalados devem significar alguma coisa, analiso, enquanto sigo sua indicação.

A porta está entreaberta e a primeira voz que escuto vinda de dentro me faz parar por um instante. Pego apenas uma parte do que ela diz.

— ...ter vergonha, isso acontecendo bem debaixo do seu maldito nariz!

Um passo mais e eu a vejo.

De bochechas coradas, irritada, o dedo ameaçador gesticulando para três mulheres não menos insatisfeitas. Uma delas é a psicóloga da Ana.

Eu não faço a porra da menor ideia do que está acontecendo aqui, mas seja lá o que for, Gabrielle parece realmente furiosa (hoje ainda mais do que quando me lançou um vaso capaz de partir minha cabeça ao meio).

Pigarreio.

— Bom dia — as faço cientes da minha presença, calmo, sobretudo.

GABRIELLE

Merda. Era só o que faltava. Estas covardes tinham mesmo de chamar ele. Rá. Eu deveria ter previsto essa.

Viro-me na direção de Max e... perco a linha de raciocínio por um instante diante da visão dele, divinamente bom no uniforme de socorrista, que contorna seu peito, braços, abdômen... oh, porcaria. Eu já o vi vestido assim antes, mas, a bem da verdade, acabo de descobrir que a imagem cultivada na memória não faz jus a tê-lo tão perto.

Lindo além da medida.

Sua expressão não revela nada, então, seja lá o que as omissas disseram a ele, ainda tenho algum crédito aqui.

— E não é que vocês chamaram o pai dela...
— viro-me de volta para as três negligentes —
Ótimo, vamos ver o que ele pensa.

— O que eu penso sobre o quê? — Max dá um passo para dentro, depois outro e outro, tão calmo que me faz sentir louca.

Como dizer a ele que este lugar é o inferno para a pequena Matraquinha? Que as crianças são como diabinhos aterrorizando a mente da menina, cercando-a no pátio, empurrando, hostilizando sua deficiência até que a expressão brilhante, feito a luz da manhã em dia de sol, transforme-se em nada além de apagada, frágil?

Deus, eu queria ter arrancado ela dali, enfiado a mão nos pestinhas e lhes ensinado alguma coisa sobre respeito. E estas infelizes aqui querem alegar que é uma atitude normal de crianças? Que Ana tem problemas de relacionamento... Problemas de relacionamento!

NACIONAIS - ACHERON

Inacreditável! A menina é o próprio grilo falante, abre-se para todos que se aproximam, elas não veem isto?

— Senhor Maximiliano, bom dia — a tal diretora soa patética, bajulando o homem com seu tom condescendente — Esta mulher...

— Tenho nome! Eu me chamo Gabrielle — corto seu jeito desdenhoso de tentar me transformar na desvairada do lugar.

— Por favor, vamos nos sentar — ela me ignora, oferecendo os dois lugares à frente de sua mesa, já assumindo a cadeira ostentosa.

As outras duas (inclusive a que se diz psicóloga) se posicionam em pé, atrás da mulher, do outro lado da mesa.

Max puxa uma cadeira, esperando que eu me mova até ela. Se ele soubesse o quanto meu sangue ferve neste momento, e do meu esforço para não me atracar com estas imbecis despreparadas...

— Gabrielle... — em seu chamado mais firme, eu o olho de frente. Enxergo o pedido velado para que eu me sente ao seu lado, como se estivesse dizendo que tudo tem o seu tempo e vou poder lhe

NACIONAIS - ACHERON

contar o que eu tiver que dizer.

Meu coração salta uma batida fora do compasso, amando a sensação de sua confiança em mim. Isto tem o poder de me relaxar um pouco. Apenas um pouco.

Faço o que ele pede e me sento na cadeira indicada. Ele ocupa a outra. Em um gesto aparentemente incentivador, Max aperta meu joelho, transmitindo todo o calor de sua palma.

— E então, o que está havendo? —
questiona.

A diretora ajeita o coque mal feito em sua cabeça e o encara, como se eu não estivesse aqui.

— Nesta manhã, tivemos um problema aqui na escola. Esta mulher... hum — a desgraçada finge se corrigir — A senhora Gabrielle entrou na secretaria ofendendo a todos que aqui trabalham, de maneira desrespeitosa e inadmissível.

Tenho que rir.

— Espera, se eu vou ficar aqui tendo de ouvir a versão distorcida que você tem a oferecer ao pai da Ana Carolina, então acho que devemos começar

do início — viro-me para Max — Pergunte a elas por que Ana não gosta de vir à escola, Max. Pergunte por que todas as manhãs a menina detesta vir a este lugar.

Noto seus traços endurecerem, apesar da fachada serena. Ana é tudo para o homem.

Baixo minha voz, odiando ter de falar.

— As pestes daqui estão aterrorizando a menina, Max. Eles a empurram, cercam, machucam, caçoam, dizem coisas maldosas. E essas três aí querem fazer parecer normal — suspiro profundamente — Por favor, me desculpe por me meter, mas não dá, você precisava ver como eles a deixam...

A idiota da psicóloga me interrompe.

— Nós não queremos “fazer parecer normal”, senhora, eu já lhe disse que trabalho com crianças há muito tempo, elas estão passando por uma fase de...

— Mulher! Em que merda de lugar você tirou o seu diploma? O nome disso não é fase, é bullying! Você fica aí dizendo que a Ana tem problemas, e quanto a essas crianças serem NACIONAIS - ACHERON

pequenos monstros? E quanto a lhe ensinar sobre respeito às diferenças, o que a escola faz neste sentido?

— Nós não temos que responder nenhuma de suas perguntas, senhora, o responsável pela criança é o senhor Maximiliano — a estúpida diretora sem argumentos abre a boca.

— Viu? É disso que estou falando — debocho, nervosa, desejando jogar o ridículo bibelô enfeitando a mesa na cabeça da mulher — Por fora, uma escola perfeita e cara, por dentro, pessoas despreparadas.

— Gabi... — o tom sério de Max me freia, mas a maneira com que me chama é como se dissesse que estamos conectados.

Assisto-o respirar fundo uma vez.

— Ok, acho que chegamos à raiz do problema. Minha filha não gosta de vir à escola e, aparentemente, ela tem uma boa razão para isso. O que vocês vão fazer?

Aprecio muito como seu timbre soa: sóbrio, sem perder o controle, mas não dando margens para que estas sonsas pensem outra coisa senão em
NACIONAIS - ACHERON

tomar uma atitude. As três lesadas se entreolham, num misto de ofendidas e conscientes da seriedade. Perfeito.

— Bem, nós vamos conversar com as crianças...

— Só isso não basta — interrompo — Chame os pais dessas pestes. A educação vem de casa.

Com toda a certeza, pelo olhar cortante em mim, a diretora me odeia.

— Como eu estava dizendo, nós vamos nos reunir e conversar sobre o melhor jeito de resolver a situação. Eu lhe garanto, senhor Maximiliano, Ana Carolina é muito querida na escola. Apesar de ser a última a ter entrado, todos gostamos muito dela aqui.

Mordo a língua, literalmente, para não contar o que a imbecil disse sobre Ana ser “muito introspectiva e inventar histórias”. Quando ela falou isso, eu juro, levou muito esforço, muito mesmo, para não esfregar sua cara pátio afora e fazê-la ver com os próprios olhos as coisas feias que os diabinhos dizem à minha princesa.

Minha princesa?

Honestamente, estou irritada demais para pensar na origem deste “minha”. Entrar na escola e presenciar a Matraquinha tendo de passar por isso quebrou meu coração. Não me conformo que os professores, sobretudo a maldita psicóloga (treinada para reconhecer quando algo está errado), não tomaram providências.

— Ana tem se saído muito bem nas matérias, pai — a professora, antes muda e pálida, elogia (ou “coloca panos quentes”, eu diria).

— Sim, seu desempenho é surpreendente! — acrescenta a diretora, ativa. A infeliz!

Sou obrigada a assistir às três, sucessivamente, iniciando o ritual de tentar bajular e dizer o quanto Ana é inteligente, adorada, sensacional e blá blá blá.

Incrível a capacidade de mudar o foco.

Encaro minhas mãos unidas no colo e me obrigo a ficar quieta, deixando pai e escola se resolverem. Estou com a sensação de ter passado um pouco dos limites ao vir discutir com elas em vez de esperar e contar a Max com calma. Seria o mais adequado. Tentei passar por cima de sua

NACIONAIS - ACHERON

autoridade de pai, agindo assim.

Sendo sincera, nem sei explicar direito como vim parar nesta sala com as três toupeiras. Se eu tivesse presença de espírito suficiente para... ah, besteira, a quem eu quero enganar? Assistir àquilo calada estava fora de cogitação.

Quando a breve demonstração de adulação se encerra, Max não espera por mais e se levanta. Faço o mesmo, talvez por compartilhar o desejo enorme de sair logo da presença destas negligentes... Ou para ficar a sós com ele e saber o que se passa em sua cabeça. O homem não me dirigiu um único olhar nos últimos de dez minutos (não que eu estivesse contando, mas foi impossível não perceber). Max está chateado. De soslaio, vi o músculo pulsar na linha de sua face, ritmado. Até mesmo sua linguagem corporal permaneceu rígida.

Em pé ao seu lado, ouço-o sugar uma inspiração mais densa.

— Bem, eu preciso voltar ao trabalho, mas espero que até o final do dia vocês me informem quais medidas pretendem tomar quanto ao bem-estar da minha filha nesta escola, senhora

Magdalena — apesar da educação costumeira, há um aviso muito claro em sua voz.

— É claro, senhor Maximiliano, eu lhe garanto que a escola...

Bloqueio em minha cabeça a voz chata da intragável diretora e sua resposta ensaiada, e me preparo para sair. Assemelhando-me a uma criança que fez algo de errado, não espero Max indicar o caminho para fora da sala ou me acompanhar. Ando para a saída, mentalmente me preparando para nossa conversa posterior.

Do lado de fora, no corredor vazio, a fim de procurar uma distração momentânea para afugentar o meu desconforto, absorvo um pouco do cheiro familiar da escola, o som inconfundível de silêncio misturado às vozes abafadas de crianças dentro das salas de aula, o colorido das paredes, desenhos feitos à mão pendurados em todos os lugares. Este ambiente me remete à minha infância, a lembranças boas desta época, meus pais, os professores, os amigos. A cena que vi aqui hoje é muito triste: a escola deveria ser um porto seguro para todas as crianças, e não o cenário de pesadelo para algumas,

como a Matraquinha. Muito triste mesmo.

Retomo minha atenção ao escutar Max fechar a porta atrás de si. De costas, não preciso me virar para saber que é ele. Estranhamente, meu corpo sente sua presença a metros de distância.

Dou mais alguns passos pequenos. Não vou negar estar temendo pelo que passa na cabeça dele. Ensaio me virar, olhá-lo de frente e explicar minha atitude... mas antes que eu me mova (ou possa obter uma nova respiração corajosa), a decisão deixa de ser tomada por mim. Com um puxão no braço, meu corpo é girado e empurrado contra a parede, tão abruptamente que me pega de surpresa. O susto me arranca um grunhido desafinado, estrangulado no fundo da garganta. Poderia ser entendido como um “oh”, não fosse a sonoridade ininteligível.

Num piscar de olhos, o corpo firme sob o uniforme se junta ao meu, me pressiona, esmagando-me contra a superfície fria. Peito contra peito. Subo meus olhos para os seus e, caramba! O olhar abrasador que encontro, faiscando labaredas ao redor de suas pupilas, é surpreendente.

Surpreendente mesmo.

— Max...? — grasno (um som horrível!).

Max segura meu rosto entre as mãos, sem nenhuma delicadeza.

— Jesus Cristo, mulher! Quanto mais eu te conheço, mais eu gosto de você — seu timbre rouco, misericórdia, arrepia até o menor dos pelos do meu corpo.

Engulo a saliva seca na boca. Quando meu corpo absorve suas palavras, sinto o peso da apreensão que me contraía inteira saindo de minhas costas. Em seu lugar, uma energia ansiosa vem assumindo meu interior com rapidez assustadora.

Ofego pela intensidade nos traços de seu rosto e...

— Estou apaixonada por você, Max — solto esta. Solto esta!

Ah, tenha piedade!

Eu disse isso mesmo?

Meu vizinho, o homem que tem dominado meus pensamentos de maneira insistente, simplesmente sorri. Não qualquer sorriso. É um

sorriso pequeno, indecifrável, que atravessa a base da minha coluna em arrepios emocionantes.

— Eu também estou apaixonado por você, Gabrielle. Há muito tempo... — sua boca escova a minha, sussurrando repetidamente as palavras.

Fecho os olhos, nocauteada, e me pego rindo de mim mesma, da situação, da surpresa e da felicidade.

— O que você fez comigo, doutor? — lamento.

— Eu é que deveria te perguntar, Gabi. Quando foi que eu passei a precisar tanto de você? — aqui está aquele timbre grave, cantado baixinho, se infiltrando em minha pele.

Afastando-se de meus lábios, relutante (percebo o esforço no gesto), Max deixa sua testa descansar contra a minha por alguns segundos muito confortáveis.

— Obrigado pelo que fez — sussurra.

— Não me agradeça — sussurro de volta e mordo o lábio, sentindo que ultrapassarei limites com o pedido que estou prestes a fazer — Max?

— Sim?

— Eu posso tirar a Matraquinha desta escola por hoje e levá-la para passar o dia comigo?

Ele segura meu queixo e o inclina suavemente para cima, me fazendo encará-lo. Um meio sorriso volta a rasgar seus lábios.

— É um pedido muito justo, Gabrielle.

Mirando suas íris, sinto a aura entre nós densa e leve ao mesmo tempo. Inexplicável pela natureza.

Fato é que eu estou apaixonada. Talvez eu esteja até um pouquinho mais do que apaixonada, na verdade.

Capítulo 23

GABRIELLE

Eu poderia ter tirado o dia de folga no trabalho, mas então, olhando para a Matraquinha quando a pegamos na sala de aula (tão encantada por nos ver ali), me ocorreu que ela gostaria de conhecer o meu trabalho. Aliás, se há alguém que gostaria, este alguém é ela.

Acertei na mosca trazendo a menina à LeCher.

Eu só não imaginava que ela fosse gostar tanto... e que eu, vergonhosamente, perderia a pequena no setor onde ficam os tecidos.

— É tão bonito — dizia para cada peça encontrada no espaço. Em um determinado momento, seus “nem um metro” de altura

NACIONAIS - ACHERON

submergiram no meio de tantas cores e texturas. Tive de procurá-la, já pensando em mil maneiras de tentar explicar o sumiço ao pai da criança.

Outra coisa impressionante é a capacidade da menina de interagir com estranhos. Para cada minuto de desatenção, lá estava ela tagarelando com alguém da equipe... e a parte mais curiosa: apresentando-se como Luz da Manhã. Droga, tão engraçadinha que eu nem sequer tive coragem de desmenti-la. A afeição foi geral.

Agora estamos ambas diante de minha mesa de criação, com papéis e lápis de todos os tamanhos, rabiscando esboços de vestidos, aliás, “Lindos vestidos, né, Gabrielle?”, segundo ela. Pedi sua ajuda para criar um modelo de princesa e a menina praticamente saltitou no lugar, batendo palminhas excitadas.

“Mas é claro, Gabrielle!”.

Gabrielle. A maneira reverenciadora como ela diz meu nome tem a capacidade de aquecer meu coração de um modo inexplicável. Faz eu me sentir uma pessoa melhor, mais protetora. Não dá para entender que alguém a machuque, quando tudo o

que a menina transmite é a verdadeira luz.

Observo o rostinho concentrado no trabalho, sorrisinhos conspiradores, de vez em quando, escapam de seus lábios. Giro meu olhar para o lado oposto da mesa, onde Mauro permanece mudo enquanto nos assiste. Desde a noite das tequilas, tenho notado ele um tanto menos... extravagante, por assim dizer. Dia desses, almoçando juntos, eu o questionei sobre a mudança, e a resposta me fez entender parcialmente o problema... Mau está sofrendo por amor. Ele está apaixonado por Nilo, que ainda ama o intragável diretor, que, por sua vez, parece preferir manter as aparências em vez de assumir sua natureza. Triângulos: sempre alguém sai perdendo.

Meu telefone vibra sobre a mesa. No visor, o nome que tem feito meu peito perder-se no ritmo.

Limpo a garganta discretamente.

— Oi... — mantenho meu tom de voz neutro.

— Oi... — a voz agradavelmente grave, rouca, me faz morder um sorriso.

— Como está sendo o seu dia, doutor? —

NACIONAIS - ACHERON

confiro o relógio: já se passa das onze da manhã.

— Hum, uma vítima de engasgamento, um AVC, nada de mais...

— Seu senso de humor tem me impressionado, senhor Max.

Ouçó a risada baixa.

— Eu gostaria de impressioná-la de outras formas, senhora Gabrielle.

— Você já impressiona... — provoco, disfarçando dos ouvidos curiosos de Mauro.

— O propósito desta ligação é saber como vocês estão, vizinha, não me faça ficar duro aqui...

Deus, apesar de inadequado para o momento, meu corpo se agita com suas palavras.

— Peço-lhe a mesma cortesia.

A risada ganha vida.

— Mulher, você não colabora.

Mauro me envia um olhar sagaz. Devolvo com um do tipo “não se atreva a dizer nada”.

— Ana e eu estamos bem, Max, nos divertindo.

Ele não diz nada de imediato.

— Obrigado, Gabrielle — a seriedade está de volta.

Tranco a respiração.

— Não há o que agradecer.

Outro momento de silêncio. Sua respiração é o único som que ouço.

— Repita o que você me disse hoje — pede.

— O quê? — me faço de desentendida, sentindo minha bochecha corar como uma colegial.

— Você sabe o quê...

Aperto meu lábio inferior entre os dentes.

— Eu não posso agora.

— Sim, você pode.

Bufo.

— Max... — argumento.

— Repita.

O homem consegue ser intenso mesmo ao telefone.

Hesito, desviando meus olhos para o desenho à minha frente.

— Ok...— suspiro — Estou apaixonada por você, Maximiliano — cochicho.

Duas coisas acontecem: Max respira pesadamente e Mauro gesticula um dedo pra mim, sibilando um “eu sabia!”.

— Eu quero você repetindo isso enquanto meu corpo estiver sobre o seu esta noite, Gabrielle.

Aperto minhas pernas juntas, sentada na cadeira.

— A ideia é tentadora — disfarço a voz, fingindo estar respondendo a uma trivialidade qualquer.

Ninguém pode enxergar o que Max faz comigo, lançando coisas assim ao telefone.

— Não é uma ideia, é um compromisso.



— Ela é uma graça, Gabi — Alice diz, olhando a Matraquinha passear em sua loja.

Almocei numa lanchonete perto daqui com a menina e resolvi visitar a floricultura. Eu amo o lugar que minha cunhada tem aqui. Não são somente as flores, é o ambiente acolhedor da loja,

aliás, exatamente como Alice.

— Sim, uma criança surpreendente... —
observo a menina cheirando as flores, de olhinhos fechados, sonhadora.

— Ana é filha do Max? — a questão é vacilante.

Mordo a bochecha.

— É, Ali.

A mulher não faz nenhum comentário, mas praticamente vejo suas engrenagens trabalhando. Alice é transparente e mal se dá conta.

Ana se aproxima de nós, balançando a pulseira em seu bracinho. Ela não tirou o acessório desde que ganhou. Alice apanha uma flor pequena, de um ramo ao lado do balcão, e se abaixa para ficar na altura dela. Suavemente, Ali encaixa a flor no cabelo da criança, que permanece paradinha esperando.

— Prontinho — minha cunhada penteia com os dedos a franja de Ana para o lado, e então alisa o bracinho dela— Oh, que pulseira mais linda, Luz da Manhã.

Pois é, a doce Alice também foi enganada. Quem nunca?

A menininha olha para a joia, orgulhosa.

— Foi a Gabrielle quem me deu.

— Posso te contar um segredo?

— Sim! — a pequena sussurra, levando a sério.

Alice sorri.

— Você sabia que Gabrielle só dá este presente a pessoas especiais? — Alice puxa a manga de seu suéter, revelando sua própria peça — Foi ela quem me deu esta aqui também.

Lembro certinho do dia em que dei a pulseira à Alice, há alguns anos. Ela estava prestes a partir, depois de uma sucessão de burradas do meu irmão, e eu queria lhe dar algo que representasse o quanto eu já gostava dela naquela época. Pedi que fizessem um pingente de duas flores lindas se interligando, delicadamente. Minha cunhada nunca mais deixou de usá-la... isso significa muito pra mim.

Ao ouvir as palavras de Alice, Ana sobe seus olhinhos para mim. Neles eu enxergo sua

admiração e expectativa inocentes.

— Eu sou especial para você, Gabrielle?

A pergunta me pega desprevenida e também me embarga.

E então é como se um clarão de entendimento explodisse bem na minha frente. É evidente: cativando a todos, inventando nomes de princesas, tagarelando sem parar, ela quer se sentir especial para alguém. Ser amada. Não há uma mãe presente em sua vida, as crianças de sua idade não são minimamente agradáveis com ela. Max e Mari são tudo o que ela tem em seu ciclo.

Apanho o rostinho de frente, nunca falando nada tão sério antes na minha vida toda.

— Você é mais do que especial para mim, Ana. Você é a criança mais linda que já conheci, e eu me sinto muito feliz quando estamos juntas.

Ela nem pisca. E, por mais incrível que pareça, se cala, absorvendo as palavras.



Depois de colocar Ana na cama, Max se senta ao meu lado, em seu macio sofá, envolvendo

meus ombros com o braço e me ancorando para descansar minha cabeça contra seu peito. O gesto parece natural, é como se já fizessemos isto há muito tempo, e a sensação divinamente boa é tudo em que consigo focar.

Uma música baixa ecoa agradável pelo ambiente pouco iluminado.

— Eu estive pensando sobre a escola... — seu timbre calmo acompanha o clima silencioso.

Respiro fundo, com discrição.

— O que você pensou?

— Não sei se insistir naquele lugar e esperar uma atitude é a escolha certa.

Não é!, minha mente grita, mas a boca cala.

— Dói como o inferno pensar que Ana está sofrendo esse tipo de coisa, você entende?

— Sim, Max...

— Eu não quero prejudicar seu ano letivo, mas não posso permitir que minha filha frequente um lugar que faz mal a ela.

Afasto-me de seu toque para encará-lo.

— Olhe, Max, eu realmente não tenho

nenhum direito de dar opinião, nem sequer foi certo o que eu fiz na escola, mas... eu acho que você tem razão sobre não querer enviá-la àquele lugar. Há muitas escolas pela cidade, e, na idade dela, eu penso que a mudança não será tão ruim para seu desempenho. Ana é inteligente, aprende rápido. Talvez vá adorar a ideia de mudar. Por que você não pergunta isso a ela?

Com cada palavra, sua expressão vai se tornando mais ilegível, densa, até ele estar me fitando assim, deste jeito indescritível, que provoca um reboiço em mim.

— Onde você esteve todo esse tempo... — mal tenho certeza se ouvi mesmo isto saindo de seus lábios.

Não contendo um sorriso.

— Eu estive por aí, me acidentando e esperando um certo médico vir me socorrer... — umedeço meus lábios, numa provocação — Homem, deveria ser crime alguém como você circular naquele uniforme.

Ele joga a cabeça para trás, contra o encosto e solta uma gargalhada baixa, gostosa de ouvir.

NACIONAIS - ACHERON

— Isso é um fetiche, senhora?

— Ao que parece, você está despertando alguns em mim... — não resisto; de joelhos sobre o estofado, monto e me aconchego em seu colo perfeitamente, uma perna de cada lado das suas. Apoio-me em seus bíceps e desço minha boca para a dele.

É isso que senti vontade de fazer durante todo o dia.

Max me permite beijá-lo, mas não retribui, é como se estivesse vendo até onde vou. Eu poderia dizer que ele não está muito animado, mas seria uma mentira: o volume em sua virilha é revelador. Aproveito a descoberta e corro minha língua em sua boca. Com força, mordo, sugo... e me sento, soltando o peso do meu corpo contra a rigidez, pressionando-o. Um rugido brande do fundo de seu peito. Rio, e o consumo.

— Diga-me de novo... — ele rosna, enquanto dou-lhe um tempo para respirar e ataco a curva de seu pescoço, a região quente atrás da orelha. Miséria, ele cheira tão bem.

Sei o que Max quer.

— Eu estou apaixonada por você, Maximiliano — roço-me contra seu jeans — A-pai-xo-na-da.

— Jesus Cristo, mulher — ruge, afetado.

Num piscar de olhos, estou sendo girada e deitada de costas no sofá, coberta pelo grande corpo. Minhas pernas são afastadas por seu joelho, a mão corre livremente por baixo da minha camisa e sutiã, apanhando o seio.

Arqueio-me para o toque.

— O que eu te disse que faria, Gabi?

Oh, inferno!

— Nã-não aqui... — gemo, sufocada.

Ele afunda seu rosto no meu pescoço, traçando uma trilha molhada pela pele.

— Você me deixa maluco — prontamente, Max fica em pé, pegando-me pela mão — Vem, vamos para o quarto.

Impossível negar.

E tal qual o doutor disse que aconteceria, tive de falar a ele o quanto estou apaixonada, ao receber profundas estocadas, lentamente extraindo todo o

calor de meu corpo. Por pouco, por muito pouco, a outra palavrinha com “A” não saiu também.



Abro meus olhos, assustada pelo que ouço, sem ainda ter certeza de que é real e não um sonho. O quarto está parcialmente escuro. Viro-me para Max dormindo suavemente ao meu lado (droga, eu não pretendia passar a noite), e escuto novamente os resmungos abafados, vindos de algum lugar.

Parece... parece a Matraquinha?

Não espero para ter certeza.

Levanto-me sobressaltada, cato uma camiseta de Max pelo caminho e ando apressadamente para o quarto dela. Alguma coisa está errada, misericórdia, por estes sons, alguma coisa está muito errada.

Quanto mais me aproximo de sua porta aberta em uma fresta, mais tenho certeza de que os gemidos agonizantes vêm do quarto. Meu coração acompanha tudo num ritmo de morte, chocando-se contra as paredes torácicas. Passado e presente se misturam quando sinto o sabor familiar do meu desespero na ponta da língua, um déjà vú. Sinto

NACIONAIS - ACHERON

minhas pernas presas por cimento, tudo gira em câmera lenta. De novo não, por favor, de novo não.

Empurro a porta, possibilitando que a luz do corredor invada o quarto e finalmente possa olhar a menina.

A visão me confunde.

Ana está enrolada em seu corpo, encolhida, gemendo, chorando, transpirando, abraçada... a nada. Seus bracinhos se juntam como se ela estivesse segurando sua perna entre eles. A perna que não está ali.

— Dói — ela choraminga, num estado, não tenho certeza se de sonho ou delírio.

Sem pensar, arrasto-me para a cama de Cinderela e abraço a menina. Toco sua testa, muito suada, mas sem febre. A agitação de seu pequeno corpo continua, chutando o coto da perna no ar.

— Ana, se acalme, eu estou aqui... eu estou aqui, princesa... — sussurro repetidamente — Shh... eu estou aqui.

Aliso suas costas, mal conseguindo me ouvir diante do bumbo surdo de pânico no meu peito. O

terror de tê-la tão indefesa se espalha em cada fragmento de minha pele.

— Eu estou aqui, minha pequena luz, estou aqui...

Ela choraminga mais e mais.

— Shh, fique calma, é só um sonho, eu estou aqui, Ana.

E vou assim, sussurrando palavras tranquilizadoras, até notar seu peito, gradativamente, subir e descer em respirações profundas, saindo muito lentamente do que quer que isso seja. O chorinho também diminui de tom, se transformando em pequenos soluços, daqueles que emitimos quando já não conseguimos mais chorar... e caramba, isso dói em mim de forma excruciante.

— Mamãe... — por fim, a palavra é um gemidinho fraco, tão triste que me atravessa o peito feito uma navalha pontiaguda.

Não respiro. A queimação na garganta não permite, tampouco minhas próprias lágrimas borrando a visão. Fecho os olhos por dois ou três segundos, buscando dentro de mim por equilíbrio, e

NACIONAIS - ACHERON

então respondo.

— Sou eu, princesa. Gabrielle —
infelizmente, falho em omitir a tristeza em minha
fala.

— Gabrielle... — ela sussurra meu nome,
sem foco.

Através da luz do corredor, enxergo seus
olhinhos encharcados piscando para o nada, vazios,
sem vida, num estado entre acordada de maneira
letárgica e sonhando. A sensação que a imagem
traz ao meu peito é inexplicável; cheia de memórias
com as quais eu venho tentando conviver há muitos
anos, no entanto, que ainda machucam como se
fosse ontem.

Abraço seu corpo mais forte, ninando-a
juntinho de mim.

— Durma, princesa. Está tudo bem, foi só um
sonho. Só um sonho.

O ritmo de seus pulmões vai pouco a pouco
se apaziguando. Incentivo com mais carinhos
circulares em suas costas até que a sinto ceder.

— Seja minha mamãe... — a vozinha é um

sopro fraco, debaixo de olhinhos pesados de sono.

Cerro os olhos outra vez.

— É o que eu mais queria... — mas não sou capaz, Ana. Não fui capaz de cuidar da minha própria princesa, reflito com pesar.

Deixo minha cabeça pender em seu travesseiro, abraço-a junto de meu peito, e nos cubro.

Deitada de costas para a porta, sinto o colchão se afundar atrás de mim. O corpo de Max se une ao meu, abraçando-nos. Não dizemos nada por um longo momento, apenas contemplamos os sons de nossas respirações.

Ana caiu num sono profundo, sei disso pelo ritmo com que agora seu peito se move.

— Ela sempre tem pesadelos assim? — consigo elaborar, em voz baixa, depois de finalmente dominar minhas próprias emoções e guardá-las no lugar.

— As dores que ela sente são reais. Chamam de membro-fantasma — em seu tom quebrado, reconheço a frustração.

Respiro fundo.

Mais essa para a pequena ter de lidar...

Entrelaço meus dedos aos de Max, fecho os olhos e não me movo do lugar entre pai e filha. Um único pensamento me atormenta até a exaustão: eu tenho de contar a verdade a ele.

Capítulo 24

GABRIELLE

Sinto um toque muito macio pousando no meu rosto, quentinho, suave, leve. Tão bom que me convida a não abrir os olhos de imediato, apenas desfrutar um pouco mais.

Lentamente, sem pressa, abro e encontro íris expressivas, acinzentadas como as de seu pai, concentradas em mim. Sua respiração quente chega a tocar meu rosto de tão próxima, compartilhamos o mesmo travesseiro. A mãozinha viaja pelo meu rosto, trilhando um caminho que seus olhos também percorrem. Há uma emoção comovente na contemplação.

Descanso minha mão por cima da dela, contra minha bochecha.

NACIONAIS - ACHERON

— Bom dia, Ana — sussurro.

Seus lábios se curvam num sorriso tímido.

— Você dormiu na minha cama, Gabrielle?
— o tom de voz baixinho, imitando o meu, me faz sorrir também.

— Aham, eu queria saber como é dormir na cama da Cinderela.

Os olhinhos se trancam nos meus, hipnotizados pelo que eu disse.

— Você gosta da Cinderela?

Mais cochichos.

— Sim, gosto, mas sabe o quê? — com o dedo polegar, aliso sua mão abaixo da minha — A minha princesa preferida é a Bela.

— Eu também adoro a Bela... — ela delibera, encantada por minha escolha.

Sou eu a suspirar.

Deus, eu não me vejo mais ficando longe desta menina. Não me vejo. Como isso é possível?

Trago sua mãozinha até minha boca e planto um beijo em sua palma.

— Você está bem? — murmuro.

— Aham — a resposta, segura, faz parecer que a noite anterior nunca aconteceu.

Avalio sua expressão atrás de alguma pista de que a menina se lembra, mas Ana tem esta peculiaridade: ela absorve o momento ruim e ele simplesmente deixa de existir. Tenho notado isso desde que a vi no saguão esperando a discussão entre Max e sua mãe acabar. Eu só não tenho certeza se o comportamento é bom para ela, no final das contas.

— Gabrielle...? — ela sibila.

— Sim, Ana?

— Meu papai sabe que você dormiu aqui?

Pigarreio, refletindo uma resposta.

— Na verdade — a voz grave de Max nos surpreende; vindo da porta parecendo ali há algum tempo nos observando —, eu também dormi, filha.

Sim, nós três adormecemos na cama da Cinderela. Se alguém tivesse me dito algo assim há alguns meses, eu teria rido e desconsiderado a ideia. No entanto, na última noite, mesmo apertada entre eles, imobilizada, cuidando para não me

mexer muito e acordá-los, eu simplesmente fechei meus olhos e curti o momento – um vislumbre do que poderia ter sido a minha vida há alguns anos. O sonho de viver uma paixão, o casamento prematuro, uma linda bebezinha não planejada... e, no instante seguinte, tudo ruindo à minha volta.

Respiro bem fundo.

Olho-o por cima do ombro, sem me desconectar de Ana.

— Bom dia — ele diz agradavelmente rouco, ancorado contra o batente, os olhos mirando os meus, intensos.

Não sei bem dizer o que se passa em sua mente agora, mas posso ter uma ideia, a partir das batidas fora de compasso em meu peito

— Bom dia... — respondo baixo. Mudo meu olhar para a menininha — Agora tenho de me arrumar para o trabalho, mocinha... — bato suavemente na pontinha de seu nariz.

— Eu posso ir trabalhar com você de novo? — o pedido é quase cochichado, não desejando que seu pai nos escute.

Abro a boca para responder...

— Bem, veja que pena — Max entra no quarto a passos lentos, aproximando-se de nós — Eu pensei que você gostaria de passar o dia comigo hoje, pequena... — percebo o bom humor em sua fala; em questão de segundos, a menina está se sentando na cama, interessada.

— Você vai ficar em casa, papai?

Ele sorri, pegando-a da cama para seu colo, sem nenhuma dificuldade ou demonstração de esforço.

— Sim, mudei minha escala com seu tio JP para passarmos algumas horas juntos, mas, hum, não sei não... — ele inclina a cabeça de lado, enrugando o lábio e avaliando o rostinho de Ana — Tenho a impressão de que minha filha não quer isso.

— Eu quero! — ela vibra, ricamente animada.

— O que você acha, Gabrielle? — Max me traz para a conversa.

Deitada, observo os dois acima de mim – ela

grudada no pescoço do pai, me olhando cheia de expectativa, e ele... bem, ele com o seu olhar quente e indiscretamente atraente, que me provoca a cada oportunidade. A visão deles juntos é... perfeita, uma gravura bem-feita (traços semelhantes, os olhos do mesmo tom).

Limpo a garganta.

— Parece uma boa ideia... — sento-me na cama, arrumando meu cabelo num coque alto, e me preparo para levantar — Eu bem que gostaria de ficar em casa também, mas, infelizmente, tenho uma reunião muita chata no trabalho.

Ana solta um sonzinho de lamento. Max apenas mantém o olhar em mim.

— Fique para o café da manhã — o som profundo é recebido pelo corpo como uma carícia.

Sorrir, é só o que consigo fazer. E então meu sorriso morre quando me dou conta do problema: estou usando apenas uma camiseta dele, calcinha, e nada mais.

— Eu acho que deixei minha calça... hum... na minha casa, antes de vir dormir na cama da Cinderela... — enfatizo, dando ao homem a dica.

NACIONAIS - ACHERON

Max põe Ana sentadinha na borda da cama, pega a prótese ao lado da cabeceira para auxiliá-la, muito tranquilamente.

— Fique à vontade para buscar, Gabrielle — o debochado mal consegue disfarçar sua diversão com meu embaraço.

Argh!

— Sabe como é, Max, eu não quero que a Mari tenha uma má impressão ao me ver andando pela casa de vocês assim... — praticamente imploro por sua ajuda.

O imbecil sorri.

— É. Eu acho que ela vai pensar que você tirou suas roupas aqui — lança aquele olhar penetrador, indizível, e muda sua atenção para a menina — Você vê as roupas dela por aí, filha?

Inocente, a menina corre seus olhinhos pelo chão.

— Não estão aqui, Gabrielle.

— É, princesa, não estão — concordo com ela e fulmino seu pai.

O olhar provocador passeia por minhas

pernas desnudas, enquanto ele se posiciona ajoelhado em frente à filha, ajustando as faixas no coto.

— Ana, a camiseta da Gabi não se parece com uma das minhas?

Meu rosto enrubesce espetacularmente.

A risadinha emitida pela Matraquinha me faz pensar que ela sabe exatamente o que estamos fazendo.

Mal pisco, apreensiva.

— “Gabi”, meu papai te chamou de Gabi — ela imita a palavra, revelando ser o apelido o motivo da graça.

Deixo esvair uma curta respiração, aliviada.

E Max se diverte ainda mais com meu constrangimento.

— Mari não está em casa, mulher, dei a ela o dia de folga. Vá lá e busque suas roupas.

Filho da mãe!

Tenho vontade de enfiar um soco em seu ombro.

— Espertalhão... — resmungo ao me

levantar, e puxo a camiseta para baixo, escondendo o máximo possível de bunda e pernas da visão da criança.

Saio do quarto apressada, não sem antes ouvir sua risada grave, profunda, satisfeita. Homem ardiloso.

MAXIMILIANO

Enquanto mandei Ana escovar os dentes, segui Gabrielle até meu quarto, silenciosamente a observo se vestir. A incrível bunda redondinha e empinada luta para entrar de volta na calça jeans, dando-me uma visão e tanto.

— Eu poderia te ajudar... — ofereço, por fim, controlando meu sorriso.

Ela bufa e se gira para me encarar.

— Assim como você me ajudou há pouco, doutor? — sua boca perfeitamente desenhada pela natureza se rasga num sorriso falsamente descontente, linda pra caralho.

Sem pressa, vou cortando nossa distância. Minhas mãos anseiam por tocá-la, por tomar sua boca, seu corpo, sua alma para mim. Tê-la cuidando da minha filha, segurando Ana contra seu corpo pela noite inteira foi fodidamente a sensação de plenitude mais intensa que já senti em um longo tempo. Nem mesmo tive isto quando vi Francine com a pequena em seus braços pela primeira vez, talvez pela insegurança de minha ex-mulher, tão completamente diferente da maneira possessiva como Gabrielle se apossou da situação, uma leoa cuidando de sua cria.

Inferno, estou arrebatado pela loira.

Envolvo meus dedos em seus cabelos macios, bagunçados, e não espero. Trago-a para perto, pro meu deleite de seu gosto.

— Você é um sonho adolescente, mulher. Chego a desconfiar da minha sorte — rosno controlado, cravando meus lábios nos seus.

Noto seu corpo enrijecer sob minhas palavras. Estranhando a reação, afasto a cabeça uma polegada, avaliando seus olhos fechados.

— Há algo que eu preciso te contar, Max...

— Abra seus olhos... — peço.

Noto o movimento de sua garganta esguia engolindo a saliva. Não deixo de apreciar como, nos gestos mais simples, a mulher consegue ser uma maldita tentação.

Quando as bolas excentricamente azuis se conectam a mim, sou tomado por uma sensação nada agradável. .

— Conte.

Ela respira fundo, e ganho a certeza de que, seja lá o que tenha trazido esta ruga ao centro de sua testa, não é um bom prenúncio. Gabrielle é sempre direta em suas questões.

— E-eu realmente não tenho tempo agora, você sabe, daqui a pouco tenho de ir para o trabalho, mas se pudermos conversar à noite... — ela morde o lábio, desviando os olhos para meu pescoço.

Invadido por um tipo de necessidade de autopreservação, acabo por me sentir um tanto aliviado pela postergação.

— Certo. Conversarmos à noite — selo um

acordo.

E seja lá o que isto significa, eu só tenho uma certeza: não estou disposto a deixar ela sair da minha vida, não agora.

Planto um beijo no topo de seu ombro.

— Você é importante pra mim, Gabrielle. Independente de qualquer coisa — reforço com seriedade.

Ela descansa sua testa contra meu peito, calando-se.

Maldição, o que poderia deixá-la assim?

— Venha, vamos nos alimentar. Aquela pequena me dará uma boa carga de trabalho. Precisarei de toda a energia possível — brinco, empurrando a atmosfera desconhecida para longe.

Ouçó sua respiração profunda.

— Eu gosto dela, Max...

— Eu sei, Gabrielle.

GABRIELLE

NACIONAIS - ACHERON

Já é início da noite. Ando de um lado para outro em meu apartamento, entrelaçando os dedos ansiosamente. Não consegui pensar em mais nada durante todo o dia além da conversa que preciso ter com Max. Não sei bem o que esperar. No entanto, ele, dentre todos, precisa saber. Não é justo omitir algo tão grave. Ana está se tornando muito próxima de mim, a ideia de magoá-la ou feri-la me deixa em frangalhos. Eu pensei haver superado, mas não, o medo está vivo em mim.

Como contar algo assim?

Sento-me no sofá e encaro o teto por alguns minutos. Pego o celular, confiro o horário. Max estará aqui em breve. Estou mais ansiosa do que esperava.

Sem pensar muito, ou talvez em busca de apoio, acabo discando para a única pessoa com quem falo abertamente sobre o passado, quem sempre esteve lá por mim.

O número chama três vezes.

— Ei, maninha — Peter responde tranquilamente.

NACIONAIS - ACHERON

Escuto o burburinho ao fundo.

— Você pode falar agora?

Ele se cala por um ligeiro instante, talvez avaliando meu tom.

— Espere, estou indo para os fundos... — percebo-o caminhando por onde quer que esteja e os sons atrás se tornando mais distantes — Pronto, cem por cento disponível para minha irmã preferida. O que há de errado?

Reviro os olhos, sorrindo, apesar de tudo. Deus, é relaxante ouvir sua voz.

— Eu estou prestes a contar a ele... — revelo em voz baixa.

O ruído de sua inspiração profunda ressoa através da linha.

— Você tem certeza?

Aperto os olhos e anco-ro-me contra o sofá.

— A menina... Me envolvi demais com ela — exteriorizando, percebo o quanto é real este sentimento — Tenho medo de... — nem consigo dizer — Você sabe.

Peter bufa, deixando evidente sua opinião,

antes mesmo de pronunciá-la.

— Besteira. Tire isso da cabeça.

— Eu gostaria que fosse simples assim... —
o bolo a se formar na base da minha garganta chega a ser doloroso.

Seu tom suaviza.

— Ouça, Fluta — este apelido... —Você é forte e corajosa. Sempre foi. Então faça o que acha que tem de fazer. Conte a ele, se isso te faz bem, mas aceite de uma vez que você não foi responsável. Uma fatalidade, aquilo infelizmente foi uma fatalidade.

É o que todos dizem, mas é difícil aceitar quando você estava lá, quando tudo aconteceu em seus braços. Basta fechar os olhos e eu me vejo naquele momento novamente, revivendo em primeiro plano o pior pesadelo da minha vida.

— Deus, eu olho pra filha dele e já me imagino falhando, Pe, é-é como se isso obrigatoriamente fosse uma questão de “quando”, não “se”, você entende?

Estou em pânico com a ideia de fracassar

com a Ana, essa é a verdade.

Meu irmão, paciente, me deixa falar.

— Quanto mais perto eu chego, mais eu sinto que não sou capaz de mantê-la segura quando a menina realmente precisar de mim, e isso... isso me mata.

Ouço sua expiração, um som curto, contrariado.

— É assim que você pretende manter a promessa? — questiona muito sério, indo para um assunto delicado, ele sabe disso.

Não respondo. Não de imediato.

Olho para um ponto qualquer do chão, procurando ali algo racional para dizer.

— Não... É por isto que vou contar a Max. Ele deve poder escolher se me quer por perto. A decisão deve ser dele... — afirmo com um pouco mais de convicção.

Escolhendo este momento, a campainha toca, avisando que é chegada a hora. Meu corpo reage, se contrai, o peito palpita, o estômago revira. Droga, não há como fugir.

— Ele chegou, preciso desligar.

— Certo. Qualquer coisa, me chame. Eu estou aqui para o que precisar, você sabe disso.

— Eu sei... E te amo, Pe.

Distancio o telefone do ouvido, pronta para desligar, porque sei que meu irmão não retribuirá os sentimentos, ele nunca o faz. Interrompendo meu movimento, ouço-o me chamando mais uma vez.

— Gabi?

Não diz em palavras, mas sente, e se preocupa comigo, sempre foi assim.

— Sim, Peter.

— Não se puna mais do que já fez, ok? A vida é curta demais para isto.

— Ok... E não me chame mais de Fluta — encontro humor para repreender o apelido que ele e Ben usavam para me atazanar quando criança.

Ele ri, alto.

Desligo, um pouco mais calma — mas não muito, seria impossível.

E, tomando algumas respirações, fico em pé.

PERIGOSAS

No caminho para a porta, me pergunto se estou fazendo a coisa certa. Sim, minha consciência diz que sim. Por tempo demais, estive me mantendo longe de tudo que me fizesse relembrar... Uma hora o destino viria cobrar a conta. A hora chegou.

Abro a porta...

Nos encaramos.

Seus olhos intensos me avaliam parecendo enxergar minha alma.

— Gabrielle... — cumprimenta num timbre rouco, tocando-me sem de fato de tocar.

Ele sabe.

— Max...

Eu sinto que ele sabe.

Capítulo 25

GABRIELLE

— Entre... — ofereço passagem ao homem que não desgruda os olhos sérios de mim. Parece saber que o que tenho a dizer vai mudar a forma como me enxerga.

Não consigo enfrentá-lo por mais tempo. Viro-me e ando para a sala sentindo o peso do que vou lhe contar.

Sua presença silenciosa vem atrás de mim, me seguindo. Sento-me no sofá, cabeça baixa, e respiro bem fundo. Não é algo fácil de dizer, talvez por isto eu não fale, mas mesmo que eu viva cem anos esta parte da minha vida sempre me acompanhará.

Eu teria feito melhor, se pudesse. Voltaria no
NACIONAIS - ACHERON

tempo e agiria diferente. Contudo, nada disso é possível.

— Há algo que você precisa saber sobre mim, Max — a distância em minha voz não é planejada.

Ele senta-se ao meu lado.

— E, pelo jeito, você pensa que isso mudará a maneira como me sinto sobre você — não é uma pergunta. Seu tom sustenta uma confiança tranquila, difícil de derrubar (eu só não sei por quanto tempo).

Sorrio, sem vontade.

E olho bem no fundo de seus olhos.

— Talvez sim.

Encaramo-nos profundamente por um tempo.

— Eu já fui casada, Max... — revelo, sem quebrar nosso contato — E tive uma filha...

Filha. Esta palavra ainda é dolorosa de pronunciar.

Tenho de segurar minha garganta para tentar amenizar a sensação de queimação. Fecho os olhos e viajo de volta àquele lugar que se parece como

um sonho ruim, o pior que alguém poderia ter.



Sentada na poltrona do quarto de Clara, confiro o relógio digital na base da babá eletrônica. Já se passa das três da manhã. Esfrego meu rosto, exausta. Estou há mais de quarenta e oito horas sem dormir, vigilante... pois a cada vez que fecho os olhos por mais de cinco minutos, tenho a falsa impressão de escutá-la chorar. A ausência de sono está me confundindo, acho que esta é a verdade. Sinto-me uma bagunça.

Confiro meu celular para ver se há alguma ligação ou mensagem de Lucas. Desde que ele foi à esta convenção, na quinta, ainda não nos falamos. Eu gostaria que ele estivesse aqui... na verdade, eu gostaria mesmo era que as coisas voltassem ao normal entre nós.

Sinto que ele tem me evitando, e...

Chega, não posso pirar, é provavelmente uma fase de adaptação. Essa gravidez veio de maneira inesperada, foi uma surpresa para todos nós. Acho que ele ainda não teve tempo de assimilar, passou praticamente minha gestação inteira entre uma

NACIONAIS - ACHERON

viagem a trabalho e outra.

Estamos juntos desde o colegial, sempre apoiamos os sonhos um do outro, foi assim que o segui para vir morar num país onde não conheço ninguém, longe de meus irmãos, dos nossos amigos, de todos. Era uma grande oportunidade para seu início de carreira. Certo, não contávamos que eu engravidaria, mas Clara está aí, agora temos uma linda bebezinha. No final, as coisas vão se encaixar, eu sei que sim.

O som agudo de seu chorinho me faz saltar da poltrona novamente. Vou até o berço e a retiro dali, coloco-a descansando no meu ombro para acalmá-la, conforme a enfermeira recomendou.

— O que você tem, filha? — sussurro enquanto a nino em meu colo — Mamãe já não sabe mais o que fazer...

Mais choro.

Deus, eu gostaria de ter alguém aqui comigo para me orientar. Já levei Clara ao médico três vezes esta semana. Provavelmente, o pessoal do consultório me vê como uma mãe despreparada que mal sabe lidar com sua bebezinha de trinta dias...

NACIONAIS - ACHERON

Fato é que estou ficando maluca de não saber como resolver isso. Ela não dorme praticamente nada. Quando a deito no berço, tenho logo que retirá-la, normalmente vermelha, quase sem fôlego de tanto fazer força para chorar.

E-eu... Eu sinto estar fazendo alguma coisa errada, mas não consigo saber o quê, e isso causa uma sensação frustrante de completa impotência.

Em nenhum desses livros de maternidade disseram que seria tão difícil.

Ando de um lado para o outro sem que isso a acalme. Sento-me com ela na poltrona novamente, desabotoo o molambento pijama de flanela (em meu corpo há, pelo menos, dois dias, pois não consegui nem uma pausa mínima para um banho) e abro o fecho frontal do sutiã. Aproximo a bebê de meu seio direito e somente assim o choro cessa, quando se agarra à minha pele. Sua boquinha, tão pequena e avermelhada, me suga em desespero.

Poderia pensar que é fome, se ela não tivesse feito isso há pouco tempo.

Tomo o raro momento silencioso para observá-la. Tão pequena, tão frágil. As mãozinhas e

NACIONAIS - ACHERON

nariz se parecem com os de Lucas. As sobrancelhas e cabelo loiros são totalmente meus. Uma coisa curiosa é a maneira como ela franze o cenho, tal qual meu irmão mais velho, Ben.

Roço sua bochechinha suavemente com os nós dos meus dedos, e ela aprecia o carinho. Seus globos oculares passeiam por baixo das pálpebras fechadas, pesados de sono.

Por Deus, meus olhos também pesam tanto.

Bocejo, apreciando o valioso sossego, mesmo que seja apenas momentâneo. Estou tão cansada... Tantos dias sem dormir têm me deixado realmente exausta...

Bocejo mais uma e outra vez... e... fecho os olhos, só um pouquinho. Será apenas por um minuto.



Todo o resto é apenas pânico. O pior momento da minha vida.

Ela não acorda. Ela não se mexe, não chora. Não respira.

Minha filha está morta.

— Não, não, não... por favor, não!



— Eu adormeci... — revelo. A dor é tão presente que posso sentir cada segundo daquele dia vividamente — Eu não sei bem por quanto tempo, cinco, dez, trinta minutos... Eu simplesmente adormeci.

Uma lágrima quente desliza pela minha bochecha, chegando ao canto da minha boca. Lambo o gosto salgado. Já derrubei tantas.

— Acordei com minha bebezinha sem vida, agarrada a mim...

— Gabrielle... — o som grave de sua voz me chama do estupor.

Pisco em meio ao borrão marejado.

— Ela não acordou mais. Não havia ninguém para me ajudar. O socorro veio e a levou embora, me deixando ciente de que eu nunca mais escutaria seu chorinho... — deixo o peso de minha cabeça cair entre as mãos — Meu Deus, como eu pude?

Como eu pude não cuidar dela? Como eu pude?

— Gabrielle, isso não foi...

— Você não sabe o que é essa sensação, Max, de falhar com o serzinho que dependia unicamente de você — a dor me sufoca — Eu a matei. Eu matei minha bebezinha.

Suas mãos quentes afastam as minhas e seguram meu rosto de frente para ele... Não consigo enfrentar seus olhos.

Eu apenas ouço o chorinho. Aqui. Do meu lado.

Minha bebezinha...

E, como uma fortaleza querendo romper suas águas (é assim que sinto isso crescendo em mim), não consigo evitar: desabo num pranto copioso pelo meu erro. Eu fui incapaz de protegê-la. Incapaz.

Eles dizem que eu não a matei. Que havia um problema nela e isso aconteceria de qualquer jeito. Não, não aconteceria se eu tivesse zelado por minha menininha.

MAXIMILIANO

NACIONAIS - ACHERON

Embalo Gabrielle em meu colo até que a última lágrima finalmente deixe de cair e apenas o som de sua respiração permeie a sala. Jesus Cristo, nunca pensei que a veria desta forma. A mulher forte e independente mostrou esta noite um lado frágil que eu não imaginei existir.

Tudo o que sinto é a forte necessidade de mantê-la comigo.

— Venha, me deixe cuidar de você — sussurro com os lábios colados à sua testa, carregando-a em meus braços até seu quarto.

Deito-me com ela, sua cabeça em meu peito, e afago seus cabelos dourados por um longo tempo.

— Max... — por fim, ela quebra o silêncio.

Não gosto do que percebo em sua voz.

— Sim, Gabrielle... — controlo meu timbre.

— Você entende o que isso significa, não entende? — o murmúrio na penumbra me faz fechar os olhos.

Inferno. As coisas começam a se encaixar gradativamente. Ela ter me contado justamente

agora que estamos mais próximos tem uma razão de ser. Gabrielle pensa que isto pode me afastar dela.

Abraço mais forte sua cintura contra mim.

— Que todos nós temos nossos momentos ruins, Gabrielle.

Ela se remexe, querendo sair de meus braços. E eu permito.

— Eu tenho medo de... você sabe...

Inspiro calmamente, apesar de tudo. E acendo a luz do abajur. Quero encará-la de frente, em seus olhos, e fazê-la ciente de que eu estou nesta por inteiro.

Gabrielle se senta, rígida.

Escoro-me contra a cabeceira de sua cama.

— Eu já te falei como foi que Ana se acidentou, não falei?

Ela assente. Os dentes cravados nos lábios, olhos cobertos por pequenas bolsas de inchaço, visíveis mesmo na pouca iluminação.

— Você se lembra do que me disse naquela noite?

Seu olhar se desvia de mim.

— Você me disse que eu não tinha como prever, que coisas ruins também acontecem com pessoas boas. O que faz da sua história diferente?

— É diferente, Max...

— Não, não é. Você estava cansada, sozinha, inexperiente, tendo de lidar com uma recém-nascida. Infelizmente, aconteceu. Não se pode voltar atrás. É como me sinto sobre Ana.

Sua garganta bonita se movimenta, engolindo a saliva. A mão vai para o local, na base do pescoço.

Inclino-me mais perto, tiro os fios de cabelo de seu rosto e a faço me encarar.

— Não nos afaste de você por isso, Gabrielle. Não use uma situação ruim de seu passado como barreira contra o que podemos ter...

— Mas a Ana... E se eu...? — os azuis exuberantes se enchem de lágrimas novamente.

Ela não precisa concluir o que tem em mente para eu entender seu temor.

— Nada vai acontecer — afirmo com total

confiança.

E, antes que mais destas besteiras saiam de seus lábios, eu a envolvo com os meus. Beijo-a, no começo suavemente, até que nossa urgência fala mais alto, uma fogueira acesa por combustível. Quero arrancar da maior à menor de suas dúvidas a respeito de nós, e provar que somos certos juntos.

Gabrielle nunca faria mal à Ana. Eu vi a maneira protecionista como ela age com a pequena. Ela não se deu conta ainda, mas sua reação à minha filha é instintiva. A mulher tem isso nela. E não vou permitir que seu medo estrague o que estamos construindo. Não vou.

GABRIELLE

Max salpica beijos por meu rosto, até acomodar a cabeça na curva de meu pescoço. Ele respira profundamente, encostado à minha pele, parecendo querer sorver meu cheiro. Emocionalmente cansada, desabo minha testa

contra sua clavícula e ficamos assim, unidos.

Dividir meu passado com ele, diferente do que eu esperava, me reconforta. Botei para fora um pedaço do grande peso constante em minha vida. Por mais que eu tenha aprendido a conviver com a dor, sempre me sentirei culpada. Não poderia ser de outra forma. Descuidei de minha bebê, adormeci e não pude acudi-la quando mais precisou. Às vezes, eu me pego pensando em cada detalhe, em tudo o que eu poderia ter feito diferente. Se eu não tivesse dormido, se eu tivesse levado ela a outro médico que faria o exame certo e saberia que Clara nasceu com uma cardiopatia congênita, sua dificuldade de respirar provinha disto. Se eu tivesse percebido que Lucas não estava mais naquela comigo e tivesse voltado para o meu país, para junto de minha família... Há tantos “e se”... Infelizmente, nenhum deles muda nada.

Eu me casei por impulso, com um homem egoísta que, antes mesmo de eu perceber, já havia abandonado o barco. Depois da morte de minha filha, permaneci junto dele por quase dois anos, fingindo estar bem, sorrindo e sendo agradável

enquanto administrava minha dor silenciosa, sem saber que a pessoa ao meu lado não merecia o esforço – ele havia seguido em frente há muito tempo. Precisou uma de suas muitas amantes iludidas vir à minha casa para a ficha realmente cair. E, ainda assim, ele negou e se recusou a me dar o divórcio, o bastardo. Acho que aquela foi a primeira vez que extravasei com alguém. Quebrei um vaso de cerâmica em sua cabeça... e a sensação foi libertadora.

Mas não foi isso que me fez levantar a cabeça e continuar a vida, mesmo que um pedaço dela houvesse morrido. Foi... um... anjo. Sim, parece loucura. Mas foi um anjo.

Quando eu estava no fundo do poço, me sentindo sozinha, quebrada pela dor, empurrada pela culpa... um anjo veio falar comigo. Eu não sei dizer se foi um sonho ou, sei lá, uma experiência divina, mas ela apareceu pra mim e aquilo foi tão real, tão intenso... Não me lembro de seu rosto, por mais que eu me esforce, porém, se eu fechar os meus olhos, ainda ouço sua voz suave, macia, reconfortante, me dizendo que eu tinha de seguir

em frente, ser feliz. “Prometa pra mim”, ela pediu, “Prometa pra mim, Gabrielle”.

Peter é a única pessoa que sabe dessa história. Ele acha que o anjo era Clara. Imaginação ou não, eu prometi e senti que deveria me esforçar para cumprir. Assim, tenho vivido meus dias tão plenamente quanto posso, conhecendo pessoas, fazendo o que minha intuição manda, enfim, tentando... e parecia ser o suficiente, até Max surgir.

— Não me afaste de você... — ele pede uma última vez; o som sai abafado em meio a minha pele. Suas palavras carregam um misto de clamor e paixão inquietantes.

“Não me afaste de você”.

Se eu for bem sincera e olhar para dentro do meu coração, não preciso refletir para responder.

— Eu não vou...

Não.

Eu não quero me afastar deste homem ou de sua filha.

E, mesmo se quisesse, já não conseguiria.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 26

MAXIMILIANO

O alarme do batalhão soa alto, colocando-nos na posição de partida. Pelo rádio, escuto o código do chamado. Acidente de trânsito. Nossa cidade é cortada pela rodovia interestadual que liga ao menos três estados, todos os dias há chamados para o local e, ainda assim, as autoridades se recusam a tomar uma providência quanto a coibir o excesso de velocidade no trecho.

Atendimentos naquele local específico têm, particularmente, um peso maior sobre mim. Foi onde Ana se acidentou. Mesmo que seja inerente ao trabalho, a cada vez que tenho de estar lá, ainda vínculo com minha filha. É inevitável.

NACIONAIS - ACHERON

— Pronto? — Diana rasga um sorriso, assumindo o volante.

— Tenho de estar... — aceno, apertando meu sinto e conferindo o tempo em que chegaremos lá.

Ela sai com a ambulância do batalhão e aciona a sirene.

— Você sabe, Max, esta parte é a que mais gosto — refere-se ao fato de todos os carros no trânsito movimentado darem-nos passagem, reagindo ao som estridente — Eu gostaria de ter um destes no meu carro, nos horários de pico — dá de ombros, sem constrangimento.

— A ideia não é ruim — resmungo, atento às informações do sistema sobre o número de vítimas e gravidade da situação — É um 10-13...

Ela suspira.

— Eu odeio 10-13.

Para ser honesto, eu também.

Mais de uma vítima em estado grave, isto é o que representa o código. Outra ambulância também está à caminho.

Conforme nos aproximamos, as pessoas, ao

lado de veículos enfileirados formando um corredor, vão se afastando, dando passagem na rodovia parada. Pelas expressões, o cenário não é promissor.

Trazendo a mochila de equipamentos em mão, salto da ambulância rapidamente.

— Abram caminho! — Diana ladra, dando ordens aos curiosos enquanto caminhamos entre eles — Oh, merda, Max... — silva, hesitando por um instante.

De frente ao estado do utilitário, conseguimos saber exatamente o quão mal é.

O carro de modelo popular é agora uma lata amassada e revirada. No banco do motorista, o condutor desacordado tem sua cabeça debruçada contra o volante em uma poça de sangue. Ao seu lado, uma mulher semiacordada geme com fraqueza, o rosto parcialmente coberto por uma linha de sangue escorrendo a partir da têmpora.

A cena retesa meus músculos. A mulher, grávida em estágio avançado, talvez sete, oito meses, está imprensada contra as ferragens.

— Cheque-o. Eu fico com ela — instruo

NACIONAIS - ACHERON

Diana e me aproximo da lateral.

Meu cérebro foi treinado para estes momentos, sou preparado para administrar situações como esta. A adrenalina corre por meu corpo, obrigando-me a agir quase mecanicamente... no entanto, porra, tenho de respirar fundo para o que vejo.

— Senhora, eu me chamo Max e estou aqui para ajudar — abaixo-me à sua janela, avaliando-a melhor; preciso mantê-la consciente — Como é o seu nome?

Ela emite resmungos inaudíveis.

Embaixo de seu corpo, no assento, mais sangue em quantidade preocupante. Não consigo ver suas pernas, obstruídas pelas ferragens. Subo meu olhar para Diana, que testa o pulso da outra vítima enquanto chama por ela. Seu olhar encontra o meu e sei o que significa. Morto. O cara está morto.

— Vamos nos concentrar nela — oriento.

Passamos os próximos momentos numa agonizante busca por fazer o possível para salvar as duas vidas em nossas mãos: uma mãe e seu bebê.

NACIONAIS - ACHERON

Além de nossa capacidade, é impossível removê-la de dentro, e quanto mais passa o tempo, menos ela tem. Diana aciona um chamado para auxílio e, em questão de minutos, temos bombeiros cortando as ferragens, na medida do possível. Outra ambulância também nos auxilia.

Mas as respostas indicativas de vida da mulher vão ficando cada vez mais distantes. Inconsciente, pulso fraco, pressão em queda. Os sinais vitais estão se perdendo.

Nós estamos lhe perdendo.



Lavo-me e troco o uniforme. Este é o procedimento. Minha cabeça está distante, ainda na vida que não pude salvar. Inferno, “dias bons e dias ruins”, tento me lembrar que esta profissão é assim, constantemente, mas não diminui em nada a sensação de incapacidade.

— Dia difícil, irmão? — JP segura meu ombro, vindo por trás — Eu ouvi o chamado pelo rádio.

Bato a porta do armário.

— A mulher não aguentou chegar ao Central... — revelo, sem vontade de conversar agora, e contorno seu corpo para calçar as botas.

Ele grunhe.

— Quantos mais vão morrer até o prefeito de merda tomar uma atitude e colocar um maldito radar ali?

Sentado, encaro minhas mãos. Três vidas perdidas hoje. Três vidas e eu não pude fazer nada.

— Senhores... — Raled Saleh, o chefe deste batalhão, entra no vestiário.

— Chefe... — JP cumprimenta.

Levanto a cabeça num aceno.

— Você fez um bom trabalho lá, filho, não havia muita solução — recebo dele também uma batida nas costas.

Não respondo, mas sei do apoio destes caras. Somos uma família aqui. Este tipo de resultado numa ocorrência é uma merda para todos.

O chefe coloca as mãos nos bolsos, do modo que faz quando tem algo a mais a dizer.

— Há uma pessoa querendo falar com você

lá fora.

Avalio sua expressão mais séria e não sei bem como interpretar.

— Quem?

O olhar cansado do experiente senhor me encontra.

— Um oficial de justiça, filho.



Depois do plantão, vou direto ao apartamento de Gabrielle. Ana está com ela, recebi a mensagem avisando.

Faz quase um mês que ela me contou sobre sua filha, sei da confiança que a mulher depositou em mim para se abrir, acho que isso nos uniu um pouco mais. Mas ainda há sua relutância em assumir que estamos juntos para o resto do mundo, e principalmente para Ana. Temos nos revezado entre dormir na minha ou na sua cama, mas o final é sempre o mesmo: ela se esgueirando para fora logo nos primeiros raios do sol, ou me fazendo ir. E, ainda assim, todas as manhãs, nos encontramos tomando café juntos, nós três, em minha cozinha.

Uma família.

E agora temos a chave do apartamento um do outro.

Abro a porta e entro, satisfeito por finalmente estar aqui. Hoje, tudo o que preciso é tê-las por perto, apenas isto, para esquecer este dia de merda. Esquecer que perdemos aquela mãe e seu bebê... esquecer o que minha ex-mulher estúpida está tentando fazer.

Notando o ambiente muito silencioso, caminho pelo corredor até a suíte, e logo sou atraído pela conversa vindo de seu banheiro. Sem me fazer notado, escoro-me contra a porta para observá-las. Acho que nunca me cansarei de vê-las assim, tão submersas em um mundo que parece ser só delas, como se fossem parte uma da outra. A verdade é que essa conexão toca profundamente em meu peito.

Não quero precipitar as coisas, atropelar etapas com esta mulher depois de tudo o que sei dela. Gabrielle precisa descobrir sozinha o que, para mim, é visível aos olhos: ela tem um forte instinto maternal, uma coisa destas não se pode

simular ou omitir.

— Eu gosto de todos eles... — minha filha segura, indecisa, alguns frascos de esmaltes em suas mãos.

Sentada à borda da banheira, tendo rolinhos coloridos enrolados por toda a cabeça, os olhos da pequena brilham calorosos na mulher, parecendo esperar por sua opinião.

Tenho a impressão de que Gabrielle representa um tipo de princesa real para Ana.

Pouso meu olhar na loira, no centro da banheira, rodeada de espumas. O cabelo dourado preso no alto da cabeça, fios úmidos caem soltos, bagunçados, deixando sua nuca lindamente exposta. Sim, ela é bonita pra caralho, incontestavelmente, mas é o que enxergo em seus atos que vem arraigando-a em mim.

Deus é testemunha, não consigo pensar nela de outra forma que não seja em minha vida, permanentemente.

— Hum... acho que estou tento uma ideia. Que tal então pintarmos uma unha de cada cor? — ela alisa o pé de minha filha descansado em suas

NACIONAIS - ACHERON

mãos.

— Sim, Gabrielle!

A risada satisfeita de Gabrielle pela reação da criança retumba gostosa através do banheiro.

— Ótimo. Mas... antes de começarmos, há uma coisa muito, muito importante que tenho de fazer, Ana...

Expectador, estreito meus olhos, curioso pelo repentino suspense em sua voz (minha filha também fica).

— Preciso saber se este dedinho aqui é forte para aguentar o esmalte, princesa!

Surpreendido, assisto à Gabrielle levar o dedo do pé da criança à boca, morder de leve, com diversão, arrancando risadas altas da menina. Porra, os gritinhos extasiados da pequena lançam ecos de energia a fluir por todo o ambiente. E meu coração de pai é diretamente atingido.

Estou feliz quando minha filha está, é simples assim. O maldito papel pesando em meu bolso não vai mudar isso.

Não vou permitir que Ana fique vulnerável à

Francine novamente. Juiz nenhum me obrigará. Receber a intimação foi uma piada, uma maldita piada de mau gosto! Quem aquela mulher pensa que é para pedir a guarda compartilhada, sem mal conhecer a própria filha? Minha ex perdeu a cabeça se pensa que pode ter Ana vivendo com ela e aquele maconheiro.

Perdeu a cabeça!

Inspiro fundo, afastando a irritação.

As duas mulheres da minha vida estão aqui. Nesta noite, eu quero apenas curtí-las, sem mais nada no caminho. Francine é um problema que pretendo resolver em breve.

— Será que eu interrompo? — deixo elas tomarem ciência de minha presença.

Ainda em seus sorrisos, ambas me olham. Gabrielle o faz por cima de seus ombros. Jesus Cristo, a mulher tem suas bochechas belamente coradas. As íris enormes parecem sorrir também.

— Papai! A Gabrielle vai pintar minhas unhas!

Aproximo-me passo a passo. Beijo a testa da

pequena.

— Que bom, filha. E o que é tudo isso em sua cabeça? — brinco, alisando o rostinho animado.

— São para fazer lindos cachos, né, Gabrielle?

A loira sorri, aquecida, exuberante.

Não me contenho.

Inclino-me e capto seu rosto. Sim, em frente à Ana. Já é hora da pequena tomar conhecimento de que estamos juntos. Seguro-a e colo meus lábios nos seus, macios, quentes. Não é demorado, mas é o suficiente para ela saber que ansiei por isto o dia todo.

Ouçó o gritinho surpreso e ao mesmo tempo alegre de minha filha, e rio com nossas bocas ainda unidas.

— Boa noite, amor — arremato, para que não haja dúvidas.

O rubor que deixo na face da mulher me instiga a repetir a dose. Por muito pouco não o faço.

— Noite, Max... — ela morde o sorriso, entre envergonhada e satisfeita.

Sento-me no chão, ao lado da banheira, e apenas me deleito por estar junto delas, mesmo que num banheiro.

Gabrielle leva a tampa do frasco de esmalte à boca e o torce entre os dentes, abrindo a embalagem – depois de minha filha determinar a cor –, e começa seu trabalho cuidadoso nas unhas de Ana.

A mulher leva jeito.

Vez ou outra, seu olhar aquecido vem ao meu, e eu o sustento. Num momento, percebo-a estreitando as íris exóticas para mim.

— Como foi seu dia? — enganosamente despretensiosa, Gabrielle lança esta, à princípio uma pergunta simples, não fosse pela maneira como me olha parecendo enxergar por trás de minha aparência tranquila.

Eu deveria compartilhar a notícia com ela, dizer que aquela infeliz teve a coragem de me enviar um oficial de justiça. Mas não quero este clima pairando entre nós, não hoje. Hoje eu só

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quero a paz de estar com elas.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 27

GABRIELLE

Entro no apartamento de Max, atrasada. Eu poderia ter ido direto ao trabalho sem passar aqui antes, mas tomar café da manhã juntos com Ana é importante para ele, além de que meus dias têm sido melhores depois que adotei este hábito.

Dormi em sua casa, de novo, e para variar acordei um pouco mais tarde do que deveria. Só tive tempo de um banho rápido em meu apartamento antes de voltar ao seu. Sei que Max não gosta de me ver saindo assim, sorrateiramente, ele já disse, e depois de ontem, Ana já sabe que estamos juntos, não é mais um segredo. Aliás, deu o que fazer para colocá-la na cama, sua bateria estava recarregada no nível máximo com a notícia.

NACIONAIS - ACHERON

Seu pai, por outro lado, estava mais sério do que o normal, mesmo enquanto nos envolvíamos. Estou aprendendo a ler o homem. Quando um dia no trabalho é difícil, ele se fecha sobre isso e me ama com mais intensidade. É maravilhoso, claro, mas me incomoda saber que há algo o perturbando e ele não se abre. Eu gostaria de poder aliviar suas tensões, como ele faz comigo.

— Bom dia... — digo timidamente ao me aproximar da cozinha.

Ana está sentada em sua banqueta em frente ao balcão, as perninhas balançando no ar. Max permanece em pé, apoiado contra a bancada, xícara na mão, pés cruzados. Seu olhar me avalia de cima abaixo, contemplativo. Estou numa saia lápis de couro marrom e camisa de cetim branco, além dos saltos e meias que sei que ele adora. Terei uma reunião em algumas horas, por isso a formalidade da roupa.

Não vou mentir, adoro sentir sua apreciação.

Conforme vou chegando mais perto deles, hesito sem saber muito bem como agir nesta nova configuração. Dou uma breve olhada para a

menina, que me encara cheia de expectativa, e então para seu pai, que, apesar da seriedade, tem o canto de seus lábios sutilmente puxados de lado, me testando.

A decisão é fácil.

Aproximo-me dele, apoio a mão em seu ombro, e espontaneamente beijo sua boca, de leve, num roçar recatado. O imbecil não se move, nem sequer meche os lábios, provavelmente amando me colocar nesta situação. Sinto seu sorriso.

Para descontar, mordo-o com um pouco mais de pressão.

O sorriso aumenta.

Antes que eu possa sair, ele me tem presa pela cintura. Sua língua invade minha boca, é rápido, porém tão maravilhoso que chego a emitir um gemidinho desengonçado.

— Bom dia, mulher — sibila, satisfeito consigo mesmo — A propósito, você está muito bonita.

Ajeito meus cabelos, tomando de volta o fôlego.

— Obrigada, Max, você também não parece ruim... — viro-me para a Matraquinha, que acompanha tudo de mãozinhas unidas e ar sonhador — E você, mocinha, como dormiu? — beijo o alto de sua cabeça.

— Muito bem, Gabrielle.

Deus, espero nunca deixar de sentir este calorzinho no peito quando ela pronuncia meu nome deste jeito, parecendo uma adulta me tratando como igual.

— Ana e eu iremos visitar uma escola para ela esta tarde. — Max comenta tranquilamente, sorvendo seu café.

A menininha encolhe.

— Eu tenho mesmo de ir à escola, papai? Não posso ficar em casa? — sua esperança é comovente.

— Você esteve em casa no último mês, pequena — Max achou, por bem, não enviá-la de volta àquela escola negligente. Acompanhei sua pesquisa por um novo lugar para a menina, e fiquei feliz por ele ter dado esse tempinho pra ela em casa. Ana precisava.

Prendo o lábio numa linha, evitando me intrometer. Não tenho o direito. Pouso minha bolsa ao lado de uma banqueta, despretensiosamente... e...

— Vocês querem que eu vá junto...? — ok, controlar minha língua aparentemente é uma tarefa difícil.

— Sim, Gabrielle! — Ana se apressa em dizer antes mesmo de eu concluir a pergunta.

Não olho para Max, mas sinto seus olhos em mim. A energia é forte demais para não ser percebida.

Puxo uma xícara e a encho de café.

— Tudo bem, eu acho que posso ir... — finjo não dar tanta importância e tomo um gole do café fumegante. Estou completamente envolvida com estes dois, não consigo deixar de querer estar perto em algo tão importante como escolher um bom lugar para a menininha, verdade seja dita — Mari vem hoje? — distraio o assunto.

Subo meu olhar para ele. Oh, merda. O homem tem mesmo de me fitar tão intensamente?

— Não, ela foi visitar as meninas dela... — Ana responde inocentemente alheia à atmosfera densa entre seu pai e eu.

“Minhas meninas” é a forma como Marieta se refere amorosamente às filhas de vinte e poucos anos

— Hum, Gabrielle...? — a Matraquinha chama a atenção, com uma vozinha suspeita.

Quebro o contato com Max e baixo meus olhos para ela.

— Sim, Ana? — levo a xícara novamente à boca.

Observo sua boquinha se enrugar para o lado, pensativa.

— Por que você não toma banho aqui em casa?

Quase cuspo o café.

E tusso alto, engasgada com o líquido quente descendo sem rumo.

Deus tenha piedade, a menina é esperta demais para alguém tão pequena.

MAXIMILIANO

Estaciono a moto em frente ao conjunto habitacional localizado num dos piores bairros da cidade. É público e notório que esta área é dominada por criminosos. As ocorrências que temos aqui são, em sua maioria, vítimas de arma de fogo ou espancamento. E é onde a irresponsável Francine pensa que vai criar minha filha.

Jesus Cristo, eu gostaria de esganar a mulher. Ela se superou desta vez.

Subo os lances de escada de dois em dois degraus, até estar diante do número em sua porta. Passa das nove da manhã, a vizinhança calma neste horário nem se parece com a situação do lugar depois das seis da tarde.

Bato o punho na madeira com tinta descascada, duas vezes, forte para que seja ouvido.

Nada.

Repito.

E, enfim, o sujeito aparece. Cabelos beirando
NACIONAIS - ACHERON

os ombros, parecendo não ver água e sabão por um longo tempo, sem camisa, calça jeans caída de qualquer jeito em seu quadril estreito, cadavérico. Os olhos sonolentos demoram para se adaptar a mim. Inferno. Maconheiro do caralho!

— Cadê ela? — rosno para o cara.

O sujeito enruga a testa.

— Ei, vá com calma aí, parceiro...

— Chame. Ela — dou um aviso entredentes.

Por cima dos ombros do imbecil, tenho uma noção da completa escuridão lá dentro. Nem uma única fresta de luz solar.

— Max...? — a voz preguiçosa da mulher chega antes dela.

E aqui está Francine, envolvida num lençol amarelado, rosto amassado, cabelo virado numa bagunça deprimente.

— Desculpe acordar o casalzinho tão cedo — ironizo — Vista-se. Nós precisamos conversar.

O vacilo em sua expressão me faz ciente de que ela reconhece que estou no meu limite. Vivemos juntos por tempo suficiente para a mulher

poder enxergar quando foi longe demais. E Deus sabe que foram muitas vezes. Eu me pergunto como um dia pude amar alguém tão egoísta.

— Não há nada que a gente deva conversar, Max, meu advogado está cuidando disso...

— Francine... — rosno por um fio.

— Ela já disse tudo, cara, dê o fora.

Eu nunca bati em uma mulher, e nunca o farei... Já neste sujeito aqui...

Antes de poder me controlar, empurro-o contra a parede, meu antebraço em sua jugular, esmagando sua traqueia. Meu corpo inteiro reverbera, desejando esmurrar o estúpido.

— Você não passa de um maconheiro do caralho. Meu assunto aqui é com ela — tremo em ira encarando seus olhos vermelhos arregalados — Seu pedaço de merda.

— Deixe ele em paz, Max! — a desgraçada grita, e bota as mãos no meu braço, tentando me afastar do cara.

Meu sangue está em ponto de ebulição.

— Entre, amor, deixa que eu falo com ele...

Max, por favor, solte-o! Solte-o.

Empurro ainda mais.

— Max!

— Desgraçado — cuspo.

E largo o imbecil. Ele tosse sem controle, segurando a base da garganta, inclinado para frente.

Viro-me para ela.

— Por Deus, Francine, vá pôr a porra de uma roupa. Nós vamos conversar.

A mulher inteligentemente não contesta.

Enquanto eles se enfiam no covil escuro, fico do lado de fora, andando de um lado para o outro, pedindo forças para recuperar a calma e não fazer nenhuma besteira.

Francine parece saber que preciso de tempo, pelo tanto que demora em sair. Quando retorna, vestida com uma camiseta preta de uma banda de rock qualquer, jeans negro largo em seu corpo, não deixo de pensar em como a mulher decaiu nos últimos anos. Ela deve estar alguns bons dez quilos mais magra, a pele pálida, aparentando quase nenhum cuidado com sua saúde. Cristo, mal é

capaz de cuidar de si mesma, como ela pode pensar em atrair Ana para isso?

Escoro-me contra a grade de proteção do corredor aberto.

— Que palhaçada é essa de tentar arrastar minha filha para essa merda de vida que você tem levado?

— Nossa. Ela é nossa filha, Max — eleva o queixo, orgulhosa.

Rio, sem nenhum humor.

— Onde você esteve quando a menina mais precisou de você, deitada naquela maldita cama sem um pedaço da perna?

Toquei no ponto sensível. Sei disso, pela maneira como seu lábio inferior estremece.

— Isso é passado...

Esfrego meu rosto.

— Mulher, aquela criança gemia e te chamava durante todo o tempo. Você mal pôde estar ao lado dela naquele hospital.

Seus braços magros se cruzam em frente ao peito.

— Eu também estava mal! Eu também me machuquei, Max! E você não ficou ao meu lado!

Por tudo o que é mais sagrado, olhando-a, só consigo sentir um nojo visceral pela pessoa que a mulher se revelou, por sua visão egocêntrica da vida.

Tenho de respirar fundo.

— É tudo sobre você, não é? Nesse seu mundinho egoísta, só o que importa é o que você quer, sempre foi assim.

Isso a atinge.

— Ela é minha filha, eu tenho direitos...

— Ah, sim, um argumento muito válido — debocho — Vamos, diga o que você pretende com tudo isso?

— Ter minha menina de volta.

Paciência, Senhor, por favor, dê-me isso.

Encaro-a de frente, observando-a de verdade.

— Olhe em volta, Francine. Isto é realmente o que você quer para Ana? Você espera vê-la aqui, neste pardieiro, tendo de conviver com o seu namorado maconheiro...

— Marido... — ela me corta, sem muita segurança — Fer e eu nos casamos, Max.

Estreito meus olhos, desconfiado. Ela desvia os dela, encolhendo os ombros, praticamente se entregando.

— Por quê? — pergunto baixo, apenas por uma questão de esperança de que não seja o que estou pensando que é.

— O advogado acha que é melhor assim...

— Inferno, Fran! Que porra você tem na sua cabeça?

Afasto-me alguns passos, para sua própria segurança. Eu preciso de distância dela. Mal posso acreditar que a irresponsável está mesmo levando a sério a ideia.

— Eu a quero de volta, Max!

— Sobre o meu cadáver. Ouviu bem? — me aproximo — Sobre. O. Meu. Cadáver.

Ela funga, estremecida.

— Isso é o juiz quem decidirá...

Rio, sem uma gota de vontade.

— Você fumou muita maconha ruim desse

seu marido de bosta, se acha que minha filha virá a este lugar. Esqueça.

Dito isto, dou-lhe as costas, pronto para ir. Não posso permanecer nem mais um minuto olhando pra essa pessoa, ou Cristo me ajude.

— Max...!

A mulher ainda chama, naquele maldito tom lamentoso.

GABRIELLE

Acelerei minhas coisas no trabalho para encontrar Max e Ana na porta da possível nova escola da menina. Ana não parece muito animada com a perspectiva. Não a julgo. A maneira aterrorizante como aquelas pestinhas se comportavam com ela inibiria qualquer um de outra experiência assim.

Ao me aproximar deles, inclino-me para beijar o rostinho da menina, em primeiro lugar. E então me levanto para dar um singelo “oi” ao

homem incrivelmente bom beijador.

De frente para ele, seus dedos correm livres entre meus cabelos, segurando-me para si.

— Obrigado por vir — as profundezas de seus olhos cinza e sérios conectam-se aos meus; há algo nele que, não sei...

— Você não tem que agradecer... — afirmo em voz baixa — Está tudo bem?

Ele sorri, mas não é algo que chega aos olhos como de costume. Max parece incomodado.

— Sim, está tudo bem, Gabrielle.

Aliso delicadamente a pequena ruga em seu cenho.

— Vai dar tudo certo, Max, não se preocupe.

Assisto às suas narinas se dilatarem com uma expiração pesada.

— Vai sim... — responde sem ênfase.

Meneio a cabeça, de leve, em dúvida sobre a razão da tensão em seu corpo. Por hora, opto por manter meu foco Matraquinha. Hoje é sobre ela. Sei que a menina está com medo, posso ver isso enquanto enrola seus dedinhos na barra da camisa e

balança o pezinho, num tipo de “tic nervoso”.

— Vamos lá, princesa?

— Vamos, Gabrielle... — sorri, sem muita convicção.

Nos minutos seguintes, passeamos pela bonita e colorida escola. A diretora, uma senhora com cerca de um metro e meio de altura, mas dona de uma postura muito firme, nos mostra sala a sala, fala sobre o trabalho que desenvolvem, inclusive de inclusão entre as crianças. Isto é bom, gosto do que ouço, e Max parece gostar também.

Ana, por outro lado, parece não ouvir nada do que a mulher diz, enquanto alisa as mãozinhas pelas paredes desenhadas, distraída, mergulhada num mundo só dela. Não vou negar, me incomoda saber que ela usa destes artifícios para se proteger. Porcaria, meu desejo é de mantê-la num potinho, blindada contra tudo o que lhe causa temor

A diretora para em frente a uma porta fechada. Pelo burburinho lá dentro, é a possível turma de Ana.

Percebo a menina petrificar.

Sem pensar duas vezes, abaixo-me ao chão diante dela.

— Princesa... — chamo. Sua atenção apreensiva vem para mim. Aliso seus cabelos grossos e ajeito a franja para o lado — Você não precisa ter medo. Aqui é uma nova escola, ali dentro há novos colegas...

Os olhos tão intensos quanto os do pai nem piscam, esperando em mim sua salvação.

— Posso te contar um segredo? — falo num tom que somente nós duas podemos escutar.

— Pode... — sibila, pouco audível.

— Eu também tinha muito medo da escola... — sorrio, tomando suas mãozinhas frias nas minhas — No primeiro dia de aula, eu saí correndo da sala — sim, é a mais pura verdade — Minha mãe teve de ir atrás de mim, mas algo que ela disse me deu coragem para voltar...

— O que ela disse...? — sussurra.

Noto o pequeno flash de curiosidade em seu rosto e me apego a ele.

— Que as outras crianças estavam com tanto

medo de mim quanto eu delas, mas que eu tinha de mostrar a elas que eu era especial.

Ela suspira, ainda atenta a mim. Toco a pontinha de seu nariz.

— Você é a menina mais especial que eu conheço, Ana. Mostre isso a estas crianças... — incentivo — Dê uma oportunidade a eles de te conhecerem.

Não encontro exatamente entusiasmo, mas enxergo nela a esperança de que minhas palavras sejam reais. E serão. Eu mesma me encarregarei de fazer com que a aceitem e respeitem, seja aqui ou não. É um tipo de promessa que eu acabo de me fazer.

A Matraquinha engole a saliva e estufa o peitinho, lutando para demonstrar coragem. Dando um passo à frente, olhinhos ansiosos na porta, ela espera que a diretora abra. No segundo seguinte, apenas o silêncio. Dela, dos alunos, da professora, meu, da diretora e de Max.

A vontade de pegá-la em meu colo é quase esmagadora. Em pé atrás dela, seguro seu ombro e aliso seus cabelos, em apoio.

A senhora limpa a garganta e entra em nossa frente, caminhando até a professora ante a turma. Da porta, assisto às mulheres trocarem algumas poucas palavras. E então a diretora se dirige aos alunos.

— Olá, crianças — diz, altiva.

— Oi, diretora — respondem em couro.

— Eu gostaria que conhecessem sua nova colega, Ana Carolina — ela acena com a mão, apontando para a criança — Digam “oi” a ela.

Pares de olhinhos de tudo quanto é tipo pairam curiosos na menina.

— Oi, Ana Carolina — ritmados, eles praticamente cantam a frase (bem, com a mulher exigindo deste jeitinho “amável”, me sinto quase tentada a fazer o mesmo).

De canto de olho, pego um vislumbre de Max enrijecido ao observar a reação de Ana.

Ela nem se move.

Encontro-me imóvel também, sem saber ao certo como agir a partir daqui.

No entanto, algo que vejo numa das carteiras

da frente oferece um horizonte um pouco mais promissor... Há um menininho, expressão curiosa, atento... sentado sobre uma cadeira de rodas.

É um bom sinal, na verdade. Mostra que as crianças estão habituadas com o diferente.

MAXIMILIANO

Já é noite, Ana adormeceu e esta é a primeira oportunidade que tenho de estar sozinho com Gabrielle. Ansiei por este momento durante todo o dia, e, sem dizer uma única palavra, pego-a contra a parede. Surpreendendo a mulher, mergulho em sua boca.

Como pode ela ser tão completamente diferente de Francine? Jesus, o amor desta mulher pela minha filha me faz querê-la com toda a fodida capacidade do meu peito.

— Eu te amo, Gabrielle — rosno, mordendo seus lábios, sem fôlego — Eu sei que isso vai te assustar como o inferno, mas já não tô conseguindo

mais segurar.

Ela ofega, assustada, olhos grandes, dilatados, encarando-me de frente, as narinas delicadas se expandem com a saída de ar. Por um instante, não sei bem o que esperar dela.

E foda-se, não me arrependo de ter dito isto tão cedo.

— E-eu... — ela lambe os lábios. E, de repente, se cala. Estreita os olhos, parecendo tentar enxergar através de mim — O que está havendo, Max? — os dedos suaves passeiam por meu rosto — Me conte, o que está te incomodando?

Capítulo 28

GABRIELLE

Sim, bom Deus, ele acabou de dizer as palavras! Mal sei lidar com toda a agitação que se forma na borda do estômago e esta palpitação desenfreada... Mas basta um olhar mais atento em Max para notar que algo o perturba, então simplesmente sinto as emoções se dividirem em mim. Eu sei que as palavras são reais, eu as sinto na pele... não obstante, também enxergo a inquietude nas profundezas de seus olhos acinzentados. E minha preocupação fala mais alto, querendo saber o que há de errado.

Ante a indagação, ele sorri. Sorri de verdade. Seus lábios se curvam naquele tipo risada de lado tão atraente que me suga o ar.

NACIONAIS - ACHERON

— Porra, eu estou aqui te dizendo que te amo, é isso o que você responde? — murmura rouco, quente.

— Max... — lambo meus lábios outra vez, devolvendo umidade — E-eu... — investigo novamente seus olhos, sem saber muito em que direção ir — Ouvir isso é... Quero dizer, eu poderia falar que é cedo, e, sim, é cedo mesmo, mas, mas... — meu raciocínio parece todo atrapalhado.

Paro de falar para tomar um fôlego, sem ter como fugir. Ele está aqui, diante de mim, sendo completamente honesto com o que sente. Não há como deixar de fazer o mesmo. Simplesmente não há.

— Eu me sinto da mesma forma sobre você... — revelo, desarmada — Se eu for honesta, Max, a verdade é que eu amo como me sinto quando estou ao seu lado. Amo como você sorri e de repente nada mais em volta parece ter a menor importância — gesticulo ao ar — Amo seu cheiro e tudo o que faz comigo — fecho meus olhos brevemente — Deus, homem, eu te amo... Como

isso é possível assim tão rápido?

O sorriso se alarga, iluminando tudo em seu rosto. Há tanta vida, tanta paixão.

Max recosta sua testa contra a minha e sussurra:

— Não é ruim, Gabrielle... — sinto o humor em seu timbre — Me amar não é ruim...

Deslizo as mãos em seu peito firme.

— Eu sei — mordo o lábio — E já que estamos neste momento tão revelador... Preciso te dizer que eu nunca me senti assim com ninguém antes... É-é tão louco — cochicho numa mistura de graça e lamento.

Seu peito retumba, rindo baixo.

— Eu me pergunto se você é real, mulher...

Levanto meus olhos para ele.

— Pois eu me faço esta pergunta desde que te conheci, doutor. Ninguém pode ter tantas qualidades assim, juntas. Um excelente pai, cria a Matraquinha tão bem, salva a vida das pessoas como profissão, tem este maldito olhar comedor que me faz derreter... e ainda fode como um

deus... — acrescento um toque de malícia nesta última parte — Agora, ajude-me a descobrir seus defeitos, sim?

Estamos na base de sussurros.

Suas mãos seguram meu rosto de frente para ele.

— Fodo com um deus, hein...

Mordo a risada.

— De tudo o que eu disse, você só escutou isto, não é? Que convencido...

Soco de leve seu ombro.

O sorriso morre aos pouquinhos, e a intensidade vai ganhando célula a célula de sua expressão, até dominar tudo.

— Eu te quero ao meu lado, Gabrielle.

Engulo a saliva com mais esforço.

— Eu estou aqui, Max.

Nossas bocas se unem novamente, desejosas, sincronizadas numa dança de amor. Enfio minhas mãos debaixo de sua camiseta e toco a pele quente, alisando seu abdômen.

Um grunhido sai do fundo de sua garganta e
NACIONAIS - ACHERON

eu o absorvo em minha boca. Tão masculino, tão ferozmente atraente. Quando me dou conta, estou com as pernas rodeando sua cintura, montada em seu colo, sendo levada ao quarto.

Ele me deita em sua cama e, por um longo momento, apenas paira sobre mim, em pé, emitindo respirações curtas enquanto me observa, suas pupilas expandidas. É a cena mais excitante que ele poderia me proporcionar. O cara me encara como se eu fosse sua redenção.

Contemplo o movimento do carão em sua garganta subir e descer no compasso em sua carótida pulsa, ritmada. Quente feito uma fogueira em pleno ápice.

Sem pressa, Max se aproxima de meu corpo, sobe minha saia lentamente, deslizando seus dedos pelas minhas pernas, até revelar a calcinha de renda vermelha. Penso que vai logo me tocar ali, mas não, seus dedos retornam o caminho para baixo, levando com eles minhas meias três-quartos, indo até meus pés, desnudando minhas pernas.

Ele as retira e eu já sei sua intenção.

Roçando-se suavemente no meu corpo, o
NACIONAIS - ACHERON

bom médico chega ao meu pescoço. Seu nariz pousa em minha pele e caminha me cheirando, até meu lóbulo, que ele prende ligeiramente entre seus dentes antes de se encostar em meu ouvido.

— Você sabe o que a visão de você nestas meias faz comigo, não sabe, Gabi? — rosna, tentador — Eu espero que você se lembre que estamos em minha casa, amor, e gema bem baixinho, só para mim... — é uma ameaça repleta de provocação; antes que eu consiga processá-la, aqui estão suas habilidosas mãos prendendo meus pulsos com a meia, mantendo-os acima da minha cabeça.

— Max...

O homem afasta a cabeça pouca coisa para me enfrentar.

Seu corpo sobre o meu me prende contra a cama.

— Seus olhos são os mais lindos que eu já vi em uma mulher, Gabrielle, foram feitos para tentar a vida de um homem... mas, esta noite, eu quero apenas que você sinta.

Imobilizada, não tenho ação diante de meus
NACIONAIS - ACHERON

olhos sendo vendados com o outro par da meia-calça.

Ele me monta. Quadril contra quadril. Seus dedos quentes vão desabotoando minha camisa, botão a botão, rompendo uma trilha de seus lábios na revelação da pele. Os seios são os próximos a sentir o toque de Max.

Deus. Seus carinhos são torturantes. Os lábios fechados roçam meus mamilos sem pressa, um a um, e depois a língua, e então os dentes. Dor e prazer se misturam.

Mordo minha bochecha para me controlar.

E é só o começo.

Tudo o que sei, na próxima hora, é que não gritar me exigiu mais esforço do que já fiz em uma vida inteira. Meu corpo foi dele esta noite, marcado completamente em cada estocada profunda. Max parecia estar selando um acordo silencioso de a quem pertencemos, para no final, depois de explodir meu cérebro e ventre, murmurar em meu ouvido uma última vez:

— Eu te amo, Gabrielle.

Eu também te amo, doutor, penso ter resmungado, mas estou tão dissolvida em energias que nem sei se consegui emitir em voz alta.

Ele me desamarra, sem pressa, e nos leva ao chuveiro. Minhas pernas bambas mal conseguem se sustentar debaixo da água morna. Devotamente, Max derrama o sabonete líquido na esponja e lava meu corpo, cada pedacinho.

De volta à cama, aconchegamo-nos um ao outro, nus, sem nada nos separando.

— Gabrielle...

— Sim, Max... — bocejo no silêncio, olhos pesados de sono em meio à escuridão

— Saia comigo para jantar amanhã...

Sorrio para mim mesma.

— Um encontro, doutor? — exprimo baixinho.

Recebo um beijo em meu ombro.

— Sim, eu estou convidando você para um encontro.

Entrelaço meus dedos aos dele.

— A ideia não é ruim... — resmungo, não

aguentando mais o peso de minhas pálpebras.

Pisco, mole.

O quarto fica em silêncio.

— Há mais uma coisa que eu gostaria de te pedir... — acrescenta com timbre rouco, sério, gostoso de ouvir.

— Sim...? — murmuro.

— Não fuja da minha cama ao amanhecer.

Abro meus olhos em meio ao breu, avaliando o que seu pedido representa. Estou me envolvendo a um novo nível... tenho de deixar isso acontecer, deixar rolar, e esperar pelo que o futuro reserva (embora um hesitante instante de lucidez me alerte sobre os riscos de ir tão longe).

— Eu ficarei... — minha voz é um ruído baixo, que não sei se pôde ser ouvido.

Pela maneira possessiva como sua mão em meu baixo-ventre me prende a ele, tenho a certeza de que Max escutou.



Seguro a mão de Ana na porta de entrada da sala de aula.

O pequeno corpo tenso mal se mexe.

Eu imaginei que seria assim. Desde o momento em que acordou, a Matraquinha mal conversou, parecendo realmente estar se preparando para um sacrifício. Abaixo-me à sua altura, encostando o joelho no chão. Delicadamente, limpo um borradinho no batom que lhe apliquei hoje pela manhã, numa tentativa de animá-la um pouco.

— Você está pronta? — pergunto com carinho.

Ela toca meu rosto.

— Gabrielle... eu posso ir ajudar você a fazer vestidos, se quiser — a danadinha sussurra, cativante.

Prendo meu lábio para não rir e ajeito sua camiseta dentro da calça do uniforme.

— Princesa, eu gostaria disso, mas você ainda é muito pequena... — seguro seu rosto em minhas mãos e olho no fundo de seus olhos, colocando confiança em minha voz — Vai dar tudo certo. Você não precisa ter medo, além de que eu estarei aqui para qualquer coisa.

NACIONAIS - ACHERON

As íris – réplicas do pai – piscam uma vez. E ela assente com a cabeça, corajosa.

Segurando as alças da mochila em suas costas, a menina entra, deixando-me com Mari para observá-la da porta.

Ana se aproxima da professora para ouvir sua orientação. É claro que fiz questão de conversar com a mulher alguns minutos atrás. Tudo o que acontecer com Ana aqui é responsabilidade dela.

Antes de sair, no entanto, corro meu olhar em todos os rostinhos curiosos me observando. Estreito os olhos mirando cada uma das crianças, com um aviso de que com a Ana não se mexe... Sim, não foi nada maduro para alguém com a minha idade, eu sei, mas não me importo.

— Logo ela se acostuma... — Mari reflete sem muita ênfase, enquanto caminhamos de volta ao carro.

— É... eu também acho — sorrio, otimista.

A verdade é que sinto como se um pedaço do meu coração estivesse com ela agora. Ana tem me mostrado um mundo que eu jamais conheci. Estou vendo em primeira mão o peso do bullying para

NACIONAIS - ACHERON

alguém tão jovem. As coisas não deveriam ser assim...

Entramos no carro de Max, que peguei emprestado para vir. Antes de ligar o motor, verifico meu celular e encontro duas mensagens. A primeira é dele.

°F DE: MAX

MENSAGEM: Obrigado por levá-la. Não se esqueça que temos um encontro esta noite, Gabi.

Mordo o sorriso e me viro para Marieta.

— Mari, você dormirá com Ana hoje?

Ela ajeita a bolsa em seu colo.

— Oh, não, hoje não. Max vai levá-la para dormir na casa de Eva, antes delas viajarem.

— Elas vão viajar?

— Vão sim, as duas compraram um cruzeiro de duas semanas.

E eu não marquei nada com sua irmã, penso, lembrando-me que me comprometi para um café.

— Bem, isso parece legal — brinco.

Digito rapidamente uma resposta.

°F PARA: MAX

MENSAGEM: Não costumo me esquecer de encontros que marco com médicos bonitões ♥♥

Tenha um bom dia, doutor.

P.S.: Não se preocupe, a Matraquinha ficará bem.

Sei de sua preocupação com a filha, reparei na maneira como ele a olhou esta manhã enquanto a criança mal conversava durante o café. Max se importa com o bem-estar da menina acima de tudo. Eu me pergunto se esse é todo o motivo do vinco em sua testa nos últimos dias.

A outra mensagem é de Alice:

°F DE: Alice

MENSAGEM: Bom dia, Gabi! Que tal um café mais tarde? Ah, na quarta iremos ao Centro Comunitário, você vai? Estou com saudade. Te
NACIONAIS - ACHERON

amo.

Já faz mais de um mês que não vou ao Centro Comunitário de Dominic. O lugar me faz muito bem, passar um tempo lá consegue deixar qualquer um com a alma mais leve, além de que estou com saudade das garotas.

Respondo:

°F PARA: Alice

MENSAGEM: Café mais tarde, ótima ideia. Vou sim ao Centro. Podemos ir juntas?

Também te amo, cunhada.

Guardo o celular e dou a partida.

— Gabrielle... — Mari diz ao meu lado.

Aciono a seta da esquerda para sinalizar minha entrada na avenida movimentada.

— Eu estou feliz por ela ter você — noto a brandura em sua fala.

Meu rosto cora fácil. É tão estranho ouvir

isso.

— Obrigada, Mari... Eu realmente me importo com a menina — é tudo o que consigo dizer, olhando-a com franqueza.

A mulher sorri, olhos castanhos conhecedores.

— Eu sei. Max e Ana precisavam de alguém assim em suas vidas.

Calo-me, absorvendo o significado disto. Talvez eu é que estivesse precisando deles e nem sabia.



— Bom dia, rainha! — Mau me recebe no corredor.

Semicerro meus olhos, desconfiada, quando vejo um café em sua mão, estendido para mim.

— É assustador ver você sendo tão gentil logo cedo, Mau. Você sabe disso, não é?

Ele ri alto, sem pudores quanto a chamar a atenção para si. Observo-o melhor, vestido de calça social preta, camisa branca com todos os botões fechados, sapatos sociais lustrosos nos pés.

Engomadinho e sem personalidade, diferente de suas calças mostardas e suéteres criativos do dia a dia.

— Oh, merda, homem. Por que você está vestido deste jeito?

Ele olha para os lados, constrangido.

— Decidi mudar um pouco...

Aceito o café, ainda lhe fitando, curiosa.

— Obrigada por isso — aponto o copo — Agora me diga que esta mudança não tem nada a ver com você sabe quem... — deixo subentendida sua situação com Nilo.

Ele respira fundo, murchando, praticamente se entregando.

— Pelo amor de Deus, Mau. Você não tem que se vestir assim, imitando aquele polha, para agradar ninguém — refiro-me ao diretor intragável — Se Nilo não reconhece o cara surpreendente que você é, então ele não te merece — baixo meu tom nesta última parte para que ninguém nos ouça.

Seu peito se estufa alguns poucos centímetros, e volta a murchar.

— Eu nem sei mais o que fazer...

Meu coração se aperta. Porcaria.

Dou um passo em sua direção e aliso seu braço.

— Você é incrível, Mau, merece alguém assim também. Nilo é bacana, mas se ele está te fazendo sofrer, não vale a pena.

Meu amigo enruga os lábios num beicinho pensativo, recuperando aquele olhar sinistro sobre mim.

— Antes que eu me esqueça, há algo para você em sua mesa...

Sim, assustador, realmente.

— Vá, me diga de uma vez o que é.

Mauro move a cabeça negativamente.

— Hu-hum... você precisa ver por si mesma.

Curiosidade e desconfiança juntas me fazem ir para minha sala... e ... oh, merda... Isto é tão...

Dou mais alguns passos e me deparo com um enorme buquê de rosas brancas descansadas num recipiente de vidro sobre a mesa. Não me movo por um instante.

Ganho tantas flores de Alice... Mas estas são diferentes.

Pego o cartão delicadamente colocado ao centro do arranjo e reconheço a marca d'água da loja de minha cunhada no elegante papel. Leio a mensagem simples, numa caligrafia masculina bonita.

“Esteja pronta às oito horas. Com amor, M”.

Imagino-o com o sorriso de canto de lábios escrevendo o bilhete.

E me pego rindo como uma tola, admirando as flores, pensando em como o homem consegue ser surpreendente. E então a ficha cai... Alice me enviando mensagem logo cedo, tsc, tsc, obviamente ela mesma vendeu isto a ele. Que espertinha.

Apanho o celular da bolsa e resolvo discar para Max. A ligação vai para a caixa postal. Provavelmente está salvando alguma vida por aí, enquanto transforma meu coração em uma pasta.

— Isso sim é um homem apaixonado... —
Mau, o descarado, fala por cima do meu ombro, lendo o recado.

— Bisbilhoteiro... — resmungo, rindo tolamente.

Sento-me na cadeira, contemplando o arranjo. Bem, se Max enviou isto é porque tem algum plano em mente para a noite.

Penso por alguns instantes...

Quer saber? Eu acho que isto requer munição pesada.

— Ei... — encaro meu assistente — Quer sair comigo para umas comprinhas?

Toda a empolgação retorna à sua face na velocidade da luz, como se um botão fosse ativado.

— Um belo vestido...? — investiga.

Rio, maligna, estalando a língua.

— Não, não. Estou pensando em algo abaixo dele...

Numa boa lingerie, com direito a espartilho, cinta-liga e meias. Vibro com a imagem mental.

Doutor Maximiliano, você não faz ideia de como uma mulher se prepara para um encontro...

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 29

GABRIELLE

Ando de um lado para o outro, ansiosa como uma adolescente. Faltam cinco para as oito. Arrumei-me impecavelmente, cabelos, maquiagem, perfume, como há muito tempo não fazia. Aliás, nem me lembro quando foi a última vez que me animei assim para uma saída, ou tive esta sensação de cócegas provocando meu estômago... O que esse homem está fazendo comigo?

Aliso o tecido na altura do meu quadril, retirando um friso imperceptível, e sorrio ao pensar que, embaixo do vestido preto de alças finas, guardo uma surpresa para meu vizinho.

A campainha toca.

Tomo algumas respirações. Verifico-me uma
NACIONAIS - ACHERON

última vez no espelho e caminho para a porta.

Abro... e tenho de recuar um ou dois passos, abobalhada com a visão à minha frente.

Corro meu olhar por ele inteiro.

Max se recosta contra a parede ao lado da porta, mãos descansando nos bolsos de um elegante terno escuro, parecendo perfeitamente encaixado ao seu corpo. Cabelos arrumados, um maldito sorriso tentador rasgando o canto de seus lábios (daquele jeito que derrubaria minha peça mais íntima)... e olhos acinzentados completamente aquecidos, devorando-me com paixão.

— Por Deus, homem... — lamento meu próprio estado, refletindo que ele fica tão bem em um traje assim, quanto em seu uniforme de trabalho.

Sim, lá vem outra fantasia daquelas...

O sorriso do homem se expande, observando cada pequeno pedaço de mim também. Noto-o sugando o ar com velada dificuldade. Tão afetado quanto eu. Ótimo.

— Eu te olho, Gabrielle, e tudo o que penso é

em como eu gostaria de te arrastar para o quarto, me enterrar profundamente em você e não deixar que ninguém mais te veja assim... — cortando a distância que eu mesma coloquei, lento feito um animal em busca da presa, ele finalmente me apanha pela cintura, trazendo nossos corpos juntos — Você está linda, senhora.

Sinto a dureza de sua reação tocar meu estômago.

— Não me tente... — sussurro com a garganta seca.

Max me olha por mais alguns instantes; assim de perto, percebo suas pupilas crescendo tão sensualmente. Respiro fundo e... recebo seu beijo sôfrego, como se não tivesse o suficiente de mim, tal qual me sinto a seu respeito.

Quando já estou quase sem fôlego, ele nos afasta. Limpa delicadamente meu batom borrado no canto dos lábios, num gesto íntimo.

— Você tem certeza que quer sair? — murmuro, mole.

A perdição em formato de homem meneia a cabeça, ainda com a excitação evidente roçando-
NACIONAIS - ACHERON

me.

— Estou travando uma batalha muito grande para fazer isto certo, vizinha... — morde meu lábio mais uma vez — Venha, vamos antes que eu mude de ideia e estrague tudo.



Conforme Max vai dirigindo pela cidade, começo a ter uma vaga ideia de para onde estamos indo. A confirmação vem ao estacionar em frente ao elegante edifício Terraza. Sorrindo, encaro seu perfil.

— C-como você...?

Este lugar é conhecido: um hotel luxuoso, com um restaurante exclusivo na cobertura. Eu nunca estive aqui, Katy sim, e me disse maravilhas sobre o espaço. Então lembro também da parte que ela contou sobre ser exclusivo e demandar a reserva com semanas de antecedência.

Ele sorri, de lado, enquanto me lança um olhar acalorado.

— Digamos que um médico sabe bem como cobrar alguns favores... — Max toma minha mão e

a beija, roçando lentamente seus lábios macios nos nós dos meus dedos — Espere aqui...

Aceno com dificuldade.

Esta noite é tudo sobre ele me tentar, pelo jeito.

Antes que eu pisque, ele desce do veículo, entrega a chave ao valet e vem até a minha porta, abrindo-a para mim.

— Que cavalheiro... — brinco, mordendo meu lábio para não dizer o quanto a atitude simples me faz amá-lo.

Max me ajuda a descer e me equilibrar nos saltos. Ajeito o vestido, apanho minha pequena bolsa de mão e aceito a oferta de envolver meu braço no seu. Caminhamos para dentro do saguão e vamos diretamente aos elevadores. Hum, sem parar na recepção, hein? Interessante. No elevador, enquanto a máquina demora uma eternidade para subir, discretamente me contorço, pressionando minhas pernas juntas. Estou ansiosa, excitada, nem sei explicar. Evitando pensamentos libertinos, encaro meus sapatos de salto altíssimos.

Max inclina sua cabeça para próximo ao meu
NACIONAIS - ACHERON

ouvido e sussurra, provocativo.

— Estou tão duro por você, amor.

Ofego.

— Diabos, homem... — resmungo, odiando estar neste estado, tão estranhamente necessitada e cheia de expectativa.

Ele ri, bonito, mostrando os dentes alinhados e a quase imperceptível fenda entre eles.

O som do elevador avisa que chegamos ao destino. Max aperta minha mão, olha-me profundamente nos olhos e espera a porta se abrir... Quando acontece, fico sem palavras pela segunda vez na noite. A cobertura em 360 graus de vidraças do chão ao teto oferece uma visão panorâmica da cidade, do quadragésimo andar, absolutamente incrível... Observo mais atentamente o ambiente e emudeço. Há apenas uma mesa, decorada para dois ao centro do amplo espaço, como se fosse feita somente para nós. A luz fica por conta da baixa iluminação lateral e velas no chão e sobre a mesa. Rosas vermelhas espalham-se agradavelmente pelo espaço.

Estou sem palavras.

NACIONAIS - ACHERON

— V-você... — murmuro — Isso tudo é pra gente?

Viro-me para ele e sou contemplada com os olhos escurecidos mais intensos que já vi, encarando-me com ferocidade.

— Isto é para você, Gabrielle. Pra te mostrar que eu quero tudo com você — a rouquidão tranquila pouco esconde seu próprio estado consternado.

Engulo a saliva seca, encarando o fundo de suas íris.

— Você tem me feito querer tudo também, Max. Eu não pensei que isso seria possível, quero dizer, a gente se conhece há tão pouco tempo, mas...

— Namore comigo.

— Hã? — atrapalho-me com a linha de raciocínio.

Max desliza um dedo por meu lábio e corre a mão quente por meu rosto e pescoço, até parar na nuca.

— Nós já decidimos dar um passo à frente e

agora eu quero dar nome a isso, Gabrielle. Quero poder sair com você de mãos dadas, te apresentar por aí como minha, e que você me apresente como seu. Que todos saibam que estamos juntos. Quero que você saiba que estamos traçando um caminho com um objetivo aqui...

— Ora, Max... — mal escuto meu próprio timbre rouco.

Seus lábios se aproximam dos meus, encostando-se neles de mansinho.

— É simples, amor, eu te quero como minha.

Ouvir isso com tanta honestidade faz coisas miseráveis ao meu peito.

— Com direito a presente de dia dos namorados e tudo? — cochicho, brincando para ganhar tempo de acalmar meu coração maluco.

— Sim, com direito a presente e tudo... — entoa, caloroso.

Sua mão livre toma a minha, sem que sua boca se afaste. De repente, tato algo como uma caixa de veludo nela. Deus do céu. Arregalo meus olhos para ele.

— Max...?

— Aceita namorar comigo, Gabrielle?

Todos os momentos já vividos com qualquer outro homem são incinerados neste instante. Nada que eu já tive supera esta adrenalina deliciosa correndo por meu corpo.

Rio em sua boca, sem sentido.

— Deus, eu nem consigo pensar em nada espirituoso agora... Só nesta vontade doida de ficar dizendo sim, sim, como uma desequilibrada, até que você perceba o mal negócio que está fazendo, doutor.

Max me apanha pela cintura e praticamente me curva para um beijo, calando-me. Não qualquer beijo, mas um que toca diretamente minha alma. Tem paixão, vida, anseio. Amoleço em seu domínio, absorvendo cada pequeno fragmento da energia que nos une. E quando ele finalmente se separa, a caixa de veludo está na linha de meus olhos, estendida para mim. Lambo meus lábios, encarando o que quer que isso seja.

— Abra... — diz, rouco.

A primeira coisa que me vem à cabeça é um pouco assustadora, mas espero para ter certeza, e quando abro... me deparo com uma pulseira linda, de correntes delicadamente trançadas em ouro branco e amarelo. Ao centro dela, uma plaquinha dourada lisa, de uns três centímetros, estreita e delicada.

Não é um anel e, por mais maluco que pareça, me sinto completamente aliviada.

— É linda, Max...

— Vire-a — exige.

Brincando com a peça entre meus dedos, viro a plaquinha. Na parte de baixo, a que me tocará a pele, encontro... as letras M e G gravadas, unidas por uma caligrafia bem desenhada.

Subo meus olhos para encontrar os seus, nitidamente vitoriosos. Ele está adorando isso.

— Bem — enruga o lábio — Você me marcou — olha ligeiramente para seu relógio, o que lhe dei de presente de aniversário com minha inicial gravada — Nada mais justo que eu faça o mesmo.

Não escondo o sorriso estúpido a dominar meu rosto.

— É justo...

MAXIMILIANO

Jantar com ela aqui, somente nós dois, me traz uma sensação malditamente boa. Quero que ela se sinta assim também, que Gabrielle não tenha receio de dizer aos quatro ventos que estamos juntos. O que esta mulher tem feito na minha vida, na vida de Ana, não há como definir. Eu a quero, como nunca quis nenhuma outra antes, e é aí que uma estúpida insegurança me bate forte. O medo de que minha vida seja demais pra ela. Que a mulher mude de ideia sobre nós. Talvez por isto eu precise desta afirmação. Um namoro é o primeiro de todos os passos que pretendo dar com ela.

Gabrielle está relaxada diante de mim, se alimentando, sorrindo, aos poucos abrindo pequenas brechas de sua vida para que eu entre. Ela

fala nostálgicamente de seus pais falecidos, com entusiasmo sobre os dois irmãos e o amor incondicional que nutre por eles, das amigas... A mulher é um poço de boa energia. Eu ainda me pergunto como o imbecil do ex-marido pôde deixá-la ir. Eu, no lugar do cara, a manteria comigo para sempre. Penso em questioná-la um pouco mais sobre isso, mas desisto.

É como dizem: o azar do cara é a minha sorte.

Observando-a, não consigo nem sequer mensurar o tamanho desta sorte, na verdade. Jesus Cristo, a mulher é linda, tão radiante por dentro como é por fora.

Somente por esta noite, decido bloquear o resto do mundo. Ana está em segurança na casa de Eva, é o que me importa. A reunião que tive com o advogado sobre o pedido de Francine me tirou o humor, não quero ter de pensar nisso, não esta noite.

— E quanto a você, Max? — movimentava a taça em minha direção — Como foi ser bonito assim em meio a todas aquelas garotas aspirantes a

médicas?

Olho-a com diversão. Opto por não contar exatamente a maneira como aproveitei os tempos na universidade. Não sou muito confiante quanto ao domínio que a mulher tem de seu próprio gênio. Receber esta garrafa em minha cabeça não é exatamente a forma como pretendo terminar a noite.

— Você sabe... — brinco com a haste da taça — Muito trabalho e pouca diversão.

Ela sorri, lindamente, os olhos conhecedores me desmascarando.

Deixo meu olhar correr solto sobre sua pele, o decote generoso dando-me um vislumbre do alto de seus seios. Precizou de todo o esforço para não despi-la em sua casa e ficar por lá mesmo. No entanto, Gabrielle é mulher de mais do que apenas fodas, ela merece jantares, flores e toda essa porcaria com algum significado.

Percebendo minhas intenções, noto suas respirações curtas se intensificarem. Os seios sobem e descem, belos, tentadores.

— Diga-me que além deste lugar incrível há
NACIONAIS - ACHERON

também um quarto reservado... — morde o lábio, consumida pela atmosfera densa de nosso desejo.

Encaro-a, deixando que Gabrielle saiba o quanto me afeta.

— Tudo para agradá-la, vizinha.

GABRIELLE

Não um quarto ou qualquer quarto. Esta é A Suíte. Luxuosa, ampla. Mais pétalas de rosas por todos os lugares. Sorvo o ar com dificuldade. Droga, Max quer me matar, só pode. Pisco algumas vezes, assimilando o cuidado que ele teve reservando um ambiente tão romântico para a noite.

As mãos pousam nos meus quadris. Sinto seu nariz junto ao meu pescoço, aspirando, arrepiando tudo. Lembro-me vagamente, em meio à neblina de excitação, que planejei uma surpresa para ele.

— Max... — gemo de olhos fechados.

— Sim, Gabrielle... — rosna rude contra minha pele.

Inspiro profundamente.

— Você poderia me dar um minutinho para eu usar o banheiro?

Rindo, ele ainda fica atrás de mim por alguns segundos, o membro duro revelando-se, até que se afasta.

Entro rapidamente no banheiro trazendo minha bolsa de mão comigo, retoco o batom, confiro meu estado – bochechas coradas e olhos ávidos –, e dou-me alguns instantes para recuperar e reaver o plano. Saio do amplo cômodo e retorno ao quarto... Max está sentado na cama, o blazer descansa ao seu lado.

Confiante, caminho até o sistema de som. Acompanhada por seus olhos famintos, conecto meu celular ao suporte e deixo que minha playlist domine o ambiente em segundo plano.

Ao som da primeira música da lista, Neiked cantando “Sexual”, sorrio pela coincidência da letra, e encosto minhas costas febris contra a parede fria, dando um aviso a Max.

♪ *Sexual* ♪

PERIGOSAS

Você tem aquela coisa que eu estava procurando

Foi correndo ao redor por tanto tempo

Agora eu te peguei, eu não vou deixar você ir

Você tem aquela coisa que eu estava procurando

Você tem um coração cheio de ouro

E isso está realmente me transformando

Você é, você é, você é, você é, você é

Tudo que eu sonhei, agora podemos pintar um quadro

Você é, você é, você é, você é, você é

Fazendo a minha vida muito mais verde, sim, sim

Basta dizer que você se sente da maneira que eu sinto

Estou me sentindo sexual, por isso, deve ser sexual

Você tem algo que eu não vi antes

NACIONAIS - ACHERON

*Você abriu um milhão de portas
Tudo o que posso dizer é que eu adoro você
Você tem algo que eu não vi antes
Abraça-me porque baby, eu sou seu*

*Oh, eu não posso esperar até chegarmos em
casa*

*Eu não sei o que você fez, mas eu não me
canso*

*Porque você me dá essa pressa, eu não quero
que pare*

*Basta dizer que você se sente da maneira que
eu sinto*

*Estou me sentindo sexual, por isso, deve ser
sexual* 🎵🎵

Umedeço meus lábios ressecados, correndo a língua vagorosamente por eles, olhos fixos no meu objetivo. Ele está tão ligado em mim. Tão ligado. E como a letra da música diz, eu me sinto tão sexual, tão desejosamente sexual.

Desgrudo-me da parede, a passos lentos,
NACIONAIS - ACHERON

minhas mãos nas costas correndo o zíper do vestido tubinho para baixo. A peça se abre inteira, ao passo que Max ofega sentado.

Sorrio.

E deixo o vestido cair ao chão. Andando, piso fora dele e me revelo para Max com um conjunto extremamente sensual de espartilhos e cinta-liga, num sutiã meia taça que eleva meus seios, empinando-os.

— Jesus Cristo... — ele sibila, sufocado.

Meu sorriso aumenta.

— Não, amor — imito sua forma de me chamar — Esta noite somos apenas você e eu.

Deus, estou latejando de necessidade.

Em saltos agulha, paro diante dele, em pé a uma polegada de seu corpo enrijecido, dando-lhe tempo para apreciar. Meus hormônios estão à flor da pele. Tão sexual, a letra diz, é como eu me sinto.

Pego seu queixo em meu domínio e me inclino para ficar na mesma linha de seu rosto... e então, ousadamente, lambo seus lábios de fora a fora.

— Você sente isso, Max? Você sente o que faz comigo? — elevo uma de minhas pernas ao seu lado e cravo meu sapato no lençol macio, ficando de pernas abertas diante de seu rosto.

Atrevidamente, de um jeito que nunca fiz antes, assistida em primeira mão pelos olhos gananciosos, afasto minha calcinha de lado, tanto para enlouquecê-lo, como para amenizar meu formigamento imediato, e me dou a fricção necessária diante de seu rosto.

Gemo, baixinho, conforme vou sentindo o prazer iminente.

— Gabrielle... — urra sem voz.

Jogo minha cabeça para trás, extasiada.

E não demora meu pulso é decididamente afastado para o lado, proibindo-me de agir sozinha. Retorço-me em pé quando sua boca me toma, faminta, gulosa, sugando-me e lambendo da forma mais certa que alguém já fez. Max conhece cada polegada do meu corpo e me dá o que eu preciso. Palavras sujas saem de seus lábios, eu amo cada uma delas.

Sou lançada para fora da atmosfera.

NACIONAIS - ACHERON

O prazer me rasga em pedaços.

E este é só o começo de nossa noite. Como sempre acontece quando estou de meias, elas são tão somente para me prender e deixar à mercê do apetite deste homem. Com muito mais intensidade, com muito mais tesão, muito mais amor.

Entrego-me para ele por inteira, sofro com suas torturas meticulosamente impostas, mas é como ele me quer: sua, completamente sua. E eu sou.

MAXIMILIANO

Gabrielle e eu chegamos há poucas horas em casa. Mal dormimos e ainda assim estamos aqui, de banho recém-tomado juntos, diante da cozinha, ouvindo as tagarelices de Ana e Eva no café da manhã, enquanto lançamos olhares furtivos um ao outro, sob os efeitos do que foi nossa noite juntos.

— E é isso, serão duas semanas no mar e duas em terra firme — Eva conclui sua descrição

da jornada que ela e minha mãe farão, de navio, pela Europa.

— Está aí um passeio que eu gostaria de fazer... — Gabrielle reflete.

— Nós podemos ir algum dia, não é, Gabrielle? — Ana atravessa a conversa, animada.

Gabrielle limpa a boca da pequena com seu guardanapo.

— Podemos sim, princesa. Em breve, podemos sim... — sua resposta é tão natural, a mulher nem se dá conta de que está elaborando planos para o futuro com minha filha.

Em seu pulso delicado vejo a pulseira que mandei fazer especialmente para ela.

Dizer que eu amo esta mulher por inteiro é desnecessário.

Eva se levanta, ajeitando a roupa e limpando as mãos.

— Bem, eu passei mesmo para me despedir e deixar minha sobrinha favorita em casa para que você a leve à escola. Mamãe e eu embarcaremos em algumas horas.

Diz isto se aproximando de mim, que até então era o único em pé, apoiado contra a bancada. Eva beija o meu rosto. Deixo a xícara de lado e a pego num abraço.

— Se cuide e cuide da mãe.

— Sim, chefe... — comenta, engraçada. Largo-a para que se aproxime de Gabrielle, que também já está em pé — Até mais, Gabi, estou muito feliz por você e meu irmão... — sua tentativa de cochicho pode ser ouvida de onde estou.

Gabrielle corresponde ao beijo e apenas sorri. A mulher está se adaptando à ideia de ser minha, isto é muito bom.

Eva então se abaixa para Ana.

— Princesinha da tia, eu já estou morrendo de saudade de você.

A pequena alisa o rosto de minha irmã.

— Você quer que eu vá junto, tia?

Escondo minha graça atrás da xícara de café fumegante que volto a server. Minha menina não perde uma oportunidade, isto é um fato.

— Hum... — Eva acaricia sua bochecha — Boa tentativa, mas você precisa ir para a aula. Pelo que eu soube, a senhorita já ficou tempo demais em casa.

Minha irmã apanha sua bolsa, se despede mais uma vez, e vai embora. Ana acompanha seu caminho com os olhos o tempo todo (talvez ainda nutrindo alguma esperança), até que a porta se fecha atrás dela. A criança é inacreditável. Com esse olhar decepcionado, ela consegue fazer meu coração receber uma pitada de dor, mesmo sabendo que isso não passa de pura chantagem.

Percebo Gabrielle remexendo seus dedos, inquieta, como se estivesse travando um conflito com algo em sua mente.

E então faz o mesmo que Eva alguns minutos antes, se ajoelha em frente à pequena.

— Eu posso te levar para a aula hoje... — morde o lábio, hesitante, e me lança um ligeiro olhar de canto — E, se seu pai deixar, posso te levar a um lugar comigo esta noite.

Arqueio a sobrancelha, curioso, à espera de uma elucidação.

— É um Centro Comunitário que frequento há alguns anos — ela explica — Lá eles servem alimento para moradores de rua... Não se preocupe, o lugar é absolutamente seguro, minhas amigas irão também.

Observo-a por mais alguns segundos, não sei bem se surpreso, impressionado, ainda mais curioso com esta nova faceta ou preocupado.

Enfim, sorvo mais um gole do café e dou o veredito.

— Tudo bem. Me passe o endereço e buscarei vocês, quando terminarem.

Obviamente, Gabrielle não parece cem por cento satisfeita com este arranjo, mas quero ver de perto como é que isto funciona.

Capítulo 30

GABRIELLE

Ajudo-a com a mochila nas costas, antes de entrar na escola, e então me abaixo diante dela para ajeitar seu informe. Ana ainda segura entre seus dedos algumas flores que pegou em meu apartamento há alguns minutos.

— Bem, você está pronta, princesa.

Seus olhinhos se fixam nos meus.

— Gabrielle... — sussurra.

— Sim... ? — levanto meus olhos para ela.

— Se eu não gostar mais, você vai me tirar daqui?

A pergunta me pega de surpresa. Hoje é somente seu segundo dia, ainda é cedo para que ela

se adapte, sei disso (embora não seja a favor da estratégia de apenas deixar a situação correr solta, como ocorria na outra escola; sou mais inclinada a dar uma forcinha aos acontecimentos).

— Sim, Ana, eu prometi isso a você.

Observo o movimento da respiração mais aliviada saindo de seu peito.

— Mas eu preciso que você me faça uma promessa também... — peço com cuidado.

Ela acena com a seriedade legítima de seu pai.

Sorrio ao fato.

— Você vai se esforçar para tentar fazer amizades aqui, tudo bem? E se qualquer um deles lá dentro fizer algo que não goste, Ana, você vai me contar, ou a Max, promete?

Suspira.

— Sim, Gabrielle.

Beijo seu rosto e me levanto. De mãos dadas, faço o caminho até o portão.

— Bom dia, menina Luz... — o inspetor cumprimenta da porta.

Ela lhe sorri com ânimo, como se não tivéssemos tido a conversa de dois minutos antes. Isso de enganar as pessoas sobre seu nome, que é tão bonito, também precisa ser corrigido (apesar de ter seu lado engraçadinho).

Beijo o topo de sua cabeça e me despeço.

Mas não me contenho, passo a passo, sigo a pequena até a porta da sala. De cabeça baixa, Ana entra silenciosamente e se ajeita na primeira carteira, ao lado do menino cadeirante.

— Oi, Ana Carolina... — ele cumprimenta, animadinho.

Sem olhá-lo, ela enruga os lábios para o lado exatamente como Max faz quando está pensando sobre algo.

— Oi, Gabriel... — resmunga.

Deus, ele quer ser amigo dela. É um bom começo!

Sorrindo, decido me encaminhar para um papo rápido com a diretora, antes de ir ao trabalho. É sempre bom cobrar compromissos assumidos.



Sento-me com Alice num bistrô perto de sua floricultura. Combinei de almoçar com ela, depois de furar o café de ontem. Comprar lingerie parecia ter um pouquinho mais de urgência... e visto que a noite foi, digamos, excepcional, acho que minha cunhada entenderá. Mordo o sorriso.

— Ele me pediu em namoro... — respondo à sua pergunta mal elaborada.

Alice não espera por mais, me abraça, comemorando a notícia. Caramba, eu estar solteira era tão ruim assim?

— Oh, Gabi, isto é ótimo. Max parece ser uma boa pessoa — afasta-se, vibrando — Quando o vi entrando na loja, eu imaginei que aquelas flores seriam para você.

— Por que não me disse nada?

— E estragar a surpresa? — faz um estalinho com a língua — De jeito nenhum.

— Eu nem me lembrava da última vez que alguém me mandou flores à exceção de você, Ali.

Alice pega minha mão por cima da mesa.

— Estou muito feliz por vocês, Gabrielle.

Benjamin também ficará... Aliás, podemos marcar um jantar lá em casa para você e o Max, o que acha?

Penso por um instante. Seria exatamente o tipo de coisa que meu namorado aprovaria, mais uma afirmação desta nossa fase. A ideia de agradá-lo me surpreende por soar tão boa.

— Sim, podemos marcar...

Alice toma um pouco de sua bebida.

— Hum... — deixa o copo de lado, lembrando de algo — Antes de voltar para a empresa, dê uma passadinha na loja para pegar aquela muda de orquídea japonesa que separei pra você. Vieram tão lindas, Gabi!

Sim, com este jeito doce, Alice me colocará para fora do meu apartamento muito em breve. Mal há espaço para mais uma única folha.

Almoço com ela e passo em sua loja para pegar a flor. Estou seriamente pensando em presentear Max com este vaso, seu apartamento precisa de um pouquinho de verde... Eu sei, sou uma péssima pessoa.

Despeço-me de minha cunhada, brevemente. Encontrarei com ela mais tarde no Centro Comunitário.

MAXIMILIANO

Estou de volta após receber uma mensagem de Gabrielle, avisando que elas já estão prontas para ir. Deixei-as aqui há cerca de três horas, no final da tarde. Confesso ter ficado um tanto curioso sobre o lugar. Não esperava que a mulher dedicasse parte de seu tempo a projetos assim, mas não me surpreende. Este é somente mais um lado dela a ser apreciado.

Estaciono ao lado de alguns carros que não estavam aqui quando vim mais cedo. Vejo pessoas saindo do barracão – aparentemente estavam se alimentando lá dentro – e me encaminho para a entrada.

Corro meus olhos pelo lugar bem iluminado, organizado, amplo e com todas estas mesas

alinhadas. Impressionante. E então minha contemplação é imediatamente talhada pela visão a alguns metros de mim. Gabrielle, de frente para um cara alto, vestido de camiseta e jeans, o tipo de barba como as mulheres gostam. Eles conversam tão animadamente que chego a desconfiar de que o assunto não tenha muito a ver com o trabalho feito aqui.

Seu sorriso fácil para ele é um daqueles impressionantes, honesto, que ilumina tudo à sua volta. E isto me detém por alguns instantes, assolado por uma sensação idiota de que ela está lhe oferecendo algo que só pertence a mim.

Que estupidez.

Desço meus olhos e encontro minha filha, paradinha ao lado deles, prestando muita atenção no que dizem. Seu cenho nada discretamente franzido, como se estivesse cuidando do meu terreno por mim, me enche de um profundo orgulho. Isso aí, pequena!, penso, guardando o humor.

De repente, noto que algo que o cara diz faz com que até mesmo a menina mude de postura e se

torne mais interessada, receptiva, abrindo um sorrisinho.

Mas que diabos...?

Caminho tranquilamente até eles. Chego a tempo de ouvir o final do que Gabrielle diz.

—... poderíamos marcar para amanhã mesmo, Dom.

“Dom”?

Íntimos assim?

Deixando que meu instinto masculino se aproprie, paro ao lado delas e, sem nenhuma timidez, pouso minha mão nas costas de Gabrielle.

— Boa noite, querida.

Tanto minha saudação quanto o toque a surpreendem.

Seu rosto se gira para mim, olhando-me ligeiramente confusa. Não perco a estreitada de olhos que a loira dá.

— Boa noite, Max... — diz, astuta.

— Papai!

— Olá, pequena — inclino-me e levanto Ana nos meus braços.

Não o olho, no entanto, sei que o sujeito nos assiste.

— Max, este aqui é Dominic, o administrador do Centro... — até a maneira como a mulher se refere ao cara boa-pinta é incomum.

Dela, olho diretamente para ele, que tem uma expressão tranquila ao me estender a mão.

— Max, namorado de Gabrielle — apresento-me e aceito seu cumprimento.

— É um prazer conhecer alguém importante para ela — ele sorri, sacando a mensagem passada por mim — Gabrielle é uma grande amiga da minha mulher.

A informação me deixa numa mistura de aliviado e, certamente, tolo.

— Vamos ajudar a decorar o quarto do bebezinho, papai! — Ana conta alegremente. Seu bracinho circunda meu pescoço.

— Bebê? — arqueio a sobrancelha para a pequena.

— Luna, a mulher de Dominic, está grávida — Gabrielle explica. Por seu tom insondável, tenho

a impressão de que ela não curtiu muito minha abordagem.

O tal Dominic enfia as mãos nos bolsos da calça. Seus olhos vão para minha filha.

— Minha mulher vai adorar poder contar com sua ajuda, senhorita.

Ana estufa o peito, sonhadora, satisfeita com a tarefa.

— Agora, se me dão licença, tenho ainda de conferir nosso estoque antes de fechar tudo... — direciona-se à Gabi — Obrigada por vir, Gabrielle. Você e as meninas são sempre bem-vindas aqui.

— Imagine, é um prazer, Dom. Este lugar me faz bem...

Mudo discretamente meu olhar para o lado oposto, sem muita disposição para assistir Gabrielle beijar o rosto do sujeito. E então, num aceno de cabeça, olho-no-olho comigo, ele se afasta.

Depois de observá-lo ir, calmamente (até demais) a mulher se vira para mim.

— Você veio rápido — diz, casual, sem me olhar nos olhos.

Ela ajeita o capuz da blusa na cabeça de Ana, em meu colo, deixando-a preparada para sair na noite fria, e sorri para a menina. Minha filha corresponde o sorriso calorosamente. Observo em primeira mão o amor e admiração entre elas.

E, sem resistir, com a mão livre, pego seu rosto, trazendo-a para um beijo suave, apenas para tocá-la. Gabrielle expira pesadamente.

— Da próxima vez, mije em mim para demarcar melhor seu terreno, doutor... — murmura nos meus lábios.

Encaro-a muito próximo de seus olhos. Não penso em negar meu ciúme, ela tem razão a respeito disto.

— Culpado, confesso... — brinco, honesto — Não aguentei te ver tão receptiva com o galã ali.

Sorrindo, ainda em dúvida sobre me repreender ou não, ela meneia negativamente e revira os olhos.

— Dominic ama Luna, Max.

Não gosto muito desta explicação.

— E se não amasse...?

Ela pousa a mão no meu ombro, dando um olhar furtivo para Ana antes de me enfrentar novamente.

— Eu só tenho olhos para o pai desta garotinha aqui.

E, com isto, ela tem a mim e minha pequena olhando-a como se a fosse toda a luz do universo.

Devolvo Ana ao chão e abraço Gabrielle, caminhando para a saída. Se ela soubesse o que faz comigo...

— Sou louco por você... — grunho, com os lábios encostados no alto de sua cabeça.



Deixo Gabrielle e Ana no apartamento dela e vou para o meu, tomar um banho rápido. Ao entrar, encontro Marieta na cozinha lendo distraidamente algo em seu celular. O objeto sobre o balcão, ao lado dela, me chama a atenção por não estar ali esta manhã. Certamente que não, eu teria visto.

— Boa noite, Mari... — aproximo-me para um copo de água — E esta planta? Você comprou? — questiono, curioso.

Ela sorri e também olha para o pequeno vaso de flor.

— Oh, não, Gabrielle deixou aqui mais cedo. São bonitas, não?

Abro a geladeira e apanho a água.

— Hum... — resmungo.

A mulher é inacreditável. Com toda aquela selva em sua varanda, ela ainda encontra estímulo para adquirir mais disso. Mas afinal, que obsessão é essa que ela tem por flores e tomates?

— Max, minha filha acaba de ir para a maternidade... — Marieta se volta para o celular, um tanto aérea.

Deixo o copo de lado e me aproximo dela. Estávamos esperando esta notícia a qualquer momento.

— Isso é bom, Mari, bom mesmo. Parabéns!

Abraço-a de lado, sem reserva de demonstrar carinho. Marieta está comigo desde o acidente de Ana e a trata como uma filha. Sempre esteve aqui por nós.

— Obrigada — funga, embargada.

— Você quer que eu...?

— Não, não. Eu vou à rodoviária de táxi, você não precisa se preocupar... — me corta com um gesto de mão — Nossa, o tempo passou tão rápido, não?

— Passou. Agora você é avó...

Ela limpa uma lágrima.

— Avó — repete, testando o som da palavra, e então me olha rapidamente — Vou ficar uns dias lá, Max, mas qualquer coisa você pode me chamar.

— Vá e cuide dela, Mari. Não se preocupe com a gente, ficaremos bem.

A senhora sorri

— Estou muito feliz que agora você tenha a Gabrielle. Ela é uma ótima mulher, Max. É boa pra Ana, principalmente.

Sim, Gabrielle é boa para Ana. E eu nem me imagino mais longe daquele sorriso atrevido e o par de olhos excêntricos que me tira da razão com tanta facilidade. Mas, independente dos conselhos do advogado, não vou acelerar as coisas com ela. Eu a quero como minha esposa, obviamente que sim,

porém, casar-me para combater as ameaças de Francine não seria justo com Gabrielle. Vai acontecer, mas pelos motivos certos.

Capítulo 31

MAXIMILIANO

Sirvo-me na máquina de café. Uma dose forte para combater o sono a esta hora da manhã é mais do que bem-vinda. A cidade nunca para, mas, estranhamente, hoje o movimento parece menor. Eu deveria aproveitar o raro intervalo de descanso para ir ao escritório do maldito advogado de Francine, ouvir a proposta que ele diz ter. Seja lá o que for, Ana passar qualquer tempo com aqueles dois está absolutamente fora de cogitação.

— Você viu o noticiário? — Diana pergunta, enquanto enche seu próprio copo, elevando o queixo para a pequena televisão ligada na copa do batalhão.

Na tela, uma reportagem sobre o festival de NACIONAIS - ACHERON

música que acontecerá na fronteira do estado. Quatro dias de festa com público estimado em trezentas mil pessoas. A reportagem dá conta dos problemas envolvendo o número de adolescentes que passaram mal na edição anterior, comumente pelo excesso do uso de drogas que correm livres em eventos assim. O secretário de segurança pública, entrevistado no momento, fala das medidas adotadas para assegurar a integridade física do público. Haverá reforço no policiamento e no pronto atendimento médico...

— Isso vai refletir na gente — ela lamenta.

— Bem, já refletiu — o velho Raled se pronuncia, escorado contra a porta de entrada. Não notei sua chegada antes — Bom dia, senhores.

Diana lança um olhar pra mim e volta a encarar seu copo.

— Bom dia, chefe...

— Chefe — aceno de volta.

O sargento retira um copo de isopor da pilha e o abastece quando Diana desocupa a máquina.

— Acabo de receber uma ligação da

secretaria de saúde. Querem-nos reforçando este evento. Todo o batalhão foi convocado.

— Mas e como ficarão os atendimentos aqui?
— minha colega questiona, tomando a bebida quente.

— Os chamados serão transferidos para o 43º.

— Eles ficam do outro lado da cidade — observo o evidente.

O chefe adoça seu café com excessivas três colheres de açúcar.

— Nem me diga, filho. Argumentei isso, mas ninguém se importa. O governador só está pensando em sua reeleição e este prefeito obedece a tudo sem questionar.

— Em pensar que votei nele... — Diana resmunga.

Reflito por alguns instantes, assimilando a notícia. E então me dou conta de que há um pequeno problema nisso. Mari viajou há uma semana, minha irmã e mãe estão fora da cidade. Tenho Gabrielle, mas não sei se ela...

— Chefe, eu não posso me afastar agora — nego — Ana ficará sozinha.

Raled Saleh absorve a bebida, pensativo. A ideia também é ruim para ele, reconheço quando o velho está descontente com uma ordem.

— Deixe-a com Nadja, se quiser, Max. Minha esposa adora aquela criança. Serão poucos dias. Dependendo de como estiver lá, eu te libero para que retorne antes — ele bate em minhas costas — Precisamos de todos cobrindo aqueles jovens irresponsáveis, filho.

Comprimo meus lábios. Deixar Ana com Nadja não é uma opção. Apesar de eu gostar da esposa do chefe, minha filha não a conhece direito.

— Eu tenho que pensar...

E conversar com Gabrielle. Não quero jogar esta responsabilidade sobre ela.

GABRIELLE

Max massageia meus pés, descansados em
NACIONAIS - ACHERON

seu colo. Nesta semana, estamos ainda mais unidos. Passei a maior parte do tempo em seu apartamento, até minha escova de dente agora está em seu banheiro. Vou à minha casa somente pra me vestir para o trabalho, de manhã.

— E quando você vai? — indago ao receber a notícia de que ele está sendo chamado para um trabalho fora da cidade.

Noto-o hesitar, o lábio comprime-se em uma linha estreita.

— Ana... — diz, parecendo explicar um ponto.

Por um instante, fico sem compreender... Até que...

— Max — arrasto-me pelo sofá, ficando em sua frente — Eu posso ficar com a Ana, não há problema nisso... — aliso seu peito — Quatro dias passam rápido, logo você estará de volta.

Há alguns meses, a ideia de ficar sozinha com uma criança seria aterrorizante, mas já me habituei tanto a ela que cuidar da Matraquinha soa natural. Ela criou esta sensação em mim, a confiança da criança me fortalece.

Noto Max inspirar longamente. Seus olhos fixam-se nos meus, mas é como se sua mente estivesse em outro pensamento. Então me toca, alisando, carinhoso, a maçã do meu rosto, ganhando caminho para minha nuca.

— Você é muito importante pra mim, Gabrielle — há tanta convicção em sua fala que praticamente me convida a fechar os olhos e me deleitar com o momento.

— Posso te dizer o mesmo... — mordo um sorriso para o pensamento que me ocorre, e baixo o tom para o de uma gatinha charmosa (droga, de onde foi que isto saiu?) — Deveríamos fazer alguma coisa sobre ficar todo esse tempo longe, bom doutor.

Ele sorri, mas não aquele que rasga seus lábios; é algo mais intenso, contemplando a energia a nos cercar quando estamos assim, juntos.

— E o que você tem em mente, Gabi?

Arrepia-me até o último dos pelos ouvi-lo me chamar desta maneira, e Max sabe disso.

— Matarmos a saudade antecipadamente? — monto em seu colo, sussurrando em seu ouvido,
NACIONAIS - ACHERON

enquanto prendo o lóbulo macio entre meus dentes.

Sinto suas mãos passearem por baixo da minha camiseta, encontrando o fecho do sutiã. Em um instante, a peça é aberta.

— Habilidoso, hein... — murmuro, sugando sua pele.

Devagar, vou balançando meu quadril em busca do atrito entre nossos jeans. O homem já está rígido sob a peça. Deslizo meus lábios, indo para sua boca, e tomo dele um beijo profundo, de tirar o fôlego. Parece que cada vez fica melhor, não me lembro de já ter beijado alguém que causasse uma reação tão imediata.

Num piscar de olhos, Max me gira e paira sobre mim. Os amassos ganham intensidade até estarmos nos arrastando para o quarto, em silêncio, um consumindo os gemidos do outro.

E nos amamos durante longas horas, marcando nossos corpos, que não se encontrarão pelos próximos dias.

Não vou mentir, já estou sentindo sua falta.

MAXIMILIANO

Entro no quarto de uma Ana ainda dormindo. Afasto os cabelos grudados em sua test, e beijo o topo da cabeça de minha filha. A menina só acordará pra valer daqui a algumas horas.

— Vou sentir sua falta, pequena — murmuro, antes de apagar a luz do pequeno abajur ao lado da cama.

Cubro-a melhor e saio do quarto para encontrar Gabrielle na porta, vestindo apenas minha camiseta, que caí até o início de suas coxas bem torneadas. Passa pouco das cinco da manhã, ela tem mais algumas horas para dormir e eu insisti que não se levantasse, inutilmente. Ela se pôs em pé junto comigo. Devo confessar que a atitude me agrada muito; revela uma mulher tão descontente com a ideia de ficarmos longe quanto eu.

Não resisto, coloco seu cabelo bagunçado atrás da orelha e a beijo com paixão, querendo que sinta a sua importância. A mulher enrosca suas

pernas contra minha cintura num aperto cerrado; posso sentir a quentura de seu corpo, e, por um momento, tudo o que quero é voltar para nosso quarto e consumi-la novamente.

Tão linda, tão calorosa.

— Eu te amo... — rosno, encontrando a curva de seu pescoço.

— Não demore para voltar — choraminga, abraçando-me com força.

— Não vou.

Com muito custo, andamos até a porta da frente. Coloco-a no chão e olho no fundo de seus olhos.

— Cuide dela por mim, Gabrielle.

— Cuidarei, Max. Ana é tão importante para mim quanto você.

Sorrio, franco. Eu sei que nenhuma outra afirmação poderia ser mais verdadeira.

— Eu sei.

GABRIELLE

Às vezes, a vida da gente dá tantas voltas que mal se pode acreditar. É como se tudo realmente tivesse algum propósito, estivesse destinado a acontecer. Quando perdi minha filha, senti que algo em mim havia quebrado irremediavelmente, e nunca mais poderia ser consertado. Eu não esperava amar daquela maneira novamente, aquilo era especial e estava reservado somente a uma pessoa, Clara, morrendo junto com ela. O luto durou um longo tempo, depois veio a fase da rejeição, de odiar a tudo e, principalmente, a mim mesma. Em seguida, a fase da aceitação, de entender que as coisas são como são. E hoje, olhando para Ana (de mãos dadas comigo, caminhando animadamente pelo shopping), acho que por fim estou na fase da superação, de seguir em frente de verdade.

De uma forma muito bonita, sei que a Matraquinha e Max são os responsáveis por isso, por fazer aquele tipo de amor brotar mais uma vez, como uma flor obstinada no meio de um terreno

NACIONAIS - ACHERON

hostil, ganhando espaço dia a dia.

Eu amo a menina, simplesmente amo. Não sei bem quando aconteceu, mas é um fato. Passar esses dias com ela será bom pra gente.

Fiz tudo o que eu precisava de manhã no trabalho e tirei a tarde para passearmos. Sei que estou passando tempo demais longe da empresa. E, quanto mais tempo fíco, mais quero ficar. A LeCher, um dia, foi o meu grande sonho, lutei para estar lá; hoje, mal posso suportar a presença daquele diretor e suas investidas. Vejo-o como um sanguessuga, disposto a tragar tudo de você: criatividade, determinação, capacidade de inovar. No final, é apenas um projeto com a assinatura dele. Tudo se resume a um incompetente que tem medo de ser substituído e sufoca suas ideias até não restar mais nada. Ele está transformando o que era prazeroso em algo sem vida.

Eu preciso tomar uma atitude. Mas, por agora, concentro-me apenas em ouvir as tagarelices de Ana para cada vitrine vista. Algo importante sobre a danadinha: ela adora rosa, azul, branco e todas as demais cores, desde que estejam em

formato de vestido (não há uma cor que não a faça lembrar alguma princesa – pergunto-me quantas existem ao todo). Seu bom gosto é comovente.

Diante de uma joalheria, paro de andar, dominada por uma ideia imediata.

— Nós vamos entrar aí, Gabrielle? — indaga, parecendo muito empolga.

— Vamos sim, Ana...

— Eu adoro joias! — exprime com uma energia muito impressionante.

Eu me pergunto o que a pequena espertinha fará quando tiver um cartão de crédito ao seu alcance e idade suficiente para utilizá-lo. Pobre Max, ele não vai nem saber o que lhe atingiu.

Balançando a sacola em sua mão, muito satisfeita, ela entra comigo na loja. Curvo-me para ficar na linha de seus olhos.

— Ana, você sabe que letras são estas? — mostro a pulseira em meu braço com a plaquinha dourada, que seu pai me deu — Aqui tem a primeira letra do nome do seu pai e o meu... Eu gostaria muito que sua letra também estivesse junto

— aliso as iniciais — O que você acha?

Olhos acinzentados brilham de contentamento. Não preciso de resposta.

— Oh, vai ficar tão lindo, Gabrielle! — afirma em êxtase, tocando o objeto em meu pulso.

Sorrio e ajeito minha postura. Vou até a vendedora, converso e explico o que quero. Não é um serviço que a loja costuma fazer na hora, porém, como estamos numa tarde de um dia de semana, o pouco movimento permite que ela abra uma exceção. Retiro a pulseira de meu braço, entrego e... logo, algo que vejo na vitrine me chama a atenção.

— Ei, será que você poderia me mostrar aquela peça, por favor?

Ela destranca o mostruário e traz o acessório até mim. Vejo uma joia semelhante à minha, uma plaquinha igualmente dourada, poucos detalhes diferentes, que serviria perfeitamente na Matraquinha.

— Você consegue gravar nesta aqui as mesmas três letras?

— Podemos sim, senhora — afirma sem pestanejar.

— Espere um minuto... — subo Ana na cadeira para ficar na altura do balcão — Vamos colocar nela e você já pode ajustar o tamanho.

A mulher toma cuidadosamente o pulso da menina, mede a pulseira e faz a marcação do que precisa ser removido. Enquanto isso, Ana assiste a tudo em expectativa, fascinada.

— Agora eu vou ter duas, né, Gabrielle... — cochicha como se somente eu pudesse ouvir, em referência à outra pulseira que lhe dei — Ainda bem que eu tenho dois braços...

Mordo meu lábio para não rir. Apesar de trágico, isto pareceu uma piada, mas a inocência da Matraquinha ainda não vê desta forma. Por um instante, apenas a observo melhor. Ana me lembra muito a personagem Pollyanna, da série de livros da autora Eleanor H. Porter, uma história sobre a menina que cria o jogo do contente e vê somente o lado bom das coisas, mesmo que tudo conspire para o oposto. Deus, espero que ela nunca perca isso.



Passeio com Ana por mais algumas horas pelo shopping até finalmente voltar à loja. Nossa encomenda está pronta.

— Podemos colocar já, Gabrielle?

— Devemos. Seu nome é lindo, Ana Carolina — toco-lhe a pontinha do nariz — Eu o adoro e vou amar tê-lo sempre comigo.

Admiração e satisfação são tudo o que se pode ver em seu rostinho. Espero que ela pense sobre isso, sobre seu nome real.

— Sua filha é uma graça— a vendedora arremata, suspirando pela criança.

Ana e eu nos olhamos com cumplicidade, mas nenhuma de nós a desmente.



Abro a porta para Peter. Ele ligou avisando que daria uma passada aqui e traria pizza. A ideia era tentadora, mas, em vez disso, pedi que passasse no restaurante aqui perto e trouxesse frango com todos aqueles legumes que eles preparam. Não é porque Max não está vendo que vou deixar sua filha se empanturrar de besteiras. Só espero que ela

não dê com a língua nos dentes sobre todo aquele milkshake com batatas fritas desta tarde.

Quando ele entra, emite um longo assovio para o quartel-general da moda estabelecido em minha sala.

— Minha nossa...

— Estamos fazendo um vestido — explico.

Mal se pode ver Ana em meio a todos os tecidos que ela retirou das embalagens.

— Olá? Tem alguém aí? — ele brinca, dando um passo de cada vez em direção a ela.

A criança emite gritinhos de alegria, envolvida em uma peça de paetê dourado.

— Eu trouxe este jantar chato, todo cheio de legumes... mas... — faz suspense, o que deixa Ana olhando-o com curiosidade — trouxe sobremesa!

— Eba! — o som é um gritinho empolgado.

— O que você tem aí? — questiono, desconfiada.

— Sorvete — ele ri, triunfante pela transgressão.

— Eu adoro sorvete! — Ana já está na nossa
NACIONAIS - ACHERON

frente.

— Ótimo... — lanço um olhar reprovador para meu irmão — Dê-me aqui, vou guardar no freezer e colocar os pratos pra gente.

Enquanto sirvo a comida, escuto a conversa de meu irmão sobre querer se abaixar a receber um beijo de Ana, mas todo o batom dela (que, diga-se de passagem, está em todos os cantos menos em seus lábios) vai deixar ele manchado e as namoradas do “tio” não vão ficar felizes.

— Namoradas? Você tem muitas namoradas?
— pergunta, inocente.

— Algumas, mas este é um segredo só nosso, ok?

Tenho de rir. Meu irmão não existe.



Jantamos tranquilamente em meio às gracinhas de Peter e as risadinhas da Matraquinha. No entanto, uma olhada para o relógio e sei que Ana tem de ir pra cama, amanhã ela terá aula cedo. Aviso os dois e sou metralhada por sonzinhos de lamento de ambos.

— Podemos, pelo menos, tomar o sorvete?
— o imbecil me provoca como se também fosse uma criança que precisa disto para dormir.

— Podemos, Gabrielle? — a danadinha entra no embalo.

Suspiro.

— Certo, certo. Mas só um pouquinho. Depois disso, vamos escovar os dentes e ir pra cama, combinado?

Os armadores, unidos, concordam com acenos de cabeça.

— Eu me pergunto se ela não é sua filha — resmungo desgostosa ao caminhar até o freezer.

Retiro o pote, três vasilhas pequenas, colheres e vou com eles para a sala.

— Este é o meu sabor preferido — ele se gaba para a menina.

— Qual, Peter? — ela pergunta daquele jeito de chamar pelo nome como uma adulta.

— Amendoim — diz, satisfeito — Homens precisam de muito amendoim.

Noto a expressão da menina se alterar

sutilmente, é quase um hesitar.

— Você gosta de amendoim, Ana? —
questiono, estranhando o que vi.

Ela pensa por um segundo e então sorri.

— Eu também preciso de muito amendoim,
Gabrielle.

Precisa, não é? Belisco meu irmão, sem que a
menininha veja.



Não muito tempo depois do sorvete,
escovamos os dentes juntas e a acomodo na minha
cama, ao meu lado. Apago as luzes e abraço a
menininha.

Meu irmão já foi embora.

Eu amo aquele cara. Na verdade, amo meus
dois irmãos. Benjamin, por ser o mais velho,
sempre cuidou de nós, foi superprotetor e, às vezes,
teve de ser um tanto chato. Peter, por outro lado,
era meu cúmplice das armações, aliás, é assim até
hoje: graças a isso, Ben tem uma esposa. Gostaria
muito que Peter também encontrasse alguém
especial... Pensando por este lado, começo a

entender Alice e sua persistência em querer que eu mesma tenha isso na vida. Você quer tanto o bem do outro, que deseja que ele seja amado, protegido, cuidado como merece.

— Ain... — escuto o gemido baixo e imediatamente abro meus olhos, atenta.

Aguço meus ouvidos para outro ruído, seguido do som de uma respiração sufocada, parecendo ter dificuldade para sorver o ar. Não espero um único instante antes de saltar e acender o abajur ao seu lado para checá-la.

Os olhos da menina estão fechados.

Oh, minha nossa... Seus lábios... Seus lábios parecem, não sei, inchados?

— Ana?

Olho para o movimento do peito subindo e descendo ruidosamente, como se a passagem de ar estivesse obstruída.

Sinto todo o sangue sendo drenado do meu corpo num milésimo apavorante de segundo, um maldito déjà vu.

— Ana... — murmuro, sem voz.

— Gab... — ela mal consegue falar. Tenho de ler isso em sua boca.

— Por Deus, Ana, o que você tem?

A menina leva a mão à garganta.

E eu sei que ela não pode respirar.

Seu corpo está amolecendo, ela está perdendo a consciência.

Tudo acontece ao mesmo tempo: grito seu nome; sacudo seus ombros; a bile amarga vem à boca, querendo romper todo o jantar de meu estômago; e meu coração recebe a fúria de uma manada de elefantes.

Ela não está respirando.

Por Deus, de novo não, de novo não! Não! Não! Não!

Pego meu celular de cima do móvel ao lado da cama. Tremendo como uma doente, vou manejando os números na tela enquanto mexo com a menina aparentemente desfalecida.

— Emergência... — a voz profissional responde do outro lado.

— Eu preciso de ajuda, preciso de ajuda!

— Senhora, por favor, se acalme, me diga seu nome e qual é a situação.

— E-eu sou, sou Gabrielle, a minha, a minha filha, ela está passando mal, ela não está respirando!

— Senhora, ela está consciente?

— Não, pelo amor de Deus não, ela não me responde, os lábios dela estão inchados!

— Senhora, ela tem alguma alergia?

— E-eu não sei, por favor, pare de perguntar e mande alguém! — não enxergo nada em minha frente além de Ana pálida. Grito meu endereço para a atendente sem nem saber se ela teve tempo de anotar.

É um pesadelo!

— Senhora Gabrielle, por favor, mantenha a calma, eu vou precisar de sua ajuda. Estou enviando uma unidade ao endereço, é possível que ele demore cerca de dez minutos por estarmos deslocando de outra região. Preciso que você faça alguns procedimentos junto comigo enquanto a equipe não chega.

Faço tudo o que a mulher manda.

Abro a boca de Ana para desobstruir a passagem de ar. Sua língua e amígdalas estão praticamente com o dobro do tamanho. Sopro minha respiração em sua boca com toda a minha capacidade, massajeio seu peito, sopro novamente em seus lábios, colando os meus a eles, tudo conforme a socorrista vai dizendo. É um pesadelo, um pesadelo horrível, o pior deles.

Vou fazendo isto e não recebo nenhum sinal da menina.

Ana está morrendo.

Ouçó as batidas na porta. São eles.

Largo ela por um instante, corro até a sala na velocidade máxima de minhas pernas e abro.

— No quarto, ela precisa de ar! Ela não está respirando!

Dois deles entram e correm para onde indico.

Debruço-me no chão, de joelhos, na beira da cama, e acompanho eles colocarem uma máscara de oxigênio sobre o nariz e boca dela.

— Choque anafilático — um deles diz.

O outro paramédico prepara uma injeção e entrega agilmente ao primeiro.

— O que... o que é isso?

— Adrenalina, senhora. A criança está tendo uma reação alérgica.

No instante que aquilo entra em seu sistema, o peito da menina se move sozinho para uma respiração mais profunda, por conta própria.

E tudo o que eu faço finalmente é chorar, em profundo pânico.

— Nós vamos levá-la, precisamos que a senhora venha conosco.

— C-claro — apresso-me em meio ao soluço, sem pensar em mais nada.

A viagem ao hospital acontece em poucos minutos. Eles descem Ana na maca e correm com a menina para dentro. Sigo tudo até onde me permitem. Uma enfermeira me faz diversas perguntas: sobre alergias (que não sei responder), sobre o que Ana comeu (e detalho tudo). Ela anota e pede que eu espere, mas não diz nada sobre como a criança está.

Max, eu preciso avisar o Max.

Droga, não há nada aqui comigo, documento, celular, nada!

— Telefone. Eu preciso de um telefone — intercepto, desnorteada, a primeira pessoa que vejo.

Ela me aponta para um aparelho público instalado na parede perto de mim.

Ligo a cobrar para Max, ele não atende.

Ando de um lado a outro, não consigo parar de chorar. Eu fiz isto com ela. Ana estava sob meus cuidados e eu quase a matei. Eles não dizem como ela está, ninguém diz nada!

Minhas pernas estão fracas demais. Sinto-me prestes a vomitar.

Deslizo para o chão, miserável, inundada de tanto, tanto medo.

Não sei bem quanto tempo depois, pés em um calçado branco caminham até mim. Limpo as lágrimas utilizando o pulso, e, apressada, levanto meus olhos borrados para encontrar... um rosto familiar. Emanuelle, a amiga de Max. De jaleco branco sobre uma roupa azul típica de médicos.

— C-como ela está? — coloco-me rapidamente em pé.

— Ana recebeu a medicação necessária e agora está sob observação — sua voz é tão profissional que soa até fria.

— E-ela... ela vai ficar bem?

A mulher emite uma inspiração curta, talvez impaciente.

— Precisamos que ela acorde para sabermos se houve algum dano em decorrência do tempo sem oxigenação.

— O-o-quê? C-como como assim dano, Emanuelle? — se antes eu estava em pânico, agora nem sei descrever a sensação. Preciso apoiar a mão na parede para não cair.

A mulher me lança um olhar repreensivo, como se eu fosse uma estúpida irresponsável. E eu mereço.

— Pelo que li no atendimento, ela ficou alguns minutos sem oxigenação, Gabrielle. Este tipo de situação pode ocasionar lesões ao cérebro.

Um soco diretamente em meu estômago, esta

é a sensação, e me faz cambalear para trás, feito uma barata tonta.

— Você deu a ela sorvete de amendoim. Ela poderia ter morrido — acusa com plácida frieza.

— Eu não sabia... — que ela tinha alergia a isso, é o que tento dizer, mas o som não sai, em choque.

Não controlo minhas pernas por muito tempo. No segundo seguinte, estou escorrendo pela parede até o chão.

— Max? — digo sem voz.

De cima, sinto seu olhar reprovador.

— Eu passei um rádio para o lugar onde ele está. Max virá para cá assim que conseguirem avisar ele.

Sem poder evitar, arrasto-me cerca de dez centímetros para a lixeira ao meu lado e vomito nela. Destruída.

Aquele homem me pediu para cuidar de seu bem mais valioso e eu quase a matei. Ela pode ter uma lesão no cérebro que a marcará para o resto da vida, por minha culpa.

PERIGOSAS

Max nunca me perdoará.

Eu nunca me perdoarei.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 32

MAXIMILIANO

Através do sistema de comunicação nos fones, ouço a informação do piloto sobre a aterrissagem no heliporto do Hospital Central. Foram os quarenta minutos mais angustiantes da minha vida. Minha filha, eu preciso saber como ela está. O recado de Emanuelle não foi animador, tampouco deixou-me saber o que houve de fato.

Inferno, o que deu errado?

— Vai ficar tudo bem, Max — ele diz, enquanto maneja o helicóptero na pista desenhada no alto do prédio.

Não precisei pedir a Raled Saleh pela aeronave disponibilizada pela secretaria de saúde para os casos de emergência que precisariam ser

NACIONAIS - ACHERON

transportados à capital. Assim que voltei ao ponto de atendimento instalado da maldita festa (após socorrer o oitavo caso de intoxicação por excesso de álcool), eles já estavam me aguardando.

— É o que eu espero... — grunho, embargado de todas as piores emoções.

Minha pequena, minha garotinha.

Não espero que as hélices parem. Quando o último instrumento é desligado, abro a porta e salto para fora. Já fiz este trajeto tantas vezes antes, mas hoje ele parece mais assustador do que nunca. O elevador não está no local. Corro pelas escadarias e vou empurrando portas, todas elas no caminho que leva à UTI. É onde está minha pequena.

Paro na recepção do andar apenas para verificar em qual ala Ana está... Com uma breve olhada de longe através da pequena janela de vidro acoplada na porta que separa o corredor ao lado de fora da unidade, eu a vejo... Gabrielle, sentada no chão, pernas puxadas até o peito, braços em volta de si, encolhida, vestida de pijama e um chinelo simples para a noite fria. Em seu rosto, enxergo o evidente pânico. Ela parece... tão frágil, tão

quebrada.

Seu estado me parte ao meio. Quero ir até lá, arrancá-la do chão e trazê-la contra meu peito... Vê-la assim só intensifica minha preocupação com Ana. E isso leva a melhor. Minha filha vem em primeiro lugar. Sempre.

Gabrielle vai entender. Eu sei que vai.

Entro no leito e imediatamente sou tomado pela dilacerante fraqueza em todos os músculos do meu corpo. A dor que me rasga o peito é tão familiar, tão malditamente familiar. É como voltar no tempo... no dia em que a encontrei nesta mesma situação, adormecida como um pequeno anjo. Meu anjo. Minha pequena. Olho-a descansando tão tranquilamente que é como se ainda estivesse do mesmo jeito que a deixei horas antes, em nossa casa, na sua cama de princesa. A minha princesinha.

Aproximo-me da maca sem controlar a queimação a inundar meus olhos. Este pequeno ser é a razão da minha vida. Antes dela, eu apenas existia. Ana passou a ser o único propósito de tudo. A ideia de que ela esteja em risco é insuportável.

— Filha — murmuro, arrebetado de dentro pra fora.

— Ana está anestesiada, Max...

Só então percebo Manu sentada na poltrona no canto do quarto escurecido. Ela se aproxima e toca meu ombro em apoio.

Meu olhar cai para a ficha de admissão com as informações de minha filha na condição de paciente. Leio rapidamente o prontuário... Por um instante, nem sei o que dizer. Ana teve obstrução das vias respiratórias e chegou a receber o RCP ainda em casa. O procedimento de reanimação cardiorrespiratória em alguém tão pequeno aterroriza até mesmo a mim, com toda a minha experiência. Fecho meus olhos brevemente, não suportando a dor de imaginá-la inconsciente.

— Como? — minha cabeça está em total desordem. Não consigo realmente assimilar como isso aconteceu.

— Ana teve anafilaxia em reação à proteína do amendoim... — diz, baixo.

A explicação é um desagradável catalisador. Tenho de tirar meus olhos do papel e encarar a

NACIONAIS - ACHERON

médica ao meu lado.

Inferno. Sim, Ana teve uma pequena reação a isto quando tinha pouco mais de dois anos de idade. Emanuelle fez testes na menina e comprovou a intolerância, mas em termos de comprometimento, era nada além de uma coceira no nariz, resolvida na época com um anti-histamínico. Em função disso, não permiti que Ana voltasse a consumir amendoim e deixei de comprar produtos derivados dele.

Jesus Cristo, quando foi que a intolerância evoluiu para uma alergia tão severa?

— Eu não entendo... — meu timbre é quase inaudível com a frustração — Quero dizer, de ela passar de uma coceira à seu sistema respiratório entrar em colapso...

Acontece, claro, a criança está em fase de desenvolvimento, seu sistema imunológico ainda não está estabelecido, são reações de cada organismo, mas...

Levo minhas mãos à cabeça, me sentindo um miserável.

Maldição. Eu falhei. De novo, eu falhei como pai. Abolir o alimento de seu cardápio, orientar

NACIONAIS - ACHERON

Ana a não aceitar nada contendo amendoim, nada disso foi suficiente. Eu deveria ter feito a coisa certa, outros testes conforme ela crescesse. Há tanta maldita coisa acontecendo no momento e eu simplesmente não prestei atenção no essencial.

— Eu falhei de novo com ela, Manu...

— Não, Max, de jeito nenhum. Você estava longe, deixou Ana sob a responsabilidade de alguém em quem confiava...

Estreito meus olhos para a mulher, a partir de seu tom acusador.

— O que... o que você quer dizer?

Manu me encara em seu modo profissional.

— Aquela mulher poderia ter tido o cuidado de questioná-lo, Max, antes de oferecer o produto à menina. É sabido que milhares de pessoas no mundo possuem algum tipo de restrição a esta proteína, ela deveria ter te perguntado.

— Ela não é médica, Manu... — paro por um instante, olhando em volta — Aliás, por que Gabrielle está lá fora, no corredor, e não aqui?

Percebo o momento em que sua expressão

vacila, seu olhar vai para Ana.

— Apenas familiares são permitidos nesta área, você sabe como funciona.

Mais esta agora.

— Ela é da família, Emanuelle — meu tom de voz baixo soa desnecessariamente duro.

Reprimo-me. Manu não tem culpa de nada disso, ela só está aqui tentando ajudar, fazendo o papel de médica e amiga que sempre foi.

Respiro fundo e suavizo.

— Eu não te disse antes, mas Gabrielle e eu estamos juntos, Manu — não sei exatamente o porquê, entretanto, tenho a sensação de que eu lhe devo uma explicação, somos amigos há muitos anos. Com tanta coisa acontecendo, eu nem pensei em lhe dizer nada.

— E-eu não sabia... — ela se desvia de mim, apanhando a prancheta com as informações clínicas de Ana, evitando me enfrentar.

Estamos todos sob muita tensão.

Toco no pé da minha filha, seus sinais vitais estabilizados, a respiração num ritmo regular. Bons

sinais.

— Quanto você administrou nela? —
pergunto em relação à quantidade de anestésico.

Manu retira a caneta do bolso da frente de seu jaleco, anota as informações do painel e volta a guardá-la.

— Ela acordará logo pela manhã, Max.

Ansiedade e apreensão são sentimentos ruins na posição de acompanhante de paciente. Se você também é médico, isto se transforma em seu pior pesadelo. Manu percebe o estado e alisa minhas costas, querendo me confortar.

— Vou deixar você sozinho com esta garotinha por alguns minutos, tenho de fazer a checagem nos pacientes. Estive aqui desde que ela chegou... — beija-me o rosto, gentil.

Agradeço honestamente o cuidado. Ela é uma boa amiga.

— Manu... — chamo baixo antes dela sair —
Eu preciso de um favor.

— Sim?

— Peça à Gabrielle que venha pra cá. Eu não

quero deixar Ana agora.

GABRIELLE

As horas não passam. Ninguém diz nada. Nenhum enfermeiro tem qualquer informação. Para todos que pergunto, recebo a resposta de que tenho de esperar a doutora Emanuelle, e a bendita mulher não volta nunca. Deus, isto é tão horrível. Este lugar, estas pessoas em seus trajes brancos assépticos circulando indiferentes, como se a dor alheia não significasse nada.

Me sinto um lixo.

Tudo o que eu faço é fechar os olhos e rezar para que a menininha esteja bem. Já fiz tantas promessas que nem sei se viverei o suficiente para cumpri-las.

A cada vez que ouço o barulho da porta sendo aberta no final do corredor, levanto meus olhos, na esperança de que alguém venha me dizer que a Matraquinha está no quarto, conversando, e

tudo isto foi apenas um grande susto.

Depois de não sei quanto tempo, finalmente, é Emanuelle quem retorna.

Levanto-me, fraca, ansiosa, com vertigem e calafrios por todo o corpo, e vou até a médica, cortando a distância entre nós.

— Como ela está? — pergunto antes de qualquer coisa.

A animosidade da mulher em relação a mim é notável, mas isto pouco me importa agora. Ela é a portadora da informação da qual necessito, independente de qualquer coisa.

— A paciente está em observação, Gabrielle — tão fria e sem emoções como todos os enfermeiros.

Envolvo meus braços em torno de mim, tentando segurar os tremores.

— Sim, mas o que isto significa? Ela vai ficar bem, não vai?

Os sinais em seu rosto são difíceis de ler. Mais ainda quando ela mal de olha de frente.

— Ouça, você deve estar cansada. Eu acho

melhor que vá para casa e aguarde notícias...

— Não! — corto a conversa fiada, impaciente — Claro que não farei isto! Eu vou ficar aqui, esperando uma notícia dela, esperando que Max chegue e...

Ela expira ruidosamente.

— Ele já está aqui, Gabrielle. Foi ele quem me pediu para te dizer que você já pode ir.

Max disse que já posso ir?

E-ele já chegou... e está me mandando ir embora?

Minhas pernas amolecem, preciso apoiar a mão contra a parede para não ceder. Sinto o gosto ácido do refluxo invadir a boca. Ele não me quer ao lado da menina. Max provavelmente está me odiando neste momento. Eu estou me odiando. Não posso nem culpá-lo.

— Só me diga que ela ficará bem... — murmuro, absorta no medo.

O olhar recebido dela não é nada otimista.

— Não há como afirmar isto agora...

Nem consigo fazer nada em minha defesa.

Derrotada, meneio a cabeça, aceitando dar a Max o tempo de que ele precisa. Arrasto-me de volta para o chão. Se ele não me quer lá agora, eu posso entender, mas não vou sair enquanto eu não souber que Ana está bem.

MAXIMILIANO

Observo minha filha, o semblante suave, as respirações tranquilas. A pequena vai ficar bem, eu sei que vai, e me agarro a isso. Estou ciente das consequências de perder a consciência por falta de oxigenação, mas tenho fé de que minha filha é forte e vai tirar isso de letra.

Ao lado de seu leito, avisto um pequeno objeto reluzente. Contorno a cama e me aproximo para pegá-lo. É uma pulseira infantil, réplica da que dei à Gabrielle. Por instinto, viro a peça em minha mão... e encontro as iniciais M, G e AC gravadas, interligadas.

Sinto o amor em cada contorno.

E me martirizo, imaginando o que Gabrielle pode ter passado estando sozinha com Ana e tendo de lidar com esta situação. As minhas duas mulheres precisavam de mim, e, como sempre, o destino me pôs longe.

Sua demora em vir ao quarto, não nego, é preocupante. O que poderia estar passando na cabeça dela? A verdade é que nenhum de nós está em seu melhor estado. Só vamos ficar bem no minuto em que Ana abrir os olhos.

A batida na porta de vidro me faz girar de imediato.

Não é Gabrielle.

É Emanuelle.

— Você falou com ela? — questiono, pouco omitindo a ansiedade.

A mulher amua diante de mim, complacente.

— Ela disse que está muito cansada, Max, achou melhor ir para casa, disse que depois vocês conversam.

Calado, fico à espera de algo a mais. Nada.

Pisco poucas vezes, não querendo demonstrar

em frente à Manu o quanto a informação me desaponta.

Eu preciso dela aqui comigo, talvez mais do que nunca...

Contudo, Gabrielle acabou de passar por um momento fodido sozinha. É compreensível que, agora que sabe que estou aqui, ela queira recuar, descansar talvez. Não que a compreensão acalme a sensação amontoando minhas entranhas, assolado por um pensamento rápido de que... não. Não acho que seja isso. A mulher é forte, ela não acuaria neste momento.

Seu sentimento por minha filha é real, tão tangível quanto a pulseira na palma da minha mão. Eu vi sua imagem lá fora. Ela estava tão desorientada quanto eu.

Este é um maldito dia ruim para nós dois. Pela manhã, tudo ficará bem. Sei que sim.

Eu quero e tenho de acreditar nisso.

Capítulo 33

MAXIMILIANO

Lutar contra a morte diariamente transforma a maneira como você enxerga a vida. Frágil, a uma linha fina de romper a qualquer minuto. Sangue, oxigênio, alimento, somos um grande sistema dependente de tantos fatores acontecendo simultaneamente, e que irremediavelmente foi criado com uma validade. Pode não ser hoje, ou amanhã, mas eventualmente acontecerá. Tudo está determinado a ter um fim, é uma ciência exata. Eu deveria acatar isto com naturalidade... mas quando este conhecimento também se aplica a alguém a quem se ama, você simplesmente não pode aceitar.

Quando o eixo central de seu universo se aproxima daquela linha, tudo o que você faz é

NACIONAIS - ACHERON

fechar os olhos e pedir, com toda a sua maldita força, para que o que quer que tenha criado a todos nós interceda e reverta a ordem natural da existência. É nesta hora que você se dá conta de que a ciência não é a responsável por mover o mundo, e sim a fé. O intervalo entre nascer e morrer, curto demais, está atrelado a uma decisão maior de um Ser superior. Tudo dependente de sua vontade.

Pela segunda vez, estou fechando meus olhos e pedindo a Ele que devolva minha filha para mim, assim como fez há alguns anos. Eu amo esta criança de uma maneira impensável. Eu daria minha vida por ela, se me fosse permitido.

Aliso seu rostinho sereno, deixando que minhas lágrimas escorram livremente.

— Fique bem, filha. Fique bem...

O som da porta sendo aberta me faz olhar, por reflexo.

— Oi... — a enfermeira da ronda retorna para as checagens.

Confiro o horário no relógio do monitor. Quatro e quinze da manhã. Estou tomado de tanta
NACIONAIS - ACHERON

consternação que mal consigo respirar. Tenho medo de quebrar a qualquer minuto e não estar aqui quando ela acordar.

— Oi, Elis...

Esfrego meus olhos.

— Vá tomar um café, doutor Maximiliano. Eu ficarei aqui por alguns minutos.

Minha mente reluta contra a ideia. Meu corpo, no entanto, pede que eu me aproxime de uma janela aberta e inspire profundamente, para afastar este marejo na boca do estômago. Tenho de estar forte por Ana.

— Eu vou... mas não demoro. Obrigado...

Ela sorri.

Beijo o topo da cabeça da pequena.

— Papai estará de volta em breve — murmuro.

Assim que saio do quarto, encosto minha testa contra a parede fria. Preciso ser forte, por minha filha, eu preciso. Não posso falhar com ela, não de novo.

Sinto uma mão apertar meu ombro, abro os

olhos e encaro, por sobre ele, Robson, o chefe da enfermagem.

— Ela vai ficar bem, Max...

É o que todos dizem.

Meneio a cabeça.

— Obrigado, cara.

Não espero por seu olhar de comiseração, recupero-me e sigo pelo corredor para fora desta ala. Necessito de ar. Necessito urgentemente de ar. É como se este lugar me impossibilitasse de respirar e...

Tenho de piscar algumas vezes para a imagem à frente.

Mas o que...?

Ela não tinha...?

Apresso meus passos para empurrar a porta e ter certeza de que não estou tendo um tipo de alucinação. Não. Não estou. É mesmo Gabrielle ali, no chão, pernas juntas, cabeça encostada contra a parede fria, pálida, encolhida, olheiras escuras circundando seus olhos fechados. Em seu corpo, o mesmo pijama fino.

Jesus Cristo, o que essa mulher está fazendo?

Sinto meus batimentos mais acelerados, numa mistura de emoção e incredulidade.

Ela nem percebe minha aproximação, até que paro diante dela. A visão, se ainda é possível, me trinca o peito. Um caminho de lágrimas marca suas bochechas. Assim de perto ela parece tão cansada, tão destruída.

Abaixo-me ante ela. E só então seus olhos avermelhados se abrem e me encontram. Leva alguns instantes para que ela processe minha presença e, quando o faz, mais lágrimas inundam seu belo rosto.

— Max... — a entonação de meu nome em seus lábios é sagrada, intensa.

— O que você faz aqui? — questiono com cuidado.

Suas íris perseguem as minhas. E percebo o momento em que algo em minha pergunta leva uma tristeza ainda mais forte ao seu semblante. Inerte, observo seu queixo tremer, assim como o lábio inferior. Há tanta dor nela que quase posso tocar. Sem me responder de imediato, ela apenas lambe

NACIONAIS - ACHERON

os lábios. Sua língua pega algumas das lágrimas e as leva para dentro da boca.

— E-eu sei que você não me quer aqui, mas eu precisava ficar. E-eu preciso saber dela... — a voz é assustadoramente baixa.

Mas de onde foi que ela tirou isso...?

Maldição.

Não espero uma explicação coerente para o que ela diz. Levanto-me de imediato, trazendo seu corpo comigo, pegando-a pelos braços. Eu preciso abraçar esta mulher. Ela também precisa de mim, eu posso ver. Em pé, seu rosto se esconde- no meu peito, num baque, e Gabrielle desaba num choro copioso. Tão dolorosamente triste que minhas próprias lágrimas caem com a mesma magnitude.

Aperto-a contra mim. Seu corpo está gelado, trêmulo.

— Eu preciso vê-la, Max... — a fala abafada pouco pode ser entendida.

Seus soluços, a maneira como seu corpo se move no ritmo do pranto tão profundo, me faz consciente de que ela está se quebrando. Beijo o

topo de seus cabelos loiros... e não me contenho, levanto-a em meus braços, como faria com uma criança. Ela não se opõe, encolhe-se contra mim e apenas chora.

— Você a verá — determino, embargado pela emoção.

Carrego-a pelo corredor em meu colo. Empurro a porta com o pé, passo novamente pela plantonista no balcão de recepção. Passo por Robson também e levo Gabrielle ao leito de Ana.

Quando Elis me vê entrar com a mulher, não diz nada, apenas acena e sai, silenciosa.

— Nós estamos aqui, Gabrielle, Ana está aqui — grunho com a boca colada em sua testa.

Os soluços viram tremores. Jesus, eu nunca pensei que a veria deste jeito. Um lado meu fissura, infeliz por sua dor; o outro, egoísta, respira com toda a capacidade do peito, insanamente aliviado por saber que ela a ama tanto assim.

Coloco-a com os pés no chão, sustentando seu corpo com minhas mãos coladas em seus quadris, de frente para a menina.

— Matraquinha... — ela segura as barras da cama.

Devo estar fantasiando coisas, mas tenho a sensação de assistir ao corpo de minha filha relaxar ao som da voz. De um modo inexplicável, inconscientemente, a menina reconhece a presença da mulher. Que tipo de ligação é esta que elas têm?

— Ela está anestesiada, Gabrielle, mas vai ficar bem — pego-me desejando acalmá-la, mesmo que eu nem saiba se isto é verdade.

Gabrielle não se move.

Tenho a sensação de poder ouvir seu coração barulhento.

E então, lentamente, ela se gira para me enfrentar... e, por Deus, o que vejo em seu rosto me faz abandonar meu toque nela. Uma mistura profunda de culpa e derrota, tão excruciante que, de alguma forma, sei que não vou gostar do que quer que ela tenha a dizer.

— A culpa é minha, Max, e eu te entendo por não me querer aqui.

Num gesto involuntário, inclino minha

cabeça meio de lado, observando com mais atenção cada pequena parte de sua face, tentando entender o que enxergo em seus olhos.

— Você não tem culpa de nada... e não há outra pessoa que eu queira aqui neste momento que não seja você — afirmo sem muita gentileza, amedrontado pelo que captei nas palavras não ditas.

O vazio que encontro nela, não sei, é como enxergar uma barreira sendo montada, tijolo a tijolo. Mas não espero para ter certeza. Apanho sua mão, puxo a mulher para a poltrona próxima à cama e me sento, trazendo-a para o meu colo.

Não dizemos nada por alguns minutos. Tudo o que eu preciso é senti-la comigo.

— Eu te amo... — sinto a necessidade de reforçar.

Seu corpo retesa, dando sinal de que ela está chorando.

— Se você tivesse ido para casa, eu entenderia. Você tem de descansar, se aquecer, está gelada, e eu sei que não foi fácil passar por isso sozinha... — continuo a falar — Mas eu sou egoísta demais e te quero aqui comigo, Gabrielle.

NACIONAIS - ACHERON

Eu preciso de você aqui.

Sua resposta é pousar a testa em meu ombro e permanecer ali. Não faço ideia do que esteja passando em sua mente agora, no entanto, o fato de estarmos aqui, juntos, me fortalece. Ela desistiu de ir embora. Gabrielle quis ficar.

Afago suas costas por um longo tempo, satisfeito por seu corpo já estar mais aquecido, apesar de eu nem mesmo sentir o meu desde que recebi a notícia.



O dia lá fora começa a raiar timidamente através da persiana. Descanso a nuca contra o apoio da poltrona e fecho os olhos brevemente. Isso tudo vai passar. Eu só preciso acreditar que sim.

De repente, um gemidinho fraco atravessa o silêncio do quarto. Este som... ah, este som. Ele tem a capacidade de energizar todas as células do meu corpo. Antes que eu mesmo possa me mover, Gabrielle está saltando do meu colo. Me enganei ao acreditar que ela estivesse cochilando.

— Ana... — sua voz baixa, rouca, chega primeiro à menina.

Num instante estamos em pé, rodeando a cama.

Minha filha estica a perninha, se espreguiçando, sem ainda abrir os olhos. Assisto quando ela se dá conta de que há algo em seu rosto e nariz. Ciente do que está por vir, seguro suavemente sua mão, impedindo-a de remover o respirador.

Ela resmunga.

Subo meu olhar para Gabrielle, que praticamente não respira, atenta a tudo, e volto para a criança. Neste instante, o mundo simplesmente paralisa numa expectativa dilacerante, preso entre o céu e o inferno.

Ana abre seus olhos... e não faz nada.

Meu peito eclode em bumbos surdos. Os joelhos se sustentam por muito pouco. Minha alma é arremessada a um segundo plano, esperando enquanto a vida, ou Deus, escolhe nosso destino.

Ela pisca, assimilando o ambiente.

— Papai... — murmura através da máscara. Seus olhinhos sorriem pra mim, confusos. A

pequena mão segura meu dedo polegar entre seus dedinhos.

Um gemido estrangulado (que não sei bem se sai de mim ou da mulher em pé à minha frente) é o suficiente para que ambos derramemos nossas lágrimas sem restrições. Gabrielle tapa a boca com as mãos, e tudo o que se pode ver é o rio que deságua de seus olhos.

— Gabrielle...? — minha filha sussurra, assustada.

— Eu estou aqui, princesa, eu estou aqui...
— aproxima-se mais um passo e toma a mão de Ana. Seu sorriso se mistura às lágrimas.

A cena colocaria o mais forte dos homens de joelhos.



Saio para chamar Elis. Ela vem, confere a pequena, que corresponde bem, e avisa que chamará a médica responsável. Não demora, Emanuelle entra no quarto. Eu não tinha certeza se ela ainda estaria aqui, pois não voltou mais durante a noite.

Seu olhar vem para mim, e então para Ana.

— Veja se não é a garotinha da tia Manu — brinca com minha filha, que sorri por baixo do respirador — Gabrielle, será que você pode nos dar licença? — diz, retirando o estetoscópio do pescoço e o ajeitando na posição de uso, sem olhar para minha mulher.

— Ela vai ficar, Emanuelle... — estou dizendo antes mesmo que Gabrielle possa abrir a boca.

Manu mantém sua atenção no que está fazendo. Percebo a rigidez em suas costas. Que diabos está havendo com ela?

— Apenas um familiar, Max — avise-me do maldito protocolo.

— Está tudo bem — Gabrielle recua, montando um sorriso fraco em seus lábios — E-eu preciso mesmo usar o banheiro.

Pego em sua mão, num aperto delicado antes dela sair.

— Eu volto logo — sibila para mim, transmitindo a mensagem de que ela está nesta

comigo.

GABRIELLE

Tremendo, depois de despejar no vaso sanitário o restante do conteúdo de meu estômago, dou a descarga e saio do banheiro. Na pia, diante do espelho, observo minha imagem. Estou uma bagunça, feia, pálida, abatida, mas muito pior do que isso é como eu me sinto internamente. Refleti muito enquanto aguardava notícias da menina. Eu não tinha como saber da alergia... Todavia, poderia ter acontecido qualquer outra coisa com ela estando comigo. E isto me fez ciente de que não tenho emocional para reviver aquele pesadelo. Pensei que, depois de tantos anos, eu havia me tornado uma mulher forte, capaz de lidar com qualquer coisa que a vida mandasse. Não é verdade.

Não sou forte quando o bem-estar de uma criança está em jogo.

Ligo a torneira, coloco minhas mãos em

concha embaixo da água corrente e lavo meu rosto diversas vezes, sentindo o contato frio do líquido contra minha pele. Lágrimas ainda insistem em cair.

O barulho de passos entrando no banheiro não me impede de continuar o movimento. Só paro quando sinto alguém ao meu lado.

— Aí está você... — Emanuelle diz com o desdém que ela nem quer esconder.

Inspiro profundamente, olhando-a pelo espelho.

— Como Ana está? — ignoro seu comportamento. Meu orgulho não vale de nada agora.

— Você tinha mesmo de ficar, não é, Gabrielle?

A sua atitude me cansa e frustra, este não é o momento para ela agir assim comigo.

— Olhe, Emanuelle, eu sei a merda que havia entre você e Max, mas isto não me importa agora. Ana está acima de qualquer coisa, então guarde sua opinião sobre mim e... — semicerro meus olhos,

processando o que ela disse — Espere... Ele não me mandou ir pra casa, foi você... — não é uma pergunta.

Sou mesmo uma estúpida. É óbvio que foi isso.

A infeliz não nega, sinto meu sangue esquentar. Toda a agonia de apenas me sentar lá e esperar por uma migalha de informação, todos os pensamentos horríveis que passaram por minha cabeça com as possibilidades do que poderia estar havendo com Ana, a certeza de Max me afastando, e essa mulher o tempo todo me excluindo de propósito? Pelo quê? Prazer? Despeito feminino?

— Como você pôde? — viro-me de frente para ela — Como você teve coragem de ver meu estado e mentir, me fazer esperar por notícias de propósito? — não posso acreditar em alguém assim. Olho-a por inteiro — Você é uma médica, droga, qual é o seu problema?

— Eu só estou protegendo a Ana! Você não faz bem para eles! Não entende?

Dou um passo atrás, atingida em cheio.

— O quê? O que você está falando?

Emanuelle se ajeita, tirando os cabelos de frente do rosto, que se soltaram do coque preso. Olhos escurecidos me fitam venenosamente.

— Você é uma distração para ele, Gabrielle, como Francine também era. Ele não te contou da alergia da menina, Max se esqueceu disso, por sua causa. Eu o conheço há muito tempo para te dizer que você não fará bem a eles — sua frieza pouco me assusta, mas o que diz me perturba pra valer.

Sacudo a cabeça, negando-me a acreditar nos meus ouvidos.

— Que tipo de amiga é você? Max é o melhor pai do mundo, você não sabe o que está dizendo...

— Ele é. E é por isto que o melhor é você se afastar deles — sem tirar os olhos de mim, ela se abaixa e pega os objetos que caíram do bolso do jaleco — Você está nervosa agora, Gabrielle, mas se parar para pensar, verá que tenho razão. Ana já sofreu demais.

Se eu não tivesse vomitado tudo o que tinha, teria feito agora.

— Você é uma cobra, Emanuelle...

Eu poderia enfiar a cabeça dela contra o espelho, descontar nela todo o turbilhão me agoniando... Em vez disto, eu apenas saio deste lugar claustrofóbico. Estou ficando sem ar...

Desnorteada, abro a porta que dá para a escadaria dos funcionários e me sento no degrau por alguns instantes. Estou enjoada, dormente, com a sensação de ainda estar presa dentro de um sonho ruim.

Debruço a cabeça entre os joelhos.

Emanuelle talvez não saiba, mas sua façanha teve um efeito maior do que ela imagina. Descobri que a espera por notícia tem o poder de te ferir um pouco mais a cada minuto. Enquanto eu estava naquele corredor, aguardando informações, os piores pensamentos me assolaram... Ana poderia ter morrido em minhas mãos. Por muito pouco isto não aconteceu. Comparar esta situação com o passado é inevitável. Só me deu uma certeza: eu não suportaria passar por aquilo tudo outra vez. Perder minha filha já foi demais.

Talvez esta cobra tenha razão sobre eu ter de me afastar. Ela só usou o argumento errado, não é

PERIGOSAS

Max que não pode cuidar de Ana. Sou eu.

A Matraquinha é importante demais pra mim... e eu não sou capaz de cuidar dela.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 34

MAXIMILIANO

Ana esteve internada por três dias, para que mais exames fossem feitos e todas as suspeitas de qualquer dano tivessem sido aniquiladas. Minha pequena está bem agora. Novos testes de alergia lhe foram aplicados, evitando que algo similar volte a acontecer no futuro. A pequena lidou muito bem com tudo isso. Aliás, minha filha gosta da atenção. E eu gosto que ela esteja bem, devolve o ar aos meus pulmões.

Por outro lado, Gabrielle parece estar construindo uma linha muito evidente entre nós. Sinto que a mulher está um pouco mais afastada de mim em toda oportunidade – não de forma física, até porque, nesses três dias, ela esteve com Ana no NACIONALIS - ACHERON

hospital quase que em tempo integral. É mais sobre o que eu sinto nela. Seu comportamento distante não deveria ser motivo de preocupação para mim, passamos por momentos de muita tensão com essa situação toda. O afastamento é aceitável... É disso que tento me convencer enquanto finjo não notar que até mesmo seus beijos se tornaram superficiais.

Esta tarde, minha filha finalmente voltou para casa. Gabrielle ficou com ela aqui quando precisei sair para ir à maldita reunião com o advogado de Francine. Não contei à mulher sobre o pedido de minha ex; gostaria de compartilhar, mas, maldição, mal sei em que pé estão as coisas entre nós.

Retornei há alguns minutos, mas ainda não me fiz ser notado. Massageio discretamente a têmpora, desejando afugentar a dor de cabeça constante que me acompanha desde a noite em que recebi a notícia sobre a pequena ter sido hospitalizada. Estou numa desordem, tentando duramente não demonstrar nada a nenhuma delas.

Recostado contra a parede, observo Gabrielle cobrir minha filha, que ainda resiste bravamente ao sono, resmungando algumas coisas em meio ao

bocejo. As piscadas pesadas avisam que a batalha está quase perdida para ela.

— Nós podemos fazer um para tia Eva também, Gabrielle... — a criança sugere, sonolenta.

— Sim, você tem razão. Agora durma um pouquinho, amanhã teremos muito tempo para isto, princesa.

Assim que a última gota de resistência é derrubada e Ana adormece, Gabrielle lhe beija o topo da cabeça. E então, ao se girar, límpido como água, percebo o desconforto dela por ter de me enfrentar sozinha, sem minha filha como pretexto para me evitar.

— Bem... — diz em voz baixa, alisando as mãos nas laterais das pernas — Eu acho que vou indo também...

Não me movo. Não consigo.

— Fique... — meu pedido é feito de forma grave, abafada.

De cabeça baixa, ela nega.

— Eu preciso mesmo ir, Max... Tenho

trabalho a fazer...

Uma ova que tem.

Quero dizer isto a ela, sacudi-la e obrigá-la a me contar o que está havendo.

Parecendo prever minha intenção de confrontá-la, ela se dirige à porta do quarto, como se qualquer coisa que eu tenha a falar não tivesse importância.

Ao passar por mim, seu perfume suave entra em meu sistema como uma injeção de adrenalina. Jesus, eu sinto tanta saudade desta mulher, tanta vontade de envolvê-la num abraço, mergulhar meu nariz em sua pele quente e simplesmente respirar...

O conhecimento desta necessidade é uma pancada. Estou me tornando dependente do nosso contato. Nunca estive por nenhuma outra e sei que este é possivelmente um grande erro.

Aperto meus olhos por um ligeiro instante.

— Espere... — exijo, baixo, forçadamente sob controle, antes que ela tenha a oportunidade de se afastar — Eu vou te levar até a porta.

Um meneio de cabeça, em acordo, é sua

resposta.

Impossibilitando, assisto aos meus temores se concretizando. Os olhos tão incrivelmente exóticos, os quais não saíram mais da minha mente desde que os vi pela primeira vez, hoje me evitam. Vão para qualquer lugar, menos para mim.

Tento não demonstrar o quanto me machuca esta sua forma de agir. Não posso e não quero permitir o que prevejo acontecer. Infelizmente, sei bem como sua mente está trabalhando agora. Os sinais estão todos aqui. Eu aprendi a ler a mulher. Mesmo que ela não esteja se afastando de nós neste segundo, sinto que este é seu objetivo, no fim das contas. Pode não ser hoje, nem nesta semana ou mês, mas ela inevitavelmente pretende nos deixar.

Cerro meus punhos ao caminhar atrás dela, não sabendo como digerir tudo isso. Tenho vontade de empurrá-la contra a parede, me apossar de seus lábios até que qualquer ideia errada seja apenas um borrão em seus pensamentos.

Ela segura o trinco da porta, os ombros tensos em minha presença. Que situação de merda.

Minha mandíbula se aperta, sobrecarregando

NACIONAIS - ACHERON

os dentes com a pressão.

E não espero que mais um tijolo seja levantado entre nós. Apanho seu pulso, impedindo-a, e a trago para mim. A intensidade da química correndo sobre nossas peles ela jamais pode negar, mesmo que sua cabeça tente dizer o contrário.

Os olhos se arregalam de imediato, embora ainda me evitem.

— O que está havendo? — joga logo toda a besteira fora.

— E-eu preciso ir, Max... — murmura.

— Olhe para mim.

Ela não o faz.

— Porra, Gabrielle, olhe para mim.

Relutante, observo a íris vacilar e então focar no meu rosto. Inferno, há tanta coisa ali...

— Por que você está se afastando de mim?

— Eu estou cansada, Max, preciso de um banho, dormir um pouco.

— Você pode fazer tudo isto aqui, comigo, como sempre fizemos.

— Não... — responde de imediato — Não
NACIONAIS - ACHERON

esta noite.

Estreito meus olhos sobre ela, buscando uma resposta em tudo isso.

— Vamos, fale comigo — baixo minha fala para um sussurro — Diga o que está te incomodando... — sem poder evitar, aliso sua bochecha com os nós dos dedos da mão livre.

Ela fecha os olhos, absorvendo o contato. O vinco enrugando sua testa dá a impressão de que a atitude é também dolorosa pra ela.

— Eu não posso mais continuar...

Leio isto em seus lábios. Não preciso de uma explicação maior para compreender. E dói pra caralho.

— Com o quê? — insisto em ouvir as palavras.

Gabrielle abre os olhos, e neles eu vejo que a decisão já está tomada. É exatamente como penso que é.

— Com a gente... — murmura.

Solto meu toque em seu pulso, o contato, de repente, queima de maneira assustadora.

— Por quê? — rosno — Por que isto agora?

Ela suspira.

— Olhe, eu tentei... Eu estou tentando, Max, mas...

— Mas...?

Vendo que ela não pretende elaborar a explicação, não me contenho.

— Eu não sou uma brincadeira de casinha, Gabrielle, que você pode simplesmente interrompe. Nós temos sentimentos por você. Eu te amo, minha filha te ama... — deslizo os dedos pelo meu cabelo, buscando por serenidade para não descontar nela a frustração crescendo com tanto poder aqui dentro, me fazendo fodido. Encaro-a. Encaro de verdade, extraíndo tudo o que posso para tentar compreender — Isto te assusta, não é? A responsabilidade de uma criança. É disto que você tem medo — e não estou perguntando.

Seu rosto perde a cor. Covardemente, ela amue.

— Eu tenho mesmo de ir, Max...

Por um segundo realmente não sei como agir.

Impossibilitado, estou vendo algo muito precioso se esvair por meus dedos e pouco posso fazer. Sua vulnerabilidade me atinge com força. Puxo seu corpo contra o meu e lhe dou um abraço. Arrasto meus lábios por sua testa e pressiono ali, como uma mensagem de que eu estou aqui, de que, porra, eu a amo.

Ela não me afasta, tampouco corresponde... não precisa de mais explicação para saber que sua decisão já está tomada.

Capítulo 35

GABRIELLE

Chego ao meu apartamento junto com a claridade da alvorada. Outra vez. O latejo na cabeça e dormência nas juntas são apenas indícios de que passei mais uma noite em claro. Isso acontece há exatos seis dias. Seis dias sem Max. A definição de minha última semana se resume a viver no piloto automático, evitar encontrá-lo, e sofrer com isto.

No trabalho, o ambiente está se tornando insustentável. Ernesto, o imbecil, precisa apresentar uma nova coleção a um grande cliente, e ontem reclamou de minha pouca contribuição nas reuniões de criação... “Me preocupa este seu estado ausente”, foi o que ele disse. Tive vontade de rir de

NACIONAIS - ACHERON

quão patético ele é, agindo com superioridade o tempo todo quando é dependente do que eu faço, como se sua própria capacidade de criar não existisse. Estou por muito pouco de mandar tudo pelos ares. A LeCher era um sonho, mas hoje já não sinto a mesma emoção em estar lá.

Diante da pia do banheiro (ainda enrolada na toalha, depois de um banho escaldante como autopunição), jogo água fria no rosto para tentar enfrentar o dia e... paro, observando meu reflexo no espelho parcialmente embaçado. Cansada, pálida, sem vida, olhos avermelhados. Esta sou eu. E não encontro ânimo para fingir estar melhor.

Visto-me sem muita expectativa. Nada de maquiagem também.

E (assim como tenho feito na última semana, desde que Ana teve alta no hospital e voltou pra casa), antes de sair, ligo para Serafim, na portaria, querendo saber se Max já foi trabalhar. Tão somente depois da confirmação de sua saída é que faço o de sempre: à surdina, passo no apartamento dele para ficar alguns minutos com a Matraquinha.

Evitá-lo é tudo o que tenho feito. Estou agindo

como uma covarde com esse homem, porque, honestamente, não tenho forças para terminar tudo frente a frente. Ao invés disto, optei por desligar meu telefone e dormir todos esses dias no apartamento de Peter, vindo pra cá somente de manhã, logo que o dia clareia... não para me vestir, mas para passar alguns minutos com sua filha, desfazendo nossos laços pouco a pouco, sem que ela sinta o baque ou sofra com isso... ao contrário de mim.

No fundo, é melhor assim. O melhor que eu faço para todos é me afastar.

Quando contei ao meu irmão o que houve, não precisei explicar muito, Peter compreendeu meu estado. Abraçada a ele, chorei por horas, como a mesma mulher que fui um dia. Sempre que fecho os olhos, a imagem de Ana se mistura com a de Clara, ambas desfalecidas em meus braços. Acho que só quem já passou por algo assim pode entender o medo, medo não, o pânico, a impossibilidade, a angústia...

Diante da porta deles, sorvo uma respiração profunda e dou duas batidas de leve. Mari está de

volta para cuidar de Ana. É ela quem atende, e não a Matraquinha. A mulher me lança um olhar benevolente, parecendo saber o caos em que me encontro.

— Bom dia, Mari...

— Bom dia, Gabrielle — diz, afastando-se para o lado, a fim de que eu entre.

Ao colocar os pés para dentro, me surpreendo ao encontrar Ana no telefone. Enquanto conversa com quem quer que seja, ela parece, não sei, tímida, arranhando seu pezinho no tapete, ombros encolhidos.

Percebendo que estou observando, Marieta explica atrás de mim.

— Um coleguinha da escola, Gabriel, pediu que a mãe ligasse para ele conversar com a Ana. O garoto estranhou a ausência dela e se preocupou... — percebo o contentamento embargado de Mari — Acho que ela está fazendo um amigo.

Deus, que notícia maravilhosa!

— Tá bom, Gabriel — a Matraquinha resmunga parecendo entediada, apesar de suas

bochechas corarem lindamente — Meu papai disse que vou voltar na semana que vem... Mas eu não sei se vou estar boa até lá.

Quero rir da maneira como ela soa pouco animada em retornar à escola e nem faz questão de esconder. A cobra Emanuelle deu à menina um atestado médico de uma semana, pense se essa não foi a melhor coisa que a espertinha poderia desejar.

Sem evitar, enrugo os lábios, enjoada com a lembrança daquela médica mal caráter e do amor platônico que ela não disfarça sentir por Max. Ele merece mais do que alguém traiçoeiro como aquela mulher. Droga, a ideia dele com ela, ou qualquer outra, dói como um chute na boca do estômago, daqueles certos.

Afasto o pensamento e me concentro no diálogo curto entre eles. Ana agora tem um amiguinho, talvez o seu primeiro, e é um grande começo. Assim que desliga, não perco o sorrisinho que a danadinha exprime.

Seu queixo se eleva do chão para me encontrar alguns poucos passos longe dela.

— Gabrielle! — praticamente grita, surpresa,
NACIONAIS - ACHERON

vibrante — Nós vamos passar o dia juntas? —
questiona, direta, esquecendo-se da ligação.

Essa sua pergunta é recorrente, na verdade.

— Hum, hoje não, princesa. Tenho de ir para o trabalho.

Assisto-a murchar, dramática.

— Eu queria ir trabalhar com você, fazer vestidos, depois podíamos passear no shopping...
— seus planos parecem estar bem elaborados nas pontas de seus dedinhos.

Abaixo-me para ela.

— Eu adoraria poder te levar, Ana, mas meu trabalho está muito chato ultimamente. Tenho um chefe que não me deixa fazer vestidos, ele só quer que eu fique conversando com um monte de gente chata... Prometo que nós vamos fazer outro vestido para você assim que eu puder, ok?

Sem me surpreender, ela alisa meu rosto com sua mão quentinha e sorri, parecendo ter pena de mim pelo meu dia que será um saco. O brilho reverenciador e cheio de afeto em seus olhos é algo de que nunca vou me esquecer... Sentirei muito a

sua falta. Muito mesmo.

MAXIMILIANO

Observo a tela do celular por mais alguns minutos. Nenhuma novidade. O telefone dela está desligado, como tem acontecido na última semana. Durante todas as noites entrei em seu apartamento, com a chave que ela mesma me deu, e o encontrei vazio. Eu só sei que ela está bem (e tem me ignorado deliberadamente) porque Mari me conta de suas visitas à minha casa, quando não estou. A mulher é uma maldita piada. Me evita completamente, mas ainda assim não consegue se afastar da minha filha? Que lógica é esta em sua mente?

Miséria, se ela soubesse o que isso tem feito comigo...

Estou uma pilha de tensão, odiando Gabrielle por ser tão covarde e, sobretudo, querendo que ela recupere o juízo e volte a ser o que era.

No alto-falante do batalhão, um chamado de emergência me faz jogar o aparelho dentro do armário, bater a porta com força desnecessária e ir para a ambulância. Diana precisou sair, quem está hoje comigo é JP. E o fodido, farejando meu estado, me enche de perguntas. Mesmo enquanto dirige, não para de especular.

— Ah, qual é? Fale de uma vez, o que tá pegando?

— Eu já disse que nada... — avalio os detalhes do chamado, ignorando-o.

Sem sucesso. De todos os dias, Diana tinha de ir resolver assuntos justamente neste?

— Cara, eu não te via com esse mau humor desde... — para de falar, parecendo puxar em sua memória — Oh, irmão, eu não me lembro de te ver com essa cara de merda em muito tempo.

Não digo nada.

Ele se cala também... por meros dez segundos.

— Porra, não me diga que Francine...? — sua fala então ganha seriedade — A cadela não

desistiu da ideia de obter a guarda — já não é uma pergunta.

Esse é outro problema que não me deixa respirar em paz.

Aperto a base de meus olhos fechados por um instante, cansado pra caralho disso tudo.

— O advogado dela está pedindo pensão integral e guarda compartilhada. Quinze dias de cada mês... esta semana, aquele desgraçado entrou com alguma medida de merda alegando que não sou capaz de cuidar da minha filha porque moro sozinho e trabalho demais. Dá pra acreditar nessa mulher?

Sacudo a cabeça rejeitando iminentemente a mais remota possibilidade de minha pequena conviver com aqueles dois.

— Foda-se, Jota, minha vontade é de esganar aquela mulher e matar o maconheiro que ela chama de marido.

JP emite um grunhido de desgosto.

— Quem diria que ela se transformaria numa cadela...

Encaro seu perfil, dizendo com toda honestidade:

— Eu não vou permitir que minha filha passe um único dia sob os cuidados dela. Nem que eu tenha de fazer uma besteira, cara.

— Conte comigo... — é tudo o que ele responde.

Pego o rádio para obter maiores informações sobre o chamado. A priori, trata-se de queda doméstica; a vítima, uma criança da idade de Ana Carolina.

Ao nos aproximarmos do endereço, num tempo de sete minutos de deslocamento do batalhão, avisto uma mulher nos esperando em frente à residência. Seus braços envolvem o próprio corpo, assustada.

— Boa noite, senhora, eu me chamo Jota, sou médico e estou aqui para ajudar. Onde está a criança?

— L-lá dentro... — chia, na defensiva.

Não gosto do que pego em seu semblante. Culpa. Muito evidente.

Passo por ela para entrar na pequena casa de dois andares. A criança, um garoto franzino, está sentando no chão, ao pé da escada, as costas escoradas contra a parede, amolecido. Apesar de ter a mesma idade de minha filha, a aparência é de ser mais novo, mais debilitado.

De olhos fechados, encontra-se num estado de meia consciência, agonia, eu diria.

— Como aconteceu? — questiono, neutro, correndo um olhar superficial sobre ele.

— Ele caiu... da escada — a mãe apressa-se em afirmar o tipo de queda, apontando para os lances ao lado dele.

Meus músculos tensionam ante a mentira deslavada. A criança tem hematomas por todo o rosto, braços e pernas que não condizem com uma queda, mas sim violência doméstica das piores.

Abaixo-me ao chão, abro a mochila e pego o par de luvas.

— E aí, amigão? — visto as luvas e afago suavemente sua cabeça — Eu me chamo Max, estou aqui para te ajudar. Você pode me dizer seu nome? — aplico gentileza ao meu tom, da forma

NACIONAIS - ACHERON

que eu falaria com minha filha, querendo testar seu nível de consciência.

Olhos amendoados se abrem, em meio ao inchaço, como resposta.

— Mostre pra mim onde dói, você consegue fazer isto?

— Aqui... — fraco, ele toca a barriga.

Cuidadosamente, levanto a camiseta fina e encontro um hematoma que cobre metade do local. Um mau sinal de, talvez, hemorragia interna.

Maldição.

JP também se dá conta. Com a habitual destreza, aloca a maca ao lado dele e agiliza os procedimentos, estabilizando a criança deitada, realizando checagens em sua visão, pulsação, temperatura... Mas eu já não me concentro mais neles.

No segundo seguinte, não consigo nem sequer pensar com clareza. Tudo acontece muito rápido e, quando dou por mim, estou encurralando a mãe do garoto.

— Diga-me se foi você que fez isto com ele

— exijo.

Ela treme, gagueja, chora.

Não cedo... e necessito cruzar meus braços, para um completo controle de minhas mãos.

— Responda, senhora, você bateu neste garoto?

Algo no meu tom a faz arregalar os olhos e direcioná-los ligeiramente para um homem sentado numa poltrona mais distante, que só então me dou conta de que estava ali. O sujeito grande, olhos ameaçadores e expressão orgulhosa é a resposta.

— Foi ele? — grunho.

— Mo-moço... — implora.

— Foi. Ele?

Um movimento fraco de sua cabeça, talvez de medo dele ou de mim, é o que eu precisava para me lançar contra o cara e pegá-lo pelo colarinho da camisa encardida. O imbecil ameaça me atingir com uma cabeçada, e já não me controlo mais. Soco-o tanto e com tanta força que tudo o que vejo é o vermelho-vivo, em flashes. A cada golpe, não consigo parar, pensando em como poderia ser

minha filha aqui no lugar deste menino, vivendo sob o mesmo teto daquele maconheiro do caralho. Francine não sabe cuidar nem dela mesmo e não fará isso por minha filha. Golpeio-o mais e mais, enxergando negro.

— Pare, Max! Porra! — JP tenta me afastar — Você vai matar o cara!

Ele deveria morrer. Ele espancou uma criança sem nenhuma piedade, este covarde desgraçado!

— O garoto precisa da gente, cara!

E só então, com esta frase, consigo recuperar o mínimo de razão e soltá-lo, saindo de cima do sujeito, deixando-o no chão, gemendo em seu sangue. O rosto desfigurado.

— Vamos, cara. Vamos cuidar desta criança... — JP me puxa pelo ombro.

Respiro fundo, drenando um pouco da fúria, meu corpo treme violentamente. Viro-me para a criança e encontro o olhar dele em mim. Mesmo todo quebrado, sustenta... admiração.

— Ele nunca mais vai fazer isto com você,

amigão, eu prometo... — murmuro para a criança.

Dentro do veículo, passo um rádio pedindo outra ambulância ao local. Aquele saco de merda precisa ser socorrido, apesar de tudo. E depois assumir as consequências de agredir covardemente o garoto. Pretendo acionar a polícia e conselho tutelar do hospital tão logo chegemos lá. Vou me certificar pessoalmente de que o infeliz não seja capaz de tocar num só fio de cabelo da criança, nunca mais.

GABRIELLE

Já é noite quando volto ao meu apartamento, depois de um dia porcaria no trabalho. Peter veio comigo apanhar algumas roupas. Passarei o fim de semana em sua casa.

Apesar de meu irmão alegar não querer se intrometer (tive de revirar os olhos com a frase), durante todo o trajeto até aqui, fez questão de emitir sua opinião sobre o quanto a decisão de me

afastar de Max é errada. Homens parecem fazer parte de algum tipo de clube da cumplicidade, onde um se compadece do outro. Acho isso admirável, de verdade, se já não fosse o suficiente minha própria consciência...

No elevador, prestes a correr o risco de rever meu vizinho, acho que minha tensão se torna mais explícita.

— Você sente falta dele, não é? — Peter questiona, tranquilo, sem tirar os olhos do marcador de andares, as mãos pousadas descontraidamente nos bolsos da calça.

Encaro o chão.

— Todos os dias... — e dói pra caramba.

Assim que paramos no meu andar, fecho os olhos e faço uma prece silenciosa, pedindo — pedindo não, implorando — para que eu não o encontre no caminho até minha porta...

E os céus não me escutam, muito pelo contrário.

Eis que Ana e Max estão, neste exato minuto, do lado de fora de seu apartamento, não sei bem se

entrando ou saindo.

Peter pega minha mão num aperto discreto, me dizendo sem palavras, de seu próprio modo, que tudo vai ficar bem. O elevador, delator de uma fuga, soa um barulho alto, expulsando-nos de dentro. Lentamente, como numa daquelas cenas paralisantes de filme, Max gira seu rosto em minha direção... e nossos olhares se cruzam.

Se cruzam e se conectam.

Nesta fração de segundos, aproveito para observar tudo e cada detalhe de seu rosto. Mesmo à distância, faço um escâner por ele. Mais magro, barba por fazer, o cansaço aparente evidenciado pelas marcas destacadas em sua testa... e um olhar selvagem, preenchido com saudade, decepção, e, quando as chamas acinzentadas caem para minha mão atrelada à de meu irmão, a condenação também o colore. Condenação e raiva. Sinto-o em meus ossos.

É como se meses tivessem passado, e não dias. Minhas pernas fraquejam, a boca seca, a respiração falha, o coração acelera, os olhos ardem. Resumidamente, meu corpo entra em colapso.

NACIONAIS - ACHERON

Solto a mão de Peter.

Um pé à frente do outro, calculadamente, num esforço excepcional, vou caminhando até eles.

— Gabrielle! — a Matraquinha diz, animada como sempre, parecendo não ter me visto há muito tempo.

Amo tanto isso nela.

Sorrio com dificuldade, os olhos fixos na menina.

— Oi, Ana... — minha voz soa miserável até mesmo para os meus ouvidos.

— Peter! — ela exclama, vibrante.

Meu irmão, bem-humorado, se aproxima dela sem timidez, alheio à maneira furiosa como o pai da menina nos encara.

— Você disse que amendoim era bom para os meninos, mas não é bom para as meninas — ela lhe conta fatidicamente.

A fala inocente faz com que um profundo e estranho grunhido ecoe do peito de Max. Algo como um rosnado, irado. Não precisa ser muito inteligente para saber que o pai da menina está

fazendo uma ideia errada sobre mim e Peter. E, para acrescentar lenha à já ardente fogueira, há esta informação em sua cabeça sobre a relação de amendoim e o efeito que causa no sexo masculino.

A culpa me bate ainda mais forte.

Já não consigo prestar mais atenção no que meu irmão diz à menina. Em vez disso, corajosa, subo meus olhos para ele e...

E petrifico com a força deste homem sobre mim, fulminando-me como se eu fosse a pessoa mais horrível que já pisou nesta terra.

Em busca de familiar segurança, aperto a pulseira (que não tive coragem de tirar) em meu braço.

Esvaio o peito.

— Ele é meu irmão... — murmuro, devendo-lhe uma explicação.

A surpresa e alívio em seu rosto terminam de quebrar meu coração...

O que estou fazendo com a gente?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 36

GABRIELLE

Encerro a chamada no telefone da LeCher e o pouso sobre a base. Era Alice. Ela disse que ligou muitas vezes ao meu celular (desligado). Eu não contei a ela que o mantive assim intencionalmente. Minha cunhada faria perguntas, às quais não quero responder. Não agora. Acordei com outra daquelas enxaquecas que praticamente me inutilizam para o dia. Está sendo assim a semana toda.

Encaro os esboços abstratos do que estou tentando criar, estendidos em minha frente num amontoado de papéis. Não consigo fazer sair qualquer coisa aproveitável. Há dias venho tendo uma porcaria de bloqueio criativo. Tenho prazo para entregar este projeto e simplesmente não

NACIONAIS - ACHERON

consigo.

Solto o lápis e fecho os olhos por alguns instantes, açoitada pela lembrança de como foi encontrar Max ontem à noite. Sua reação quando soube que Peter é meu irmão me despedaçou, ainda mais, se é possível. Pude ver em primeira mão seu alívio embrenhado à irritação, mal identificando qual predominava.

Tão perto como estávamos, pude inalar seu perfume e deixá-lo entrar por meu organismo, acalentando-me como um tipo de droga calmante, em contraste às batidas descompassadas do meu peito. Este é o poder que aquele homem tem sobre mim, de maneira que nenhum outro jamais teve.

Aperto a ponta do nariz, relembrando as palavras ditas na conversa mais curta e sem sentido que já tivemos.

— Qual é o seu problema? Por que não fala comigo? — ele exigiu em voz baixa, livre dos ouvidos de sua filha e meu irmão, nitidamente controlando a agitação que pude detectar em seu olhar.

— Não hoje, Max... Por favor — sibilei um

NACIONAIS - ACHERON

pedido (sendo bem sincera, praticamente implorei).

A forma decepcionada como me encarou, o jeito como seus olhos se estreitaram sobre mim, parecendo me enxergar pela primeira vez e não gostar do que via, me afetou completamente.

— Então quando, se você está fugindo todo esse maldito tempo?

— Nós iremos conversar. Eu prometo — sussurrei... sem intenção cumprir.

Tudo o que eu queria era me enfiar em seus braços e dizer o quanto sinto sua falta. O quanto estou dormente com a distância... mas não o fiz. E, em frente à Ana e Peter, eu me aproveitei do bom senso de Max e fugi, mais uma vez.

É estúpido agir assim, eu sei. Estou tentando reforçar para mim mesma que este é o certo a se fazer, que a dor da separação agora é muito menor do que as consequências se outro incidente daqueles acontecer com sua filha. O problema é que, a cada novo dia, essa convicção fica mais fraca. Estou num ponto no qual já não tenho certeza de que estar separados é tão melhor assim.

Sinto muita falta do que tínhamos, falta até

NACIONAIS - ACHERON

mesmo de tomar o café da manhã com eles, da interação num momento tão rotineiro, dos risinhos vivos da menina, as matraquices sem filtro do tipo “Você gosta de bebezinhos, Gabrielle?”, que faziam seu pai rir, por trás da xícara de café, e aqueciam meu coração de um jeito inédito.

Bom Deus, será que algum dia vou conseguir superar isso?

Rá.

Meu lábio se repuxa num riso sem vida, pensando na ironia do destino. Há alguns meses, eu mesma incentivava Jasmine a se abrir com o bastardo Damien, a não fugir dele... e hoje me encontro em uma situação igual. Lembro exatamente do conselho que dei a ela: ficar com aquele homem era o melhor para Jas... é mais fácil quando não é de nossa vida que estamos falando.

Droga.

Pego a última folha desenhada e a amasso numa bola de papel como as outras. Preciso me concentrar no trabalho e tirar um pouco o foco desta confusão.

Diante de uma nova folha em branco, sem
NACIONAIS - ACHERON

inspiração, penso em Ana. No seu amor por vestidos e princesas, a forma quase mística como ela age em meio a todos os tecidos, cores e texturas. Eu me sentia assim até pouco tempo atrás. Todas as coleções que estão exibidas em nossa galeria de fotos, criadas por mim, foram feitas com essa mesma energia pulsando nas veias. O problema é que não consigo mais encontrar aquele sentimento aqui, em meu interior, e...

Mas o que...?

De repente, minha bolha de pensamentos estoura quando assisto, através das paredes de vidro de minha sala, Mau passar pelo corredor como um derradeiro tornado. A pressa e a maneira com que sua mão está escondendo a boca revela que há algo fora do lugar com ele.

E eu preciso saber o que é.

Num impulso, empurro a cadeira para trás e me adianto em segui-lo. Já no corredor, pego um vislumbre da ponta de seu casaco entrando no banheiro masculino. Dane-se. Apresso meus passos e espalmo a porta do lugar, a tempo de esbarrar com Igor, do setor de compras, que percebe minha

intenção, mas não diz nada enquanto sai.

— Mau? — pergunto para o espaço vazio.

O soluço dentro de uma das cabines me indica a porta certa.

— Por que você está chorando?

Não entendo porcaria nenhuma do que ele fala em meio ao pranto.

Suspiro, calma.

— Deus, homem, eu não entendi nada, abra a porta... — forço-me a não demonstrar, mas seu estado me assusta. Nunca o vi chorando — Vamos, Mau, abra pra mim, por favor...

Segundos de soluços, depois um clique na fechadura e ali está ele. Sentado na privada, olhos vermelhos, o rosto uma bagunça de lágrimas e nariz escorrendo.

— Ele está se vingando de mim, Gabi... Eu nunca... Ele sabe que eu...! — diz nada com nada e volta a soluçar.

— Ele quem? O Nilo? — dou um passo para dentro, pego o rolo de papel higiênico, envolvo um bom tanto na mão e ofereço a ele — O que ele fez?

Mauro aceita e assoa o nariz ruidosamente.

— Não, não o Ni... É o Ernesto. Aquele-aquele idiota sabe d-do rolo entre eu e o Ni... — mais lágrimas e fungadas — E ele... — não entendo o restante do que tenta contar, sua voz embargada se mistura ao choro.

Mas seja lá o que for, somente por ter o nome da Miranda Priestly em versão masculina envolvido, sei que não é bom.

— Eu não entendi nada. O que Ernesto fez, Mau? Pare de chorar e me conte com calma.

Seus olhos aflitos encontram os meus.

— Ele me demitiu, Gabrielle! Me demitiu!

Oh, merda...

— Como é?

Os ombros do homem tremem, anunciando que um novo pranto o interromperá. Abaixo-me no minúsculo banheiro e fico diante dele, tomando uma longa respiração para não agir precipitadamente.

— Mau, me conte isto bem certinho, por favor.

— Ele me chamou lá, reclamou do meu trabalho, disse que eu mandei os seus croquis errados... — gesticula com as mãos sem parar — Disse que estou muito desatento ultimamente e que não vê alternativa a não ser me demitir! Mas eu sei que isso é pessoal! Eu sei que ele me detesta por eu ter me envolvido com o Ni... E-eles voltaram, Gabrielle! Os dois voltaram!

Não sei se sua dor é maior por perder o emprego ou por Nilo reatar com o detestável diretor. No entanto, seja lá o que for, aquele estúpido não tinha esse direito. Ele não podia ter demitido alguém da minha equipe sem conversar comigo.

E já não consigo mais raciocinar com coesão. Meu limite com aquele homem se excedeu há algum tempo. Vim empurrando com a barriga até aqui, mas isto é a gota d'água.

Levanto-me, determinada, e sigo na direção da sala dele. Minhas mãos tremem de exaltação. Pelo caminho, percebo os olhares especulativos em mim. Pouco me importo. Diante da porta do miserável, entro sem bater, e o pego numa

“reunião” com ninguém menos do que o próprio Nilo. Ótimo que os dois estejam aqui.

— Como você pôde?

Seus olhos obscuros se arregalam sutilmente.

— Gabrielle, eu estou em meio a...

— Dane-se o que quer que vocês dois estejam fazendo. Como você pôde misturar as suas merdas pessoais aqui e demitir alguém da minha equipe sem ao menos falar comigo?

Ernesto se levanta da pomposa cadeira de diretor.

— Eu vou te dar um aviso; é melhor você sair agora, Gabrielle, ou...

— Ou o quê? Vai me demitir também? Vai mandar embora a pessoa que te sustenta nessa cadeira ridícula? — mudo minha atenção para o outro homem, sentado, que assiste a tudo perdendo a cor — E você, Nilo? É assim que você se livra dos seus rolos? Mandando que seu amantezinho aí despeça o Mau sem nenhuma consideração? Ele gosta de você. Gosta de você, seu imbecil! — praticamente enfio meu dedo na cara dele — Eu

tive de ouvir a lamentação dele durante dias por sua causa, por você ficar nessa maldita ida e vinda com este patife aí e mal saber valorizar quem realmente te quer!

— Eu não te dou o direito de entrar aqui e me desrespeitar deste jeito, Gabrielle. Saia agora... — Ernesto eleva o tom, não perdendo a pose “masculina” de chefe.

— Eu não sabia... — Nilo balbucia em um misto de vergonha e espanto.

Semicerro meus olhos num escrutínio, e tenho a impressão de que Nilo de fato parece... surpreso. Rá. Mas que maravilha.

Falsamente calma, viro-me para o enrustido sem ética.

— Que forma mais fácil de resolver um problema, não é, Ernesto? Dispensa o cara que está saindo com seu homem para afastar a concorrência... — bato levemente meu dedo indicador contra o queixo, simulando uma reflexão — No entanto, também não tem intenção nenhuma de assumi-lo — dou um olhar breve para Nilo — Porque Nilo, você sabe melhor do que ninguém que

NACIONAIS - ACHERON

vocês estão juntos, mas nem em sonhos esse sujeito aí vai te assumir como parceiro — enquanto vou falando, Ernesto vai avermelhando, como uma chaleira aquecendo — Um chefe incompetente, injusto, antiprofissional e um namorado cretino — listo com os dedos, ironicamente — Impressionante!

O que era uma postura elegante se transforma em alguém seriamente raivoso apontando para a porta, num ímpeto.

— Pois junte-se a ele, Gabrielle! Você está demitida! Suma daqui! Suma! — rugiria como um leão, se não fosse um gatinho.

Eu quero acertar a cabeça dele. Quero descontar toda a frustração acumulada por esse mal caráter, tive de engoli-lo me boicotando por anos... e...

Quando dou por mim, estou com a primeira coisa que vejo em minha frente (uma estatueta em formato de agulha; troféu do último prêmio que ganhamos) arremessando na cabeça do desgraçado. Ele se desvia a tempo do objeto bater contra a parede de vidro atrás dele num estrondo violento e

espatifar-se ao meio. A parede permanece intacta.

O infeliz grita algumas coisas — sobre eu ser uma maluca, eu acho —, que não escuto, impedida pela adrenalina. Pego a segunda coisa que vejo: um porta-canetas de acrílico. Desta vez, não erro. O objeto voa diretamente em sua testa.

No piscar de olhos seguinte, o caos está instaurado. O imbecil se encolhe na cadeira, esbravejando pela ferida; Nilo não sabe se me impede ou o socorre; e mais pessoas entram na sala, incluindo Mau.

Pode parecer injusto... e, na verdade, é. Contudo, enquanto assisto ao estrago que fiz na cabeça do cara, vejo a médica cobra diante de mim e o sentimento só me faz querer acertá-lo ainda mais.

— Gabrielle... É-é melhor a gente ir... — Mau cochicha com lágrimas interrompidas, em choque.

— A culpa é sua! — Ernesto ainda grita apontando para Mau.

Nilo olha entre um homem e outro, visivelmente dividido.

NACIONAIS - ACHERON

Babaca indeciso! E para o inferno com ele!

— Quer saber? Vamos sair daqui, Mau. Nenhum deles merece um minuto do nosso dia.

Agarro a mão de Mauro e saio puxando-o comigo, como duas crianças encrenqueiras em uma briga de escola. A equipe toda me olha com discretos sorrisinhos. Acho que lavei a alma de muita gente hoje, inclusive a minha.



— Al centro.

— Adentro! — grito, complementando o brinde, e viro o líquido ardido.

Não são nem quatro da tarde e estamos aqui, no bar próximo à empresa, entornando maravilhooosas tequilas!

— Você tem que voltar praquele homem, chefa! — Mau grita, em estado de alegria, como eu mesma me sinto depois de abrir meu coração para ele.

— Não posso. Eu s-souu um perigo para eles, Mau...

— Bem, depois de ver o que você é capaz de

fazer com um porta-canetas, eu tenho de concordar!
— Mauro joga a cabeça pra trás, numa gargalhada afetada.

Faço uma careta descontente.

— Isto foi uma tentativa de fazer eu me sentir melhor?

— Não, realmente não — ele se debruça pra frente, segurando a cabeça entre as mãos, indo do riso extremo ao lamento profundo — Por que a gente não tem sorte no amor, hein?

Limpo a boca.

— Você tem sorte, Mau. Nilo é que é um cego... Mas ele vai ver o erro que cometeu e correr atrás de você assim, ó: — tento estalar os dedos (por duas vezes), em vão.

Desisto e começo a brincar com a borda do outro copinho cheio, pronto para ser entornado. Estou uma bagunça... uma bagunça desempregada, para que fique registrado.

— E eu também tenho sorte... — reflito tardiamente — Eu amo aqueles dois... amo mesmo — mando a dose para dentro. Argh! Arde como o

inferno! — Tô sentindo uma falta desgraçada deles, Mau.

— Eu também, rainha...

— Quer saber? Aquele homem não te merece, não te merece. Qualquer um que escolha Ernesto em vez de um cara bom como você não te m-ere-ce — um soluço escapa, atrapalhando a última palavra.

Mauro emite um estranho som de dor.

— E agora eu não tenho emprego... — resmunga.

— Somos dois! Um brinde à nossa situação de merda!

E mais outro e outro brinde, até tudo começar a rodar.



— Mau, você tem certeza que esse seu amigo sabe o que está fazendo? — sussurro, desajeitada, contra a nuca dele, ao me inclinar para o banco da frente.

Bêbados, meu ex-assistente ligou para um amigo vir nos buscar. O garoto veio... porém a pé.

Com meu carro em frente ao bar e Mau dizendo que ele tirou a carteira de motorista há alguns meses, não houve dúvidas do que fazer. O rapaz agora está manobrando o veículo para fora da vaga na rua, em algumas tentativas. Mesmo alta de álcool, posso constatar sua pouca familiaridade com um volante.

— Sabe sim, chefe... ic... ic... — soluça — Ele tem carta de motorista.

— Que Deus nos ajude — brinco, rindo feito uma imbecil, e deixo minhas costas caírem de volta ao encosto do banco traseiro.

Ouçó a aceleração aguda. O carro dá um tranco e morre uma ou duas vezes mais, e então vem o embalinho agradável. Ele pegou o jeito. Fecho os olhos e desfruto da tonteira e enjoo. Eu mereço. Desempregada, fugindo do cara que eu amo, bêbada em pleno horário comercial de um dia de semana... Poderia acontecer mais alguma coisa?

A freada abrupta, minha cara indo para frente e se chocando com força contra o encosto de cabeça do banco dianteiro é uma boa resposta do universo.

— Ouuw!

O baque me devolve para o banco de trás, bruscamente.

— Ai meu Deus, ai meu Deus, eu bati! — o amigo de Mau se desespera.

Eu gostaria de abrir a boca e confortá-lo, falar para ele ficar calmo, mas agora tudo está tão macio, tão quentinho. Eu quero tanto dormir um pouquinho e acabar com esta fase ruim...

MAXIMILIANO

O trânsito se abre conforme a ambulância vai costurando seu caminho. A sirene alta é como o cajado de Moisés afastando o mar. Pelo menos isto esta cidade respeita. Verifico o chamado: choque entre veículos, com vítimas. Situação comum para o horário, todos começam a sair de seus trabalhos com pressa, o resultado é esse.

Vamos nos aproximando do local e, mesmo de longe, o que meus olhos focalizam aperta
NACIONAIS - ACHERON

minhas entranhas, trazendo o amargor da bile à boca. Aquele veículo, a cor... e finalmente, a placa...

— Inferno, Diana, é o carro da Gabrielle...
— resmungo e salto para fora com a bolsa em mãos, antes mesmo da ambulância parar.

Corro os passos que faltam, analisando criticamente o cenário. Batida frontal leve. Um garoto fora do carro gesticula sem parar e fala com curiosos, obviamente nervoso. No banco da frente, está o homem que conheci em sua casa, colega de trabalho dela. Ele parece bem, sem nenhuma lesão grave aparente. E não a vejo em lugar nenhum.

— Oh, vocês chegaram! — o jovem se exaspera, assustado.

— Onde está a vítima? — pergunto sem cumprir o protocolo de apresentação. Minha urgência é maior.

— Ai, moço, eles estão dentro do carro!

Eles?

Espreito para dentro do SUV... e então eu a vejo. No banco de trás, olhos fechados, cabeça

apoiada contra o estofamento. O vidro escurecido não me permite enxergar nada além disso.

— Diana, fique com o passageiro, eu vou cuidar dela — delego e imediatamente me dirijo para sua porta, abrindo-a.

Merda. Gabrielle tem um ferimento no supercílio, jorrando sangue.

— Gabi, amor... — sussurro diante de seu rosto.

— Bom Deus, outra fantasia? — ela resmunga, incoerente.

O cheiro em seu hálito não deixa dúvidas. A mulher andou bebendo além da conta.

GABRIELLE

— Abra os olhos para mim, amor... — a voz suave é como se ele realmente estivesse aqui — Eu preciso que você abra seus olhos e foque em mim, você pode fazer isso?

Droga, eu até posso ver em minha mente seu
NACIONAIS - ACHERON

corpo vestido naquele uniforme espetacular.

— Tudo Max, por você eu faço tudo... — tento fazer uma voz sedutora, porém o que sai é um chiado desajeitado — Eu quero ser salva por você, me salve doutor...

Uma mão quente, macia, toca meu rosto, e, estranhamente, parece real demais, assim como seu cheiro.

Espere... Eu não estou...?

Luto com força para abrir os olhos e... Oh. Meu. Pai. É ele. Max, diante de mim, encarando-me com preocupação e censura.

Isso é fantástico! É como atrair algo com a força do pensamento... Eu não acreditava, mas não é que é verdade aquilo que dizem: se você quer muito alguma coisa, ela pode ser atraída para você! Eu o atraí com a força do meu pensamento, isso é demais, não é?!

— Oi... — murmuro, feliz em vê-lo.

— Eu preciso que você mantenha seus olhos em mim, Gabi. Não os feche, sim? Diga-me, o que está sentindo?

— Sono, Max. Eu quero muito te olhar, eu poderia fazer isto para o reeestooo da minha vida... Mas tô com um pouquinho de sono.

— Não durma, apenas foque em mim, certo?
— apesar da amabilidade, eu o sinto mais sério, mais distante de mim.

Isso dói mais do que minha cabeça.

— Aham... — concordo, e calo-me por... —
Foi eu que te trouxe aqui, sabia?

Escuto uma voz feminina dizendo que o outro passageiro está bem. Ouço Mauro explicar coisas, tão ou mais bêbado do que eu. A voz feminina pede que ele não se mova, avisa que outra unidade está vindo para transportá-lo também.

Mais sirenes.

Vozes.

Não demora, meu corpo é retirado do veículo... no colo dele, logo depois de um objeto ser colocado em meu pescoço. É duro. Max diz algo sobre um imobilizador, mas é difícil manter a concentração.

Ele me deita numa superfície durinha. Vejo o

céu acima de minha cabeça ganhando contornos de final de tarde, e então, depois de um embalo gostoso, o cenário muda. O teto do interior de um veículo bem iluminado é tudo o que enxergo.

Pisco algumas vezes, confortavelmente, apesar de tudo. A luz afugenta um pouquinho do sono. Max e eu estamos sozinhos aqui, enquanto alguém dirige; sei disso pelo balanço abaixo de mim.

Em meio à brisa em que se encontra meu cérebro, tudo o que consigo fazer é encarar o par de olhos trabalhando em meu rosto, mas evitando os meus. Deus, eu nem mesmo posso conter a lágrima, e não é de dor pelo ferimento. Sinto tanta falta dele, tanta.

— Seus olhos são os mais lindos que eu já vi... — minha língua dança enrolada ao recitar as palavras.

Max não diz nada, somente permanece trabalhando em limpar o local. Seu maxilar enrijecido ressaltava o músculo pulsando, demonstrando o esforço do homem para me ignorar.

Lindo demais, o danado.

— Sabe, eu gosto tanto dessa sua serieeidade... — a fala sai vergonhosamente arrastada — É uma das coisas que mais gosto em você, entre taaantas coisas, porque você é muito bom, em tudo, tudo mesmo... Por isso eu gosto de tudo...

Observo suas narinas dilatarem numa expiração densa. Por um instante, ele interrompe o movimento de cuidar do meu rosto, sem ainda me olhar nos olhos.

— Gosta, mas não me quer ao seu lado. Curioso, não? — o som grave de acusação entra como uma adaga no lugar mais profundo dentro de mim.

— Eu te quero. Quero muito. Este é o problema... não tô conseguindo me afastar.

E, pela primeira vez desde que me colocou aqui, ele me encara. Encara de verdade. Com tanta intensidade que meu peito deixa de se mover e o ar se torna insuficiente dentro da ambulância.

— Então não se afaste, Gabrielle.

Então não se afaste. A frase cria ecos nos meus ouvidos.

Fecho os olhos por um momento.

Deus, é impossível lutar contra isso. Me perdoe por eu ser egoísta. Eu não consigo mais ficar longe dele. Não dá mais.

— Estamos chegando ao Hospital Central, Max — a voz da mulher avisa.

Hospital Central... justamente lá?

— Eu não quero ir para lá...

— Você precisa ser checada, fazer exames, Gabrielle — afirma num modo “médico no comando”, reassumindo a situação sem deixar margens para discussão.

— Oh, sim, e você vai me deixar nas mãos da cobra apaixonada que se finge de sua amiga... — enrugo o lábio de lado, realmente aborrecida — Este dia não poderia terminar melhor.

Seus olhos, fixos em mim, estreitam-se; as sobancelhas se franzem.

— De quem você está falando? — o homem questiona baixo, seu tom insondável, mas a

desconfiança está bem ali, encarando-me.

— Ela não é sua amiga, Max, ela disse que eu te distraio...

Capítulo 37

MAXIMILIANO

Desde o minuto em que a reconheci dentro do veículo, estou tendo de aplicar um esforço extra para manter a mente concentrada e fazer o meu trabalho. Ter Gabrielle na condição de vítima sendo socorrida é algo que eu jamais esperava, estou tomando de tantos sentimentos que pouco sei como gerir: saudade desta mulher, irritação pela distância de merda colocada entre nós, um incômodo no peito por ser ela a precisar de ajuda, e agora me forço a sustentar a impassibilidade diante de suas palavras.

Eu deveria pedir que Gabrielle poupe suas energias. Há uma séria possibilidade de concussão para esta batida acima de sua sobrancelha. No
NACIONAIS - ACHERON

entanto, ainda que não me orgulhe aproveitar deste seu estado, opto por deixá-la falar. Mesmo embriagada, esta é primeira conversa (se é que se pode chamar assim) que temos em muitos dias.

Prendo seus olhos nos meus, querendo entender o que, de repente, ela está dizendo. Que porra de história é essa de Manu dizer à Gabrielle que ela me distrai?

— Quando ela te disse isso? — sondo, calmamente.

A mulher enruga os lábios num beicinho desgostoso.

— No dia em que eu deixei aquilo acontecer à Ana... — soluça e tenta segurar a boca, mas sua coordenação e reflexo estão afetados demais para isso — Ela me deixou lá fora, Max, disse que você tinha me mandado ir para casa e nem sequer me deixou ver a Ana!

Lágrimas tomam posse das esferas azuis.

— Ela me pediu para me afastar de você... Eu a odeio... mas aquela cobra tem razão, Max! Eu preciso mesmo me afastar de vocês, eu não tenho capacidade para cuidar da Matraquinha, vou acabar

NACIONAIS - ACHERON

machucando a todos...

A paixão na maneira como cada frase sai em meio às lágrimas, parecendo realmente ferida, me atinge forte pra caralho.

Diana olha para trás, para nós, em silêncio, me fazendo saber que chegamos ao HC. Não pressiono mais Gabrielle. Ela precisa de atendimento, fazer exames e checar se há algum dano em decorrência da pancada, e certamente receber uma dose de glicose para combater todo o álcool em seu organismo.

Calo-me, em verdade, para assimilar e compreender o que acabo de descobrir... até mesmo nas entrelinhas.

Médicos de plantão levam uma embriagada e falante Gabrielle para receber atendimento. Confiro o relógio do celular. Já é hora de encerrar o turno, e mesmo que não fosse, não pretendo deixá-la aqui sozinha.

— Diana...

— Fique, Max... — Diana toca meu ombro
— Eu levo a ambulância de volta ao batalhão —
ela muito provavelmente ouviu tudo o que foi dito
NACIONAIS - ACHERON

entre nós.

Enquanto minha mulher passa pelos cuidados necessários – sim, Gabrielle é minha mulher —, me encarrego de esclarecer algo que eu já deveria ter feito.



Aperto as extremidades da mesa em que estou escorado e a espero em seu consultório. Aproveito o tempo para botar os pensamentos em ordem. Dizer à Gabrielle para se afastar de nós? O que, raios, ela pensa que está fazendo tentando interferir na minha vida desta forma? Embriagada ou não, o que Gabrielle disse revelou um lado desconhecido de Emanuelle. Deixar minha mulher para o lado de fora do quarto de Ana, fazê-la acreditar que eu não a queria lá... Que tipo de pessoa é essa? Nós nos conhecemos há tantos anos, como alguém pode simplesmente esconder uma face tão obscura?

A culpa é minha.

Eu realmente não me atentei às coisas como estavam acontecendo. Levei esta situação por tempo demais, a mantive por perto quando não

NACIONAIS - ACHERON

deveria e, talvez por isto, enganosamente, ela acreditou que tinha algum direito de interferir na minha vida.

Não consigo deixar para outra hora. Eu deveria voltar à sala de espera, mas Gabrielle merece este confronto. Lembrar do modo como a encontrei naquele corredor... Não. Magoar minha mulher foi além do que eu permitiria que qualquer pessoa fizesse.

Ouçó seus passos vindo para a sala. Inspiro profundamente, no controle. Ao abrir a porta e me encontrar, ela sorri... e é como se eu a enxergasse verdadeiramente pela primeira vez.

— Olá, Emanuelle.

— Max! Surpresa boa você aqui...

Ela caminha para mim. Tocando meu ombro, a mulher beija meu rosto... e, merda, até mesmo seu perfume hoje me repele.

Analisando-a melhor, repensando a versão de Gabrielle sobre tê-la agredido, busco em minha memória detalhes daquele dia. Quando retornou ao leito de Ana, Gabrielle parecia mais distante, atordoada e...

Miséria.

Eu não deveria incentivar a ação, mas, honestamente, sinto vontade de rir sobre como aquela loira ainda consegue me surpreender.

Afasto-a de mim, não tolerando muito mais do contato.

— Como você está? E a Ana? Pensei em passar lá esta noite e... — gesticula, me apontando — Olha só você aqui, que surpresa boa. A emergência está tão lotada que eu nem te vi chegar — o entusiasmo agora me faz duvidar se a preocupação com minha filha é legítima.

Inferno, quanto mais esta mulher poderia dissimular?

— Eu gostaria de conversar com você — manter meu tom neutro é um desafio.

Seus olhos caem em mim, numa avaliação confusa.

— Sim, sim, claro. Aconteceu alguma coisa?

Ainda apoiado contra a mesa, cruzo os braços diante do peito.

— Quem te deu o direito de falar todas

aquelas coisas à Gabrielle?

Observo seu rosto empalidecer. Tenho a impressão de que o corpo encolhe alguns centímetros, indo um passo atrás.

— Que coisas? O-o-que aquela mulher te disse?

Arqueio a sobrancelha, demonstrando que não tenho tempo ou inclinação para joguinhos.

— Ora, Max... — ela bufa — Não é possível que você esteja aqui para isso... Quero dizer, o que foi que ela disse?

— Tudo — não revelo nada em especial, quero tirar a prova e saber se estive mesmo tão enganado com a imagem que eu fazia dela.

No fundo, gostaria que o seu comportamento tivesse um motivo justificável, mas é difícil, a contar que ela deliberadamente feriu Gabrielle, no momento em que minha família se encontrava mais fragilizada.

Encaramo-nos por alguns segundos. Ela em seu papel de quem está sendo atacada sem motivo, uma vítima, e eu? Impaciente para esta baboseira

de teatro.

Isto me cansa.

— Você sabe como eu a encontrei, naquele dia? — meu tom é duro, sem desvios — Encolhida, no chão frio, tremendo como uma doente, acreditando mesmo que eu não a queria ao lado de nossa menina...

— “Nossa menina”? — ela repete com escárnio, soando escandalizada, diferente da pessoa suave e leve de sempre — Você ouviu o que disse? Ana não é filha dela, Max!

A verdadeira mulher começa a aparecer. E uma miserável sensação de decepção vem me assolar como um soco desferido na boca do estômago.

— Ana e Gabrielle têm uma conexão que talvez você nunca entenda, Emanuelle... — rosno — Uma pertence à outra, mais do que laços de sangue podem fazer.

Seu riso, sem vida ou beleza, é algo que eu ainda não tinha visto.

— Isto é um absurdo — sacode a cabeça,

para si — Sabe o que é realmente impressionante? Seu tino para atrair essas interesseiras para sua vida. Como um ímã. E você nem mesmo se dá conta!

Desgrudo meu corpo da mesa.

— O que você pensa que sabe a respeito dela nem de longe poderia ser mais equivocado. E, ainda assim, minha vida não lhe diz respeito. Gabrielle não lhe diz respeito. Interferir ou dizer qualquer merda para ela não está em seu direito. Eu jamais te permiti isso, Emanuelle — cuspo as palavras sem nenhuma polidez, assim como ela não teve.

— Não. Não permiti — lambe o lábio, limpando secamente uma lágrima afiada que lhe desliza pela face, encarando o teto — Você nunca me permitiu nada, Max. Sempre me tratou como seu cano de escape! — então corta os dois passos de distância entre nós e empurra o dedo contra meu peito, acusatória — Você ao menos se dá conta disso? Se dá conta que fui eu quem sempre estive lá por você? Sempre eu!

Semicerro meus olhos.

— Mas de que diabos você está falando, mulher?

— Estávamos juntos quando você me trocou pela maldita Francine! Como você pensa que eu me senti? Como você pensa que eu ainda me sinto, lhe vendo você tomar uma decisão errada atrás da outra e sempre me colocando em segundo plano?

Jesus Cristo, de onde foi que ela tirou essa porra?

Diante do devaneio distorcido dos fatos, sou obrigada a ser mais duro.

— Nós nunca estivemos juntos, Manu, nem antes de Francine, nem depois.

— Você vivia na minha cama quando eu te apresentei àquela bêbada! Nós estávamos juntos, sim! — grita, descontrolada.

— Caralho, Emanuelle. Qual é o seu problema? Em sua cama e de todas as mulheres que eu podia, estávamos na universidade, garotos agem assim, porra, éramos todos jovens se divertindo! — eu nem mesmo posso acreditar que esta discussão está em causa.

— Você era meu, Max! Eu te deixava ficar com outras, mas sabia que no fundo nós — seu dedo empurra meu peito mais uma vez — Nós tínhamos algo especial.

Esfrego meu cabelo, buscando por paciência. Esta pessoa frente a mim é uma completa estranha.

— Nunca houve um “nós”, Manu. Nunca houve. Se transávamos de vez em quando, para mim sempre foi somente isso — falo calmo, apesar de tudo.

— Como você pode dizer isto? Eu aceitei te ver casando com aquela mulher, aceitei até mesmo dividir você com ela. Se ela te amasse de verdade, jamais teria aceitado este tipo de arranjo, e quer saber? — não me movo enquanto ela me golpeia o peito, desequilibrada — Quando eu dei a ideia destas malditas merdas que fazemos, ela aceitou sem nem mesmo pensar duas vezes! Eu jamais te dividiria com nenhuma outra, e ela o fez! Agora estou vendo exatamente a mesma história se repetindo e você se envolvendo com o mesmo tipo de mulher!

Escutar a forma desdenhosa como ela insiste

em se referir à Gabrielle é meu ponto de ruptura. Apanho seus ombros, impedindo-a de continuar com socos em meu peito e a obrigo a me encarar.

— Você e sua visão distorcida de como as coisas são pouco me importam, Emanuelle. Agora escute com atenção: pense muito bem antes de comparar Gabrielle com qualquer uma de vocês. Ela é minha mulher, Ana se importa com ela, eu me importo com ela e...

Ela me corta.

— Sua bastardinha aleijada se importa com qualquer um que estale os dedos! — grita em meu rosto.

E meu limite chega ao fim.

— O que foi que você disse...? — mal escuto o tom sombrio de minha fala.

Ela, por outro lado, se afasta um passo, olhos arregalados, tapando a boca, ciente do que acabou de dizer.

Meu peito arfa, os músculos reverberam violentamente. Por tudo o que é sagrado, eu nunca toquei um dedo sequer em qualquer mulher, me

ajude a não fazer isto agora.

— Você é uma cadela fria, Emanuelle. Se há algo a que eu devo agradecer é por sua maldita máscara ter caído agora. Tudo o que vejo diante de mim nesse momento é uma pessoa seca de sentimentos, rancorosa, vazia. Em respeito à amizade que eu pensava haver entre nós, eu vou te dar um aviso justo: afaste-se de mim, de Ana e de minha mulher. Nem sequer cruze nossos caminhos novamente, ou você terá mais motivos para se lamentar a meu respeito.

Antes de perder completamente o controle, distancio-me dela, deixando-a ali, em meio a lágrimas. Meu nome sendo gritado é tudo o que ouço antes de bater a porta. Que Cristo tenha piedade, mas eu nunca mais quero ver essa mulher novamente.

Agora tenho de resolver as coisas com quem realmente importa. Tirar daquela cabeça teimosa essa porcaria de ideia de que não tem capacidade de estar com a gente. Ela tem seus motivos para se sentir insegura, eu concordo. Perder um filho deve ser a dor mais desgraçada para um ser humano, mas

eu estou aqui, Ana está, e a família que ainda quero ter com ela merece que a mulher se livre de uma vez desses fantasmas.

GABRIELLE

Minha cabeça foi atropelada por uma manada de elefantes, dos mais gordos, participando de uma maratona num programa de obesidade. Nunca doeu tanto. Nem mesmo consigo gemer dignamente. Lembro direitinho das tequilas e, a julgar pelo teto claro acima de mim, a situação com bater o carro e Max me resgatar muito provavelmente não tenha sido um sonho.

Quem no mundo tem mais azar do que eu?

Vê-lo naquele uniforme e ser socorrida é uma fantasia que nunca realizei, pois ele voltava do trabalho sempre de banho tomado e roupa trocada, e quando eu tenho tal oportunidade (digamos assim), estou bêbada demais para aproveitar. Meu anjo lá em cima deve estar bem contente comigo.

Da maneira que posso, corro meus olhos pelo lugar... e paro quando encontro um par cinza fitando-me atentamente. Semblante cansado, olhar afiado, intenso, uma ruga fina em sua testa e a barba por fazer.

— Deus, como você é bonito... — murmuro, sem poder evitar.

O que penso ser um discreto, quase imperceptível, arranhar de lábios num meio sorriso é tudo o que ele me dá.

E então se levanta e caminha lentamente para mim. Melhor assim, movimentos bruscos só vão me deixar mais zozza.

— Como você se sente? — pergunta de um modo suave, apesar do tom grave, profundo.

— Uma porcaria...? — devolvo a resposta como um tipo de pergunta desconcertada.

Max expressa um enrugamento de lábios, em repreensão.

— Eu imagino.

— Que horas são?

— Pouco mais de onze da noite.

— Hum... — mordo o lábio, constrangida demais para continuar a conversa.

Ele aqui comigo, de uniforme...

— Você ainda está a trabalho? — sussurro, rouca pelo cochilo.

Noto-o puxar uma respiração mais longa.

— Não, Gabrielle. Eu estou esperando você acordar para te levar para casa.

Movimento fracamente a cabeça, entendendo. Nem sei o que dizer. Estou envergonhada por agir como tenho agido, já nem sei mais o que pensar ou o que é certo. Max é o cara que sempre idealizei em minha mente... Toda vez que eu penso em como será minha vida longe dele, um pico de pressão arde meus olhos, num prenúncio de que eu jamais vou poder tirá-lo de dentro de mim.

— Você sente alguma dor?

Inspiro fracamente.

— Na cabeça, uma tontura, mas acho que vou sobreviver... — brinco, para aliviar a nuvem densa.

Ele não ri.

— A doutora Samira deixou uma receita de

medicamentos, em caso de dor. Você tem um corte em seu supercílio que precisará de cuidado, mas isto é tudo, não há qualquer concussão ou dano maior. A dor de cabeça passará dentro de algumas horas.

— Certo, obrigada, doutor.

Com as mãos nos bolsos, ele não se move, e eu sinto uma falta miserável de seu toque contra minha pele. Tenho vontade de pedir por isso. Pela seriedade de seu rosto, acho que não tenho mais este direito.

— Você pode dormir mais um pouco ou ir para casa agora. Está em seu critério, Gabrielle. Eu recomendo que descanse aqui e...

— Eu quero ir pra casa, Max... — interrompo, e desvio meus olhos para o que estou prestes a pedir — Hum... Será que você pode me ajudar a levantar? Eu preciso usar o banheiro.

Quando inicio o esforço para me movimentar, Max já está me apanhando em seus braços, caminhando comigo até o banheiro anexo. Seu calor, cheiro, força. Misericórdia divina, como é bom estar com ele.

— Não me olhe assim... — adverte com a fala baixa.

— Assim como? — murmuro.

— Como se quisesse estar comigo.

Engulo em seco, sem ter o que responder. Sua narina se dilata, espreitando minha reação.

E então se pronuncia.

— Nós estamos indo para resolver tudo isso. Não se engane, Gabrielle.

Capítulo 38

GABRIELLE

Max dirige compenetrado no caminho de volta para casa. Depois que saímos do hospital, pouco conversamos, tornando o silêncio no interior do veículo quase ensurdecedor. Avalio seu perfil por alguns instantes, ainda no uniforme de socorrista, muito sério, prestando atenção no trânsito à nossa frente e... mantendo certo distanciamento de mim. Ele ficou no hospital, esperando o efeito da glicose comigo, ao meu lado, por mim. Isto é uma prova do quanto se importa... e só me faz sentir-me como uma fraca por fugir.

Limpo a garganta, pensando no que dizer para quebrar o silêncio.

— Este carro não é seu...

NACIONAIS - ACHERON

Impressionante, quanta sagacidade, Gabrielle, me repreendo.

— É do JP. Ele levou ao hospital para mim.

Enrugo meu lábio para o lado, desconcertada pela resposta sem emoção. Estamos sem jeito um com o outro. Até alguns dias atrás, tudo fluía tão bem entre nós, e agora mal sei como puxar um assunto decente.

— JP é uma abreviação para...? — mando a próxima questão estúpida em que consigo pensar.

Max tira a atenção da direção, brevemente, e estreita seus olhos acinzentados, olhando-me com atenção.

— Por que o interesse? — apesar da fachada tranquila, sinto o território familiar em sua fala.

Quero rir, feliz por este pequeno pedaço dele.

— Ciúmes, doutor?

Um meio sorriso corta o canto de seus lábios quando volta seu rosto para a avenida.

— Alguns hábitos não mudam, Gabrielle.

Deus, eu amo isso, a energia, a vibração que sinto em sua presença.

— É reconfortante saber que não sou a única, apesar de tudo. Por falar nisso, encontrou sua amiguinha no hospital? — não escondo a ironia na palavra “amiguinha”, mesmo não tendo qualquer direito sobre ele. Eu o perdi no momento em que me afastei.

O que era para ser uma provocação altera seu semblante. Noto o pulsar do músculo de sua face ante o aperto da mandíbula, até mesmo o carço em sua garganta move-se de maneira diferente, parecendo engolir algo ruim.

Mas que raio...?

— Emanuelle não é uma amiga, Gabrielle. Acho que nunca foi. Eu apenas demorei a descobrir — a secura me surpreende.

Meu rosto formiga, não gostando nada de como ele parece incomodado a respeito disso.

— O que ela te falou, Max? — é a única explicação que encontro. Provavelmente a mulher lhe disse aquilo de eu ser uma distração... Mas não sei se explicaria a forma rígida como se corpo de repente se estabeleceu, parecendo guardar a ferocidade para si.

— A pergunta certa é o que você me falou — olha-me novamente, de maneira intensa.

Oh, merda. O que foi que eu disse?

— E-eu...

— Por que não me contou antes?

— Contar o que, Max?

— Sobre as coisas que ela fez e disse a você enquanto Ana estava no hospital — seu timbre é muito controlado, até demais.

Certo, como é mesmo aquele ditado? Ah, sim: “Fez a cama, agora deite-se nela!”.

Se eu mesma contei tudo a ele no momento de embriaguez, não há mais o que esconder agora.

— Não contei porque seria uma fofoca sem importância perto do fato de Ana estar lá e precisar do apoio de todos nós.

— Ela te pedir para se afastar de mim e você acatar é “sem importância” para você, Gabrielle?

Fico sem resposta imediata. Observo minhas mãos unidas e volto a olhá-lo.

— Não foi por ela, Max. O que aquela cobra infeliz diz é tão importante quanto nada para mim.

É por você, pela Matraquinha, pela segurança de vocês...

O silêncio retorna por alguns instantes. Sei que Max está se controlando para não trazer à tona o elefante branco que é a minha atitude.

Acompanho seu peito tomar uma respiração profunda.

— Você fugiu, teve seu tempo, agiu como queria sem sequer ter uma conversa decente comigo. Eu estou te levando para casa e nós conversaremos, goste você ou não.

— É justo... — resmungo.

Por seu ânimo, sei que a conversa não será fácil. Olho pela janela, assistindo aos prédios passarem em velocidade... e decido tirar mais uma dúvida.

— Você não considera mais Emanuelle uma amiga pelas coisas que ela me disse? — questiono em voz baixa.

— Também. Mas principalmente por ela mexer com as pessoas que eu amo.

Este é um dos muitos motivos por eu amá-lo

tanto, a honestidade com seus sentimentos.

— Ela não mexeu comigo, Max, apenas tentou...

Ele me corta.

— Te deixou para o lado de fora do quarto, fez pensar que eu não a queria lá — bufa.

Viro-me para fitar seu perfil outra vez. E, contra o meu desejo, me pego na obrigação de interceder pela peçonhenta de jaleco.

— Ainda assim, ela só estava tentando proteger sua filha. A Emanuelle pode não gostar de mim, e eu nem a julgo por isso. Na verdade, eu também não gostava dela antes mesmo de ouvir aquelas coisas no hospital, pelo simples fato de que vocês já estiveram juntos, Max. Aquela mulher te ama e isso eu posso entender, afinal, sofro do mesmo mal... — reconheço o que não é segredo — Mas, acima de tudo, ela mostrou que se importa com a Ana e, só por este motivo, eu acho que suas ações são perdoáveis.

Tenho a impressão de ouvir o som de um grunhido sair de seu peito.

— Se importa tanto que se referiu à minha filha como aleijadinha...

Como é?

Oh, filha de uma cadela! Aquela... aquela... aquela desgraçada não disse isso...

— Cobra cretina. Eu deveria ter batido nela pra valer.

E, pela primeira vez desde que nos reencontramos no início da tarde, ele sorri, de verdade, não aquela coisa de canto de lábios.

— Sim, você deveria.

Sorrio também e me viro de volta para a janela, mais confortável pela conversa. De qualquer forma, isto não vai ficar assim. A médica duas caras receberá uma visita muito em breve.

MAXIMILIANO

Terminamos o trajeto tal qual começamos: em silêncio. Mas sei que estamos perto de um entendimento. De tudo o que foi dito no veículo,
NACIONAIS - ACHERON

prevalece para mim sua confissão de que me ama. É o que realmente vale, no final das contas. Subo com ela para seu apartamento e, diante de sua porta, apenas espero, testando a reação da mulher.

— Você está com sua chave? — indaga naturalmente — As minhas estão no carro... aliás, não faço ideia de onde meu carro foi parar.

— Sim, eu tenho as minhas — afirmo em voz baixa.

Gabrielle aguarda.

Tirando do meu molho, pego a de sua fechadura e abro. Entro em seguida a ela, quase conseguindo respirar mais aliviado por finalmente estarmos aqui de novo, ambos. Enquanto irritantemente fugia de mim, estive neste apartamento todas as noites, na esperança de que ela voltasse para casa, para enfim termos uma conversa como dois adultos. Ela não o fez.

Gabrielle caminha alguns passos e para no exato espaço que tanto pode nos guiar para os sofás quanto para seu quarto, e lentamente se gira para mim. Tiro um momento para avaliá-la melhor, depois de todos estes dias: está mais magra

NACIONAIS - ACHERON

parecendo não se alimentar corretamente há algum tempo, os olhos fundos rodeados por manchas escurecidas.

Tenho de travar o ar nos pulmões diante da imagem.

— Onde você quer... conversar? — indaga baixinho, obediente ao fato de haverá uma conversa entre nós.

Eu não sou desumano para fazê-la passar por isto neste momento. Não quando ela teve um dia de bebedeira e hospital. A mulher precisa urgentemente de repouso... e ela me ama, porra. Isto é o que importa.

— Vamos para o seu quarto — declaro, com timbre mais rouco pela emoção.

Não perco o brilho bonito que atravessa seus olhos, um tipo malicioso, apesar do temor.

— Eu vou te colocar na cama e você dormirá algumas horas, Gabrielle. Você precisa disso. Teremos bastante tempo para esta conversa.

Antes dela protestar ou recusar, apanho sua mão e a levo para o quarto. Estou cuidando da

minha mulher, antes de qualquer coisa. Seu bem-estar vem em primeiro lugar.

Ajeito sua cama, retiro as almofadas intocadas por todo esse tempo em que ela não dormiu aqui. Afasto o edredom macio repleto do seu cheiro e aponto para que se deite.

E ela o faz, não sem antes me lançar uma maldita provocação, despindo-se das roupas e caindo na cama apenas de lingerie. Isto, para um homem que a deseja há dias a fio sem sequer poder tocá-la, é uma tortura.

Durma, Gabrielle. Em breve, nós resolveremos toda esta bagunça e vou me certificar de fazê-la pagar por me manter longe. Meu corpo anseia por isto.



Deixei a mulher em seu quarto, chequei as coisas em minha casa e voltei para sua sala, esperando por quantas horas forem necessárias até ela estar pronta para passarmos a limpo toda essa situação. Não vou lhe dar a oportunidade de fugir de novo. Ela já teve, agora as coisas serão do meu jeito. Minha vida está uma zona, o processo, as

NACIONAIS - ACHERON

exigências de Francine, a ameaça de tirar minha filha de mim e agora a situação da venda do apartamento. Eu não preciso de mais caos, eu preciso de estabilidade para criar Ana Carolina e protegê-la, estando ao lado da mulher que amo. Se Gabrielle quer isto também, podemos lutar juntos contra o que quer que ela tema... se não, tenho de seguir em frente com a minha vida.

Do jeito que está não pode continuar.

Sentado no sofá, encarando o teto, sou surpreendido pelo barulho da fechadura na porta da frente.

Mas que porra...?

No escuro da sala, apenas aguardo e assisto a um homem entrar. Num primeiro momento, a cólera por imaginar que outro tenha suas chaves me atinge; num segundo, busco a racionalidade. E, pela luz vinda de fora, do corredor entre nossas portas, reconheço a silhueta do irmão dela. O tal Peter, que a tem escondido de mim por todo esse tempo.

Ele dá um passo para dentro do apartamento.

— Gabi? — chama alto.

Acendo a luz do abajur ao meu lado, pegando-o desprevenido.

— Ela está dormindo — digo num timbre inexpressivo. Ainda não tirei nenhuma conclusão sobre o sujeito.

— Porra, cara! Você me assustou, inferno! — ele leva a mão ao peito.

Bem, fico feliz por isso.

— Gabrielle está repousando em seu quarto, depois de se envolver em um pequeno acidente de trânsito — aviso, mantendo meu tom impassível.

O sujeito acende a luz. E a preocupação em seu rosto é o que me faz recuar desta postura, mas não tanto. Ele ainda é o cara que a encobriu longe de mim.

— Não foi nada sério, ela não se machucou, precisa apenas dormir. Mas é bom que você esteja aqui, acho que nós dois temos um assunto para conversar.

E o imbecil apenas sorri, zombeteiro, provavelmente imaginando que tipo de papo teremos.

— Você deveria pedir isso a Benjamin, ele é o irmão mais velho e substitui nosso pai na hierarquia, Maximiliano — o imbecil tem senso de humor, não se pode negar.

Elevo o queixo num movimento deliberativo, propositalmente.

— Talvez sim, mas ele não é o irmão que está ajudando ela a se afastar, não é?

— Touché.

Indo para a cozinha dela, sem dizer nada, ele pega duas cervejas e volta para a sala, entregando-me uma.

— Eu não concordo com esta fuga, se é isto o que pensa — a honestidade tranquila do cara faz com que eu relaxe um pouco.

Bebo um gole da cerveja.

— Imagino que não. Neste lado, sou consciente de que aquela mulher tem uma grande personalidade. Ela quer o que ela quer.

— Sim, desde pequena — ri, orgulhoso, sorvendo sua cerveja.

— O que eu quero saber, Peter — dirijo-me

pelo seu nome pela primeira vez —, é se você ficará em nosso caminho, ajudando-a a fugir a cada vez que a situação estiver difícil.

Observo a seriedade assumir seus traços.

— Eu sempre ficarei ao lado dela, Max. Essa mulher é uma parte da minha família. Mas eu sei o que talvez ela ainda não tenha se dado conta: você é o melhor pra minha irmã, em todos os cenários.

Encho o peito em toda a capacidade, derrubando minhas barreiras contra ele de uma vez.

— Sim, eu sou — não me envergonho de concordar. Eu sempre serei o melhor que eu puder para Gabrielle.

— Ela te contou sobre o bebê... — não é uma pergunta — Ela nunca contou a ninguém. Apenas Benjamin e eu conhecemos os fatos. Minha irmã confiou isto a você. Ambos sabemos o motivo real que a fez se afastar de vocês. Ela ama sua filha pra caralho, e tem medo de que outra merda daquelas aconteça.

Ouvir isto não é exatamente uma surpresa, mas ouvir da boca de alguém a quem ela tenha confiado se abrir é importante. Preciso entender o

NACIONAIS - ACHERON

mecanismo dos pensamentos da mulher, entender o que se passa em sua mente e ela não me fala de fato.

— Gabrielle tem medo de não ser uma boa mãe. Ela ainda se culpa, mesmo sabendo que aquilo aconteceria de qualquer forma. A criança nasceu com um problema no coração que não foi diagnosticado corretamente, era uma questão de tempo.

— Sim, eu sei — minha fala soa abafada.

— Dê a ela esta confiança então, cara. Mostre o quanto ela é boa para vocês. Eu nem deveria dizer, mas vocês três juntos parecem um daqueles ridículos comerciais de margarina, de tão perfeitos.

Meneio a cabeça, sinalizando que estou ouvindo. Não tenho aptidão de formar um diálogo coerente agora. Quanto mais eu penso no assunto, mais chego à conclusão óbvia de que somos certos juntos, incluindo minha filha na equação. O que essas duas têm uma com a outra é mais forte do que o próprio elo de sangue.

Contudo, um primeiro passo precisa ser dado: expandir os horizontes da mulher e dar-lhe uma

NACIONAIS - ACHERON

escolha.

— Sei que ela está em boas mãos. Apenas continue cuidando de minha irmã, Max — Peter se levanta, terminando sua cerveja — Não ficarei no caminho de vocês.

— Valeu... — levanto-me também, dando um tipo de cumprimento a ele, nossas mãos e ombros se chocam.

— E fique sabendo: pedir a mão dela é direto com o pior dos irmãos, não comigo — o imbecil ainda debocha antes de se despedir.

GABRIELLE

Acordo no quarto escuro. Busco por meu celular no criado-mudo, mas não o encontro. Sim, eu tranquei a porcaria na gaveta. Viro-me na cama, sem sono para voltar a dormir e... me deparo com Max, escorado contra a porta do quarto, me observando.

Sua expressão não revela o que se se passa

em sua mente.

— Oi...

— Olá — responde, muito sério.

Ante seu tom, sento-me na cama, preparada para o que está por vir.

— Como você se sente? — caminha para mais perto, bem devagar.

— Muito bem, cochilar ajudou... — mordo o lábio, ansiosa.

— Quer conversar agora? — a fala é baixa.

Expiro pela boca e aceno um sim com a cabeça. É chegada a hora de colocar as coisas no lugar. Me afastar dele foi muito difícil... evitá-lo foi ainda mais. Nós não tivemos um encerramento. Tampouco a distância me fez bem. Talvez conversando, chegaremos a um consenso. Eu só preciso deixar claro que meu impedimento é o ponto mais delicado de todos: a segurança de sua filha.

— Sim. Vamos conversar.

A pouca iluminação do ambiente não nos impede de olharmos um de frente para o outro, olho

no olho, quando ele se senta na minha cama.

— Bem, então vamos lá. Não gosto de rodeios, você também não. Aliás, sua objetividade é uma das coisas que sempre me atraíram em você, Gabrielle. Ambos somos adultos e sabemos exatamente o que queremos.

— Sim... — concordo com cabeça — Nós sabemos.

— Eu te amo. É importante que você saiba disso para que todas as outras questões sejam regradas a partir deste ponto.

— Eu também te amo, mas...

— Você tem medo de ser prejudicial à minha filha, por acreditar que é incapaz de cuidar de Ana — ele complementa meu raciocínio.

Desvio de seu olhar.

— Eu te contei como as coisas com ela aconteceram, Max. Minha bebê morreu agarrada ao meu seio, enquanto eu cochilava. Por muito pouco não aconteceu algo assim com Ana também. E se eu tivesse dormido, e se ela não tivesse conseguido pedir ajudar para mim? O fim teria sido exatamente

o mesmo. Você quer alguém assim ao lado dela?

— Você criou o problema de coração da sua filha, Gabrielle? — indaga mais duro.

— Não.

— Você criou a alergia na minha?

Seguro meu lábio trêmulo entre os dentes por um segundo antes de responder.

— Também não.

A intensidade como ele me pressiona para o ponto, as questões, é tudo como se eu não tivesse nenhuma relação com os fatos... E eu já nem sei como elaborar de uma maneira lógica para que ele consiga entender. É um carma, ou azar, ou destino...

— Antes que sua mente tente associar coisas fantasiosas aos fatos como eles são, eu quero te revelar uma coisa.

Encaro-o com mais atenção, sei que é importante o que virá, sinto por seu tom.

— Há uma semana, eu estive na Central de Emergências — conta, esperando que a informação, sozinha, faça algum sentido para mim,

mas não faz — Eu ouvi a gravação, Gabrielle — permaneço em branco — De como você salvou a vida da minha filha, aplicando uma técnica de RCP que poucas pessoas leigas poderiam realizar instruídas através do telefone. Eu devo a vida de Ana a você. Ela só está lá dormindo em sua cama de princesa agora, graças a você. A mãe de sangue dela não teria feito isso por minha menina, pelo contrário, a mulher arrancou uma perna dela fora. Você, por outro lado, lhe devolveu a vida.

— Max... — gemo, num soluço, e só então me dou conta de que tenho lágrimas escorrendo por meu rosto.

— Queira você estar comigo ou não, perto de minha filha ou não, nós temos esta dívida com você, Gabrielle. Para sempre.

Sinto o ardor na garganta e palavras me faltam para tentar verbalizar o tumulto em meu peito.

— Se há algum culpado na morte de sua bebê é somente o destino. Pediatras, que estudaram anos para isto, não detectaram a doença dela. O que você poderia ter feito sozinha contra o destino?

— E-eu não sei... eu deveria estar acordada...

— No fundo, você sabe que não foi sua culpa — a profundidade de sua afirmação, somada ao seu toque em meu rosto, impedindo-me de desviar meus olhos, tenta quebrar o que para mim é uma certeza incontestável — Você só não quer admitir, mas sabe que não havia alternativa para ela.

Fecho os olhos, numa fuga para algum lugar dentro de mim, protegida das íris acinzentados. Por que Deus me daria uma criança para morrer? Qual é o sentido?

— Porque Ele tem seus próprios planos para nós. Não nos cabe julgar, apenas viver a vida como Ele nos concedeu — Max responde à pergunta que eu nem mesmo percebi ter feito em voz alta — Você sabe quantas pessoas já morreram em minhas mãos, Gabrielle? Mais do que você poderia supor. Se eu me culpasse por cada uma delas, como eu poderia seguir em frente, salvar outras tantas, cuidar da minha própria filha?

— Não poderia... — respondo por ele.

— Exatamente. Você salvou a Ana, e
NACIONAIS - ACHERON

provavelmente já salvou muitas outras pessoas em seu caminho sem nem perceber. Já é hora de enxergar as coisas como são... — Max recua seu toque em mim e esfrega o rosto com as duas mãos, acalmando a densidade de todas estas emoções — Se você me ama, se ama minha filha, siga em frente para nós, Gabrielle, por nós.

Assisto, imóvel, a ele se levantar da cama. Subo meus olhos para seu rosto e sei que chegamos ao ponto crucial de nossa situação. Ele quer uma definição, é justo, está dentro de seu direito.

— Eu vou te dar um tempo para pensar, realmente pensar sobre tudo isso. Sobre todos nós. Minha filha faz parte do pacote, mas isto você já sabe. Agora, a decisão é sua: se você quer continuar em frente com a gente ou seguir seu caminho sem nós — tão direto como ele pode, está sendo.

Mais lágrimas me obrigam a limpar os olhos com os pulsos.

— Dois dias. Eu te darei dois dias para pensar. E só te peço, em troca, a consideração de me deixar saber, sem mais fugas, seja lá o que você decidir. Você é uma parte boa da minha vida, mas

eu não posso deixar tudo de lado e te seguir como um animalzinho implorando que enxergue razões pra ficar. Eu já te dei uma e talvez a mais importante delas: eu te amo. Minha filha te ama. Agora cabe a você decidir se isto te basta — não há acusação ou cobrança, apenas o pedido honesto de um homem franco, com o peso do mundo sobre si.

Por fim, após me encarar com visceral intensidade uma última vez, ele se vira e caminha em direção à porta, pronto para sair e me deixar a sós com a desordem que me cerca por todos os lados, sufocante, urgente. Meu coração bate feito um louco contra a caixa torácica.

E-eu... ele... o que ele está me pedindo...

— Max, espere! — seu nome em meus lábios contém impressionante desespero.

E talvez isto o faça parar.

Acompanho o enrijecer de suas costas, o modo como seus músculos retesam, a tensão fluindo por seu corpo opulento no uniforme, de forma quase tangível. Esta situação o fere, fere a todos nós.

Recebo seu olhar por cima do ombro.

NACIONAIS - ACHERON

— Não, Gabrielle. Eu quero que tome este tempo para pensar e, independente do que decidir, estarei esperando sua resposta... — noto-o fazer uma pausa, como se as próximas palavras fossem me ferir e eu devesse me preparar — Apenas tenha em mente que será definitivo, seja para ficar comigo, seja para se afastar. Se optar por se afastar, eu prefiro que você faça de uma vez. Ana é forte o suficiente para entender e superar. Você não tem de dar a ela uma despedida em pequenas doses, como vem fazendo. Talvez você nem tenha se dado conta, mas este seu modo não funciona. Se for para nos deixar, que seja de uma vez.

E, posto isso, suas costas novamente são tudo o que tenho dele, indo para fora, cabeça baixa, porém determinado.

Sento-me na cama, os pés no chão, em uma mistura de choque e inércia. O homem que eu amo está me dando duas opções: a de ser feliz ao lado dele e da criança ou a de me afastar e continuar vivendo como tenho feito até aqui.

Eu quero me mover. Quero levantar, quero gritar, botar para fora a tempestade presa aqui

dentro.

Sem ter maneira de evitar, derrubo meu rosto entre as mãos e me entrego ao pranto, num maldito choro inesgotável. Minha bebê estava destinada a morrer. Ana agora é minha outra filha e, por Deus, a ideia de ficar longe dela e de Max é excruciantemente dolorosa.

Como eu vou viver sem eles? Sem os olhares aquecidos, as palavras, o toque dele? Sem as risadinhas, as deixas inteligentes, o encanto da Matraquinha, que me envolveu em seu papo furado no minuto em que coloquei meus olhos nela? Invadindo minha casa, este quarto, se apresentando como Luz do Sol, roubando maquiagens, pensamentos e meu coração?

Ela é a minha luz da manhã, o motivo dos dias serem mais claros, mais vivos.

Ele é a razão para minhas noites serem aquecidas, intensas.

Eu pertenço a eles, e eles a mim.

Tateando pelo quarto, vou até o armário em busca de algo, de qualquer coisa que me permita cruzar o corredor e ir para junto deles, das pessoas

NACIONAIS - ACHERON

que eu verdadeiramente amo – de um jeito tão puro e extraordinário que nem cabe em mim.

Visto uma camiseta longa, de qualquer jeito, saio pela casa escura me batendo contra os móveis, em direção à porta, e então volto para a bandeja de porcelana sobre o aparador de entrada e apanho o objeto que Max me deu, mas nunca de fato usei: a chave de sua casa. Eu sempre apertei a campainha ou bati à porta, nunca me senti à vontade para entrar como se lá fosse meu espaço. Onde quer que eles estejam será meu também, pois eles são meus. Era o que ele tentou me transmitir ao me dar acesso a isto.

Abro sua porta da frente. O apartamento está escuro. Caminho pelo corredor, silenciosamente. Minha primeira parada é o quarto dela, da minha princesa em sua carruagem num sono tranquilo. Entro à surdina e beijo-lhe o topo da cabeça, atendendo ao que meu coração exige.

— Você é minha filha, Ana. Minha filha.

Com cuidado, me afasto dela e sigo para o quarto dele. Sua cama está arrumada, vazia. O barulho do chuveiro revela a localização de Max.

Tremendo, ainda com muitas lágrimas, dispo-me e entro em seu banheiro. O vapor me esconde por alguns segundos, contudo, eu não quero me esconder, quero que ele me veja, saiba que estou aqui, para ele, para Ana, por nossa família.

Nua, afasto a porta de vidro do box, e só então é que ele se dá conta de minha presença.

Seus lábios se separam, num formato de “oh” lindo de viver.

— Gabrielle... — rosna baixo, surpreso, feroz, embargado.

— Max... — paro diante de seu corpo, olhando diretamente em seus olhos.

— Você tomou sua decisão? — há tanta intensidade, selvageria e paixão que minhas pernas fraquejam.

— Tomei — estufo o peito, lúcida — Eu vou ficar.

Ele meneia a cabeça, atordado, talvez assimilando as palavras.

— Certo. Isto é definitivo — dá um último aviso, que não sai em todo áspero.

PERIGOSAS

Dou de ombros, sorrindo feito uma tola.
— Eu sei. Família sempre é.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 39

MAXIMILIANO

Enfrento seus imensos olhos azuis, avermelhados e tomados pela umidade assimilando a força do que disse. “Família sempre é”. Ela nos considera sua família. E, Jesus Cristo, se a mulher soubesse o que sua afirmação faz com as batidas contra meu peito...

Eu senti uma falta tão fodida de tê-la assim, aberta para mim, dando-me uma parte de si.

Contendo uma surpreendente secura na garganta, permaneço olhando-a, calado por um instante, apenas contemplando tudo o que vejo nela.

— Você e a Matraquinha são parte de mim, Max — reforça, emocionada.

NACIONAIS - ACHERON

A forma como ela se refere à minha filha, isso de “Matraquinha”, carrega tanto afeto, tanta veneração. Ame o filho e terá o amor do pai. Gabrielle tem meu amor por incontáveis razões, mas a mais forte delas é por amar minha filha desse jeito, honrado, completo, sem barreiras.

— Estou feliz que você voltou... — digo, em meio à rouquidão afetando minha fala.

Observo sua íris perseguindo a minha e tenho de sorver uma generosa quantidade de ar para suportar a queimação em meus olhos. Deslizo meu polegar por seu lábio inferior. O contato queima como brasa. Deus é testemunha da falta que ela me fez. De quanta saudade eu senti. Se eu não tivesse Ana sob minha responsabilidade, precisando de um pai são ao seu lado, eu teria pirado.

Gabrielle fecha os olhos, se deleitando também com o toque. Uma lágrima ainda escorre por seu rosto. Seus lábios se separam sutilmente, esvaindo o ar preso em seus pulmões pela boca. Entre as mãos, ela apanha a minha e a leva até os lábios, beijando minha palma, casta, afetuosa, reverente. Sinto o efeito disso em cada fragmento

do meu corpo. O amor, a honradez, a promessa de que estaremos sempre juntos.

Um passo à frente, ela corta de vez a distância entre nós, colando seus seios nus, firmes, contra meu peito, invadindo a cascata de água.

Não me controlo.

Adentro meus dedos por seus cabelos, no sentindo da nuca, embrenhando-me pelos fios platinados e a seguro firme, numa posição de seu rosto completamente exposto a mim.

— Eu senti sua falta, Gabrielle. Muita. E não vou deixar que isso se repita nunca mais. Você é minha, foi feita para mim, coloque isto na sua cabeça — sinto a necessidade de reforçar, enviando a ela uma dose da mágoa que foi seu afastamento de mim. Cheguei a sentir raiva de sua covardia e nunca mais quero ter isso entre nós.

— Eu sou sua, Max... — aceita com simplicidade, provando que ela não está mais lutando contra isso.

Meu peito queima de tanto amor pela mulher.

Então tomo sua boca na minha e a faço saber,

neste beijo, o quanto malditamente eu a amo e que jamais a deixarei partir novamente. Não é uma promessa, é um fato. Mergulho nela. Sugo sua língua, mordo seu lábio e recebo seu próprio desespero em troca, entregando-se para mim.

Com um movimento brusco, levanto-a do chão, minhas mãos em sua bunda, e a empurro contra a parede de azulejos molhada. Esmago meu corpo no dela. Gabrielle envolve minha cintura com suas pernas, e me abraça os ombros firmemente, fazendo de mim sua tábua de salvação. Ela é a minha também.

Seu corpo, o calor, o cheiro de sua pele. Não sei mais respirar sem ela. Eu sou dela, completamente. A química, a paixão, está tudo aqui. Gabrielle é como os raios do sol esquentando tudo em mim. Nunca, nunca mesmo, eu me senti desta maneira com alguém.

Já tive muitas mulheres e hoje é como se não tivesse existido absolutamente ninguém antes dela.

Com urgência, dolorosamente duro, penetro-a, sem preliminares. Não consigo adiar isto. E nem é necessário, ela está lubrificada e toma-me com a

mesma fome. Sua cabeça se firma contra a parede, olhos cerrados, um gemido baixo, assustadoramente excitado, exala de seus lábios, parecendo ter guardado ele para mim. Só para mim. Seus seios se empinam, acompanhando as respirações curtas.

— Abra os olhos — exijo, precisando disso, precisando da confirmação de que ela está aqui cem por cento para mim.

Com dificuldade, ela o faz. Pupilas dilatadas, inebriada.

E vou contra ela, estocando fundo tudo de mim, nunca tendo o bastante. Cada gemido que arranco desta mulher é meu. Completamente meu. Nossos corpos estão no mesmo ritmo. Nosso olhar, preso. O desejo, a explosão, temos tudo. Sons de nossos corpos se amando ecoam pelo banheiro, de um jeito fodido, que me excita ainda mais. Quando suas unhas se cravam contra minhas costas e ela chama meu nome, eu sei que Gabrielle está tendo a demanda de prazer estourando dentro dela. Vou mais fundo, com mais força. Eu quero vê-la gozando para mim. Eu necessito desta visão

registrada.

Semicerrando os olhos, ela me dá sua libertação, chamando meu nome baixinho, entrecortado, dizendo-me o que eu senti dela este tempo todo: ela me ama. Gabrielle me pertence.

Tendo isto em mente, abocanho seu seio, acelero meu ritmo e explodo dentro dela, tanto e tão prolongado que minhas panturrilhas vacilam. Preciso escorar minha mão ao lado de sua cabeça, na parede, enquanto a preencho.

GABRIELLE

Terminamos nosso banho, juntos, sob mais carícias, mais toques lascivos, dando e extraindo prazer um ao outro. A virilidade, a intensidade, tudo deste homem me faz ofegar de paixão. Eu não sei como consegui me afastar, e só tenho uma certeza: não posso mais ficar longe dele, seria como arrancar um pedaço de mim mesma.

Lavamo-nos, entre beijos ardentes e

promessas... e somente enrolada na toalha de banho é que finalmente consigo tomar uma primeira respiração profunda em muitos dias. A saudade que senti doía demais, mal me permitia respirar. Esse tempo me serviu de lição: Max e Ana são importantes demais para mim, a vida mudou depois que nossos caminhos se cruzaram, tudo ficou diferente... e hoje eu enxergo que para melhor.

Em seu quarto, ando até seu armário e retiro uma camiseta grande dele. Visto-me com ela.

Um sorriso bonito brinca no canto de seus lábios, assistindo-me invadir seu espaço assim.

— Temos uma criança na casa, não posso correr o risco — pisco, explicando a decisão.

— Muito bem observado, vizinha — o bom humor me faz baixar os olhos, sorrindo também.

Divina misericórdia, como eu consegui ficar sem isso?

Já deitados, em meio à penumbra do quarto, sua mão pousada em meu estômago, minhas costas bem encaixadas contra seu peito, sinto o relaxamento agradável se apossar do meu corpo.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu nunca mais vou ficar longe de você...
— sussurro, como uma promessa, lutando para não cair no sono,

— Tampouco eu permitirei que fique — afirma em voz bem baixinha, atraente de um jeito gostoso de ouvir.

— Obrigada, Max...

— Pelo quê?

— Por não desistir de mim.

— Eu nunca faria isso. De uma forma ou de outra, eu a traria de volta. Não se engane, não há nada de nobre em mim, Gabrielle.

Sorrio silenciosamente no escuro, agradecida pela sorte que eu tenho.



Pisco algumas vezes e, mesmo de pálpebras fechadas, sei que o dia ainda está nos primeiros minutos de claridade. Não deve ser mais do que cinco ou seis da manhã. O que me desperta? A presença, o cheirinho, a energia dela. Eu já sinto a menina como se nossas almas se reconhecessem quando estão próximas.

Abro os olhos e a encontro exatamente como na primeira vez que passei a noite aqui, olhando-me quietinha, contemplando meu sono com um ar de admiração tão enriquecedor que emociona. Seu queixo descansado na beirada da cama, as mãozinhas apoiadas no colchão, ao lado de seu rosto.

Sorrio para ela.

Ela sorri para mim.

— Oi... — sussurro.

— Oi, Gabrielle... — imita meu tom —
Você dormiu na minha casa de novo?

Aliso suavemente sua bochecha.

— Eu só consigo dormir bem quando estou na sua casa, princesa.

Seus olhinhos acinzentados sorriem para mim.

Sem pensar no que estou fazendo, afasto-me um pouco para trás e levanto o edredom, convidando-a.

— Ainda é cedo, o que você acha de me ajudar a dormir um pouquinho?

O que vejo refletido em sua expressão me suga o ar. Dúvida, interesse, admiração plena.

— Você quer que eu te ajude a dormir, Gabrielle? — questiona, surpresa.

— Sim, eu preciso sentir o seu cheirinho...

Sorrindo de maneira aberta, em uma manobra, ela está subindo na cama comigo. Antes de envolvê-la como quero, no entanto, retiro sua perna artificial, dando mais conforto à menina. E a abraço bem forte, dividindo meu travesseiro.

— Você se machucou? — toca de leve meu curativo.

— Não foi nada...

O olhar inteligente ainda me observa por mais alguns minutos, antes de piscar pesadamente para uma soneca.

Agarro-a contra meu peito, colo meu nariz no alto de seus cabelos e sorvo esta sensação, como se nada fosse mais certo do que nós três aqui.

O corpo de Max se move para mais perto.

— Eu te amo pra caralho... — rosna sussurrado em meu pescoço.

Eu também, doutor. Eu também.



Passo a passo, levanto-me silenciosamente, deixando os dois na cama. Devo ter dormido mais umas duas horas depois que a Matraquinha se deitou com a gente. E foi o melhor sono em semanas.

Usando a camiseta de Max e mais nada, sou surpreendida por Marieta entrando na cozinha.

Enrubesco um pouco, não nego.

— Bom dia, Gabrielle... — cumprimenta com simpatia honesta.

— Bom dia, Mari...

Observo-a indo para preparar o café, e decido interpelar.

— Se estiver tudo bem para você, eu poderia fazer o café da manhã hoje? — peço sem jeito.

Seus olhos estreitam-se discretamente, avaliando-me, e, surpreendentemente, sorri, como se a ideia fosse perfeita.

— Você faria isto? Neste caso, eu poderia ir à feira aqui embaixo, pegar os primeiros produtos

mais frescos.

— Oh, sim, sim, você pode ir se quiser, eu vou gostar de cozinhar pra eles.

Passando por mim para voltar ao seu caminho, ela para em minha frente.

— Eles sentiram sua falta aqui de manhã, Gabrielle.

Pego-me abraçando-a bem apertado.

— Eu estava maluca de saudade deles também, Mari.



Familiarizo-me com cada coisa e lugar e me concentro em preparar um bom café da manhã. Retiro da geladeira tudo o que encontro para a refeição matinal. Mari cuida muito bem da alimentação nesta casa, penso. Coloco algumas fatias de pão na torradeira elétrica, aqueço leite, passo o café, corto um mamão em fatias finas. Enfim, quero dar a eles um motivo para não me enfiarem um pé na bunda por ter sido tão estúpida nesses últimos dias.

É quando estou colocando tudo sobre o

balcão da ilha da cozinha que o papel me chama a atenção. Arrumo as xícaras e talheres e me sento na banquetta, em frente a ele. A logomarca de uma imobiliária famosa no topo da página me chama muita atenção. Não está em um envelope, nem nada, então não deve ser um segredo.

Fazendo o mais lógico – mesmo que não pareça certo – começo a ler o conteúdo e... oh, merda! Isto aqui é uma avaliação de mercado deste apartamento. Max contratou esta empresa porque quer... vender? Ele está pensando em se mudar? Seria para se distanciar de mim?

Está tudo tão detalhado no documento. A inspeção, o valor médio dos imóveis desta região e...

— Bom dia, Gabrielle — sua voz rouca me surpreende atrás de mim.

Salto na banquetta, pega em flagrante. O olhar no rosto levemente inchado vai de mim para a folha em minhas mãos. Ele não parece envergonhado, surpreso ou sequer irritado pela invasão.

— Eu nem tive tempo de ler isso ontem à noite... — diz, simplesmente, e beija minha testa.

NACIONAIS - ACHERON

Então se senta ao meu lado, sério, observando o documento ainda comigo.

— Você está pensando em se mudar? — indago tão completamente sem voz que nem sei o que se parece.

Ganho um menear sutil de sua cabeça, negando. Ele me encara com tranquila seriedade.

— Uma ordem do juiz determinou que avaliassem o valor de venda deste apartamento — seu hálito de menta quase me distrai, não fosse a palavra “juiz”.

— Mas por que um juiz pediria isto?

Max inspira uma longa quantidade de ar. Os olhos desviam-se para frente, a sobrancelha direita se eleva, muito sério mesmo.

— A pedido de minha ex-mulher... — noto a maneira amarga como relata.

— E-eu não entendo... esta casa é dela também?

Ele ri, baixo, desgostoso.

— Não. Ela é uma aproveitadora. E eu um idiota por confiar. Quando decidi me separar, a

casa em que vivíamos juntos foi vendida e o valor dividido igualmente, apesar de eu ter comprado sozinho.

— Mas então...?

— Com a minha parte, eu comprei este apartamento. Isso foi antes de eu entrar com a papelada do divórcio, e agora ela alega...

— Que tem uma parte aqui também? — corto-o, concluindo sua explicação — Ela fez isso? Quero dizer, ela teve coragem?

O músculo de sua face pulsa, irritado, porém sob controle.

— Sim, ela tem coragem para isso e coisas piores, acredite.

A maneira como isto soa em seu timbre me faz imediatamente curiosa.

— Piores como o quê? — chego a ter medo de perguntar.

Noto o caroço em seu pescoço se mover, engolindo desconfortavelmente.

— Ela está pedindo na justiça a guarda compartilhada de Ana.

Recebo a informação tal qual um tapa bem dado, chega a formigar a bochecha.

— Ela não pode conseguir isso — resmungo para mim mesma — E não vai. Juiz nenhum daria a guarda para uma mulher que não liga para a filha...

— Ela alega que mudou. Casou-se com um maconheiro, pretende comprar uma casa com o dinheiro da venda deste apartamento e criar um lar para minha filha, foi o que aquele advogado maldito dela teve a capacidade de dizer.

Aperto seu ombro, compreendendo a derrota e irritação em seu corpo.

— Ela não vai conseguir, Max... não vai.

— Não mesmo, acredite nisto. Antes de qualquer juiz pensar em colocar minha filha sob os cuidados deles, eu os mato.

Não sei se é da boca para fora... e, no fundo, compartilho do mesmo sentimento. Então algo me ocorre.

— Como ela conseguiu tudo tão rápido? Digo, uma ordem do juiz para que este apartamento seja avaliado e tudo o mais... os processos na

justiça costumam demorar meses e você ficou sabendo disso há o que, uma semana? — desde que me afastei, penso, mas não incluo esta parte.

Algo nele me faz parar por um segundo. Seus olhos focam em qualquer ponto a nossa frente, a postura enrijece. Não compreendo... A menos que...

— Você já estava ciente deste processo há mais tempo, não é?

Não preciso de palavras para ter minha resposta. Sim. Ele apenas não me disse.

Apoio-me contra a bancada, assimilando tudo.

— Eu não entendo. Por que você não me contou? — sibilo.

Lentamente, Max gira seu rosto para mim, inexpressivo, enfrentando o meu.

— Eu não quis te lançar meus problemas, Gabrielle — há mais do que isto em suas palavras... faltou confiança em mim.

Encaro-o por algum tempo, atrás de respostas. Ele não confiou em mim. Deixou-me de

fora porque sua fé em “nós” não era tão forte. Ele achou que eu não daria conta e fugiria... Posso julgá-lo? Não. Foi exatamente o que eu fiz quando algo maior aconteceu.

Minha reação poderia ser negar, no entanto, o tempo mostrou a Max que ele tinha razão. Não tenho direito de discutir algo assim, não da maneira com que me comportei até aqui. Mas as coisas agora mudaram, eu me sinto mudada, mais forte...

— Nós somos uma família e vamos resolver isso juntos. Por favor, não me esconda nada que seja importante para você ou Ana, Max. Eu sou parte disso.

Olhos cinza escurecem, fitando-me com confiança e paixão,. Ainda não sei de que jeito, mas vou resolver a situação. Ah, pode ter certeza que sim.



Deixo Ana na escola e a observo por alguns instantes, de longe. Eu vim aqui mesmo separada de Max, todos os dias. Quero que as pessoas daqui saibam (menos ela) que estou de olho na forma como a tratam, de alunos a funcionários.

Ana caminha pelo pátio até um menino – Gabriel, o que usa cadeira de rodas. Ambos isolados de onde outras crianças correm e se misturam. Mesmo de longe, percebo que, apesar disso, os dois se entendem. Ele parece conversar como um Matraquinho também, e ela escuta, tímida, dizendo alguma coisa muito de vez em quando. Aos poucos, a situação está melhorando. Observando Ana, eu sinto que há algo que preciso fazer. Ela é cheia de vida em seu próprio mundo, porém, no mundo real, com crianças de sua idade, ela se fecha. Não contesto seus motivos. Ainda assim, sinto que preciso fazer algo por ela, em seu interior.

Estou na vida dela de maneira permanente agora. Sou sua mãe.

O primeiro passo é me adequar à tarefa. Chega de ficar usando o carro de Max para trazê-la à escola. Tenho de adaptar o meu para recebê-la. Confiro a marca da cadeirinha dela no veículo e me dirijo a uma loja, adquirir a minha própria.

Tempo para isso eu tenho, afinal, estou no meu primeiro dia de desemprego... A palavra até

não soa tão ruim... ainda.

Ligo para Mau (meu mais novo parceiro na fila dos “sem-emprego”) e o convido para ir comigo. Ele reclama do horário, diz que hoje seria seu primeiro dia de sono estendido. Engano. Hoje será nosso primeiro dia juntos. Estou com umas ideias profissionais na cabeça, mas, por enquanto, pretendo amadurecê-las um pouco mais.

No caminho, não deixando de pensar na tal Francine nem por um instante, decido ligar para Pini. Acho que vou precisar de sua ajuda... ou da de seu amigo Sebastian.

Capítulo 40

GABRIELLE

Estar nesta sala, assistindo à Ana com uma peruca enorme na cabeça jogar a trança de um lado para outro – fingindo que é realmente seu cabelo –, enquanto desliza por seus lábios um de meus melhores batons, sem nenhuma piedade, me preenche com uma plena sensação de... satisfação. Sim, de estar em casa e não desejar outro lugar no mundo que não este.

Entre uma passada do produto e outra, ela sorri para mim, dentinhos manchados, boca completamente borrada, e jorra fofurices do tipo “Eu adoro esta cor”.

A criança tem bom gosto, por sinal.

— Bem, eu acho que já é hora de uma
NACIONAIS - ACHERON

mocinha ir para o banho. O que você acha, Gabrielle? — Max caminha para nós, pés descalços, camiseta e jeans, num tipo relaxado que eu amo ver. Seu semblante tranquilo, apesar da ruga no cenho, enriquece meu peito de um enorme alívio por tê-lo de volta em minha vida.

Eu não suportaria não ter.

— Ahhh, papai... — a espertinha reclama, olhos piedosos, de um jeito difícil de ignorar.

Levanto-me do chão onde estamos, limpando as mãos na calça.

— Hum, eu acho que seu pai tem razão, princesa. Mas eu posso te ajudar nisso, se quiser...

E, como sempre, sou contemplada por aquele olharzinho cheio de admiração, de interesse, parecendo que tudo o que envolve nós duas é uma aventura para ela. Se Ana soubesse o quanto me faz feliz... O quanto traz uma parte do meu coração de volta à vida...

A Matraquinha marcha para o quarto com vigor. Sorrindo para o cara que me tem sob seu olhar intenso, eu a sigo. Quando passo por Max, ele prende meu cotovelo e se aproxima um pouco mais,

NACIONAIS - ACHERON

encostando seus lábios em meu ouvido.

— Se você quiser, eu posso te ajudar com o seu banho mais tarde também.

Dou um tapa de leve em seu estômago, mascarando a reação de meu corpo diante de sua voz sussurrada roucamente contra minha pele. Não controlo o suspiro baixo, ofegante,.

— Promessas, promessas... — provoco.

— Um fato, Gabi — morde meu lóbulo, dizendo em voz baixa — Encare como um fato.

— Por Deus, homem... — reclamo.

E, antes de fraquejar, marcho para o banheiro da menina.



Depois de quase meia hora entre banho e brincar na água com as bonecas, finalmente consigo tirar Ana de dentro da banheira. Seu pé e mãos chegam a estar enrugados. Seco-a e a visto no pijama cor-de-rosa de princesa. O esforço de erguê-la no colo provoca uma picada leve de dor no machucado em meu supercílio. Ana percebe e toca meu rosto, bem próximo ao local, enquanto a levo

para seu quarto.

— Dói? — indaga baixinho, um bracinho envolvendo meu pescoço.

— Um pouquinho só, mas já passa.

— Você quer que eu fique em casa amanhã para cuidar de você, Gabrielle?

Mordo o sorriso. Muito sagaz, apesar de tão pequena.

— Hum... — finjo pensar na ideia — Eu acho que não... sabe o que pode ajudar? Eu me deitar um pouquinho com você — coloco-a em cima da cama.

Ela se ajeita mais para o lado, oferecendo-me espaço. Cubro-a e me deito na borda.

— Como está a escola? — pergunto, dissimulando meu interesse.

Noto seus olhinhos enormes vacilarem.

— Está bem. Lá todos são muito legais comigo.

Não respiro por alguns segundos. Esta é exatamente a mesma resposta que eu a vi dando a Serafim, o porteiro do prédio, há alguns meses. Um

aperto muito discreto se acomoda no meu peito. Este mecanismo que ela criou para se adaptar às situações não lhe faz bem. Ana vai crescer e, em breve, descobrirá que nosso mundo é ainda mais impiedoso do que as crianças ignorando sua presença na nova escola, ou aquelas que a agrediam na anterior. Apesar de tão pequena, já recebendo uma dose disso, ela não faz ideia de como os seres humanos têm o dom de serem bárbaros. Os olhares, as palavras de falsa preocupação, a discriminação, mesmo que velada, são atitudes que abrigam a crueldade.

É minha obrigação torná-la mais forte. Fortalecer sua autoestima, a capacidade de não se deixar atingir, de combater. E eu vou fazer isto. Todos os dias, como uma missão, trabalharei sua confiança. Ana é especial e terá uma vida assim, é uma promessa que eu me faço.

Com essa determinação, volto a especular.

— E aquele menino, o Gabriel?

Ela sorri, tímida.

— Ele é legal.

Um começo.

— Sabe o que eu pensei? — cochicho.

— O que, Gabrielle? — questiona, com interesse expectador.

— Faz muito tempo que eu não conto uma história para alguém dormir.

Grandes esferas de cor cinza levantam-se para mim.

— Você sabe contar história? — o sussurro é altamente reverenciador.

Toco a pontinha de seu nariz.

— Sei sim. Posso te contar uma?

— Claro, Gabrielle!

Ajeito-me, deitando a cabeça sobre a curva de meu braço dobrado, sem desconectar nosso olhar.

— Era uma vez uma menina chamada... — tento pensar rápido num nome — Heroína... — é, eu nunca fiz isto antes.

— Heroína... — Ana repete, interessada, testando o som da palavra.

— Isto mesmo. A Heroína era uma garotinha muito linda, doce, e ela era especial... — sussurro a

próxima parte como se fosse um segredo — Ela nasceu diferente das outras crianças.

— Ah... — exprime um sonzinho de entendimento.

— Mas o que ninguém sabia é que, dentro dela, havia o maior de todos os poderes: a Heroína tinha uma luz. Muito, muito forte, brilhante e poderosa. As pessoas à sua volta, por não conhecê-la direito, sentiam medo, sabe, e se afastavam dela. Isto deixava a Heroína um pouco triste, ela não entendia direito — faço uma pausa na história — Às vezes, algumas pessoas têm medo do diferente, Ana, porque sabem que o diferente é muito poderoso, então elas tentam magoar, fogem, evitam.

Sua atenção está completamente em mim.

— A Heroína, muito inteligente e generosa como era, descobriu isso, com o tempo, e tomou uma grande decisão: daquele dia em diante, ela tentaria ser amiga das pessoas, se aproximaria mais delas e mostraria que, apesar de ser tão poderosa, ela poderia ser igual a todos eles. E assim ela fez. Conquistou o maior número de amigos possível. E

para aqueles que ainda a ofendiam por causa do medo, ela decidiu sentir compaixão deles e não permitir que o que eles dissessem a magoasse mais. Deu certo. Ela cresceu e se tornou ainda mais forte e poderosa, e viveu feliz para sempre...

Tecnicamente, este é o fim da história. No entanto, vendo sua expectativa, sei que só este final não será o bastante, então o floreio um pouco.

— E a Heroína abriu uma grande fábrica de batons, vestidos, joias e todas as coisas mais lindas de princesa.

As piscadinhas deslumbradas aquecem meu coração de uma forma extraordinária. Deus, eu quero apertá-la contra mim, cobrir seu rosto de beijos, me envolver à sua volta e me transformar em seu escudo protetor.

— Eu gosto da Heroína — ela comenta num suspiro.

Avalio seu rostinho observando o meu com uma expressão pensativa. Não demora, as piscadelas se tornam mais pesadas. Afago seus cabelos, assistindo ao sono fazer o trabalho na menina. Beijo o topo de sua cabeça, cubro-a melhor

NACIONAIS - ACHERON

e saio, passo a passo, do quarto, apagando a luz atrás de mim e encostando a porta, permitindo apenas uma fresta de claridade.

Encontro com Max encostado à parede no final do corredor. Pela chama em seus olhos, não preciso ser inteligente para saber que ele estava nos ouvindo. Sem palavras, o beijo que recebo abriga diretamente minha alma. É forte, é possessivo, é grato. E eu devolvo com a mesma gratidão de alguém que acaba de receber uma segunda oportunidade na vida.

Sem fôlego, me afasto uma polegada para mirar seus olhos nublados.

— Eu te amo, Max...

— Eu jamais te deixaria ir, Gabrielle. Jamais — reforça, como se as semanas anteriores ainda estivessem pairando em sua mente.

— Obrigada por isso, então... — sorrio, afetada demais pela energia entre nós.

O ruído baixo de seu celular vibrando no bolso quebra minimamente o clima. Mas seu olhar permanece fixo ao meu por mais alguns instantes, antes de retirá-lo.

Desviando-os para a tela do celular, seu cenho se franze.

— É meu advogado, eu tenho de atender — explica, sereno.

Meneio a cabeça em apoio.

— Sim... — escuta algo — Claro, cara, estou, suba... eu falo com ele — mais silêncio — Sim, Severino, deixe-o subir.

O advogado está lá embaixo...?

Aliso minha roupa e prendo o cabelo num coque alto, no topo da cabeça.

— Você quer que eu vá para o meu apartamento enquanto fala com ele?

— Não — responde, enfático — É claro que te quero aqui. Comigo.

Orgulhosa, aceno, concordando. Amo esta forma de me incluir em sua vida. Amo muito.



O advogado, um homem negro, alto, muito atraente, entra quando Max oferece espaço, após cumprimentarem-se. Max me apresenta como sua namorada. O som é doce, gostoso de ouvir.

— E aí, cara, o que te traz aqui a esta hora?
— meu namorado vai direto ao ponto.

— Más notícias, Max. Infelizmente — ele puxa de sua valise uma folha — Isto foi acrescentado ao processo e um pedido de medida protetiva foi submetido ao juiz. Sei porque tenho um amigo no fórum que estava de plantão. O juiz ainda não o recebeu.

Max pega o papel e, conforme vai lendo, seu corpo inteiro se torna mais duro, mais lívido. O aperto firme na folha chega a destacar a veia em seu pulso. Seja o que for, não é nada bom.

Aproximo-me um passo e toco seu ombro.

— O que é isso, Max? — pergunto com cuidado.

Seu olhar sai do papel para mim. Em seu semblante, eu vejo o assombro, incredulidade e indignação.

— Emanuelle emitiu um laudo médico alegando que negligenciei o estado de saúde de minha filha, ignorei uma alergia severa, e que não obtive meu contato imediato porque não me encontrou na cidade.

Um sabor muito amargo vem até a ponta da minha língua, acompanhado de um nó na base da garganta.

— O advogado de Francine vai usar para dizer que Ana precisa de um lar estável e um pai presente — o advogado explica.

— Mas que história é essa de lar estável e pai presente? Isto é exatamente o que a menina tem aqui! — interpelo, quente de emoções.

— Francine se casou e... — o advogado diz.

— Com um maconheiro que não vai conviver com a minha filha — Max rosna, cortando-o.

— Sim, Max. Nós sabemos, o juiz não.

— Então conte ao juiz — me atravesso.

— Não é assim que funciona, Gabrielle. Vamos ver o que o juiz responderá sobre este pedido. Solicitamos então uma inspeção do lugar onde eles moram.

— Você não pode usar a má fé dela sobre o dinheiro da venda da casa?

— Eles ainda eram casados, perante a lei, quando Max comprou este apartamento.

— Casados porque nosso divórcio foi litigioso e ela se recusou a assinar os papéis antes, até que esse maconheiro apareceu.

— Que justiça ridícula... — bufo.

O advogado acede.

— Eu lamento trazer más notícias para vocês, Max. Mas você entende, eu precisava vir.

Max desliza os dedos impacientes sobre o cabelo.

— Claro, cara. Eu te agradeço. Agora me diga, você acha que este laudo — aperta o papel em sua mão — vai mudar alguma coisa?

O doutor desvia os olhos para outro lugar.

— Ainda não há como saber. Ajudar não vai, isto é certo.

O ar da sala se torna mais denso, nenhum de nós satisfeito com a situação. E eu? Com uma raiva muito grande fervilhando em minhas veias. Mal consigo raciocinar direito, mas sei que o foco aqui é Max. Tenho de manter a mente sã, tranquila, para apoiá-lo. Tudo o que ele menos precisa é de uma carga de raiva adicional.

Quando o advogado sai, a energia de antes de sua chegada se esvai.

Trato de levá-lo para o quarto e passo a noite agarrada em seus braços. Apoando-o, dizendo, sem a necessidade de palavras, que estou aqui com ele. Na verdade, estou muito ansiosa para o dia amanhecer de uma vez e eu resolver uma questão entalada na garganta.



No café da manhã, Max permanece mais sério, mais fechado, e nossa atenção fica toda na Matraquinha. Noto que a disposição dela para ir à aula parece um pouco melhor hoje. Aliás, disposição não é bem a palavra certa. Colocando em correta perspectiva: de todos os dias, hoje é a primeira vez que ela não tenta criar alguma justificativa para se “oferecer” a não ir. Talvez a história de ontem tenha mudado algo em sua mente, talvez não. Seja o que for, é só o começo de minha missão com ela.

Quando Ana vai para o banheiro escovar os dentes e pegar a mochila, levanto-me, pronta para retirar a mesa e levá-la à escola.

— Obrigado por ir com ela, Gabrielle, mas você tem certeza de que não te atrapalhará?

Apanho as xícaras e ele alguns itens a serem guardados na geladeira.

— Eu não tenho nada para fazer hoje, Max, e... — caramba! Paro no meio do caminho e olho para ele — Hum. Eu acabei não te contando...

Pego seu olhar curioso em mim, ainda segurando a caixa de leite.

— Estou desempregada.

Seu cenho se franze. Mesmo com semblante sério, noto um repuxar leve em seus lábios, um sorriso discreto.

— As tequilas — aponto para o curativo sobre meu olho — foram logo depois de eu arremessar um troféu contra a testa do meu chefe. Ex-chefe, aquele babaca aproveitador — resmungo o xingamento.

O sorriso se torna mais evidente.

— Mulher, você me dá medo.

— Lembra as coisas que te contei sobre ele, não é? Demitir Mau (Mauro, a quem te apresentei

lá em casa) por puro ciúmes foi a gota d'água... Agora, estou desempregada...

Max deixa o leite sobre a bancada, retorna até mim e apanha minha cintura.

— Bem, agora você pode pensar em ter sua própria marca... — o tom suave, encorajador, é exatamente a opinião que eu esperava dele.

Aliso seu peito, num agradecimento pelo homem ser quem é, para mim, para sua filha, para seus pacientes.

— Eu meio que estou pensando nisso, na verdade... Mas é só uma ideia — revelo em voz baixa.

— Fico feliz por você, Gabrielle — diz, sério — Sei que, seja lá o que estiver pensando, será bom, você é muito aplicada — roça seus lábios nos meus.

Deixo a xícara atrás de mim e envolvo seu pescoço.

— Obrigada, bom doutor... — brinco sedutoramente.

Traçando os lábios no caminho para meu

pescoço, sinto sua risada baixa.

— O que foi? — questiono como uma boba.

— Por favor, lembre-me de passar longe quando você estiver num momento de fúria, minha senhora — provoca contra minha pele.

Mordo a bochecha, parcialmente envergonhada.

— Tentarei... eu prometo.

Ana retorna com a mochila nas costas e fica paradinha observando nossa interação. Afasto-me vagorosamente de seu pai e me encaminho para ela.

— Pronta, princesa? — ajeito sua franja de lado.

— Sim, Gabrielle.

— Ok. Então vamos lá.

Ana se gira para irmos; Max a impede.

— Ei, mocinha, não está se esquecendo de nada?

Uma risadinha gostosa vibra da menina, que logo corre para os braços dele. Ele a aperta num abraço bom e a coloca de volta no chão, despedindo-se com um beijo no topo de sua cabeça.

PERIGOSAS

— Tchau, papai...

— Tchau, filha...

A menina volta para mim. Pego sua mão.

— Gabrielle? — o homem me chama, o tom insondável.

— Sim, Max? — olho-o por cima do ombro.

— E você, não está se esquecendo de nada?

Faço um beicinho pensativo.

— Acho que não.

Ele estreita os olhos, num desafio. Irredutível.

— Eita... — resmungando, me aproximo dele.

Recebo também um abraço, gostoso, quente e malditamente cheiroso. E então seus lábios deslizam, macios, até os meus. O beijo é rápido, mas de tirar o fôlego.

— Tchau, Gabrielle — fala muito satisfeito, quente, cheio de paixão.

— Até mais, Max... — bufo, mal contendo o sorriso.

NACIONAIS - ACHERON

Atravesso a ilha e volto para Ana.

— Gabrielle?

De novo?

Mas o que ele está...?

Viro-me, muito rebelde por receber sua provocação umedecendo-me quando estou prestes a sair.

— As chaves — sorrindo, parece ler a minha mente, e aponta para as chaves de seu carro, sobre o balcão.

Ah, sim.

— Eu vou levá-la no meu — aviso, presunçosa — Acabei esquecendo de te dizer, mas mandei instalar uma cadeirinha para ela no meu carro. É da mesma marca que a sua... — dou de ombros.

Antes de sair, olho mais uma vez para ele, que me encara aquecido, pego de surpresa. Em sua expressão, consigo enxergar toda aquela intensidade que eu adoro.



Como a boa menina que sou, não menti para

Max... bem, na verdade, estou parcialmente cumprindo minha promessa. Max não passará perto no meu momento de fúria, que está muito perto de acontecer.

Deixei Ana na escola e vim dirigindo para o hospital o mais rápido que pude. Tão ansiosa que eu não via a hora de estar aqui. Avisei na recepção que eu gostaria de falar com a doutora Emanuelle e, como eu sabia que ela não me receberia, menti meu nome. Ao me apresentar como Francine, intuitivamente, fui instruída a esperar por ela diretamente em sua sala. Por aí se pode ver o grau de intimidade das cachorras.

Encosto-me na parede ao lado de sua porta, dentro da sala. Não demora muito, passos no corredor, cada vez mais perto, dão a indicação de que ela está vindo. Feito. Assim que a mulher atravessa a porta de sua sala, eu a surpreendo, trancando atrás dela.

— Mas o que...? — grita baixo, surpreendida.

— Como vai, Emanuelle? — sorrio, guardando a chave no bolso da calça jeans.

— O que você está fazendo? — o medo e a surpresa, juntos, arregalam seus olhos, apontando com o queixo para meu gesto.

Deixo de sorrir.

— Dando a você exatamente o que merece... Aliás, talvez você mereça coisa pior — vou falando e me aproximando. Ela recua passo a passo — Você é uma maldita cobra sem nenhuma ética ou humanidade.

— Saia daqui ou eu vou chamar os seguranças, estou te avisando... — ameaça, retirando um celular do bolso do jaleco.

Pego-o dela com rapidez, e estatelado contra uma parede.

Esta sala mórbida fica no final de um corredor praticamente vazio, tenho a sensação de que, dificilmente, alguém irá escutá-la. Acho que ela sabe disto também.

— Você é maluca? Olhe o que fez!

— Quebrei seu celular. E você, o que fez? Vingou-se do cara que não te quer. Não te quer — ênfase — Forjando um documento mentiroso, sua

infeliz? Que tipo de pessoa faz isto? Que tipo de monstro se dispõe a ajudar uma irresponsável como aquela a tirar Ana de um pai igual ao Max?

— Fiz o que tinha de fazer, pensando no bem-estar da criança... — fala com uma superioridade irritante.

Cerro meus punhos, aplicando (com um esforço quase sobre-humano) toda a calma que me é permitida diante desta situação.

— Sua cobra ressentida — acuso, muito controlada — Você não se atreve a se esconder atrás desta mentira. Você não quer o bem-estar de Ana, Max ou qualquer pessoa! Você quer se vingar de um cara por ele não te querer!

Seu rosto se eleva, maldoso.

— E se eu fiz isso? E seu eu achar que Max merece perder Ana e qualquer coisa que ele ame porque é um ingrato?

Sorrio friamente.

— Você só demonstrará que não tem ética nenhuma. Nenhuma.

— Apenas dei minha opinião profissional,

Gabrielle — gaba-se.

— Profissional uma ova. O que fez foi baixo demais, Emanuelle, até para uma cobra rastejante como você...

— Olhe, eu não admito que... — ela tenta me interromper, elevando a voz.

— Dane-se o que você admite ou não! — perco um pouco da forçada paciência, apontando um dedo acusatoriamente contra seu rosto — Você sabe que aquele laudo é uma mentira. Um monte de mentiras. Max nunca foi um pai ausente. Não o puna por rejeitar você, Emanuelle. Deixe eles em paz! Deixe ele continuar cuidando daquela menina como sempre fez!

Ela tenta afastar meu dedo de seu rosto, empurrando minha mão.

— Não vou retirar porcaria nenhuma! E vou testemunhar para um juiz confirmando cada palavra.

— Cada mentira, você quer dizer — debocho.

A expressão ressentida, mal-intencionada, se

torna mais acentuada.

— Que seja, que seja mentira. Ele não merece ser feliz. Ele é um ingrato que nunca reconheceu tudo o que eu fiz por ele!

— O que você fez por ele? Abriu as pernas?
— provoco.

A ira em sua face é surpreendente. Hoje, tenho a plena constatação que esta mulher é um poço de rancor.

— Eu amei aquele homem! Amei mais do que vadias interesseiras como você e a Francine jamais vão amar! E sabe o que ele me deu em troca? Ingratidão. Ele é um ingrato! No que eu puder, vou ajudar a arrancar aquela bastardinha aleijada dele.

Meu sangue vai todo para o rosto.

— Você chamou Ana Carolina de aleijadinha? — pergunto muito sóbria.

— Sim, bastardinha aleijada! Vou rir quando Max perder a guarda dela!

Respiro profundamente, não uma, mas duas vezes. Retiro meu celular do bolso da frente do

jeans, confiro o gravador e interrompo a gravação. A mulher se cala sem ainda entender o que eu estou fazendo. Deslizo o dedo pelo ícone de tempo do som, somente para me certificar que deu tudo certo. A voz dela gritando a última parte, onde chama a Matraquinha de bastardinha aleijada soa estridente.

Lívida, Emanuelle perde a expressão. Eu sorrio, cheia de gana.

Guardo o celular de volta no bolso, então subo meu olhar tranquilamente por seu rosto assombrado.

— Além de uma cobra mentirosa, sem ética... você também é uma burra, Manu — assinalo muito calma; seu apelido soa como uma música docemente cantada em meus lábios.

— V-você...? — balbucia sem coesão.

Meu sangue fervilha, mais quente do que nunca.

— Sim, isso mesmo. Agora duas coisas vão acontecer. Primeiramente, você, de muito boa vontade, vai fazer outro relatório, desqualificando aquele e alegando que estava sob coerção de Francine para escrever aquela mentirada toda.

NACIONAIS - ACHERON

Revelará que tudo ali não é...

— E-eu não posso... — mal ouço sua voz.

— Ah, pode. Pode sim. Você mente muito bem, Manu — pego o cartão em meu bolso traseiro — E, como eu sou uma pessoa justa, te darei até as cinco da tarde para este novo laudo estar na mesa deste advogado aqui — entrego-lhe o cartão do advogado de Max — Nem um minuto a mais. Do contrário, esta gravação estará na mesa do diretor deste hospital, no conselho de medicina, na internet, na mesa do juiz e em qualquer hospital que você pretenda trabalhar novamente. Eu serei seu pior pesadelo, acredite em mim.

Num movimento traiçoeiro, ela tenta pegar o telefone do meu bolso.

Apanho seu pulso no mesmo momento e encaro diretamente seus olhos.

— Você se recorda da parte que acabei de dizer sobre duas coisas acontecerem? Pois a segunda delas é que eu te farei pagar cada palavra asquerosa saída de sua boca. Por trair a confiança deles. Por ofender Max. E, principalmente, por ofender à Ana. Depois que eu sair daqui hoje,

NACIONAIS - ACHERON

Emanuelle, você certamente pensará duas vezes antes de abrir sua boca peçonhenta para prejudicar qualquer pessoa.

— Sa-saia de perto de mim...

Calo-a com um tapa.

“Vou ajudar a arrancar aquela bastardinha aleijada dele” é a frase que me guia nos momentos seguintes. Eu a empurro para o chão, ela se desequilibra e cai. Monto nela e... Deus do céu, só consigo lembrar que a mulher tentou prejudicar as pessoas mais importantes da minha vida.

A infeliz não me ataca de volta, somente tenta de todo o modo bloquear meus tapas, que são muitos. Sua resistência logo acaba e, talvez, talvez por isso, volto a mim.

Ela não vale a pena. O ser diante de mim é oco.

Ainda em cima dela, eu a encaro, encaro de verdade. Alguém que poderia ter tudo, uma bela mulher, com uma boa profissão, mas se limitou a viver à sombra de um amor não correspondido. Max não é de todo inocente, eu sei disto. De alguma forma, ele errou com ela também.

NACIONAIS - ACHERON

Alimentou, mesmo que sem querer, esse sentimento. Mas nada justifica você ferrsar com alguém, da forma como ela tentou fazer, colocando a vida de uma criança em jogo por puro despeito.

— Seu problema é consigo mesma, Emanuelle. Eu tenho pena de você...

Ela tapa os olhos com o antebraço.

— Saia daqui — pede sem energia, envergonhada, derrotada apesar do orgulho.

— O que você fez não tem justificativa. E eu te juro, se você tentar qualquer coisa contra Max ou Ana novamente, sua carreira será o menor de seus problemas. Eu te juro. Se afaste deles...

— Saia daqui! — ela eleva a voz, a raiva presente no timbre choramingado.

Equilibro-me de volta em pé, enrolo o cabelo num coque no alto da cabeça e me preparo para sair.

— Cinco horas é seu limite de tempo. — de costas, aviso, antes de colocar a chave de volta na fechadura. Então olho-a uma última vez — Esqueça deles, Emanuelle, é o melhor que você faz.

Saio de sua sala esvaziada. Sem o sentimento de vitória, no entanto. A desgraçada é só uma coitada sem amor-próprio.

Caminho pelo corredor fantasma do hospital, onde fica o consultório dela. Virando ao final dele, trombo contra um corpo muito duro. Subo meus olhos dos pés, passando pela calça e camisa do uniforme de... Chego ao rosto de Max, que me encara com surpresa.

Pega no flagrante.

— Oi... — murmuro, sem jeito.

— Oi — diz, confuso — O que você está fazendo aqui?

Desvio meu olhar para seu peito.

— Max... você de uniforme é um pecado.

— Gabrielle — exprime em tom de aviso.

Enfrento-o.

— Não se preocupe mais com ela e aquele laudo. Seu advogado receberá um novo, desmentindo tudo aquilo, ainda hoje — assim eu espero.

Seus olhos se semicerram, desconfiados.

— O que você fez?

Expiro pesadamente... e lanço uma olhadela para minha mão ainda ardida.

— Dei a ela o que merecia...

— Jesus, Gabrielle! — me corta, áspero, impaciente — Onde você está com a cabeça? Ela vai te acusar de...

— Não, não vai — revelo calmamente — Eu tenho uma garantia disso — deslizo as mãos sobre seu peito — Confie em mim, Emanuelle vai acabar é prejudicando sua ex nesse processo.

Max rosna, exasperado (acho que sem saber o que falar). Olha para o teto, desliza os dedos pelo cabelo, e, por fim, me fita intensamente, parecendo buscar alguma coisa em mim (possivelmente a lucidez). Mantenho seu olhar, e, talvez, algo que ele vê faz com que sua expressão suavize, pouco, mas sim.

— Mulher, eu nem sei o que eu faço com você...

— Case-se comigo — digo de súbito, surpreendendo até mesmo a mim.

A cabeça do homem se inclina de lado, os lábios se separam, os olhos alargam. Não sei bem o que se passa em sua mente, mas agora ele parece convencido pra valer de que há algo de errado comigo.

Sustento todas as reações.

A ideia surgiu agora, de supetão, mas quer saber? Por que não? Me parece tão... certa.

É certo. Sinto isto em cada fibra e osso do meu ser.

Sorrio, confiante.

— Vamos fazer assim — apoiada em seu peito, fico na ponta dos pés e beijo seu pescoço de leve — Pense bem no meu pedido e me responda mais tarde. Eu tenho uma... — escolho a palavra — reunião daqui a pouco — inalo o cheiro de sua pele e me afasto para seus lábios, num beijo casto — Mas, por favor, seja lá o que decidir, saiba que é definitivo — brinco, imitando suas palavras de ontem — Até mais tarde, Max...

Antes de conseguir minha fuga, no entanto, ele me apanha pelo braço e me empurra contra a parede do lugar vazio. E me beija. Tão
NACIONAIS - ACHERON

intensamente, tão cruamente, que incinera meu discernimento em questão de segundos.

— Você é maluca, Gabi... — ele alisa cuidadoso o curativo no meu supercílio.

— E você é um socorrista muito gostoso. Deveria ser proibido alguém assim sair salvando vidas pela cidade.

Beijo de novo seus lábios e me afasto rapidamente. Se ele me acha maluca por vir até aqui, nem quero pensar no que ele dirá se souber o que estou indo fazer agora.

Capítulo 41

GABRIELLE

Diante do sujeito — que parece um tanto grande e mau, mais do que eu me lembrava —, não me deixo intimidar. Digo, sem meias palavras, o que preciso. Para cada frase minha, sua expressão se torna um pouco mais insondável, ilegível, neutra de emoções, me impedindo de ter a menor ideia do que ele está pensando.

Assustador. É isso o que Sebastian parece.

Ao final, respiro fundo e passo a bola para ele, esperando pacientemente por ouvir sua posição depois de tudo o que escutou de mim. Bem, eu sou consciente de que meu pedido não é exatamente ortodoxo, por assim dizer. No entanto, preciso de alguém que o faça, e esta pessoa está bem na minha

NACIONAIS - ACHERON

frente.

O homem mantém-se me fitando concentradamente por alguns segundos, ainda sem se pronunciar. Bem irritante, na verdade. Tenho de me controlar para não quebrar esta fleuma e ir intimá-lo do tipo “Qual é, você vai me ajuda ou não?”.

Até que ele relaxa seu corpo bem construído contra o encosto do banco da cafeteria e cruza os braços diante do largo peito. Não nego, sinto uma pontada de apreensão pelo que há de vir.

— Deixe-me ver se eu entendi corretamente — as palavras brincam preguiçosamente em sua boca. O sotaque acentuado, de longe, diz que ele não é deste país — Você está me pedindo para resolver este problema pra você — o lábio se curva num meio sorriso sem emoção, levemente debochado — Desculpe. Eu me perdi aqui — meneia a cabeça, simulando confusão — Por que mesmo eu tenho de fazer isto?

Abro a boca para repetir meus argumentos, mas ele me impede com um levantar de sobrelancelha.

— Oh, claro, porque você é amiga da mulher de um cara que tenho como irmão. Certo, certo — inclina-se para frente, intimidador — Esta não é a primeira vez que você me pede um favor, Gabrielle — soa discretamente ameaçador — Se bem me lembro, você e Katarina me pediram para livrar uma amiga de vocês de uma encrenca... — seus olhos se estreitam, como se estivesse buscando algo em sua memória — Ah, sim, e você também me pediu para encontrar a mãe de uma amiga sua a pedido daquele cara maluco. Veja, o que isto faz de mim? Eu deveria colocar a minha capa para o nosso próximo encontro?

Inspiro com certa dificuldade.

No fundo ele tem razão. Quando Luna foi sequestrada eu pedi sua ajuda. Quando Damien queria resolver as coisas com aquela mulher que não deveria ser considerada mãe de alguém como Jasmine, eu também recorri a ele.

Mas agora é diferente.

Levanto meu queixo, orgulhosa.

— Aqueles eram favores para meus amigos. Agora é para mim — a diferença não é simples?

NACIONAIS - ACHERON

Ele ri alto, uma risada aquecida que ecoa baixo a nossa volta.

Droga. Tenho que apelar aqui.

Sem dar a ele mais tempo — assistida de perto — abro minha bolsa, fuço dentro dela e pego o celular. Destravo, procuro na galeria o que preciso, e viro a tela para a ele. Uma foto da Matraquinha, grandes olhos acinzentados olhando diretamente para a câmera, sorrindo, a boca coberta por um batom vinho que ultrapassa os contornos dos lábios. Seu corpo num vestido lindo a mostrar parte da perninha e prótese. A alegria e verdade nesta menina fazem tudo valer a pena. Eu quero que ele veja o que está em causa.

O russo com cara de poucos amigos fita a imagem por alguns instantes, e volta à sua posição relaxada contra o estofamento, exprimindo um grande bufo.

— Você não joga limpo — reconhece com desgosto, praticamente dando-me a vitória.

— Bem, eu nunca disse que jogava, não é? — me gabo, sorrindo, mal contendo o alívio.

E então um sorriso vagaroso, do tipo sensual,
NACIONAIS - ACHERON

rasga seus lábios. Este russo é um cara atraente, isto não se pode negar.

— É uma pena que não tivemos uma oportunidade, krasavitsa.

Coloco o celular de volta na bolsa e a recolho para frente do meu peito.

— Nós não daríamos certo juntos. Eu gosto dos caras bons... — provoco, me levantando — Tsc, tsc. E você não é bom, Sebastian.

O sorriso se alarga, em acordo.

— É. Eu não sou.

Em pé diante dele, olho-o diretamente para que saiba de minha gratidão.

— Muito obrigada mesmo. Eu não o chamaria se não fosse importante.

— Eu sei — me devolve, sério.

Pego do meu bolso traseiro e entrego-lhe as informações que ele precisará.

— Espere por uma ligação minha — avisa, levantando-se também.

Está feito. Não me envergonho. Por aqueles que amamos, somos capazes de tudo, é isto que

digo a mim mesma para me convencer de que estou fazendo a coisa certa. Max e a Matraquinha são as pessoas a quem amo. Por elas, eu faria isso e mais.



De volta à minha casa, depois de algumas atividades durante a tarde, organizo tudo o que preciso, arrumo-me e vou até o apartamento de Max pegar a Ana. Pedi que Mari a deixasse pronta para sairmos esta noite, e, assim que abro a porta, é exatamente como a encontro, impaciente e pronta.

A Matraquinha acha mesmo que vamos a algum lugar. Seu pai também pensa assim. Pedi que ele se arrumasse para um jantar na casa de Alice e Benjamin. Não fui honesta, confesso.

— Oi — digo, me aproximando dela, que salta do sofá assim que me vê.

— Gabrielle! — ela emite um gritinho que faria qualquer um pensar que não nos vemos há muito tempo (se isto não tivesse acontecido pela manhã), e então interrompe seu intento de vir até mim, olhando-me numa análise minuciosa, dos pés à cabeça — Puxa, você está tão bonita!

Sorrio e me sinto a mulher mais linda de

NACIONAIS - ACHERON

todas, dado o brilho de admiração em seus grandes e expressivos olhos. Aliso as laterais do meu vestido preto, ajustado ao corpo a partir dos joelhos até as alças finas nos ombros. As meias e a lingerie de renda por baixo são para seu pai; os sapatos, pretos de salto e bico fino, envernizados. Sim, caprichei. Vou precisar de todo o arsenal disponível para o que tenho de fazer.

Avalio-a melhor, dos pés à cabeça também. O vestido estampado em tons de branco e rosa bebê foi feito por mim. Sapatinhos brancos cobrem seus pés. Cabelos semi-presos, lindamente arrumados. Ela parece uma daquelas princesas que tanto gosta.

— Pois você, minha pequena luz, é a menina mais linda de todas — brinco e me inclino para levantá-la no colo.

Mari se aproxima, observando-nos. Dou a ela um olhar agradecido.

— Obrigada por arrumá-la, Mari.

A mulher acena suavemente com a mão.

— Foi Ana quem escolheu a roupa.

Especulo a menina em meu colo.

— É mesmo? — toco a pontinha de seu nariz
— Você tem muito bom gosto, princesa.

E ela sorri, satisfeita com o elogio. Seu olhar vai para o discreto curativo em meu supercílio.

— Ainda dói?

— Nem um pouco. Esta semana tirarei os pontos.

O sorrisinho se expande, alegre, daquele jeito capaz de me acelerar o coração.

— Vamos? — pergunto baixo.

— Mas e o papai?

— Ele vai nos encontrar lá em casa... é pra lá que estou te levando — sussurro a próxima parte —
Para uma surpresa.

A expressão da menina se ilumina, os olhos ganham mais brilho, completamente interessada.

— E é segredo? — murmura, conspiradora.

— Aham — lanço uma piscada para Mari —
Mas seu pai saberá em breve — Deus ajude ele a gostar.

Despeço-me de Marieta, a única ciente do que estou fazendo, e atravesso a porta com Ana em
NACIONAIS - ACHERON

meu colo, os bracinhos agarrados ao meu pescoço.

— Gabrielle...

— Sim, Ana? — pergunto abrindo minha porta.

— Você é tão cheirosa.

Viu? São estas coisas que ela diz tão naturalmente que entram diretamente no coração, cativando, sem se dar conta de que faz isso.

— Muito obrigada. É um perfume especial que comprei para agradar seu pai — confesso.

Ela ri e... de repente seus olhos são atraídos magneticamente para minha boca, muito atenta, melhor dizendo: vidrada. Pelo que reconheço em sua expressão, sei exatamente o que se passa em sua cabecinha.

— Este batom também é novo? — indaga em tom mais baixo.

Mordo muito forte um sorriso.

— Aham...

Tive de dar uma passadinha no shopping no começo da tarde para me reabastecer. Esta pequena me levou quase todos os batons que eu possuía.

— É tão bonito... — diz, parecendo hipnotizada.

E... sem que eu entenda num primeiro momento o que ela está fazendo, a danadinha aproxima lentamente o dedo indicador em minha boca, toca meus lábios num pequeno deslizar... e leva o dedinho manchado do batom de volta até os seus, passando em si mesma.

Comprime-os, esfregando um no outro, espalhando o produto.

Sem reação, apenas assisto.

Deus, ela é simplesmente... imprevisível. Tudo em Ana é. Não há como saber o que esperar dela, e, mesmo assim, suas reações vêm exatamente de acordo com o que a menina é... única, verdadeira, sensível, espontânea.

Devo estar sorrindo como uma tola.

— Hum... — enrugo os lábios para o lado, fingindo ter a ideia — Se você gostou, eu acho que vou te dar este batom...

Sim, eu acabei de me render, antes mesmo da espertinha pedir para vê-lo (vê-lo do jeitinho que

ela faz, como quem não quer nada, usurpando e dando um fim no pobre batom em questão de minutos).

Começo a acreditar que esse seu sorrisinho agraciado é uma estratégia.

Droga. Ana me levará a falência.

Entro em meu apartamento e a sento no sofá. Eu preciso ter esta conversa com ela, mesmo sendo tão pequena, quero saber sua opinião sobre o que pretendo fazer. Ela é parte importante desta equação. Tanto quanto seu pai.

Sento-me ao seu lado.

— Ana... — limpo a garganta, estranhamente embargada de uma hora para outra.

Algo em meu timbre faz com que ela incline seu rostinho de lado, me ouvindo com atenção.

Ok. É agora ou nunca.

— Eu quero te dizer uma coisa que é muito importante para mim, você entende? — começo assim, sem saber ao certo se esta é a abordagem.

— Sim, Gabrielle...

Respiro fundo. Estou até transpirando. Acho

que essa é a conversa mais decisiva de minha vida.

— A primeira vez que você veio à minha casa, não sei se você lembra... mas naquele dia eu já gostei bastante de você, sabe... — começo.

Sua atenção não sai de mim. Droga, como dizer isto?

— E hoje em dia, depois que nos tornamos amigas... — então a palavra meio sem jeito — Eu gosto ainda mais — engulo a saliva, ansiosa — Na verdade, eu te amo. Te amo tanto que meu coração chega a bater até mais forte. Aqui — suavemente, pego sua mãozinha e a pouso diretamente sobre o local das batidas em meu peito — Você sente isso?

Calada, de forma que contraria a matraquinha dentro de si, ela apenas balança a cabeça devagar, concordando. Seus lábios se separam um milímetro, os olhos arregalam discretamente, parecendo entender onde quero chegar.

Deus...

Puxo uma grande respiração e me ajoelho diante da menina. Eu não posso dizer que quero ser sua mãe. É errado. Não posso tomar o lugar

NACIONAIS - ACHERON

daquela mulher, mesmo sendo ela quem é... no entanto eu quero ser o mais perto de uma mãe que eu puder para essa criança.

— Ana... — minha voz falha, os olhos marejam. Seguro seu rostinho entre minhas mãos, afastando a franja para o lado — Eu quero tanto cuidar de você, te proteger, ser como uma, uma... — travo.

Travo porque não consigo dizer a palavra, é como se eu não tivesse este direito, apesar de tudo.

— Ser sua...

— Mamãe...? — ela murmura quase inaudível. Leio a palavras em seus lábios.

Engulo em seco.

Ambas se calam.

Nossos olhares se conectam de maneira tão intensa e profunda que nada pode explicar.

E neste instante, tudo o mais no mundo passa para um segundo plano. A sensação é de que um elo muito, muito forte une nossas almas. Eu nunca senti esta energia. Na verdade... eu já senti sim. Na primeira vez em que olhei nos olhinhos de minha

filha.

A surpresa me faz parar de respirar por alguns segundos.

Meu coração acelera ruidosamente, querendo saltar do peito.

— Sim — afirmo com surpreendente energia
— Eu quero ser sua mãe, Ana.

O queixo da menina estremece, o lábio inferior acompanha. Subo meus olhos para os seus de novo e enxergo o quanto isto também é grandioso para ela.

— Você me aceita como sua mãe?

Sua reação é... sorrir... o mais lindo de todos os seus sorrisos, o mais brilhante.

E, como um tratorzinho, ela se lança para frente e se agarra ao meu pescoço, me surpreendendo. Colada a mim, escuto a voz baixinha dizer: Você pode ser minha mamãe, Gabrielle.

É mágico. É simplesmente mágico. Este momento ficará para sempre em minha mente. Nunca, nunca, vou me esquecer.

Abraço-a bem apertado, recebendo seu aval. Agora posso dizer que sou a mãe desta matraquinha. Sem medo. Sem culpa por tomar um lugar que é de outra.

MAXIMILIANO

Depois de um banho rápido em casa, visto o jeans escuro e a camisa azul mais escura. Mari disse que Ana e Gabrielle estão no outro apartamento me esperando para irmos todos à casa do irmão mais velho dela. O tal Benjamin. Gosto da ideia de ser apresentado à sua família. Minha mulher está demonstrando que voltou. Por inteira. E é minha.

Mal pude falar com ela durante o dia, entre um atendimento e outro. A cidade estava um inferno, o que não diminuiu minha ansiedade de conversar e entender aquele seu pedido. Jesus Cristo, Gabrielle estava falando sério? Ela quer mesmo se casar comigo?

Porra... mal consigo segurar o sorriso estúpido que tomou meu rosto desde que ela me jogou essa e saiu daquele jeito, naturalmente, fingindo que não havia acabado de me lançar uma grande perspectiva de futuro ao seu lado.

E, tal qual a loira disse (nem quero saber como ela conseguiu tamanha façanha), meu advogado entrou em contato dizendo que recebeu uma retratação de Emanuelle. A mulher refez o tal laudo, desmentindo toda a baboseira falsa.

Eu não deveria incentivar este comportamento de Gabrielle, no entanto tem como não consagrá-la? Honestamente, eu a amo pra caralho, da maneira impetuosa e corajosa como ela é, e isso não diminui. Pelo contrário, só se torna mais forte.

Ajeito meu cabelo com os dedos em frente ao espelho, espalho um pouco de perfume e me despeço de Mari.

A porta do apartamento está destrancada. Abro, entro e... mas o que...?

— Olá... — cumprimento admirado, diante das duas mulheres da minha vida sentadas a uma
NACIONAIS - ACHERON

impressionante mesa arrumada para um jantar a três — Nós não íamos...?

A loira malditamente atraente se levanta, com um daqueles seus sorrisos de tirar o fôlego (vestida com uma peça preta que abraça deliciosamente seu corpo em todas as curvas), e caminha até mim, desfilando nos saltos altos, as pernas esguias encapadas por meia-calça preta. Expiro pesadamente, exigindo de mim mesmo um controle intenso para não endurecer.

— Olá, Maximiliano — beija-me castamente os lábios — Hoje o jantar será apenas entre nós.

Meneio a cabeça, fitando-a com mais atenção.

— O convite de seu irmão...? — ainda indago, tolamente.

— Era um pretexto — revela sem timidez — Por favor, sente-se.

Viro meu rosto para minha pequena encarando-me de maneira engraçada, parecendo estar no limite de revelar o motivo do sorrisinho em seus lábios. Se eu bem a conheço, este é outro dos segredos que minha filha mal consegue segurar.

NACIONAIS - ACHERON

— Gabrielle... — pressiono.

— Sente-se, por favor.

Sorrindo, apesar de não saber o motivo, eu faço o que ela pede e me sento onde a mulher indica. Entre elas.

Reparo melhor na mesa. Ana tem uma taça de plástico a sua frente, e outras duas taças de cristal estão para mim e Gabrielle.

É oficial. Elas estão me escondendo alguma coisa.

Gabrielle sai rapidamente para a cozinha e retorna com uma garrafa de vinho gelada em uma mão e na outra um jarro de vidro com o que parece ser suco de uva.

— Este é sem álcool — ela explica fazendo graça enquanto abastece a taça da menina — Você pode nos servir? — entrega-me a garrafa.

Desconfiado, abro a garrafa e derrubo o líquido em nossas taças.

Gabrielle alisa o vestido e se senta em sua posição.

— Bem... acho que precisamos de bastante

derivado de uva para esta conversa — brinca.

Estreito meus olhos sobre ela, percebendo só agora que a loira parece nervosa, apreensiva, talvez. Apesar da curiosidade, decido não questionar, apenas relaxar e me divertir um pouco com seu embaraço.

Observo uma, e depois a outra, com muita, muita calma.

— Oi, papai... — Ana reage ao meu olhar inquisidor, comprimindo um sorrisinho.

Se eu bem a conheço, basta uma palavra para a pequena morder a língua e acabar com o mistério.

Gabrielle limpa a garganta. Corro minha atenção vagarosamente de volta para ela.

— Muito bem... agora que estamos os três aqui, eu acho que posso, é... começar — seu desconforto me faz rir discretamente, por trás da taça.

Com o canto do olho, percebo Ana atenta a Gabrielle, arrumando sua pequena postura na cadeira, cheia de expectativa.

— Max... — a mulher fala.

— Gabrielle — também pronuncio seu nome, e tranquilamente levo a taça à boca.

Curioso, não nego.

— Ana... — a loira se dirige a minha filha — Como você sabe, seu pai e eu estamos namorando há algum tempo e... bem, na verdade não tanto tempo assim, mas já conta não é? — brinca, nervosamente — Enfim. Minhas intenções com ele são as melhores, e eu acho que já está mais do que na hora de oficializarmos esta relação, por isto eu gostaria de pedir sua autorização para me casar com seu...

— Siiim! — minha filha antecipa, num gritinho exuberante, sem nem esperar que a mulher termine de falar, parecendo já saber o que viria.

Quase cuspo o líquido com o espanto.

— Como é?

— Gabrielle quer se casar com você, papai!

— Mulher, você está pedindo minha mão à minha filha?

Ela dá de ombros.

— Isso. Eu quero me casar com você... —

ela apanha a taça e engole todo o vinho numa entornada, nervosa — A propósito — limpa a boca — Eu comprei o anel — retira a caixinha aveludada escondida debaixo do guardanapo branco.

Esta era a última coisa que eu esperava. Bem, ela disse isso mais cedo, mas...

— Olhe para mim — peço.

Com as bochechas coradas, mordendo o lábio, ela me olha.

Linda pra caralho. A visão mais fodidamente linda que eu já tive.

— Por que você quer se casar comigo? — ainda arrisco minha sorte, verificando no fundo de seus exuberantes olhos azuis se há outra razão que não seja a certa.

— Porque ela te ama, papai!

Hum... pelo jeito houve uma conversa entre elas e a pequena tem sua torcida.

— Exatamente. Porque eu te amo, Max. Porque vocês dois são tudo pra mim. Eu quero formar uma família com você e Ana e...

— Você também quer bebezinhos, Gabrielle?

— minha pequena oportunista aproveita o momento.

Cristo tenha piedade! Quero rir e ao mesmo tempo quero muito ouvir a resposta.

A mulher não abre a boca por um instante, e então se vira para minha filha, concentrada nela.

— Sim, eu quero mais um ou dois irmãozinhos para você.

Ana geme em êxtase.

Eu derrubo minhas costas contra o encosto, mal cabendo em mim.

Gabrielle me encara de novo.

— E então, Maximiliano, você aceita? — seu tom é quase uma intimação.

— Mulher, eu seria maluco se negasse.

Servindo-se de mais vinho, ela acena.

— Ótimo. Então vamos nos casar. Um mês é um tempo bom pra você?

Capítulo 42

MAXIMILIANO

Observo Gabrielle colocar minha filha na cama, deitar-se ao seu lado e contar outras daquelas histórias que ela inventa para, de sua forma, trabalhar na autoestima da pequena. A mulher não me disse isso em palavras, tampouco precisou, mas é exatamente o que ela está fazendo. E Deus é testemunha do quanto esta sua atitude infla meu peito com ainda mais sentimento por ela.

Ana mudou desde que Gabrielle apareceu nas nossas vidas. É visível.

E agora a loira quer permanecer, para sempre.

É exatamente o que eu também quero.

Com a menina já adormecida, ela cobre, ajeita o travesseiro, preocupando-se com o conforto de minha filha – de forma que Francine nunca fez – e sai do quarto, apagando a luz. No corredor, seu olhar encontra o meu. Assistio em primeira mão aquele sorrisinho criando vincos em sua bochecha, enquanto desliza uma análise sobre mim, com malícia tão naturalmente parte dela.

Gabrielle é a perfeição. Nunca houve outra como ela. E não haverá mais ninguém, somente ela.

Encurto a distância entre nós e então finalmente me permito fazer o que passei a noite inteira desejando. Como um predador, seguro-a contra a parede, agarro sua coxa e a levanto para um encaixe perfeito. A perna torneada coberta pela meia calça é uma tentação.

Empurro-a com meu peito, não dando um centímetro de espaço entre nós.

— Max... — ofega, linda, os seios movimentam-se para cima e para baixo.

Deixo meu olhar ali por um segundo, assistindo o momento em que os mamilos endurecem sob o tecido diante de meu crivo. Subo

vagarosamente para o seu rosto, deslizo uma mecha do macio cabelo loiro para trás da orelha e encaro seus olhos rasgados, de um azul extraordinário.

— Repita aquilo — peço mansamente. Minha fala abafada.

Com Ana presente, eu não pude esclarecer alguns fatos.

— Case comigo... — ela eleva seu queixo, devolvendo com tamanha segurança que impressiona.

— Por que tão de repente? — sim, eu a quero pensando sobre o assunto. Minha decisão já está tomada, mas preciso me assegurar de que Gabrielle sabe exatamente o que está fazendo.

— Você me disse que quando eu me decidisse não haveria volta, Max. Não quero mais perder tempo.

Movo sutilmente a cabeça, concordando sobre ter dito isto de fato. E permaneço olhando-a num escrutínio.

— Olhe, talvez eu devesse ter esperado a gente conversar sobre isto antes — dá de ombros

— Mas não sou tão paciente assim, quero isso definido logo, entende?!

É uma maneira válida de responder, honesta. Agita meu peito em estrondos.

Ainda assim, eu preciso saber.

— É pelo processo?

Ela mói o lábio entre os dentes, pensando na resposta.

— É por nós. Pelo que eu quero. Não tô mais com idade de perder tempo. Se sua ex quer usar sua solteirice contra você, aproveitamos e não daremos a ela este argumento. Resolvemos tudo de uma vez.

Descomplicada, objetiva e dona de um grande coração. Pode não parecer, mas sou um cara inteligente para reconhecer uma dádiva do universo quando estou diante de uma. Mesmo desconhecendo o que eu fiz para merecer, não serei o cara a negar um presente destes.

— Mulher, eu espero que você saiba o que está fazendo, porque não haverá mais volta. Se você quer se casar dentro de um mês, é o que vamos fazer — aviso, muito sério.

— Eu pareço como alguém em dúvida, para você, Maximiliano? — indaga, atrevida.

Ainda segurando sua coxa, afasto um milímetro nossos corpos para olhá-la melhor, devagar, tomando meu tempo em apreciar a paisagem.

— Você se parece com uma mulher que se vestiu para me deixar duro — baixo minha voz para uma carícia e aproximo-me de volta, rondando meu nariz em sua pele, pelo pescoço, até encontrar o canto quente atrás de sua orelha — Diga-me, você se vestiu para isso, não foi? Você é uma provocadora, não é, Gabrielle?

A mulher estremece lindamente. Eu posso sentir o cheiro de sua excitação. Empurro-me ainda mais até que não há nenhum espaço.

— Eu prometo que vou te fazer feliz, vizinha — sussurro, prendendo seu lóbulo entre meus dentes suavemente — Vou ser o melhor marido que uma mulher já teve.

Ela suspira e amolece, lançando um braço sobre meus ombros.

— É muito encorajador ouvir isso... — ainda
NACIONAIS - ACHERON

brinca, com a fala entrecortada.

— Quero fazer muitos bebezinhos com você... — provoco.

— Max... — chia baixinho.

Sei que a ideia ainda a assusta, apesar de seu esforço.

— Mas acalme-se. Não será agora. Treinaremos bastante, todas as noites, e quando chegar a hora eu quero um filho meu crescendo dentro de você, Gabi. — subo minha mão por seu quadril — Arredondando este seu corpo gostoso pra caralho — roço o topo de seus seios — Aumentando o tamanho destes peitos lindos.

— P-odemos começar agora, s-e não tiver problemas pra você — ofega outra vez, numa tentativa esforçada de manter a voz calma, como numa transação comercial.

Essa mulher não existe.

GABRIELLE

NACIONAIS - ACHERON

Max rola para o meu lado, depois de desprender meus pulsos. Eu acho que nunca foi tão intenso. Quero dizer, já nem sei mais, cada vez parece sempre ser a melhor. Acho que drenou todas as minhas energias. Estou exausta, mesmo que ele tenha feito quase todo o trabalho e eu estive apenas amarrada sendo torturada.

Sem forças, pego a mão direita dele e levo aos meus lábios, beijando o dedo onde está o anel opulento, negro com traçados em prata.

— Você mandou bem, noivo.

— Esta palavra soa muito bem em seus lábios, minha senhora — Max me ajeita para que eu descanse a cabeça em seu peito.

— Nós estamos fazendo a coisa certa... — reforço no silêncio agradável.

Sua mão acaricia minhas costas em movimentos circulares.

— Eu falei sério sobre te fazer feliz, Gabrielle.

— Você já me faz, Max. Mais do que eu estive em um longo tempo.

O som de nossas respirações ganhando o ritmo mais tranquilo preenche o ar. Eu não menti. Nunca fui mais feliz ao lado de um homem. Acho que com a maturidade eu percebi algo importante na vida: para amar um cara, de verdade, você tem de primeiro admirá-lo. Em meu antigo casamento, nos unimos porque ele recebeu a proposta de ir para fora e foi o jeito que arranjamos de não nos separarmos. Um erro. Uma paixão jovem. Depois que descobri que a morte de nossa bebê não significou tanto para ele como foi pra mim, eu entendi que aquilo não era amor. A nossa separação não me fez sofrer ou sentir uma parte de mim sendo arrancada, da maneira como me senti ao passar alguns dias sem Max. Eu primeiro admirei Maximiliano como pessoa, como pai, como homem. O amor por ele foi uma consequência.

Se eu quero ter mais filhos? A ideia antes me assustava até a alma, agora nada parece mais certo do que dar a Ana bebezinhos para chamar de irmãos.

Em meu interior, sinto que saberei o que fazer na hora certa. Se um dia o destino vier a me

pregar outra peça, estarei preparada.

— Max? — cochicho.

— Sim, Gabrielle.

— Você me dá um treinamento de primeiros socorros quando puder?

Noto que ele prende a respiração. E então expira lentamente.

— Providenciarei o melhor treinamento, amor. Mas não se preocupe, você será uma boa mãe para nossos filhos. Já é para Ana... — tranquilo, me transmitindo segurança, ele acaba de reforçar meu desejo de nos unir para sempre.

A conexão que tenho com este homem é poderosa demais. Ele reconhece meus temores, e estou certa que nunca me deixará sozinha nos momentos difíceis.



Na mesa de escritório que mantenho em um dos cantos da sala, abro o computador para verificar se Júlia enviou o documento que pedi. Tive de contar a verdade a ela e, como já esperava, recebi seu apoio. Ter uma advogada como amiga

tem lá suas vantagens.

Abro o anexo, imprimo os documentos, coloco em um envelope e deixo ali, guardadinho, esperando a ligação de Sebastian. Estou extremamente ansiosa, mais do que já estive antes. Para tentar acalmar um pouco, encho o regador com água e saio pela casa a dar um pouco de atenção para toda a selva que mantenho. A varanda é o lugar onde as plantas praticamente dominam tudo.

Eu juro, quando tudo isto acabar, terei uma conversa franca com minha cunhada. Ou não, não sei bem. A ideia de magoar Alice chega a doer.

Depois da tarefa pronta, faço algumas ligações que venho evitando, mas que me direcionarão profissionalmente. Relutei muito em começar meu próprio negócio, desenhar e criar coleções minhas... mas parece que o destino está me empurrando para isto. Dependendo de como for hoje, com a infeliz ex-mulher de Max, saberei qual será meu próximo passo na carreira.

Mais de duas horas de uma espera agonizante, o russo me envia uma mensagem em

NACIONAIS - ACHERON

confirmação. Todas as sensações de nervosismo se apropriam do meu corpo. Pego um casaco, minha bolsa e o envelope e vou para encontrá-los.



O lugar onde Francine mora causa arrepios, não nego. Subo os lances da escada aberta, chego ao andar e confiro no papel o número da porta. Dou uma última olhada em volta, para o complexo de prédios populares de cor marrom e mostarda que já teve dias melhores, antes de bater.

— Entre — para minha surpresa, ou não, é a voz ameaçadora de Sebastian que convida.

Empurro a porta ruidosa aberta e, antes de entrar, vagueio meu olhar para o lugar escuro — cortinas pesadas tampam o dia lá fora — e pelas pessoas.

Encostados na parede próxima à porta há dois sujeitos mal encarados. Sentado em uma cadeira do outro lado da sala, um homem de mesma expressão fechada (e pelo menos cento e cinquenta quilos). Sebastian está ao centro, camiseta preta ajustada ao grande e bem definido tronco, jeans azul desgastado, braços cruzados sobre o peito... e um

sorriso convencido me encarando. Tenho vontade de revirar os olhos. Desvio meu olhar dele para o casal, que eu já vi uma vez (de longe), sentados no velho sofá, acuados.

— Oi... — a voz me falha.

Deus, eu estou indo longe demais aqui, não é?

Sebastian eleva uma sobrancelha, como se esbravejasse “Mantenha a porra da postura, mulher!”.

Sim, ele tem razão. Respiro fundo, estufo meu peito, elevo o queixo, e caminho graciosamente para dentro do apartamento.

— Então ela é a Francine... — paro diante do estrangeiro, procurando impor ao meu tom algo como desprezo, o que não sai exatamente assim.

Apesar de tudo, ela é a criadora da criança que eu mais amo no mundo. A mulher merece algum respeito.

— Sim. E este merda aqui é o... — Sebastian hesita, se esquecendo do nome — Não importa, ele é um merda — cospe.

Estreito meus olhos, curiosa pelo tom como se refere ao marido de Francine. Sebastian parece saber de algo que ainda não sei.

O russo sorri, ainda mais convencido, ciente de minha desconfiança, e trata de esclarecer.

— Este imbecil aí está devendo para alguns caras que não se importam em rasgá-lo e arremessar os pedaços pelos bueiros desta cidade imunda. Pegou uma grande quantidade de pó e pelo jeito cheirou tudo. Só um idiota faria isso.

Oh...

Tapo minha boca, surpresa. Eu cheguei a pensar que era apenas uma implicância de Max com o homem, por sei lá, fumar maconha. Afinal qual é o problema nisso, não é? Eu nunca disse nada em defesa dele para Max, mas não vejo mal nenhum em quem realmente fuma. Maconha é medicinal, correto?

— Uma busca nesta zona de apartamento e ainda encontramos isto ali — ele aponta com o queixo para um tipo de pacote bem embalado em cima da mesa, ao lado do sujeito mais gordo — Há quantidade suficiente para no mínimo dez anos de NACIONAIS - ACHERON

prisão neste país sem leis de vocês — volta a me encarar — Viu? Não precisei fazer nada. Os imbecis aí fazem merda muito bem sozinhos — complementa debochado.

— E agora? — murmuro para ele, evitando que o casal perceba que estou sem um plano.

Minha ideia era apenas um susto, então não sei bem qual é o próximo passo.

— Faça o que tem que fazer, yeb vas! — ruge baixo, impaciente (e pelo jeito isso aí que ele disse é um xingamento).

Franzo o cenho para ele, do tipo “Me dê alguma ideia!”.

Ele bufa.

— Será o seguinte — assume alto, com sotaque acentuado, falando diretamente para os dois sentados no sofá — Vocês dois, lixos, estão sem opções. Se estavam contando com o dinheiro daquele troux... — olha-me brevemente e se corrige — Do pai da criança, esqueçam. Eu já fiz a cama de vocês com os filhos-da-puta para quem estão devendo. Não demora, vão estar batendo aí atrás da grana deles. O prazo de vocês acabou.

NACIONAIS - ACHERON

Portanto, vazem desta cidade de merda e deixem aquela criança em paz, ou, acreditem, vocês estarão devendo para mim também — há uma mortal impassibilidade em cada palavra.

Sebastian puxa uma cadeira e senta confortavelmente.

— Bola, diga, eles vão gostar de me dever?
— pergunta ao amigo.

O outro sujeito mais gordo sorri, sinistro, botando medo até mesmo em mim.

— Oh, eu acho que não, cara — é russo também, intimidante.

— É. Não vão — gaba-se.

A mulher nem abre a boca. Cabeça baixa. O estúpido ao lado dela parece ainda mais amedrontado. Nunca que Ana poderia viver neste lugar. Nunca mesmo. Será que Francine não se dá conta do erro que estava tentando cometer?

— Eu quero falar com você... — digo o mais firme que posso para ela.

Lentamente, seus olhos se levantam para mim.

— Onde podemos...? Há um quarto lá dentro? — pergunto em dúvida. Pela bagunça parece que dormem na sala.

— Sim — responde arrogante.

Espero que ela se levante. Murmuro para Sebastian que eu sei o que estou fazendo. Sigo a mulher para o quarto e a observo mais um pouco. Ana e ela não têm muitas características semelhantes. Francine é bonita, não nego, mas, talvez pela situação em que esteja, ela causa um tipo de sentimento de piedade que destoa da maneira cativante de sua filha. Como se o destino delas nunca tivesse se cruzado.

Ela aponta a cama. Eu me sento e espero que ela se sente ao meu lado. Não sei exatamente como me sinto sobre ela ainda. Se a odeio por querer submeter à criança a esta condição, ou se me compadeço de sua atual vida.

— Você provavelmente não sabe quem eu sou... — começo muito calma.

— Faço uma ideia — devolve grossa, insatisfeita.

— De...?

— Você, com esse seu cabelo loiro — sobe seus olhos repulsivamente para meu cabelo preso — Deve ser a nova vagabunda de Max que Manu disse...

Cretina! Ambas!

— Bem, sua amiguinha quase acertou. Tirando a parte do “vagabunda”, claro. Eu sou a noiva de Max.

Ela comprime os lábios, irritada.

— O que você quer aqui? Max sabe que você anda com esse tipo de gente? Bem, eu acho que não, meu marido é muito certinho para concordar com essa atitude tão baixa.

Rá! Não me contenho e rio.

— Francine, seu marido é aquele sujeitinho te esperando lá fora, praticamente mijado de medo. Se Max sabe ou não, isto não é da sua conta e não será você a contar, esteja certa disso — sim, é uma ameaça. — Dentro de um mês ele será meu marido, então não se refira mais a ele assim.

E ali está.

Ela tenta esconder... mas não consegue a

tempo. Nela eu vejo algo muito importante. Francine ainda o ama. A dor em seus olhos é muito, muito evidente.

— Você o ama... — sussurro mais para mim.

— Eu nunca deveria ter me separado dele — ela lamenta também para si.

Dói ouvir isso.

Ciúmes, posse, não sei ao certo, se enraízam num lugar muito latente em mim.

Limpo a garganta. Não quero que esta conversa fuja do que eu tinha planejado.

— Para minha sorte, você o perdeu. E não é para isso que eu vim até aqui — encaro-a de frente — Eu honestamente não entendo como uma mãe pode querer que uma criança saia do conforto de tudo o que ela tem para vir viver neste seu mundo — gesticulo — Olhe em volta, mal tem um lugar para você dormir — aponto para a bagunça de roupas sujas e cobertores espalhados por sua cama, chão, cantos — Como você pode querer trazer Ana para isto?

— Ela é minha filha.

— Então pense nela! Ana não merece essa vida aqui. Não é por sua casa, é por sua vida, Francine. Seu marido é um drogado, ele vende drogas, nem quero pensar no tipo de pessoa que frequenta esse lugar. Ana está segura com Max, lá é o lugar dela.

— Ai! Ana, Ana, Ana! Tudo é essa menina! — ela se descontrola — E eu? Eu estou segura aqui? Max pensou em mim ao me abandonar?

Paro de elaborar meu argumento de convencimento por um momento para prestar atenção na forma ressentida como ela acaba de falar. Dou uma boa olhada na mulher e... espantada, concluo algo muito triste: ela não se importa com a filha.

— É sobre ele, não é? — minha voz sai abafada — Você não se importa com a menina, você só quer magoar o Max...

Até aqui eu estava falando de uma mãe para outra, tentando trazer razão à cabeça dessa mulher. Mas ela não quer saber. Francine não liga se Ana sairá machucada.

O amargor está em cada linha de expressão

NACIONAIS - ACHERON

em seu rosto envelhecido pela vida.

— Me responda: você ama aquela menina? Há algum sentimento aí dentro por ela?

— Claro que sim, que tipo de pergunta é essa? — enrola, grossa, falando alto, irritada.

Ordeno a mim mesma que repita e dê a ela o benefício da dúvida.

— Eu quero que você seja honesta, você é a mãe dela, apesar de tudo, e merece que eu te dê esta chance, antes de deixar que aqueles caras lá fora resolvam a bagunça que você causou.

Ela bufa, desdenhosa.

— O que eu sinto por minha filha não é da sua conta!

— Responda — o aperto que coloquei em meus dentes chega a doer.

— Você quer que eu seja sincera?! A minha vida mudou depois que aquela menina nasceu! Max mudou! Eu pensei que ela iria unir a gente, mas ao invés disso só nos afastou! Como eu posso amar alguém que tirou de mim o cara que eu amo? Aquele acidente, aquilo foi sem querer, porra! Ele me

culpa por aquilo! Antes, então, ela tivesse morrido de uma vez e...

Não.

Essa... essa mulher não disse isso.

Levanto-me, enojada.

— Caramba, e eu que cheguei a acreditar que em uma conversa você abriria seus olhos e perceberia o erro que está cometendo — cuspo com um desprezo visceral — E-eu realmente não entendo: como algo tão bom como aquela menina, pode ter saído de alguém assim — aponto para ela — Vazia, egoísta, Francine?

Preenchida somente de amargor, tal qual Emanuelle, ela ainda debocha, num riso rancoroso.

Tremo inteira. Estou com tanta raiva que eu nem pensei que pudesse sentir. Mas ela não vai vencer. Eu vim para resolver e é isto o que eu vou fazer.

— Vamos voltar para a sala — decido, não suportando mais um minuto junto de sua companhia.

Da porta, notando que não tem a intenção de

se mover, olho-a por cima do ombro.

— Acredite, é melhor você vir também.

Não espero para saber se ela é inteligente. Volto e encontro-me com Sebastian e seus homens na sala. Vou até a mesa, abro o envelope, retiro de dentro de minha bolsa uma caneta. E então encontro novamente o rosto da mulher curiosa me observando.

— Por favor, venha até aqui, eu quero que você leia este documento e assine.

— Eu não vou assinar nada — diz falsamente corajosa, meneando a cabeça.

O sujeito chamado Bola se levanta, temível.

Francine, esperta, muda de opinião bem depressa.

— Leia o documento — empurro o cheque para ela. Pausadamente, de maneira muito clara para que entenda, eu dou a ela uma opção — E aceite esta quantia para assinar.

Minhas economias estão todas aqui. Eu daria mais se pudesse. E por sua expressão duvidosa, sei que o cheque balançou suas estruturas. O brilho de

interesse retornou aos olhos. No entanto, sei também que ela não fará isto fácil. Percebo o ar determinado de quem pensa que pode obter mais do que isto.

Acho que o russo vê exatamente o mesmo. Sebastian se aproxima de seu outro lado.

— Entenda a situação assim: de uma forma ou de outra você assinará, então aproveite enquanto ainda pode escolher, Francine — ao dizer o nome dela, no sotaque russo carregado, ele ainda faz um charme, atraente, como um lobo em pele de cordeiro — Eu, na verdade, não concordo que lhe seja pago um único centavo, mas acho que a mulher aqui tem um coração mais mole.

Respiro fundo, paciente, enquanto ela fingir o termo com atenção.

Estar aqui, a pressão, a situação toda, está me causando náusea. Eu gostaria de resolver isto logo e voltar para minha família.

— Vocês querem que eu abra mão definitivamente da guarda da minha filha? — simula ultraje.

— Não somente isto — pego o outro

NACIONAIS - ACHERON

documento — Quero também que reconheça ter recebido sua parte no divórcio. Max não venderá aquele apartamento para te dar nada. Você recebeu uma quantia considerável pela venda da casa de vocês.

— Aquele dinheiro acabou... — o homem lá atrás se pronuncia.

Tenho a impressão de ouvir um rosnado diretamente do peito de Sebastian. É assustador. Faz com que o marido de Francine se cale imediatamente. Acho que até eu perdi a coragem de abrir a boca.

— Não sei não... — ela resmunga.

— Ah yeb vas! Eu não tenho o dia todo! Quer saber? Minha paciência acabou. Você vai assinar agora esta porra e não vai receber merda de dinheiro nenhum! — ele ameaça tomar o cheque dela, mas a mulher rapidamente se agarra ao papel como se sua vida dependesse disso.

— Tudo bem, eu assino!

Cretina.

Ela pega a caneta. O gringo me olha de canto

de olho com um sorrisinho sacana, vitorioso, de quem sabe exatamente o que está fazendo.

Espero até que os dois documentos estejam assinados, ciente de que ela nem leu, apenas deslizou os olhos brevemente sem nenhuma atenção. Guardo tudo de volta, sentindo um alívio enorme que mal sei segurar.

— Eu já assinei. Agora saiam daqui — diz cheia de si, após guardar o cheque no bolso traseiro da calça.

Sebastian ri, alto, de uma maneira sem nenhuma graça.

— Eu tenho cara de imbecil para você? — é uma pergunta retórica — Acha mesmo que é assim que se resolvem as coisas? Você assina um papel que nem leu, pega o cheque e pronto? — ele faz um estalinho com a língua, em negativo — É mais estúpida do que eu pensava. Vocês dois têm dez minutos para arrumar suas tralhas. Estarei me assegurando de que sejam levados para bem longe desta cidade. E confiem em mim, não vão querer estar aqui se eu os vir novamente — baixa a voz diretamente para que ela entenda o recado — Se

você se aproximar daquela criança outra vez, eu te mandarei a um lugar onde ninguém nunca te encontrará.

Não espero por mais nada. Recolho minha bolsa, aperto-a contra o peito e caminho para fora do apartamento escuro, que fede a comida estragada.

Antes de sair, no entanto, me viro para ela, com algo remoendo em mim.

— Sabe Francine, se tivessem me oferecido um cheque em troca da Ana, eu teria enfiado o papel diretamente na garganta da pessoa, e estaria jogando terra sobre o caixão dela nesse momento — não há um grama de compaixão no que digo — Faça um favor a todos nós, apenas cumpra a sua parte e fique bem longe da minha filha.

Do lado de fora, respiro fundo, pelo menos cinco vezes, soltando o ar lentamente.

Vendendo drogas aqui e querendo trazer Ana. Mulher doente!

Logo sinto a presença de Sebastian atrás de mim. Quero abraçá-lo bem forte. A dívida que tenho com este homem é impagável. Volto-me para

NACIONAIS - ACHERON

ele.

— Obrigada... — murmuro, olhando em seus olhos.

— Não por isto, aliás, por mais esta, devo dizer — brinca.

Aqui fora sua expressão e postura é absolutamente outra, descontraída, de maneira que nem se parece com o mesmo cara ameaçador de alguns segundos antes.

— Sim — desvio meu olhar para o chão, para que ele não veja que minha vergonha é inexistente por pedir sua ajuda outra vez — Por todos os favores que já me fez.

— Eu estou deixando a cidade definitivamente, Gabrielle. Não posso ficar retornando a cada vez que uma amiga de Priscila está em confusão. Coloque na sua cabeça que não sou o herói particular de vocês.

— É quase isso... — murmuro.

— Sou longe disso krasavitsa. Você me deve. E eu costumo cobrar as minhas dívidas, não se esqueça.

Um arrepiozinho frio sobe pela coluna. Evito dar atenção, no entanto.

— Ok... — sorrio sem jeito — Então é isso... eu preciso ir. Tenho um casamento para planejar, sabe como é — faço graça.

Ele acena com a cabeça, apenas isto. Vou para o topo das escadas e escuto sua voz grossa atrás de mim.

— Se cuide, Gabrielle...

— Você também Sebastian... — falo em voz baixa — Obrigada por tudo.

Olho para o degrau, mas antes de pisar fora, viro-me uma última vez para ele.

— Eu espero que você encontre alguém legal, quando chegar a sua hora... — mordo o restante do pensamento e desço de uma vez, sem esperar sua reação... porém ciente de seu olhar me queimando as costas.

Sei de tudo o que ele passou. Pini me contou uma vez. Mas também sei que alguém como ele merece uma segunda chance, um novo livro.

Vir aqui fazer isto foi necessário. Por mais

que a justiça não desse a Francine a guarda de Ana; a ameaça sempre estaria pairando sobre nossas vidas. Se eu não tivesse pedido ajuda de Sebastian, assim que o dinheiro acabasse, ela viria novamente nos chantagear.

Precisava ser feito e que Deus me perdoe.

Capítulo 43

MAXIMILIANO

Eu já estive neste endereço antes, há cerca de dois anos (se não me falha a memória), e por esta razão sou ciente de que não há um elevador no prédio baixo de quatro andares. Encaminho-me com Diana para as escadas. Subimos os lances de dois em dois degraus, nosso destino é o terceiro andar. O menino que aparenta não ter mais do que quinze anos – e provavelmente quem fez a chamada – nos espera na porta aberta do pequeno conjugado.

— Minha mãe... — ele indica, atordoado, pálido.

Diana é a primeira a entrar, sigo atrás trazendo a maca comigo. Lá dentro uma mulher, de

NACIONAIS - ACHERON

cerca de trinta e poucos, anos está no sofá. Não é necessário mais do que dois segundos para processarmos a situação. As pernas abertas, tronco inclinado, os gemidos de dor... e a revelação do bebê coroando. Minha colega me lança um olhar de entendimento, compartilhando de minha percepção: não há tempo de removê-la. Terá que ser feito aqui.

Deixo a maca apoiada contra a parede. Diana pousa a mochila no chão e vai abrindo para retirar o que precisaremos. Aproximo-me da mulher.

— Olá, senhora, eu me chamo Maximiliano. Sou médico. Esta é a paramédica Diana. A senhora pode me dizer seu nome?

O lábio se comprime absorvendo uma contração.

— É Mônica... meu bebê, e-ele está nascendo — diz em um gemido.

— De quanto tempo é sua gestação e há quanto tempo está em trabalho de parto, senhora Mônica?

— Quase quarenta semanas... e-e tá assim há duas horas, mais ou menos...

— Certo — recebo o par de luvas de Diana e visto-o em minhas mãos — Seu bebê está coroando. Não há tempo para removê-la. Nós teremos de realizar o parto aqui mesmo e depois transportá-la para o hospital, ok?

Em resposta ela geme mais alto, como se a criança ali dentro entendesse que é hora de vir.

Esterilizo as luvas, jogando o produto sobre as mãos. Diana habilmente forra minhas pernas com a manta metálica de aquecimento, e se apressa em limpar ao redor do local onde o crânio do bebê desponta e prepará-la. Sincronizados, posicionamos para auxiliar a mulher a ter o parto na pequena sala de sua casa. Puxo a cadeira mais próxima, sento-me diante da mãe que tem suas pernas completamente abertas.

— Muito bem, nós vamos trazer esta criança apressada ao mundo, senhora Mônica. Preciso que se esforce para empurrá-lo para mim. A senhora sabe como isto funciona — mantenho meu tom ameno no controle. Pacientes tendem a buscar segurança a partir de como guiamos a situação — Nós vamos contar até três, respire bem fundo e no

“três” empurre, sim?

— Tááá boom... — geme dolorosamente.

Início a contagem e ela faz. Duas vezes. Seu esforço avança a cabeça um pouco mais, mas ainda não é o suficiente.

— Mais uma vez, no “três” empurre com mais força. Ele está quase aqui.

Num urro profundo de dor, o movimento é ainda mais potente, e eis que a cabeça atravessa, me permitindo puxá-lo. Afasto o cordão do pescoço e cruzo-o por cima da cabecinha, trazendo o corpo para fora de uma vez. É um garoto. O único ruído fraco vindo da criança é semelhante a um grasnado de pato. Não há choro. O pequeno ser silencioso, completamente enrugado, de tom lilás que assusta a um olhar desatento, está em minhas mãos imóvel.

A apreensão destes primeiros segundos alastra adrenalina por todo o meu corpo.

Seguro ele de lado, apoio-o em minhas coxas, checo a pulsação em sua carótida – positivamente ritmada – e desobstruo o nariz dos fluidos.

O coraçãozinho bate acelerado contra a

palma de minha mão. É fodidamente uma das melhores sensações do mundo.

— Por que ele não chora? — a mãe pergunta alarmada.

E esse parece ser o chamado que o garoto precisava para abrir sua boca e liberar a plenos pulmões o choro agudo, alto. Um choro de vida, de liberdade, marcando sua chegada a esse mundo.

— É isso, mãe, seu filho está bem — Diana exprime, parecendo finalmente respirar também.

Minha colega alcança os grampos, prende o cordão e eu o corto, desligando o bebê de seu elo. Limpo o pequeno, seco-o, enrolo na manta metálica para aquecê-lo e entrego ao colo da genitora, que agarra o ser em seus braços em meio ao choro e suor.

Porra, eu posso fazer isto um milhão de vezes e a sensação sempre será a mesma. O embargo, a emoção de trazermos uma vida ao mundo com sucesso. Há dias ruins em que temos que lidar com a morte e dor, mas também há dias como este, quando somos agraciados pela vida. Por isto escolhi esta profissão, exerço com profundo amor e

NACIONAIS - ACHERON

respeito e não me imagino fazendo outra coisa.

— Bom trabalho, doutor... — Diana segura meu ombro, tão esvaziada quanto eu.



De volta ao batalhão, tomo banho e visto um uniforme limpo. Mãe e bebê passam bem, ficarão no HC por mais um dia. A sensação de missão cumprida para chamados como este permite que o dia flua até com mais leveza. Sirvo-me de um café na copa, distraído, pensando um pouco em Ana e Gabrielle. Nenhuma novidade, as duas mulheres tomam meus pensamentos costumeiramente.

O pedido de minha noiva para receber um treinamento de primeiros socorros, miséria, mexeu comigo de um jeito que nem posso descrever. Gabrielle não parece real, e ao mesmo tempo é exatamente como ela se parece: humana, frágil e ainda assim forte, querendo lutar contra seus medos. Não há dúvidas que ela será um grande exemplo para minha filha. A mulher não é apenas exuberante pra caralho, ela é completa... e se tornou muito rapidamente um tipo de vício particular, um pequeno pedaço de meu próprio

paraíso. Quando estou dentro daquela mulher, a impressão que tenho é que nada é o suficiente. Ela foi feita para mim. É minha para amar, para proteger, para fazer feliz, e é exatamente o que pretendo fazer.

— Max... — uma voz grossa chama alto às minhas costas. Por cima do ombro encontro meu advogado diante da porta — Desculpe, cara, estou te chamando e você parecia longe.

É isso o que aquela mulher faz comigo. Viro-me para ele, num aceno para que entre no pequeno espaço.

— Desculpe, Samuel, eu estava distraído mesmo e... — estreito meus olhos, desconfiado com sua visita no meio da tarde — Não me diga que...? — algum juiz atendeu ao pedido da irresponsável para obter Ana protetivamente? A ideia retesa todos os músculos do meu corpo.

O advogado provavelmente percebe a direção de meus pensamentos e sorri, de um tipo estranho, levantando a mão em sinal de rendição.

— Trago boas notícias, Max — se mexe para retirar alguns papeis de dentro da valise de couro

NACIONAIS - ACHERON

marrom — Sua ex-mulher desistiu do processo...

— Como é? — acho que não ouvi direito.

— Sim, recebi estes documentos através de um entregador em meu escritório — oferece-me as folhas — Ela declinou também no pedido pelo apartamento.

Não. Francine jamais...

Leio o primeiro papel, onde a mulher reconhece que a partilha do divórcio foi feita de forma correta e declara não haver nenhum direito a receber. Isto é estranho, maldição, muito estranho. O segundo documento é ainda mais impressionante. Francine abre mão completa e definitivamente da guarda de minha filha, alega não ter interesse em continuar com o processo ou reabri-lo em qualquer outro momento e me concede a guarda terminante e irrevogavelmente.

Jesus, isto não está com cara de ser verdadeiro.

— É uma brincadeira? Quero dizer, este documento tem ao menos validade legal?

— Tem — afirma convicto, sustentando um

sorriso — Assinatura reconhecida em cartório.

— Então é isso...? Estes papéis...?

— Sim. É isso, ela desistiu.

Leio novamente. Mas que porra Francine está armando agora?

— Cara, eu não sei não.

— Está tudo em ordem, Max. Eu vou levar isto ao tribunal e encerrar o processo. Já falei com o advogado dela. Ele me acompanhará. Só passei mesmo para te dar a notícia em primeira mão.

Esfrego meu rosto. Está aí uma grande surpresa. Eu conheço perfeitamente bem aquela mulher para saber que as coisas não são simples assim. Ela jamais faria algo desta natureza. Francine não facilitaria meu caminho de nenhuma forma... A menos que...

Gabrielle.

De alguma forma, eu sei que ela está metida nisso. Eu sinto.

Expiro pesadamente, como um alívio tão grande que nem consigo evitar um sorriso, apesar do incômodo por não ter conhecimento de como

isto aconteceu.

— Bem, se está feito, não há de que reclamar, não é?

Samuel bate em minhas costas.

— Você está livre dela, Max.
Definitivamente. Parabéns

— Obrigado cara, por tudo. Agora vá lá e garanta que ninguém mais tentará tirar minha filha de mim.

— Eu vou.

Despeço-me do advogado com um abraço.

Estou realmente curioso e um tanto preocupado sobre o que a minha mulher fez para conseguir isto, sem nenhuma dúvida de que ela tem um dedo nesta decisão. Bem, não tenho um bom pressentimento de como... no entanto minha admiração por ela só cresce um pouco mais.

Outra façanha para sua conta.

Espero estar sozinho para puxar meu telefone e discar seu número. Três ou quatro toques, ela atende.

— Oi...

— Olá, Gabrielle — aplico maciez suficiente para enroscá-la em minha rede — Como está sendo seu dia, amor?

Pelo silêncio do outro lado, ela se dá conta de que já descobri. A hesitação é uma confirmação. Consigo até mesmo visualizar seu rosto, mordendo o lábio, pensativa sobre o que dizer.

— Max... e-está sendo... bom.

— Fico feliz por isto. O meu também está muito bem.

— Ah é...? — ainda sustenta a falsa inocência.

Ardilosa, hein.

— Sim, realizei um parto, Francine desistiu do processo, tudo em perfeita ordem.

— Hum... desistiu é? Que bom, Max...

Merda, estou rindo enquanto sou enrolado em seus dedos, mas as coisas não são tão simples. Preciso saber o que ela fez. Minha ex não faz nada sem um interesse. Se minhas suspeitas estiverem corretas...

— Diga-me o que você fez, Gabrielle —

interrogo de uma vez.

Mais silêncio.

E um suspiro profundo, de quem virá com a verdade. Não espero menos dela. Esta é a Gabrielle.

— Tivemos uma conversa, Max... mas eu não toquei nela! — apressa-se em explicar, tirando uma das possibilidades de minha lista — Se bem que...

— Se bem que...?

— Eu gostaria de ter feito.

Aperto a ponta do nariz. O que me incomoda é a outra possibilidade.

— Vamos, Gabrielle. O que você fez para mudar a opinião dela assim de repente? Por favor, não me diga que você deu a ela qualquer dinheiro...

— Noivo — ela me corta, suave. A palavra toca diretamente meu peito — Será que nós podemos conversar sobre isto em nossa casa, mais tarde? Eu vou te contar certinho e... — baixa seu tom — Você sabe, eu fiz o que precisava, o importante é que resolvemos, não é?

— Gabrielle, Gabrielle... — rosno seu nome, preocupado.

— Mais tarde, noivo... — ela de repente volta ao timbre descontraído — Então você fez um parto, hum? — muda o assunto, espertamente.

— Sim. Eu fiz. E você, noiva, o que tem feito, além de andar resolvendo meus problemas por aí?

— Nossos — me corrige — Nossos problemas, noivo. A matraquinha também é minha filha, você se esqueceu?

Pronto. Não há como argumentar contra algo que entra batendo forte contra seu coração, se enraizando nele como uma segunda pele.

— Sim, ela é nossa filha. A Matraquinha é nossa — repito o apelido que sai de seus lábios com todo o amor de uma mãe por sua filha.

Ela ofega do outro lado, satisfeita.

— Bem, respondendo a sua pergunta: estou cuidando de algumas coisas para o casamento... Espere! Você ainda quer se casar comigo, não é?

— Mais do que qualquer coisa — apesar do

bom humor em sua pergunta, respondo com seriedade, para que mais uma vez ela saiba o quanto eu amo esta mulher.

— Perfeito, na verdade a pergunta foi apenas para cumprir o protocolo. Eu não estou te dando uma opção, vizinho.

A risada baixa que retumba em meu interior é inevitável.

— Tampouco eu, Gabrielle. Tampouco eu.



Confiro o relógio antes de entrar no bar do Tony, próximo ao batalhão. São cinco da tarde, pontualmente. Dentro do lugar, vagueio meu olhar pelo espaço. Não demora, avisto os dois caras sentados no balcão. Diante deles, duas canecas de chopp.

É necessário, reforço mentalmente meu objetivo aqui.

Aproximo-me dos homens. Um deles, um sujeito bem afeiçoado, cabelos mais escuros do que eu esperava encontrar, ar de intelectual, óculos de grau, camiseta branca, despojado. E outro, Peter,

relaxadamente acomodado, vestido em seu terno.

Limpo a garganta, parando ao lado deles. Merda, eu nunca fiz isto antes.

Peter se levanta, sorrindo provocador, me zoando por ter de enfrentá-los, provavelmente.

— Ben, este é o cara que te falei — diz ao irmão, que se gira para me encarar.

Os olhos do tal irmão mais velho de Gabrielle têm o mesmo tom de azul dos dela. Não há dúvida da relação de sangue entre eles.

— Maximiliano — estendo a mão, tentando parecer tão calmo quanto eles — Você deve ser o Benjamin.

O sujeito não move um músculo da face enquanto me observa. Percebo-o semicerrar discretamente os olhos por trás dos óculos, num escrutínio discreto. E então estende a mão para mim.

— Sim, Benjamin, irmão de Gabrielle.

Trocamos o cumprimento. Peter não espera que eu estenda o mesmo gesto, ele me abraça meio de lado, batendo sua mão em minhas costas.

— Ele quer entrar para a família, Ben, eu não te disse que seria rápido? — filho da puta tem mesmo de me deixar desconfortável sem ao menos um pouco de álcool?

Não recuo.

— Sim, é isso. Quero me casar com a irmã de vocês — Tony se aproxima, sinalizo uma cerveja e ele acena que entendeu — Posso me sentar, ou a inquisição acontecerá comigo em pé mesmo? — foi uma brincadeira, mas eles não precisam saber.

Sento-me ao lado de Benjamin. Ambos os homens aguardam em silêncio enquanto sou servido de uma garrafa geladinha. Olhando para frente, levo a cerveja à boca e me deleito com a suavidade da bebida em meio à secura por estar nesta situação.

— E então? Por acaso você engravidou nossa irmã para ter exigido nossa presença aqui tão depressa? — Peter manda essa.

Por muito pouco não me atrapalho com o líquido. Preciso engolir rapidamente, e mal consigo evitar uma tossida.

Giro-me para encará-los. Peter sorri, com
NACIONAIS - ACHERON

uma expressão de comedor de merda, achando graça de sua piada. Benjamin, mais sério, ignora o irmão, dando-me a mesma dica da dúvida em sua expressão.

— Não. Mas pretendo, muito em breve — respondo, devolvendo-lhes a cortesia.

Quero rir do semblante dos caras. Eu engravidando Gabrielle não é exatamente o assunto preferido deles. Ótimo. Pois é bom que saibam.

— Poupe-me dos detalhes, por favor — Benjamin leva o chopp à boca e sorve calmamente — Vocês já sabem quando pretendem oficializar isto?

— Um mês, talvez menos — engulo mais da bebida, sem culpa.

— Gabrielle encontrou alguém à altura... — rosna, sem me dar qualquer dica do que isto significa.

Encaro a observação como uma boa coisa, embora pareça uma crítica.

— Deve ser mal de família — Peter delibera — Você se lembra em quanto tempo se casou

depois de fazer o pedido, Ben? — a questão soa como uma provocação bem-humorada.

Não faço ideia do que estão falando, contudo, percebo o orgulho na expressão do mais sério deles.

— Sim, eu me lembro... — os olhos azuis do cara desviam-se para a estante do outro lado do bar a nossa frente — Aliás, por falar em lembrança, eu acho que já nos conhecemos, Maximiliano — a seriedade chama a atenção.

Paro com minha bebida e o avalio melhor. Nós já nos conhecemos? Não, eu teria lembrado. Miséria, eu acho que teria lembrado.

Notando meu desentendimento, ele elucida.

— Você socorreu minha mulher em sua ambulância há alguns anos.

Eu não faço a menor ideia de quando foi isso. Nem sequer me lembro de já ter visto este cara antes. Tanto eu quanto Peter apenas observamos, a espera de uma explicação.

— Alice foi atropelada em frente ao pub ao lado do metrô... enquanto fugia de mim. Foi você que prestou os primeiros socorros. Vendo meu

estado, você me disse que ela ficaria bem, se bem me lembro. Tinha razão, ela ficou.

— Cara, foi ele? — Peter indaga surpreso — Oh, foda, que mundo pequeno.

— Pra você ver — Benjamin sorri de lado, pensativo — E agora o cara quer casar com nossa irmã.

Somente então, consigo me sentir um pouco mais confortável na presença deles. Não que ele me deva qualquer obrigação, mas posso ver a atmosfera favorável. Pensando coerentemente, os caras são irmãos da mulher mais impressionante que já conheci, dona de um coração grande como ninguém. A origem deles é a mesma, talvez isto signifique alguma coisa.

— Vou — corrijo-os — Vou me casar com ela. Achei justo vir dar-lhes o aviso, em respeito ao parentesco de vocês.

Benjamin move a cabeça, pensativo.

— Peter me contou que você tem uma filha.

— Sim, tenho.

— E que Gabrielle ama a menina.

— É, ela ama.

— E você, Maximiliano, ama minha irmã?

Esta é fácil.

— Mais do que eu jamais amei qualquer mulher antes.

— Parece uma boa resposta — Peter se mete no diálogo, bebericando sem esconder a diversão.

Benjamin ainda me encara por mais algum tempo

— Faça ela feliz. Gabrielle merece isto — o cara impõe seu respeito na exigência.

— Sim, eu farei.

Os minutos que se seguem são mais fáceis. Eles se preocupam com ela, e eu gosto dos caras apenas por isto. De uma forma ou de outra, acho que temos um acordo aqui. Eu terei a mulher como minha esposa e eles apoiarão a felicidade da irmã.

GABRIELLE

Max ainda não tocou no assunto. Fiquei um tempo com ele e a matraquinha na sala curtindo a menina, mas sei que, assim que estivermos sozinhos, ele me questionará sobre o que fiz para obter a renúncia de Francine. Não me decidi se falarei sobre a parte que envolve o russo. Talvez eu não fale. Há coisas que é melhor não saber, não é? Bem, é disso que tento me convencer.

Estou na cozinha com Mari, ajudando a mulher a picar legumes, enquanto os observo. Ana não para, e hoje está especialmente mais falante.

— Hum, isto parece comida para um batalhão... — avalio as panelas no fogão — E está cheirando tão bem.

Não perco o olhar estranho que Marieta lança para Max.

Espera um pouco.

— Mari? Mais alguém virá para o jantar? — pergunto, acreditando que eles estão tramando alguma.

O som da campainha é a resposta.

— Eles chegaram! — Ana salta em pulinhos,

olhando entre Max e eu, cheia de segredos.

— Eles? — pergunto aos três, num sorriso bobo — Quem está aqui?

— Abra a porta, amor, e descubra — o homem instiga, num meio sorriso de canto, olhando-me aquecido.

— Max...?

— Você deixará nossas visitas para o lado de fora, Gabrielle?

Desconfiada, contorno o balcão e ando para a porta sem tirar meus olhos das íris acinzentadas que me fitam, misterioso. Ana me acompanha no encalço, mais empolgada do que eu. Antes de abrir, viro-me para ela.

— Papai está armando para mim, não é princesa?

— É seu noivado, Gabrielle! — revela em um gritinho de felicidade.

Meu noivado, hein?

Querendo rir de sua pouca habilidade em controlar a ansiedade, toco-lhe a pontinha do nariz.

— E você guardou o segredo muito bem,

mocinha.

Seu pai, em pé, nos observa com um ar orgulhoso. Satisfeito com si mesmo. Não vou mentir, a curiosidade de repente me consome. Viro-me para a porta, toco no trinco e a abro lentamente. O que encontro me surpreende. Parados diante da entrada estão nossos familiares. De minha parte, Peter, Alice e Ben. Da de Max, Eva e a mãe deles.

— Surpresa — resmungo, sorrindo como uma boba.

E eu achando que sou muito boa em fazer surpresas.

Recebo o abraço apertado e felicitações de todos, um a um, antes de entrarem. A que mais me comove é a de meu irmão mais velho, que diz, nas raras vezes que já o fez, o quanto me ama e quer minha felicidade. E os amo com a mesma intensidade. Todos eles. Alice me aperta tão forte contra si, tão verdadeiramente feliz por mim, que só reforça a posição que ela ocupa em minha vida: de uma irmã que eu nunca tive. Percebo a mesma emoção na mãe e irmã de Max, que me recebem em suas vidas de braços abertos.

Eu jamais esperava que Max reunisse nossos familiares. Eu nem mesmo pensei o quanto isso era importante, até tê-los aqui, dividindo este momento.

Benjamin para diante da Matraquinha, olhando-a de um jeito engraçado.

— Oi... — ela diz, apoiando-se no pezinho, girando a perna com a prótese em pequenos círculos, numa mistura de timidez e curiosidade — Você é irmão da Gabrielle?

Ben sorri, num daqueles sorrisos lindos que só ele é capaz de dar, para poucos, e se inclina para ela.

— Sim, eu sou o irmão de sua mãe, Gabrielle, então acho que posso ser considerado seu tio, não é? — Deus, a alegria que as palavras provocam na menina marejam meus olhos — Meu nome é Benjamin, e o seu?

Seu olharzinho esperto nem vacila.

— Luz da Manhã — diz derrubando a bochecha contra o ombro, encantadora, fascinada pelo que ele disse.

Limpo a garganta embargada.

— Ela é minha luz da manhã, Ben, mas seu nome é ainda mais bonito. Ana Carolina — faço questão de dizer.

Pensei muito sobre este seu hábito de mentir o nome, que apesar de fofo, não é tão bom. É como se a Matraquinha não quisesse aceitar sua própria realidade. Eu tive uma ideia para reverter isso, e pretendo botar em prática dentro de alguns dias.

— Um nome bonito para uma menina bonita — meu irmão mais velho acrescenta.

Peter, que já conhece a menina e tem alguma intimidade, é o próximo a falar com ela. Abaixa-se a sua altura, iniciando um festival de pequenas cócegas que a fazem entrar em colapso de tantas risadinhas. Assisto por alguns instantes minha família recebendo e aceitando a criança como se tivesse sido gerada de dentro de mim. Minha filha. É o que Ana é.

— Obrigada por fazê-los feliz — a mãe de Max cochicha muito perto de mim.

Viro-me para ela e a abraço.

— Obrigada por ter criado um homem maravilhoso como Max. Eu amo muito seu filho.

— Eu soube disso no momento em que vi vocês juntos, Gabrielle. Você é a mulher certa para ele.

Tenho de me esforçar para controlar as lágrimas. De repente a presença deles me fez mais emotiva do que o normal.

MAXIMILIANO

Espero que todos se sentem à mesa – inclusive Marieta que já faz parte da família –, antes de pedir a atenção. Toco a caixinha em meu bolso, ansioso, suando frio. As palavras brincam em minha mente. Pensei nelas pelo dia todo. Eu quero transmitir a esta mulher o mesmo amor que senti diante do seu pedido de minha mão à Ana, quero que Gabrielle saiba que nunca houve ninguém que ocupasse este lugar em meu peito.

E quando abro a boca, pedindo que me

NACIONAIS - ACHERON

escutem, nossos convidados, e até mesmo minha filha, se calam, sabendo o que está por vir.

Miro a loira linda, deslumbrante, exalando sensualidade e simplicidade na mesma proporção e me concentro no azul de seus olhos. Um flash de memórias atravessa meus pensamentos no instante em que nos conectamos, e tudo vem à mente. A primeira vez que eu a vi, na feira, comprando tomates – sua obsessão –, meu coração bateu de forma diferente. Eu senti. Eu soube que ela era para mim. Desde aquele dia, nunca consegui deixar de pensar nela. Sempre que eu voltava para casa, ou saía, a esperança de revê-la, de esbarrar com ela por aí, me deixava num estado fora do que era racional para mim. A confirmação deste sentimento aconteceu quando eu a vi com minha filha, protegendo a menina de presenciar a discussão entre Francine e eu. Porra, aquilo me bateu muito forte. E assim foram todas às vezes, até que, por uma coincidência do destino, eu a encontrei no bar onde eu frequentava toda a semana com os caras do batalhão. Era para ser. Gabrielle tinha que ser minha. Lembro dos ciúmes, do sentimento de posse

que eu senti assistindo-a de longe flertando com Tony, jogando seu cabelo fascinante. loiro de um lado para o outro. Fiquei puto, sem nem mesmo ter o direito. No fundo eu já sabia. Ela tinha que ser minha, aquele gesto simples tinha que ser feito para mim. E não deu outra, me aproximei, conversamos e no meio da conversa ela fez, somente para mim. Olhou-me de frente, corou lindamente, mordeu o lábio e jogou seu cabelo de lado, sensualizando, dando-me sua atenção, seu flerte.

Miséria, eu me senti o cara mais sortudo do planeta.

Foi o mesmo sentimento de quando ela entrou debaixo daquele chuveiro comigo e declarou que veio para ficar.

Veio pra ser minha. Para sempre.

Pigarreio, tornando de todos estes sentimentos e concentro-me na mulher.

— Gabrielle...

— Max... — ela sibila, embargada.

— Amor... — respiro fundo — Eu pedi que nossa família se juntasse a nós esta noite porque

quero que todos testemunhem o que tenho a te dizer.

Observo sua mão trêmula ir para a boca, segurando-se.

Estou por um fio aqui, também.

— Bem, eu estou bem nervoso então talvez não saia exatamente como planejei — confesso, encarando-a com completa honestidade — Passei o dia pensando em muitas maneiras de te falar, Gabrielle, o quanto eu sou agradecido à vida por ter te trazido pra mim.

Assisto os olhos incríveis marejarem.

— Eu te considero como uma dádiva, amor. É isto o que você é para mim, para nossa filha — olho para a pequena, que nos assiste com a boquinha fechada, atenta — Acho que nossa filha enxergou o mesmo quando invadiu seu apartamento e voltou para casa rebocada de batom, dizendo o quanto nossa vizinha era “tão bonita” — com rouquidão, repito as palavras de minha filha no dia que me mudei para o prédio.

Um segundo de distração e ela sumiu, voltou alguns minutos depois carregando maquiagens
NACIONAIS - ACHERON

consigo e, sonhadora, comentando a beleza da mulher. No dia eu não dei importância. Mal eu sabia que teria a mesma reação quando a visse.

— Quando a pequena te viu, ela provavelmente te encontrou como a mãe que você seria para ela. Nós te encontramos. Nossas almas se encontraram, hoje eu tenho certeza disto.

Lágrimas escorrem pelo rosto talhado, olhando para Ana. O amor é verdadeiro, todos podem sentir. E ele é correspondido pela forma reverenciosa como a pequena encara a mulher, em admiração, no brilho inocente de uma criança direcionado a quem ama.

— Eu passaria horas aqui revelando todas as razões pelas quais eu te amo. Mas posso dizer que a principal delas é porque eu te admiro, Gabrielle. Cada pedacinho de você. A mulher, a irmã, a pessoa, a mãe... — tomado por uma emoção que não me lembro de sentir antes, vou ao seu encontro, puxando a joia de dentro do bolso, e ajoelho-me diante dela — E é por isto que eu gostaria de pedir que seja minha, como prometeu que seria, para sempre. Case-secomigo, Gabrielle, e me deixe

cuidar e amar você da mesma maneira que faz por mim e por nossa menina — retiro o anel e ofereço a ela.

— Por Deus, homem. Eu vou te responder o mesmo que você me disse. Eu negaria só se fosse maluca. Você sabe que eu te amo. Amo nossa matraquinha. Eu já nem sei mais viver sem vocês — um soluço arremata suas palavras.

A mulher permite que eu coloque o anel em seu dedo. Beijo a área. Seguro seu rosto entre as mãos e deslizo meus lábios castamente por sua bochecha, absorvendo o sabor salgado das lágrimas.

— Eu te amo — ela sussurra.

Encosto meus lábios nos seus.

— Eu te amo pra caralho, vizinha — murmuro de volta, para que somente ela ouça.

Emitindo uma risada nervosa, com lágrimas espessas derrubadas em suas maçãs, ela se afasta, estende a mão para minha filha, num convite para que se aproxime.

Ana vem, tímida, olhos grandes lacrimosos,

parecendo entender com clareza tudo o que está acontecendo. Gabrielle a segura com uma mão, e a mim com outra, olhando-nos de maneira crua, aberta.

— Eu amo vocês dois de um jeito tão forte que nem parece caber no meu peito, sabiam? — seus olhos se concentram na criança — Ana, a mesma promessa que fiz para seu pai, faço hoje a você. Eu sou sua mãe, serei para sempre. Nunca te deixarei. Entendeu?

Minha pequena razão de viver meneia a cabeça lentamente e sibila:

— Sim, Gabrielle — é quase inaudível.

Somente neste momento é que me atento às expirações pesadas ao redor da mesa. Não há uma única pessoa nesta sala que não esteja afetada pelo momento. As mulheres encaram-nos marejados. Através de olhares, sei que acabo de receber o completo aval e apoio de seus irmãos também.

— Vocês já marcaram uma data? — Eva pergunta, abraçando Gabrielle.

— Um mês. Nós nos casaremos em um mês... — responde determinada. E se vira para a

NACIONAIS - ACHERON

outra cunhada — Você pode me ajudar com isso, não é Ali?

GABRIELLE

Depois que todos se foram e Ana já está em sua cama, adormecida, pego minha taça de vinho e me encaminho para o aparelho de som. Verifico a lista de músicas em meu celular e corro para uma em especial. Selecciona-a, giro-me para Max, sentado no sofá me observando com intensidade, e estendo minha mão para ele.

— Dance comigo.

Meu futuro marido sorri, quente, profundo, e se levanta vindo para mim com olhos selvagens, mansamente determinados. Deus do céu. Eu amo tudo nele.

O som de Ella Henderson na música “Yours” ganha um volume baixo, apenas para nós. Max segura minha cintura. Descanso meu rosto contra seu peito e seguro seus ombros. Nossos corpos se

embalam de um jeito bom. Não me lembro de já termos dançando antes e parece que fomos feitos para isto.

♪ *Yours (Tua)* ♪

*Eu vou usar seu casaco de Inverno
Aquele que tu amas vestir
Então eu continuo sentindo perto
Ao que não tem comparação
Os momentos quando acordamos
Apanhas-me nos teus olhos
Aquele beleza no meu travesseiro
Que me segura de noite
Eu irei encontrar a força que não controla a
minha boca
Quando eu costumava ter medo das palavras
Mas contigo aprendi a apenas deixar fora
Agora o meu coração está prestes a explodir
Porque eu, eu sinto como se eu estivesse
pronta para amar
E eu quero ser o teu tudo e mais*

*E eu sei que todo o dia eu digo isso
Mas eu só quero que tu tenhas a certeza
Que eu sou tua
E se eu tenho me sentido pesada
Tu tiras-me do escuro
Teus braços, eles mantêm-me firme
Então nada pode desmoronar
Eu irei encontrar a força que não controla a
minha boca
Quando eu costumava ter medo das palavras
Mas contigo aprendi a apenas deitar fora
Agora o meu coração está prestes a explodir
Porque eu, eu sinto como se eu estivesse
pronta para amar
E eu quero ser o teu tudo e mais
E eu sei que todo o dia eu digo isso
Mas eu só quero que tu tenhas a certeza
Que eu sou tua 🎵🎵*

— Eu sou tua, Max... — sussurro na letra da música.

— Sim, você é, Gabrielle. Assim como eu também sou teu.

Absorvo o momento, enquanto a letra corre, sem perder nosso ritmo. Eu preciso contar a ele, e covardemente prefiro que seja neste momento. Sei que ele não ficará muito feliz, mas eu fiz o que achei ser o melhor.

— Eu ofereci dinheiro a Francine para deixar nossas vidas...

Sinto seu corpo enrijecer, porém ele não para de se movimentar lentamente comigo.

— Você deveria ter conversado comigo, Gabrielle — a voz rouca, séria, não me dá um bom estímulo.

— Sim, eu sei. Mas achei que eu deveria tentar.

Max segura meu queixo suavemente, levantando meu rosto para fitá-lo.

— Eu não ofereci mais dinheiro a ela porque sei que estaria jogando fora. Ela já fez isto antes. Nenhum valor é suficiente para mantê-la longe. Francine sempre volta. Eu gostaria que tivesse

falado comigo e eu teria te dito isto.

Respiro fundo

— Desta vez é diferente — encaro o centro de seus olhos acinzentados — Acredite, ela não vai mais mexer com a gente.

Suas sobrancelhas se juntam, os olhos sutilmente se semicerram.

— O que você fez, Gabrielle?

Mordo a bochecha. A verdade? Uma parcela da verdade? Como eu quero começar este relacionamento? Hoje é um dos dias mais especiais da minha vida, não quero uma discussão... tampouco quero mentir.

— Talvez você não vá gostar do método que usei, mas eu te peço que tente me entender...

— Gabrielle? — rosna muito paciente.

Inspiro, buscando por coragem.

— Eu tenho uma grande amiga, você não a conhece porque ela não mora no país... ela tem uns amigos que, digamos, sabem convencer com um pouquinho mais de persuasão...

A música acaba, outra inicia, e continuamos

nos olhando, contudo não nos movemos mais. Noto uma veia pulsar indiscretamente em sua face.

— Eles foram até a casa de Francine, só que não precisaram fazer nada. Havia drogas lá para botar sua ex e o marido na prisão. Parece que o casal estava vendendo. Também estão devendo para algum traficante. Francine aceitou o dinheiro para fugir...

— Jesus... — ele grunhe em meio ao maxilar travado — Aquela mulher queria meter Ana nisso.

— Sim, mas acabou. Ela ficou com medo... Além disso, uma amiga minha, a Júlia, é advogada e disse que o documento assinado por Francine é irrevogável. Mesmo que ela volte, não há nada que ela possa fazer para tirar a Ana da gente.

— Por que você não me disse que faria isso?

— Porque você não permitiria.

Ele move a cabeça, dando-me a confirmação.

— Desculpe por ter agido assim. Não posso mudar o que fiz, mas também não me arrependo. Por nossa filha eu teria feito isso e coisa pior... — revelo, muito honesta.

— Eu sei. Eu também... — reconhece num profundo sussurrar.

— Acabou...

Volto a me mover, instigando Max a fazer o mesmo.

— Quanto você deu a ela?

Bem, outra coisa que ele não vai gostar.

— Tudo o que eu tinha.

— Mulher!

— Dinheiro é uma coisa sem importância, a gente recupera. Eu tenho meu apartamento, poderia vender ele e abrir minha confecção, ou pedir emprestado a Benjamin ou Peter e pagar em alguns anos.

Outra vez ele interrompe o balançar de nossos corpos.

— Você não pedirá a ninguém ou venderá nada. Nós somos um casal. Tudo o que é meu também é seu, Gabrielle. Eu tenho minha própria reserva e você abrirá sua empresa com este dinheiro — a afirmação não me deixa dúvidas de que ele está falando sério.

Eu aceito de coração aberto, porque é exatamente esta cumplicidade que procuro em uma união. Um pelo outro, nos momentos bons e ruins.

— Obrigada... — digo olhando em seus olhos — Eu não esperava menos de você.

Ele sorri, parecendo completamente satisfeito com minha resposta.

— Amor, agora eu preciso que me prometa algo...

— Sim? — indago com medo do que virá.

— Você não me deixará de fora de nada assim novamente.

Este é o pedido mais difícil de todos. E se eu precisar de novo? E se mais alguém que eu ame precisar de ajuda e Max não concordar com os métodos?

— Uhum...

— “Uhum” não é uma resposta válida, vizinha.

— Ok, ok... o que a gente não faz pelo casamento, hein? Sim, eu prometo.

Droga. Espero nunca precisar quebrar esta

PERIGOSAS

promessa.

O sorriso que recebo faz a renúncia valer a pena, no entanto.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 44

GABRIELLE

Faz pouco mais de duas semanas que fiquei oficialmente noiva. Minha vida está uma correria... e eu não me lembro de já ter me sentido mais feliz antes. Só consigo uma explicação para este momento que estou vivendo: há um cara muito generoso lá em cima que decidiu me presentear. É no que acredito ao acordar diariamente e me deparar com os olhos intensos de Max mirando os meus, fazendo-me saber o quanto me ama, ou quando vou ao quarto da Matraquinha para acordá-la e a encontro espertinha, dando-me um “Bom dia, Gabrielle” que entra aquecendo o coração. Realização, nada define melhor o momento.

Fecho a tela do notebook, depois de anotar as informações que preciso. Os planos para hoje são todos voltados para a Matraquinha. Já faz alguns dias que me programei para levá-la a este lugar. Comprei os ingressos antecipadamente, depois de pesquisar muito. Antes, porém, iremos fazer uma pequena parada.

Sentada ao seu lado, espero ela terminar de tomar o achocolatado colocado por Mari. Ana está mais tagarela do que o normal, obviamente por ser um sábado. Fins de semana a deixam com a energia renovada. Na verdade, não ir à escola a deixa assim.

Aproximo-me dela, dando um cheirinho em seu pescoço. Eu adoro fazer isto. E a menina também gosta quando faço, sua risadinha gostosa me revela.

— Pronta para passear?

A palavra tem um efeito mágico no brilho de seus olhos tão semelhantes aos do pai.

— Aonde nós vamos, Gabrielle?

— Hum... é uma surpresa. Se eu te contar perderá a graça.

A frustração e expectativa juntas a fazem suspirar profundamente.

— Papai vai com a gente?

Infelizmente não.

— Ele está trabalhando hoje, Ana. Mas veja pelo lado bom, teremos o dia somente para nós duas.

— Eu adoro passear com você, Gabrielle! — sou contemplada pelo sorriso expandido, criando covinhas em suas bochechas.

Sorrio, contagiada. No entanto, não deixo de pensar que estou esperando ansiosamente pelo dia em que ela começará a me chamar de mãe. Se isto nunca acontecer, tudo bem, eu já me contento com esse amor indescritível que sinto dela por mim... mas acho que ouvir a palavra, tão verdadeiramente como tudo o que sai de sua boca, será um momento muito emocionante.

— Então vamos escovar os dentes, vestir roupas confortáveis e começar a diversão.



Júlia me falou deste lugar quando pedi sua

indicação. Ela gostou do trabalho do cara. Subo Ana e a sento na banquetta alta em frente ao balcão de vidro para que a menina veja de perto o que estou pedindo.

— Eu gostaria de uma tatuagem mais ou menos neste formato — aponto para o desenho que imprimi — Nesta região — Mostro meu antebraço, acima do pulso e abaixo da junção do cotovelo.

Ao ouvir a palavra tatuagem, noto Ana ainda mais interessada, olhando de mim para o homem com curiosidade.

— O desenho é legal... — o sujeito todo tatuado reflete.

— Sim. Veja: aqui — aponto para um pedaço da imagem — Eu quero o nome do meu marido — deslizo o dedo mais para o lado no papel — E aqui, o nome de minha filha, Ana Carolina... — dou uma espiada de relance nela, somente para saber se a espertinha entendeu o que pretendo fazer — Quero os dois nomes marcados na minha pele.

— Você vai desenhar meu nome em você, Gabrielle? — ela murmura admirada, apoiada contra o balcão, sustentando o rostinho entre as

NACIONAIS - ACHERON

mãos.

Viro minha atenção para ela.

— Sim, vou, Ana. Porque seu nome é lindo. Eu tenho orgulho dele.

— Oh... — o sonzinho suspirado sai sonhadoramente de seus lábios.

Espero que ela reflita sobre isto. Entretanto esta é apenas uma pequena parte do trabalho. Outras virão para fortalecer a sua autoestima. Hoje, mais tarde, por exemplo, teremos mais um compromisso.

Ana esteve ao meu lado o tempo todo enquanto o tatuador trabalhava. Diante de seus olhinhos atentos evitei exprimir dor, embora, caramba!, como isso dói. Ao final, depois de limpa, não consigo parar de admirar o resultado.

— Uau, homem, você é realmente muito bom no que faz! — assovio.

Tenho gravado em minha pele uma pequena árvore bonita, delicada. O longo tronco desenhado apenas por letras, formando o nome “Maximiliano” da base ao topo. Folhas e pequenos corações a

rodeiam. No entanto, assim como pedi, há somente um galho, formado com o nome “Ana Carolina”.

— Olhe isto, Ana — mostro a ela, que até então estava segurando minha outra mão, me dando apoio de seu modo gentil, enquanto tagarelava com o tatuador.

A maneira como aprecia a tatuagem faz toda a dor valer a pena. Seu dedinho suave vagueia pelo desenho, por cima do plástico fino que o cobre, admirada. Ana ainda não sabe ler com destreza, mas aposto que já viu o nome completo de seu pai algumas vezes.

E então ela para. Observando com mais atenção.

— Gabrielle...? — murmura em tom curioso.

— Sim, Ana?

O olhar indeciso vai do desenho para mim e de volta ao desenho.

— Só tem um galho?

Muito sagaz. E este é o ponto.

— Exatamente. Só tem um porque eu só tenho você de filha por enquanto. Os próximos

bebezinhos também terão um lugar aqui.

Deus, a expressão em seu rosto é mais do que meu coração consegue suportar. Linda, agraciada, emocionada.

De repente seus olhinhos se arregalam, parecendo analisar uma ideia em sua cabecinha. Prendo o ar no peito, a espera do que virá.

— Eu posso fazer um desenho também, Gabrielle?

Bem, não era exatamente a mensagem que eu queria passar aqui. Se seu pai ouvisse isso, certamente concordaria.

— Você ainda é muito nova para isto, Ana, mas no futuro, acho que sim.

Os lábios da menina enrugam para o lado, deliberando a informação.

— Eu vou querer fazer um montão de desenhos...

E Max vai querer me matar, isto é certo.



O estádio está lotado. São pelo menos vinte mil pessoas para acompanhar o mundial de
NACIONAIS - ACHERON

atletismo paraolímpico acontecendo na cidade. O evento é uma prévia para as olimpíadas. Tive sorte de conseguir comprar duas cadeiras na primeira fileira, bem próximo à pista oval. Ana ainda não entendeu muito bem onde estamos. Percebo isso observando seu rostinho curioso olhando através das arquibancadas. A torcida animada veste-se toda com as cores da camisa da seleção. É predominante aqui.

Um vendedor de pipocas passa nos degraus bem perto de nós, sustentando o tabuleiro numa corda apoiada no pescoço.

— Vamos comer pipoca, princesa?

Olhinhos ainda aturdidos focam em mim.

— Aham...

Sinalizo para ele, apanho duas, pago e entrego uma para ela.

Não quero explicar que tipo de esporte é, ou quem são os atletas, quero que ela assista a isso, que consiga enxergar pessoas com limitações as superando, lutando, vencendo, se tornando campeãs. Há tantos exemplos por aí. No mundo da moda mesmo, uma modelo lindíssima que também

NACIONAIS - ACHERON

perdeu a perna num acidente está brilhando e ganhando muito espaço. Pretendo mostrar a Ana através de exemplos, que ela pode ser o que ela bem quiser. Só dependerá dela.

Assim que o locutor do estádio anuncia, os atletas começam a entrar, um a um, desfilar as bandeiras de seus países. De onde estamos podemos vê-los perfeitamente... principalmente as próteses em formato de arco adaptadas em suas pernas. Alguns apenas em uma, outros nas duas pernas.

Ana se surpreende com a visão. Sei disso. Sua atenção está completamente neles, vidrada, parecendo nunca ter visto alguém como ela antes.

Nos minutos seguintes, assistimos a concentração dos esportistas, a preparação, aquecimento, até que cada um assume uma posição diante das faixas pintadas no chão e a corrida inicia. São os quatrocentos metros mais demorados de toda a história. A torcida ovaciona bravamente o nome do atleta que nos representa. Tamanha energia de toda esta gente entra por meu sistema numa explosão de adrenalina. Quando percebo

estou em pé fazendo a mesma coisa, vibrando por ele, centímetro a centímetro incentivando-o. Seu corpo está na mesma linha do principal concorrente. Um dos dois será o campeão. Tudo depende de polegadas, milésimos de segundos. É emocionante!, confesso.

Desço meus olhos para minha filha e a pego olhando-me assustada, confusa eu diria.

Empolgada, levanto-a em meu colo.

— Ele vai ganhar Ana, você está vendo? — aponto para os dois corredores quase colados — Ele vai ganhar!

Ana ri, sem entender direito. E quando menos espero, muito timidamente, ela começa a se soltar até que a pego gritando o nome dele com todo fervor. Observo-a orgulhosa, do que vejo em seu semblante. Ana Carolina está começando a perceber o sentido de tudo isso. Emocionada, aperto-a contra mim, abraço bem forte, não consigo evitar. E volto a torcer.

Numa boa conspiração do destino, parecendo contaminado pelo apelo da multidão, o rapaz vence! Vence!

— Ele ganhou, Gabrielle!

— Sim, Ana! Ele ganhou! Ele ganhou!

Não há uma única pessoa sentada, todos estão pulando. Não somos diferentes.

A parte mais emocionante do passeio é o momento em que nosso campeão, envolvido com a bandeira nas costas, inicia a volta olímpica sustentando orgulhosamente a medalha dourada em seu peito. Ele passa bem pertinho de onde estamos. Sei do momento exato em que nos avista. Seu olhar encontra Ana no meu colo. O atleta vê a prótese dela e lança para a menina uma piscadela muito cúmplice, parecendo repleta de significado. Por fim, sorri de uma maneira simples, bonita, e continua a desfilar. Apesar de rápido, eu senti a mensagem, acho que minha filha também. Ela suspira, emitindo um som de satisfação lindo de ver.

Este é só o começo. Ana tem o mundo pela frente para escolher o que a fará feliz. Nada será uma limitação para ela.

MAXIMILIANO

Entro em casa um tanto cansado, o sábado foi puxado no trabalho. Contudo, estar de volta sabendo que tenho o restante do dia e mais amanhã para curtir Gabrielle e Ana leva qualquer indisposição embora. Coloco o pé para dentro e as encontro juntas, deitadas no sofá diante da televisão ligada. Ana com o corpo em frente ao de Gabrielle, recebe afagos nos cabelos enquanto assiste concentrada a um dos seus desenhos de princesa na tela.

No fim de um atendimento liguei para minha futura esposa, que já estava a caminho de casa. Através do viva-voz escutei nossa filha atropelando as palavras, extasiada. Mal entendi o que ela dizia em meio à agitação. Rindo, Gabrielle me explicou onde estavam. Sua alegria genuína me fez entender imediatamente o objetivo do passeio. E, porra, não consigo parar de me sentir grato à maneira como ela está agindo sobre Ana.

— Oi... — aproximo-me delas e beijo a cabeça da pequena.

NACIONAIS - ACHERON

— Papai! — Ana salta do lugar, como uma pequena metralhadora e começa a disparar coisas sobre um campeão, árvores, medalhas, bebezinhos.

É tanta informação que arqueio a sobrancelha para minha mulher.

— O que foi que você deu pra ela? — brinco.

Mantendo aquele sorriso que me derruba, Gabrielle se senta no sofá, junta os grossos cabelos loiros no topo da cabeça e os enrola numa bola.

E é quando meus olhos focalizam algo.

Em seu pulso.

Que não estava ali antes.

Lentamente, me curvo para ela, minha mão indo em direção ao que vejo. Seguro seu braço com cuidado e... miséria, ela não fez isto. Gabrielle... porra, Gabrielle nos tatuou em sua pele?

— É de verdade? — indago baixo, tolamente.

Os olhos esplêndidos me encaram receosos, esperando por minha reação. Os dentes brancos prendem o lábio cereja entre eles, hesitante.

— Sim, é de verdade... — sussurra, olhando para o desenho de uma árvore delicada, cujo tronco

contém meu nome, e o galho o nome de minha menina.

— Aqui é para os bebezinhos, papai! — Ana arrasta seu dedinho mais para o lado do desenho no pulso de Gabrielle apoiado em minha mão.

— Para os bebezinhos? — miseravelmente rouco, embargado, não desvio o olhar da mulher.

— Sim! — a pequena tagarela — Para todos os bebezinhos! Eu quero cinco!

— Cinco? — minha mulher e eu repetimos em uníssono fitando a criança.

Ana dá de ombros, simplificando a situação.

— Sim, ou seis, se couber tudo na árvore.

Inclino-me mais para Gabrielle, roçando nossos lábios juntos.

— Eu não me importo em um time de futebol — resmungo contra sua boca.

Em resposta, ela prende meu lábio, numa mordida leve, gostosa.

— Não incentive, noivo — chia baixo.

Rindo, me afasto para sentar ao seu lado, ainda alisando a tatuagem. Jesus Cristo, quando eu

penso que Gabrielle não pode mais me surpreender, ela se supera. Se eu estou satisfeito? Porra! Minha marca em sua pele é um excelente feito. O próximo passo é encher logo este pequeno desenho de mais nomes.

Suavemente, levo o pulso à boca e planto um beijo ali, para que ela saiba o quanto me sinto um fodido sortudo.

— Quando eu crescer, vou fazer um montão de desenhos também... — minha filha solta essa, distraidamente voltando a se sentar no colo de Gabrielle.

Espere. Como é?

— Ah, vai? — pergunto à criança, encarando a mulher.

Gabrielle prende um sorrisinho nada inocente.

— Aham, papai. E de todos os bebezinhos também.

Ah, claro que sim. Ana encherá seu corpo de tatuagens quando crescer, bastante, mais precisamente crescer o suficiente para mudar de

ideia, ou ao atingir os trinta anos: e aí com certeza mudar de ideia.

Estas duas certamente ainda me darão muito trabalho. Eu prevejo isto acontecendo.

Capítulo 45

GABRIELLE

Amanhã eu me casarei. Acordei com esta sensação de ansiedade e um calorzinho especial no peito que estão me acompanhando pelo dia...

Ando de um lado para o outro, observando o espaço vazio. Posso dizer que a velha fábrica restaurada e transformada em complexos tem um bom espaço. Não é grande, nem pequeno demais. O comprimento é extenso, a largura deve ser por volta de dez metros. Luminárias novas, paredes bem pintadas.

— E então? O que achou? — pergunto a Mau, que estuda o lugar silenciosamente.

Mais cedo, antes de assinar o contrato de locação, eu trouxe Max para ver. Ele gostou. Agora

NACIONAIS - ACHERON

quero que a pessoa que chamarei para trabalhar comigo sinta o espaço ainda cru, onde um dia faremos nosso nome.

Mauro alisa a cabeça careca, fazendo suspense, percorrendo com os olhos cada pequeno detalhe. E se gira para mim.

— Rainha, este lugar é perfeito! — expressa muito entusiasmado, por fim.

Sorrio, me sentindo um tanto aliviada por sua aprovação.

— Eu te trouxe porque te quero nessa comigo, Mau. Quero que você seja o administrador enquanto eu me preocupo apenas em criar — digo muito séria, encarando-o — E sei que você é mais do que capaz.

Meu amigo leva a mão à boca, tapando o som de arrebatamento.

— E-eu nem sei o que dizer, Gabrielle... Quero dizer, você sabe que eu te seguiria até para trabalhar de ambulante no camelódromo, mas... — expira longamente — Trabalhar aqui, com a melhor estilista que eu já conheci, é uma honra.

— A honra é minha, e, por favor, não me faça chorar. Logo mais tenho minha despedida de solteira e não quero aparecer toda inchada — brinco, dissuadindo as lágrimas marejando meus olhos.

— Você será um sucesso Gabrielle.

— Nós, Mau. Nós seremos.

Digo e assisto a satisfação em sua face.

— Já pensou em algum nome para a marca?

Respiro profundamente. Esta é fácil. A resposta está na ponta da língua.

— Luz da Manhã.

O olhar engraçado que ele lança me faz rir. Posso não gostar de ver Ana mentindo seu nome, no entanto, jamais poderia deixar de incluí-la nisso de uma forma só nossa. Espero fazer linhas infantis também, em algum momento. E quer saber? Desde que a ideia floresceu em minha cabeça, já até a imaginei trabalhando comigo, no futuro.

— Aquela menina te pegou de jeito, não é?

— Sim, Mau, ela e o pai fizeram um bom trabalho — estou praticamente suspirando, como

uma imbecil.

Aliso a aliança em meu dedo, completamente realizada. Este mês demorou para passar. A verdade é esta. Ainda estou no controle da natalidade, vou ficar assim por mais um tempo até dar toda a atenção que Ana merece. Quero curti-la um pouco mais antes de começar a fabricar seus bebezinhos, mas não vejo a hora de me casar e começarmos esta família de uma vez.

Pigarreio, afugentando o ardor – estou muito sensível nos últimos dias. Empurro o assunto para ele:

— E você. Mau? Como estão as coisas?

Ele desvia o olhar para a janela.

— Ele entrou em contato, chefa...

— Nilo? — pergunto por mera formalidade.

Mauro confirma com um aceno de cabeça, e remexe-se no lugar.

— Veja — desliza o dedo pela tela do celular e mostra uma mensagem de texto bem grande.

Nilo pede uma segunda chance, diz que não está mais com o desprezível Ernesto e que sentiu

falta de Mau. Eu, pessoalmente, não sei o que dizer. Nilo é uma boa pessoa ao que conheci, mas seu amor por aquele sujeito parecia uma doença. Não tenho certeza se algo assim pode ser superado.

— E o que você decidiu?

Seus ombros se encolhem.

— Vou aceitar conversar com ele... Eu gosto do cara, Gabi.

— Sei como é... — resmungo.

Não quero que Mauro sofra nesse triângulo. Talvez eu devesse procurar Nilo e ter uma conversa com ele... Ou talvez não.

— Bem — limpo minhas mãos — Vamos para a minha despedida de solteira?

Recebo o abraço desengonçado.

— Eu jamais te imaginaria casando, rainha!

— Eu tampouco, Mau... eu tampouco... — e nunca quis nada mais forte antes.



Apoio a jaqueta no encosto da cadeira. O calor aqui dentro contrasta com o vento frio da noite lá fora. Katy, Alice, Júlia, Luna e Jas se
NACIONAIS - ACHERON

ajeitam também. Mauro é o último a se sentar. Pegamos uma mesa de canto no badalado pub ao lado da estação. Alice me apresentou este lugar há alguns anos, eu gosto daqui.

— Quem poderia dizer que minha garota estaria se casando assim, tão rápido — Katy brinca, sinalizando para o garçom — E com o médico bonito, hein... — provoca.

— A idade está chegando, meninas. Eu preciso de alguém para cuidar de minha saúde, se é que vocês entendem — sorrio debochada, sem nenhuma vergonha.

Elas riem também.

— Vocês combinam, Gabi — Alice reafirma — Eu estou muito feliz por você.

— Eu sei, Ali — respondo sincera, sem nunca duvidar do amor de minha cunhada por mim, assim como o meu por ela.

— Casamento, ao contrário do que dizem, é uma coisa... — Júlia morde o lábio, pensando na palavra — Interessante...

Katy ri mais alto.

— Pudera, com aquele seu fazendeiro, amiga, deve ser muito mesmo.

O garçom nos serve alguns drinks coloridos. Luna fica no suco mesmo, alisando sua barriga.

— Lu, você sabe, Ana não para de perguntar sobre o seu bebezinho...

— Ana é uma gracinha, Gabi. Eu também não vejo a hora deste bebê nascer. Estou ansiosa para conhecer o rostinho da minha Vivian...

— Esse nome é lindo — Alice delibera.

— É o nome da irmã de Dominic. Ele ficou bem feliz com a escolha — suas bochechas coram apenas por mencionar o homem.

As meninas, e até mesmo Mauro, engatam uma conversa sobre bebês e minha atenção vai para a mulher que considero uma irmã mais nova. Jasmine, ao meu lado, quietinha, apenas observando. Sua aura está mais leve a cada dia, o brilho em sua pele e olhos denota que Damien tem feito um bom trabalho. Eu amo aquele cara por isso. Ele devolveu a vida a ela.

Nosso olhar se encontra e ela sorri para mim,

sem precisar de palavras para dizer o quanto minha felicidade também importa para ela.

— Eu te amo, viu? — sibilo, tocando nossos ombros juntos.

— Eu também te amo, Gabi... — devolve com completa honestidade.

MAXIMILIANO

Eu pensei que estaria nervoso. Pensei que esperar a mulher que eu amo neste altar seria algo a me deixar ansioso pra caralho, mas não me sinto assim. Sinto-me seguro. Sei do sentimento dela por mim e da conexão que temos. Apesar da pressa, estamos ligados de forma muito profunda. Esta cerimônia é uma formalidade para tornar Gabrielle oficialmente minha.

Não vou mentir: quero esta confirmação logo. Sair daqui com nosso elo de marido e mulher criado de maneira permanente. É assim que será. Para sempre. Nunca nada fez mais sentido.

Confiro o relógio em meu pulso. O mesmo que tem a inicial dela gravada (se ela soubesse que seu nome já havia sido cravado no meu coração muito antes desta peça). Estamos quase na hora. A pequena capela, que sabe-se lá como Gabrielle conseguiu agendar com tão pouco tempo, está preenchida de nossos amigos mais próximos e familiares. Meu chefe, Diana e JP estão aqui, Eva e minha mãe também. As amigas de minha mulher e seus companheiros, Peter e a cunhada Alice, o tal Mauro, Marieta, e mais algumas poucas pessoas. Quem realmente importa, foi o que ela disse.

Puxo profundas respirações. Gabrielle e Ana passaram o dia fora. Não as vi, mas recebi a ligação de minha mulher, que disse em tom de brincadeira estar “apenas me assegurando que você não fugiu, noivo”. Como se eu fosse um estúpido em fazer uma loucura destas. Eu quero mais é me casar, ter filhos, netos e tudo o que eu puder com ela.

No momento certo, Jasmine e Alice acenam próximas à porta e dois violinistas iniciam o instrumental da marcha de casamento. Miséria, o som é fantástico. Engulo em seco quando a porta

começa a ser aberta. Arrumo o nó de minha gravata. Meu coração rompe em ritmo de morte. Sinto até mesmo o suor brotar em minha testa. Respire, cara, respire!, exijo de mim.

Então, como se os céus tivessem liberado suas portas, eis que as duas mulheres da minha vida surgem em meu campo de visão.

— Caralho...

E-eu...

Minha filha anda devagar, passo a passo em minha direção, olhos em mim, um sorrisinho lindo nos lábios, em meio ao pequeno tremor que posso notar. Se eu não a conhecesse bem, diria que a pequena está prestes a chorar de emoção. Em sua mão um pequeno buquê. Subo meus olhos para quem vem atrás dela. Benjamin, terno escuro bem afeiçoado, encarando-me com profundidade, enviando uma mensagem silenciosa de que em seus braços há um bem valioso que ele espera ser bem cuidado. E será.

Enroscada a ele, a mulher mais linda que meus olhos já viram. Não há palavras para defini-la. Simplesmente não há.

A força, delicadeza, coragem, sensibilidade, simplicidade. Tão honradamente, tudo isto está vindo para ser meu. Nosso olhar se encontra e, por um instante, perco a firmeza das pernas. É intenso demais o que nos une. Sua emoção é visível, olhos azuis marejados refletem os meus. Preciso passar o punho rapidamente em frente aos meus olhos para não perder sua imagem em meio as minhas lágrimas.

Isto também acontece com ela. Uma lágrima bonita cai e desliza pelo rosto suavemente maquiado. Tudo em Gabrielle é na medida certa.

O vestido em seu corpo é um tipo perfeito, simples, com rendas nos braços, caído perfeitamente nos contornos de seu corpo. Curiosamente, Ana veste uma réplica do mesmo modelo. Até nisto ela pensou. Incluir nossa menina.

Sua caminhada lenta até mim parece demorar uma eternidade. Quando ela chega mais perto, não me contenho, encurto a distância, apanho seu rosto bonito em minhas mãos e a faço me olhar.

— Eu jamais vou esquecer esta imagem, Gabrielle. Nem que eu viva um milhão de anos —

mesmo com a falha rompendo minha garganta, tornando minha voz abafada, a faço saber.

— Estou tão feliz, Max. Obrigada por me dar este momento, por me dar nossa filha.

— Jesus, eu te amo tanto — sibilo buscando suas esferas claras, registrando cada pequeno pedaço de seu rosto.

Ela sorri, e mais umidade apossa seus olhos.

— Eu acho que precisamos nos casar, noivo. Tem um padre ali atrás esperando a gente — brinca, embargada.

GABRIELLE

O tempo todo, enquanto ouvimos as palavras do religioso, minha mão permanece conectada a dele. A promessa de amor eterno, fidelidade, companheirismo é endossada por nossas almas. Já era assim, estava escrito que seria. Meu amor, meu corpo, meu ser, tudo que tenho pertence a este homem.

Quando finalmente as palavras são ditas, e perante Deus somos considerados agora marido e mulher, recebo o beijo mais intenso de todos e o mais casto. Aquele que reforça para mim o quanto Maximiliano está me entregando um pedaço de si. Ele me deu tudo. Sempre foi ele. Tudo que vivi até aqui foi apenas um existir. A plenitude aconteceu quando nossos caminhos se cruzaram.

— Doutor, agora não há volta — brinco, recuperando o fôlego.

— Não. E estou muito bem com isso — seu dedo vem para o meu rosto, limpar o borrado do batom em meus lábios — Minha esposa.

Mordo o lábio.

— Eu nunca pensei que pudesse ser tão bom ouvir estas palavras.

Seus lábios se achegam até meu rosto, simulando um beijo, e discretamente deslizam para o meu ouvido.

— Bom mesmo é o que eu gostaria de fazer com você, Gabrielle. Aliás, há muitas coisas boas que pretendo fazer. A primeira delas é despir este vestido bonito de seu corpo, amor. Estou certo de

NACIONAIS - ACHERON

que há uma lingerie sexy pra caralho embaixo dele... — afasta-se para mirar meus olhos e verificar o efeito do que está fazendo — Há, não há?— ri baixinho e volta a sussurrar — Eu quero te amarrar com as meias que provavelmente está usando e fazer coisas realmente boas com você, esposa.

Com a mais lutada sensatez que posso, aperto minhas pernas juntas.

— E você diz que a provocadora aqui sou eu. Marido, marido, você não é um homem bom.



Caminho entre os convidados, abraçando as pessoas que amo, agradecida por estarem aqui comigo no momento mais importante de minha vida. Paro de mesa em mesa, no pequeno espaço que loquei com a ajuda de Alice e recebo as felicitações de todos. As mulheres estão deslumbrantes, os homens impecáveis. Música boa toca suavemente ao fundo. Tudo fluindo perfeitamente. Quando finalmente me sento um pouco ao lado do meu irmão, posso contemplar o significado desta noite.

— Estou com fome, maninha. Essas distrações aqui só atiçaram meu estômago — Peter brinca, apontando para os canapés.

— Conte-me uma novidade, Pe — provoco.

Ele ri, descontraído, parecendo especialmente feliz esta noite.

— Quem diria, hein... este aqui é o seu casamento.

Sorrio, afetada.

— Sim, eu me casei novamente. Louco, não?

— Nenhum pouco.

Encaro-o e sei que sua fé em mim sempre foi grande. Peter me apoiou quando eu estava no fundo do poço e disse que este dia chegaria, cedo ou tarde. Eu seguiria em frente. Ele sempre teve razão.

— Obrigada por cuidar de mim — descanso a cabeça em seu ombro.

— E agora estou te deixando em boas mãos...

Ambos olhamos para Max, meu marido. Porque sim, aquele homem, mais distante conversando animadamente com seu amigo JP

agora é meu. Um olhar aquecido dele para mim, como se soubesse que estou olhando, revela que pertencemos um ao outro.

Sorrio e desvio para a garotinha, falante como um grilo, uma verdadeira matraquinha. Aquela menina é a minha filha.

A presença de seu amiguinho Gabriel aqui também é importante. Neste último mês ele frequentou muito nossa casa. Ela me confessou que eles são amigos, sem saber o quanto meu coração sorriu com a informação aparentemente tão simples. Os dois interagem muito bem juntos, algo em mim diz que a amizade ali perdurará. Espero que outras também surjam na vida da menina.

Quando seus olhinhos me percebem, leio em seus lábios algo como “Eu já volto, Gabriel”.

Ela vem para mim. Linda, uma réplica minha neste vestido. Às vezes chego a esquecer que essa pequena ardilosa não nasceu de meu ventre. Abro os braços para recebê-la. Ela se aconchega contra mim.

Ajeito sua franja para o lado.

— Você está se divertindo, princesa?

— Aham... hum... — hesita com um beicinho.

— O que foi, filha? — isto sai tão natural que nem mesmo percebo.

As bolas de cor cinza, grandes, iluminadas, olham-me esperançosa.

— Será que o Gabriel pode me visitar na casa da tia Eva, mamãe?

Meu coração para de bater. O ar congela no peito. E lágrimas me apanham de jeito.

— O que você disse?

— Será q...

Corto-a, sorrindo como uma tola.

— Não Ana, repete pra mim como você me chamou.

— Mamãe... — as bochechinhas avermelham, os olhinhos vão para os pés — Você é minha mamãe, Gabrielle.

Deus do céu. Eu realmente preciso de uma ajudinha aqui. Não me faça morrer de um ataque cardíaco justamente agora, sim?

Levanto seu rostinho para me fitar.

— Sim, eu sou sua mamãe, promete pra mim que você vai sempre me chamar assim?

— Eu prometo — ela murmura muito baixinho, compartilhando um feito secreto entre nós.

— Eu te amo tanto, Matraquinha, tanto!

Aperto-a em meus braços, me policiando para não esmagá-la de tanto amor. Ela me conquistou antes mesmo de seu pai fazer. Devo a esse seu jeito tão único a felicidade que estou sentindo neste momento.

Fecho meus olhos e expresso um “obrigado” ao grande ser lá em cima que me trouxe esta família. A minha família.

Epílogo 01

GABRIELLE

Confiro Ana em sua cama, cansada, adormecida como uma pedrinha.

Ela, o garoto e Lili fizeram uma boa bagunça até agora há pouco – sim, nestes últimos oito meses, minha filha conquistou outra fiel escudeira na escola, Lili. Os três se tornaram inseparáveis. Às vezes, as duas fazem o pequeno Gabriel assistir com elas todos os filmes de princesas já lançados pela Disney.

Se eu estou feliz por vê-la, aos poucos, conquistar mais amizades e ganhar mais confiança? Plenamente.

Beijo sua bochechinha, ajeito o cobertor e volto para nosso quarto. Max me espera sentado no NACIONAL - ACHERON

centro da cama, escorado contra a cabeceira, lendo um livro de sua área profissional. Recosto-me ao batente da porta para observá-lo um pouquinho, contemplando o que tenho em casa. Vestido de cueca boxer e mais nada, os músculos de seu abdômen parecem mais destacados do que nunca. Dizem que os maridos relaxam com suas aparências depois do casamento – não o meu. O homem acorda diariamente duas horas mais cedo, se exercita numa academia próxima ao prédio, e volta pronto para tomarmos o café da manhã em família.

Oito meses de casada e parece que foi ontem. Ainda sinto a mesma atração, o mesmo desejo por seu toque, o mesmo calor quando suas íris acinzentadas me encontram, como agora.

— Apreciando a vista, esposa? — o sorriso de lado cortando seu lábio é tão convencido... e tão quente.

Suspiro profundamente.

Algum dia eu terei de me acostumar, só espero que leve muitos anos.

— Você sabe, eu estou aqui pensando... O
NACIONAIS - ACHERON

casamento está fazendo muito bem a você, doutor — brinco, saindo do lugar e indo até ele — Eu acho que tenho parte nisso.

Max ri, gostoso, daquele jeito que cria uma ruguinha em seus olhos.

— É. Eu acho que você tem, sim. Venha aqui, deixe-me te agradecer do jeito certo, Gabi.

Droga, como não acatar a um pedido tão... honesto.

Subo na cama de joelhos, engatinhando. E só tenho tempo de piscar, antes de ter meu corpo rolado na cama e meu marido por cima de mim, encarando-me com a intensidade e seriedade tão natural dele. Max não brinca em serviço. Na cama, a paixão que temos um pelo outro vem sempre em primeiro lugar.

Aliso os contornos de seu rosto bonito, admirando-o. O olhar profundo não se desvia do meu.

— Você sabe que hoje fazemos oito meses de casados, não é? — a voz baixa se infiltra em cada pequena parte de mim, arrepiando meu corpo.

Mordo o lábio.

— Sim... Estão sendo os meses mais felizes da minha vida, Max.

— Os meus também, Gabrielle.

Sua boca se aproxima lentamente da minha, vindo para reforçar o quanto estamos ligados um ao outro. Uma vez, no passado, ele me disse que queria me mostrar o quanto somos bons juntos. Meu marido sempre teve razão. Somos muito bons assim, juntos, um elo inquebrável.

Sem pressa, minha camisola de cetim é retirada de meu corpo numa carícia do tecido contra a pele, exatamente como sinto a energia de Max agindo sobre mim.

Fazemos amor com a mesma intensidade de sempre. A mesma paixão que sentíamos em nossa lua de mel naquela praia, por uma semana, somente nós dois. Oito meses juntos e Deus sabe o quanto desejo que se transforme em oitenta anos. Quero envelhecer ao lado deste homem.

Adormeço em completa paz de espírito. Todos os que amo estão bem, vivendo suas vidas. Meu pequeno tesouro descansa a alguns cômodos

NACIONAIS - ACHERON

de mim, debaixo de minhas asas. O amor da minha vida, neste momento, tem seu corpo enroscado ao meu, acolhendo-me em seus braços. Meus irmãos também estão bem, felizes, e as amigas com suas vidas encaminhadas. Eu realmente não posso pensar em nada além de agradecer.

Pisco algumas vezes, deixando o sono me levar.



Estou caminhando num bosque extenso, meus pés descalços tocam diretamente a grama úmida. O cheiro, uma mistura de mata fresca e flores, se destaca agradavelmente. Sons de aves ao longe são como uma música baixa, docemente tocada por uma orquestra da natureza. Eu não sei que lugar é este, mas a sensação de acolhimento em meu coração é reconfortante.

Olho em volta e nada aqui me é familiar, apesar de tudo.

De repente, sinto um toque muito suave na palma da minha mão, e então a sensação de uma mão pequenina envolver a minha. Quente. Macia.

Surpreendida, olho para baixo e... ao meu
NACIONAIS - ACHERON

lado, há uma garotinha, talvez da idade de minha Ana Carolina. Bochechas rosadas, loirinha, de olhos azuis, cabelos ondulados caídos naturalmente ao redor de seus ombros.

Ela sorri e não consigo me mover. Há algo de tão familiar em seus traços. Tão peculiarmente familiar.

— O-oi... — sussurro, sem saber o que dizer.

— Oi... — ela me responde e sua voz é algo único, calmante.

Paralisada, tudo o que consigo fazer é continuar olhando pra ela, tentando entender onde estou e o porquê de sua imagem não me ser estranha. Pelo contrário, a sensação de que a conheço é muito poderosa.

— Eu estou feliz que você tenha vindo me visitar — ela diz, serena, soando... feliz.

Por alguma razão, isto embarga minha garganta.

— E-eu te conheço, não é? — o som de minha voz é fraco.

A menina reage abrindo um sorriso muito

parecido... com o meu. Não. Não pode ser... Mas sim. Eu sei que sim. Aqui dentro de mim, tão forte como a luz deste dia, eu sei quem ela é. Deus do céu, como é possível...?

— Clara...

— Sim, mamãe.

A confirmação me faz cair de joelhos em sua frente. Como? Minha filha está aqui, viva, corada, diante de meus olhos? Toco-a, tremendo violentamente, tentando entender se isto é um sonho. Mas tudo nela é real: o calor de seu corpo, a maciez de sua pele, a textura de seus cabelos...

— Como?

— Eu vim te ver, mãe.

— Deus... — o marejo que corre meus olhos brota diretamente da alma — Filha, eu-eu... eu não cuidei de você. Eu descuidei e você... você foi levada de mim!

Tranquila, sustentando a maturidade de alguém muito mais velho do que a delicada figura desta criança, ela toca meu rosto, limpando minhas lágrimas, sem nunca perder a paz que enxergo em

seu semblante, a mesma paz que seu toque tem o dom de transmitir.

— Eu estou bem, mamãe. Vim para lhe dizer que estou bem, que me sinto muito feliz aqui — Clara está sendo sincera. Em sua fisionomia, vejo que isto não pode ser contestado.

Difícil inibir mais lágrimas de se apossarem de minha visão. Limpo-as com os pulsos e corro meus olhos pela menina, por inteira, minha garotinha.

— Filha... você é tão linda. E-eu te amo tanto.

— Sim, eu sei, mamãe. Eu sinto seu amor por mim bem aqui — sua mãozinha delicada pega a minha e leva em direção ao seu peito, sobre seu coração quente, com batidas reais.

Fecho meus olhos por um instante, absorvendo o contato, assimilando tudo. E então me lembro de algo muito importante, algo que agora parece fazer todo o sentido.

— O anjo... aquele que me pediu para prometer que eu tentaria ser feliz... era você... — afirmo, sem nenhuma dúvida.

O sorriso acalentador nunca deixa seus lábios.

— Eu recebi permissão para conversar com você naquele dia, mamãe, porque você estava muito triste com minha partida.

Não sei se triste é bem a palavra. Eu estava completamente quebrada. Lembro que já não queria mais seguir em frente, tudo o que eu sentia era um vazio esmagador. Até ela aparecer e...

— Permissão? — tardiamente, entendo as palavras — Mas então hoje...?

Parecendo enxergar minha questão sem que eu nem mesmo precise expressar, ela alisa meu rosto outra vez. Seus olhos, no mesmo tom dos meus, reluzem radiantes.

— Hoje eu vim contar, mamãe, que nossa Raphaëlle está à caminho. Ela está muito feliz que em breve irá encontrá-la.

— Raphaëlle?

Sem responder, minha filha me surpreende novamente, lançando seus bracinhos bronzeados em minha volta, puxando-me para um abraço tão

forte e seguro, que eu só posso retribuir.

— Eu tenho que ir agora, mamãe. Saiba que eu senti muita saudade e estarei sempre aqui. Diga à Ana que eu a amo também.

— Clara, espere...

Abro meus olhos e... Caramba, isso foi um sonho? Eu sonhei com minha filha? Com ela na mesma idade da Matraquinha? Pisco atordoada, em estado de letargia. Parecia tão real... Quero dizer, eu não posso ter apenas sonhado, posso? Viro-me na cama de barriga para cima, encarando o teto escuro.

Deus do céu. Um sonho tão real assim?

Sinto a umidade correndo nas laterais de meu rosto. Toco meus olhos e percebo que as lágrimas, pelo menos, são reais. Fecho-os, absorvendo cada detalhe do encontro vividamente em minha cabeça. Que loucura. Que sonho mais... impressionante.

Demoro a pegar no sono.

Nos primeiros sinais do novo dia chegando,

levanto da cama, apanho o roupão e saio do quarto antes de Max acordar. Silenciosamente, caminho pelo corredor até o quarto de Ana. Minha bebê dorme de maneira relaxada, roncando baixinho. Vou para a cozinha, encho a chaleira e a coloco no fogão. Encosto-me contra o balcão da ilha e observo as chamas. Aérea.

Não sei quanto tempo se passa até Max entrar no espaço. Seus olhos inchados, cabelos despenteados, camiseta cinza, calça de moletom azul-escuro caída no quadril, descalço. Muito bonito.

— Bom dia, amor — ele se aproxima, falando roucamente pelo sono, e beija o topo de minha cabeça — Hoje foi você a levantar da cama mais cedo. Está tudo bem?

Abraço sua cintura e descanso meu rosto contra seu peito.

— Aham... tudo bem — murmuro, sem muito foco.

Ele se afasta de mim alguns centímetros, avaliando meu rosto. Sorrio, tranquilizando-o. A verdade é que aquele sonho mexeu comigo, estou

NACIONAIS - ACHERON

sem palavras. Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios brevemente, voltando para o conforto de abraçá-lo.

— Quer ir à academia comigo?

— Eu acho que não. Sou meio preguiçosa, você sabe... — brinco, desanuviando minha própria tensão.

— Você é tudo, Gabrielle, menos preguiçosa.

— Hum, vou encarar como um elogio — murmuro, colada ao seu peito.

— É a verdade — enfatiza, franco — Aliás, ainda não descobri seu defeito... Talvez ser tão exageradamente linda, mas sei lá, isto também não é uma coisa ruim... — seu humor suave me faz rir.

Soco de leve seu estômago.

— Você é um puxa-saco, não é, doutor?



Pouco depois das sete, Max já está de volta de seus exercícios matinais. Toma um banho rápido e vem para a cozinha no minuto em que tenho Ana pronta para se alimentar também. Acordá-la é a melhor parte do meu dia. Até hoje, em todos esses

meses vivendo juntas, eu nunca a vi de mau humor. Ela pode, de vez em quando, inventar uma de suas desculpas para não ir à aula, o que tem acontecido com bem menos frequência, mas mau humor? Jamais. O “Bom dia, mamãe” é parte fundamental do meu dia.

Mari está na cozinha também. Ela tem sua folga aos fins de semana, porém, faz questão de posar aqui todas as noites. Eu gosto dela como alguém de minha família, e seu cuidado com Ana é indiscutível.

Nos alimentamos em sintonia, conversando sobre coisas corriqueiras. Volta e meia meus pensamentos ainda vão para o sonho. Quando é a hora, meu marido beija a menina, despedindo-se para ir ao trabalho e então vem para mim. Levanto da banquetta, porque desse momento eu sempre faço questão. Gosto de beijá-lo com vontade, fazê-lo ciente de que admiro sua profissão e, principalmente, sentirei sua falta durante dia. O abraço que recebo é um pouco mais forte do que o costumeiro.

— Tenha um bom dia, amor. Eu te ligo mais

tarde.

— Você também, Max. Te amo — declaro, baixinho.

— Eu também te amo, Gabrielle.

Assisto-o pegar a mochila no sofá, jogá-la sobre o ombro e sair do apartamento.

Viro-me para Mari.

— Acho que minha menstruação vai descer mais cedo este mês — faço graça, massageando meus seios doloridos pelo aperto de ferro do meu marido.

O olhar estranho que a mulher me lança não passa despercebido. Nem quero imaginar o que significa, estou mais sensível nesta manhã.

Aliso os cabelos de Ana Carolina.

— E então? Pronta para a escola, dona Matraquinha?

Diante do apelido, ela ri. Minha filha gosta disso.

— Eu vou escovar meus dentes, mamãe.

— Sim, escove a língua também, mocinha.

— Tá boom... — reclama, marchando para o
NACIONAIS - ACHERON

quarto.

Sozinha com Mari novamente, semicerro meus olhos, questionando sua avaliação sobre mim.

— Que foi, mulher? Por que você está me olhando assim? — investigo.

Ela sorri, de um jeito muito espertinho.

— Nada não, Gabrielle, nada não.

— Mari, Mari...



— Bom dia, senhor porteiro! — Ana desfila pelo saguão, segurando a mochila em suas costas.

— Bom dia, menina Ana Carolina...

E tem sido assim agora. A maioria dos moradores do prédio sabe seu nome real. Minha filha se apresenta desta forma... E se a pessoa der intimidade, aí ela sai logo querendo mostrar meu braço tatuado, orgulhosa, falando também dos bebezinhos. Tem como não amar?

Deixo-a na escola e observo por mais alguns instantes – como de costume – sua interação com alguns poucos coleguinhas, enquanto anda diretamente até Lili e Gabriel. Está melhorando.

Aqui, pelo menos, ninguém a destrata ou faz chacota com ela, como na maldita escola anterior.

Volto para meu carro, estranhando a dor e o peso nos seios. É provável que minha menstruação esteja para descer. Busco em minha memória a data de meu último período e... não consigo lembrar...

Oh, caramba!

“...nossa Raphaelle está à caminho”.

A realização vem construindo uma potência fora do comum no meu organismo. Torno-me estática, feito uma pedra, dura, imóvel.

Meu rosto formiga como se mil agulhas o atingissem de uma só vez.

Isso é loucura. Não pode ser real.

Buzinas dos carros atrás de mim querendo sair ecoam muito distantes em meus ouvidos. Meneio a cabeça, sacudindo para fora a desatenção. Ligo o motor e coloco meu veículo em movimento, sem parar de pensar nisto nem por um segundo. O toque do meu celular – uma música do desenho animado “A Bela e a Fera”, escolhida por Ana – toca baixo. Conecto ao sistema, aperto o botão no

volante e a voz de Mau toma conta.

— Rainha!

— Bom dia, Mau... — respondo mecanicamente, atordoada.

— Você está bem? — indaga, curioso.

— E-eu não sei... — e então uma ideia me vem à mente. Dou o pisca para pegar a direita — Mau, aguarde as pontas aí, vou me atrasar uns minutos.

— Oook — silva, confuso.

Desligo e sigo dirigindo pela principal até finalmente encontrar o que preciso. Estaciono em frente à farmácia e me encaminho apressada para dentro. Uma funcionária me auxilia a localizar o corredor certo.

E aqui estão: exames de gravidez, de todas as marcas. Meu controle de natalidade está em dia, bem, quero dizer, eu acho que sim, salvo algumas poucas vezes que esqueci de tomar. Não acho que seja o bastante para... No entanto, o sonho... Ah, sei lá! Já não sei de mais nada!

Energizada, olho para todas as opções, e na

dúvida, levo um de cada marca. Cinco exames. Pago, entro no carro e penso um pouco sobre para onde ir. Empresa. Tenho meu banheiro privado lá.



Sentada no vaso sanitário, gerenciando um vulcão de emoções entrando em erupção dentro de mim, encaro os cinco objetos, todos sinalizando a mesma coisa. Positivo. Eu estou grávida. Meu Deus! Grávida! Nem sei o que pensar. Estou rindo... e também chorando, tudo ao mesmo tempo.

Poderiam os cinco exames resultarem em falso positivo? Uma vozinha dentro da minha mente debocha: aham, vai sonhando.

Nem sei o que fazer. Ligo para Max? Certifico-me com mais algumas garantias antes?

Sorvo respirações profundas, expirando pela boca. Analiso friamente a situação e decido pelo desencargo da dúvida. Apanho meu celular em cima da pia, busco na internet um laboratório mais próximo, disco e pergunto para a atendente se é possível realizar um exame agora e em quanto tempo eu posso obter o resultado. Onze da manhã,

ela responde, mas tenho de ir agora.

Certo. E vou.



Ando pela calçada flutuando em minhas pernas. Grávida. Eu estou grávida. Dois exames de sangue e a confirmação. Aquilo na noite passada não foi um sonho, foi um encontro. Clara veio me dar a boa nova ela mesma. Sento-me por alguns instantes no banco da praça, próximo ao local onde deixei o carro, e permito que a realização de tudo isso se infiltre por todo o meu corpo. Minha filha, meu pequeno anjo.

Assisto a algumas mulheres conversando mais a diante, segurando crianças de colo. Eu serei uma delas. Ana finalmente terá sua bebezinha. Max será papai outra vez. Deixo minha cabeça pender contra o encosto de madeira, encaro o céu límpido e sorrio, feito uma boba. Minha menina está lá em cima, olhando por mim. Lágrimas de felicidade, que se tornaram rotina, vêm com muita facilidade.

Aliso minha barriga, que não dá nenhum sinal do que está havendo em seu interior.

— Seja bem-vinda, Raphaelle... —

murmuro, reexperimentando a sensação.

Por curiosidade, ao chegar em casa, busco na internet o significado do nome Raphaelle: curada por Deus. Como poderia ser diferente?



Termino de colocar os pratos em cima da mesa. Conteí à Mari sobre a gravidez, pedi que me ajudasse a preparar um jantar do gosto de meus dois amores. Tudo o que eles mais gostam está à mesa. Sentamos os quatro na sala de jantar e nos alimentamos em perfeita harmonia. Recebo alguns olhares furtivos de meu marido, de vez em quando, parecendo supor algo fora do normal. Em breve, senhor fazedor de bebês, em breve, brinco com o pensamento.

Pensei em como dar a notícia a eles de um jeito diferente. Me dei folga para o restante do dia e fui às compras. Em meu âmago, estou ansiando loucamente pela reação deles.

Ao terminarmos o jantar, Mari se levanta, alegando ter um compromisso com uma amiga do prédio. No fundo, nós duas sabemos que ela está inventando uma desculpa para nos deixar a sós.

NACIONAIS - ACHERON

Através de um olhar, expresso a ela meu mais sincero agradecimento pela força que me deu ao saber da boa nova.

Quando Max e Ana estão prestes a levantar, respiro bem fundo.

— Vocês dois, permaneçam sentadinhos. Eu tenho um presente para ambos.

— Presente, mamãe? — o interesse é genuíno.

— Sim, filha. Um que acho que você vai gostar.

— E por que estamos ganhando presentes, Gabrielle? — Max me sonda calmamente, muito desconfiado, sentando-se à vontade na cadeira, com aquele jeito bem-humorado que vai fazer disto mais difícil para mim do que já é.

O sorriso em seus lábios revela que meu marido adora me ver desconcertada.

— Porque eu os amo e gosto de presentear — respondo simplesmente, dando de ombros.

Vou ao armário buscar o que escondi e trago duas caixinhas de cor dourada comigo. Coloco uma

de frente para cada um deles.

Os olhinhos matreiros de Ana chegam ao ponto de quase saltar das esferas. A criança ama surpresas.

— Bem — sugo outra discreta e profunda respiração —, vocês podem abrir, mas tem que ser juntos...

— Ah, é? — Max ainda me testa, sustentando um sorrisinho de canto de lábios.

Argh! Que marido mais provocador.

— Sim. Prontos? Por favor, podem abrir.

Ana é quem está mais afoita. Ela puxa os laços e afasta a tampa, Max faz o mesmo, se esforçando para acompanhar o ritmo da menina e atender a meu pedido. É neste momento que meu coração dispara loucamente.

Os dois olham para o conteúdo.

O sorriso de Max morre e sua expressão se torna ilegível. Ana, por outro lado, estreita os olhinhos, confusa, decepcionada talvez. Ela então levanta a peça para fora da caixa.

— Um pé só do sapatinho de boneca,

mamãe? Mas cadê o outro?

Noto o caroço se formando na base da garganta de meu marido, no pomo de adão. Ele levanta o outro par, completando a charada, unindo ao de sua filha. Um par de sapatos de recém-nascido, branco. O olhar em seu rosto me tira o ar. E então ele finalmente me olha. Intensamente, profundamente, com sua alma.

Engulo a ardência, embargando-me a garganta de emoção.

— Este é o primeiro sapatinho do bebezinho que está dentro de minha barriga, filha — minha voz chega a falhar.

Pai e filha, cópia um do outro, olham-me com a mesma cara. Bobos, aturdidos.

— Jesus Cristo... — ele sibila, gravemente rouco.

E ela?

A Matraquinha solta o maior, o mais agudo, o mais estranho e indescritível grito de espanto. Um espanto eufórico, o mais lindo de todos.

O sentimento de plenitude, de satisfação, de

um amor maior do mundo me invade, e juntos deles eu comemoro, dizendo repetidamente que estamos grávidos. Eu serei mãe, Max pai e nossa menina terá o bebezinho com que tanto sonhou. Ver a alegria estampada no rosto dela, o olhar enfeitiçado dele para mim, dá a certeza de que tudo vale a pena. Eles fazem tudo ser especial.

Depois de me beijar com devoção, meu marido me encara como um tonto, tão marejado quanto eu.

— Eu pensei que você...

— Que eu estivesse no controle? Eu também pensei, marido... Mas, aparentemente, alguém lá em cima está com pressa — brinco.



À noite, em nosso quarto, eu me sento de frente a ele e conto tudo sobre o sonho. Cada detalhe de que me lembro, o lugar, minha filha Clara, a revelação, o nome escolhido para nossa bebê, o significado. Max escuta tudo em silêncio, atento. Temi por alguns instantes revelar por não saber exatamente como ele receberia isso. Meu marido é médico, e médicos costumam crer na

NACIONAIS - ACHERON

ciência como um fato exato que explica outros fenômenos, no entanto, ao que parece, vejo em seus olhos que ele acredita em mim e na experiência que tive.

Quando termina de me ouvir, surpreendendo-me, ele se levanta, retira a camisa e exhibe-me suas costas. A tatuagem de um anjo de asas abertas toma conta do centro. Estreito meus olhos, não entendendo num primeiro momento a intenção. Nas vezes em que perguntei superficialmente sobre a escolha do desenho, a resposta foi mais ou menos como “Quis fazer algo que tivesse sentido”.

Diante de minha falta de compreensão, em timbre baixo, ele elucida.

— Quando Ana estava no hospital, na primeira noite em que passei ao lado dela depois do acidente com sua perna, eu cochilei, Gabrielle. E nos poucos minutos em que isto aconteceu, eu tive um sonho. Um anjo, uma criança, num lugar semelhante ao que você descreveu. Ela me disse que minha filha ficaria bem. Que Ana ainda seria muito feliz e teria um futuro bonito pela frente — seus olhos acinzentados escurecem — E eu soube

que aquilo era verdade. Apenas soube...

Tapo minha boca, admirada, impactada.

— Era ela, Max... — emito um gemido estrangulado.

Não há dúvida. Era Clara.

Minha filha esteve com a gente o tempo todo. Ela olhou por nós. Enquanto eu me culpava por sua morte, ela estava cuidando de mim, querendo me ver bem. Acho que a concepção de Raphaele veio para coroar a realização de que minha Clara conseguiu. Eu estou feliz, completamente feliz.

Epílogo 02

MAXIMILIANO

Alguns meses depois

Amarro os cadarços da bota, levanto do banco, pego a jaqueta, carteira, chaves e celular, e tranco a porta do meu armário no vestiário do batalhão. Mais um turno chegou ao fim. Estive por doze horas, praticamente sem intervalos, socorrendo pessoas nas mais diferentes situações: atropelamento, queda, infarto, acidente domiciliar com eletricidade, enfim, foram muitos casos e com distintos resultados no final... O dia foi cansativo e eu não vejo a hora de estar de volta à minha casa, junto das mulheres que me fazem esquecer de

qualquer outra coisa, porque nesta profissão é assim: temos de varrer o passado e recomeçar, dia após dia, tendo em mente que nenhuma situação é igual à outra.

— Fez um bom trabalho, filho — Raled acena no meu caminho para fora.

— Boa noite, chefe — meneio a cabeça em despedida, sem muita ênfase.

Nós não esperamos agradecimento. Salvar vidas é o nosso trabalho aqui.

Ando até a minha moto, subo nela e desengato o capacete. Antes de colocar o objeto na cabeça, no entanto, ligo para minha mulher. Quero avisar que estou indo para casa, e também checar se há algum de seus desejos que eu deva obter no caminho.

Gabrielle está na reta final da gestação. Seu corpo ganhou um formato lindo pra caralho, redonda em todos os lugares, gostosa, apesar de suas reclamações sobre os vinte quilos obtidos na gestação ou que já não consegue mais enxergar os próprios pés — um exagero, nem de longe ela ganhou tudo isso.

A fixação por comer tomates não mudou. O que eu não esperava (e que, na verdade, tenho até achado engraçado) são seus desejos malucos do tipo: melancia com pimenta. Jesus, de onde a mulher tira essas coisas?

Deslizo o dedo por seu nome e disco o número. Não demora, ouço a voz do outro lado.

— Papai? — é Ana quem atende o celular da mãe, sem nenhum constrangimento.

— Ei, pequena. Como você está? O que aprontou hoje?

— Hum... Eu estou bem... — quase posso ver seus lábios se enrugando para o lado num beicinho de quem está prestes a pedir algo — Eu e a mamãe queremos saber se você vai trazer bombas de chocolate hoje...

Mal acostumada, ao que parece, hein.

Disfarço meu sorriso.

— Sua mãe está com desejo disso? — finjo não sacar sua jogada espertinha.

Ela hesita.

— Bem, papai... nós duas estamos. A mamãe

disse que é bom a gente comer uns docinhos, para Raphaele nascer mais doce.

Minha mulher tem umas teorias bastante curiosas. E Ana segue no embalo, como se precisasse de mais estímulo para a sua própria criatividade em me enrolar nos dedinhos.

— Tudo bem, eu passo numa padaria no caminho, filha. Onde está Gabrielle?

— Ela está lá no quarto. Eu vou levar o telefone pra ela, papai! — o tom de alegria me encobre de satisfação.

Eu espero que minha nova bebê não seja tão ardilosa quanto essas duas.

Ouçó os gritinhos da pequena, provavelmente indo para o quarto, chamando por sua mãe. As duas conversam alguma coisa sobre as bombas que Ana pediu. Escuto a risada de minha mulher, e então sua respiração suave atinge meus ouvidos.

— Boa noite, marido...

— Oi, esposa — baixo meu tom para algo mais íntimo, mais lento — Como você se sente?

Ela suspira.

— Estou prestes a sair rolando por aí, minhas costas doem, mas eu nunca estive melhor — brinca, baixinho — Sabe... — se cala por um instante. Imagino-a prendendo o lábio inferior entre os dentes — Eu estou com um desejo muito forte, pensei nisso o dia todo.

— É mesmo? — entro em seu ritmo, com a fala mansa.

— Sim... É algo que me deixou muito... energizada — percebo a escolha da palavra e minha curiosidade se acirra.

— E que desejo é esse?

A expiração mais profunda arrepia a minha pele, trazendo uma expectativa gostosa, por alguma razão.

— Gabrielle... — diante de seu silêncio, instigo.

— Max... — ofega — Você sabe o que a gravidez tem feito comigo nestes últimos meses, não é?

Mal seguro o sorriso vindo rasgar o canto de minha boca. Minha esposa tem estado sob o efeito

de um tipo de apetite impressionante. Insaciável, eu diria. São os hormônios, ela justifica, fazendo-me trabalhar dobrado para satisfazer as demandas de seu lado leoa.

— Faço uma vaga ideia, esposa. E o que você tem em mente?

Outra respiração longa, martirizada.

— Eu quero você, Max.

— Você já me tem, Gabrielle.

— Na realidade, eu quero realizar uma fantasia com você — o timbre macio, sussurrado, reflete diretamente no meu pau.

Sorvo o ar com discreta profundidade.

— E qual é, esposa?

— Uma em que eu penso a cada vez que te vejo ir trabalhar pela manhã.

Oh, foda. É oficial. Estou duro.

— Diga-me qual é a sua fantasia, Gabi.

— Venha de uniforme, Max... Eu te vi poucas vezes nele, venha para casa de uniforme. Eu-eu... quero ser socorrida por você.

Inferno.

— Mulher... — rosno, esfregando meu cabelo. Puxo os fios para obter alguma distração. Dou uma olhada para minha roupa, camiseta, jaqueta de couro e o volume empurrando o jeans, e então olho de volta para o batalhão — Certo. Considere feito.

Desligo ouvindo seu gemidinho de realização. Eu só posso estar ficando maluco. Voltar ao vestiário, pegar um uniforme limpo e vesti-lo outra vez. O que um homem não faz para satisfazer sua esposa grávida?

Ignoro o olhar confuso de Raled Saleh ao me ver saindo de novo, completamente vestido para o trabalho.

— Desejo de mulher grávida — explico, dando de ombros.



O apartamento está silencioso. Vou em direção ao corredor que leva aos quartos e encontro Gabrielle terminando de pôr nossa filha para dormir. A mulher está envolvida em um roupão rosa claro, de tecido fino, que abraça as curvas arredondadas de todos os lados. A barriga dobrou de

tamanho nos últimos dois meses. Seus cabelos loiros, cheios, estão caídos quase próximos a cintura em ondas escovadas. Jesus Cristo, somente a imagem dela assim, tão natural, já me faz mais duro.

Ela ainda não percebeu minha presença, até se girar para sair. Um “oh” surpreso deixa seus lábios, e então os olhos caem em mim, varrendo-me a partir dos meus pés, passeando pelo uniforme, tornando-se maliciosos.

— Doutor... — sibila, inaudível.

— Gabrielle... — mal reconheço a rouquidão esmagadora em minha voz.

Ela encosta a porta do quarto, deixando uma fresta fina para a luz do corredor iluminar minha filha adormecida.

— Eu acho que estou passando mal — faz uma gracinha, abrindo um sorriso largo, que destaca as maçãs de seu rosto, mais proeminentes pelo ganho de peso.

A mulher é simplesmente linda. Em todas as suas versões.

Cerco-a contra a parede, controlando a ansiedade de meu corpo em domá-la com mais força. Se eu fosse atender ao ímpeto de meus instintos, eu a levantaria do colo, empurraria contra esta superfície e estocaria meu pau profundamente na fenda lisa, quente, apertada.

Cerro meu maxilar, ordenando a mim mesmo o mínimo de cuidado com sua condição. Minha esposa me deixa maluco.

— Diga-me, amor, o que você tem... — murmuro, encarando seu olhar escurecido. Subo minha mão para o seio grande, pesado. Circulo o contorno de seu mamilo suavemente, provocando, entumecendo a carne delicada.

Minha bela esposa suspira, ofegante.

— Droga, eu acho que é amnésia, doutor. Não consigo pensar corretamente vendo você vestido assim... i-isso tem cura?

Rio, baixo, adorando a franqueza de sua reação.

Inclino minha cabeça para seu pescoço, inalo profundamente o cheiro entorpecente de sua pele. Bom pra caralho. Subo vagorosamente meus lábios, NACIONAIS - ACHERON

atentando, sentindo seu corpo reverberar contra o meu. Mordisco a linha de sua mandíbula até a base da orelha e apanho o lóbulo entre meus dentes.

— Jesus, Gabrielle. Se você soubesse o que eu gostaria de fazer com você, amor... — praguejo, doente de tesão.

Mordo a carne macia do lóbulo no mesmo instante em que aumento a pressão de meus dedos apertando seu mamilo rígido.

Um gemido baixo e suave é sua resposta. Apanho o seio completamente, por cima do tecido, enchendo minha mão, e volto a sugar a pele de seu pescoço.

— Ai... — clama um pouco mais alto.

Corro meu toque por seu corpo, indo para a bunda. Amo o novo formato, ainda maior, mais farto.

Gabrielle geme de novo, mas desta vez é diferente, parece... de dor real.

Paro meu intento.

Afasto a cabeça para capturar seu rosto e, porra, o que vejo me paralisa por um momento.

Seus olhos arregalados me encaram assustados. Os lábios se abrem sem palavras... e o som do líquido caindo no chão nos dá a exata noção do que acaba de acontecer.

— Estourou — ela avisa tardiamente.

— Acho que nossa menina antecipou sua chegada — brinco, mantendo meu timbre calmo. Não quero criar alarde. Minha mulher precisa desta segurança, agora mais do que nunca.

— Ela vai nascer, Max... — é mais como uma reflexão para si mesma.

— Sim, amor. Ela vai.

Emitindo um ruído engraçado, a mulher derruba sua cabeça contra meu peito. Rindo, assustada, aérea.

— E agora? — murmura.

— Bom, acho que podemos ir para o hospital, não é?

Suas mãos vão para a barriga, alisando, sem o pânico que por um breve segundo cheguei a esperar dela.

— Não foi desta vez que realizarei minha

fantasia, doutor...

Beijo sua testa.

— Teremos tempo para isto, amor... Todo o tempo do mundo.

GABRIELLE

Foram duas horas de trabalho de parto. Não vou mentir que tudo aconteceu como por mágica e ali estava o bebê mais lindo de todos. Doeu pra burro, um parto normal tradicional, daqueles que você transpira rezando para acabar de uma vez...

Mas vou te falar: quando eu vi o rostinho enrugado de nossa menininha, lilás, sujinha, eu simplesmente me apaixonei. Raphaele veio pesando três quilos e meio, com cinquenta e dois centímetros. Impossível definir a cor de seu cabelo ou olhos, contudo o nariz, queixo e formato das sobrancelhas são exatamente como os de Max. Chego a imaginar que Ana tinha esta aparência ao nascer.

E por falar nela, a batida suave na porta avisa que meu marido está trazendo a menina para conhecer sua irmãzinha. A ideia revira borboletas de ansiedade em meu estômago. Esperei quase nove meses por este momento.

Minha filha entra no quarto surpreendentemente calada. Um olhar mais atento e tenho a impressão de que a Matraquinha está pálida. Os passinhos tímidos vêm lentamente, um de cada vez, para a cama onde estou sentada com Raphaëlle embaladinha em meus braços.

— Vem, filha — incentivo.

Ana engole a saliva, parecendo não ter forças para falar.

— Deixa eu te ajudar, pequena — Max, que apenas observava afetado a reação da filha, suspende ela nos braços e a senta ao meu lado na cama.

— Esta é sua irmãzinha, Ana... — mostro a bebê para ela.

Como num filme em câmera lenta, Ana Carolina inclina o rostinho de lado, admirada. Sua expressão traz lágrimas aos meus olhos. As mãos

NACIONAIS - ACHERON

pequenas tremem, os olhos vidram e, muito vagorosamente, ela toca o dedinho na bochecha da bebê.

É místico. Eu sinto o encantamento em sua face.

— Oi... — é tão baixinho e tão repleto de sentimentos, como se Ana esperasse este momento por toda a sua vida.

Sorvo uma respiração profunda, querendo não me debulhar, sentimental. Max está na mesma situação. Percebo apenas pelo olhar em seu rosto.

— Max, vamos tirar uma foto... — peço, quase sem voz.

Eu quero registrar o dia em que nossa família recebeu seu mais novo membro. Nossa Raphaele. A cura de Deus.

— Mamãe vai fazer um galho pra você, bebezinha... — escuto minha Matraquinha murmurar para a recém-nascida — E eu vou cuidar muito de você.

E eu sei que vai. Minha Ana a protegerá também. Elas serão companheiras, amigas,

parceiras.



Pedi a Max que viesse comigo a este lugar. Hoje faz um mês que nossa bebê nasceu e é a primeira vez que eu saio sem ela. Havia duas coisas que eu precisava fazer, não podia adiar. A primeira era ir ao tatuador e finalmente colocar o nome de Raphaelle em minha pele. Ana não me deixaria descansar por mais tempo se não visse um galho com o nome da irmã na árvore em meu braço. A menina está levando muito a sério a promessa de cuidar da recém-nascida. Sua presença é constante nos banhos, mamadas, troca de fraldas, tagarelando como se a neném pudesse entender tudo.

Estou amando esta nossa fase.

O outro lugar é a lápide de Clara, que eu mandei construir há alguns anos, quando voltei ao país. O cemitério é um bosque fechado, privado. Venho aqui com menos frequência do que antes, mas nunca deixei de vir.

Max segura meu ombro e beija o topo da minha cabeça, avisando que me deixará seguir sozinha até ela. Por cima do ombro, vejo-o entre as

NACIONAIS - ACHERON

árvores, observando de longe.

Aliso os dois novos nomes em meu braço. Raphaëlle está em um galho delicado, como o de Ana Carolina. E Clara é uma pequena raiz, representando a base, o que me formou como mãe, mulher, pessoa.

Ajoelho-me no chão. Limpo algumas poucas folhas caídas sobre o mármore frio onde seu nome está cravado. Fecho os olhos e converso com minha filha. Conto como estão as coisas, falo sobre Raphaëlle, Ana, Max, meu trabalho, família... De alguma forma, sinto a presença dela, me escutando. Em minha memória, enxergo Clara perfeitamente.

— Obrigada por olhar por todos nós, filha...
Eu te amo.

DE ALGUM LUGAR...

— *Ela está feliz... — observando Gabrielle à*
NACIONAIS - ACHERON

distância, a menina, dona de cabelos dourados brilhantes que recebem e refletem os raios do sol imitando um espelho d'água, divide o sentimento de plenitude com o Ser ao seu lado.

Ele a recebeu aqui.

A luz Dele a guiou para ajudar sua mãe.

— Em breve, vocês estarão juntas novamente, Clara — sua voz é tão suave e acolhedora que a menina sente o calor em seu coração.

— Eu poderei visitá-la outra vez? — ela indaga, grata pela nova oportunidade.

Por um instante, há apenas o silêncio, até que, confusa, ela levanta o rosto para olhá-lo, distraíndo-se da imagem da mulher lá embaixo limpando lágrimas de felicidade enquanto caminha até o marido.

— Desta vez, não será um encontro. Você irá até ela e viverá junto de todos eles. Sua missão aqui já foi cumprida.

E ao que parece, mais nomes se juntarão à árvore da vida de Gabrielle, Max e da matraquinha Ana Carolina.

Fim

Agradecimentos

São tantas as pessoas a agradecer.

À Jhenifer Barroca, (mãe da Ana Carolina da vida real), por ser uma grande amiga e parceira. Seus conselhos e opiniões são muito importantes para mim.

Aos profissionais que trabalharam junto comigo e tornaram este livro possível: à competente revisora Kátia Regina Souza, por toda contribuição; à Denília Carneiro, por ser uma amiga, leitora final e diagramadora querida e atenciosa; ao Murilo Guerra por expressar na capa o amor e delicadeza desta história.

Ao grupo de amigas queridas e muito importantes na minha vida, denominado “Pimentinhas”. Vocês são fundamentais para os meus dias.

E, finalmente, aos leitores, pela confiança,

PERIGOSAS

carinho e oportunidade. Muito obrigada!

NACIONAIS - ACHERON

Sobre a próxima publicação

Ele vem aí... **SEBASTIAN**, o terceiro livro da *Trilogia Protetores*.

Recadinho da autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a apresentar Max e Gabrielle a mais pessoas. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação na Amazon, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: Anne Marck

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances da Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON